

**Paul Brunton**

# O EGITO SECRETO



UNIVERSALISMO

# Sumário

Dedicatória

Capítulo 1 — Uma Noite com a Esfinge

Capítulo 2 — A Guardiã do Deserto

Capítulo 3 — A Pirâmide

Capítulo 4 — Uma Noite Dentro da Grande Pirâmide

Capítulo 5 — Com um Mago do Cairo

Capítulo 6 — Façanhas do Hipnotismo

Capítulo 7 — Uma Entrevista com o Mais Famoso Faquir do Egito

Capítulo 8 — Em Nome de Alá, O Compassivo, O Misericordioso!

Capítulo 9 — Uma Entrevista com o Chefe Espiritual dos Maometanos

Capítulo 10 — Na Paz da Velha Abidos

Capítulo 11 — O Rito Secreto dos Templos Egípcios

Capítulo 12 — Os Antigos Mistérios

Capítulo 13 — No Templo de Denderah

Capítulo 14 — Karnak de Dia

Capítulo 15 — Karnak à Noite

Capítulo 16 — O Mais Famoso Encantador de Serpentes do Egito

Capítulo 17 — Torno-me um Dervixe Encantador de Serpentes

Capítulo 18 — Meu Encontro com um Adepto

Capítulo 19 — As Tumbas: A Solene Mensagem do Adepto

Epílogo

# O Egito Secreto

Jornalista e escritor, de longas trajetórias no caminho da experiência, profundo observador e analista, logrou o autor alcançar estados superiores de percepção, falando-nos, neste livro, com grande simplicidade e máxima profundidade.

Os estudiosos dos mistérios, nele encontrarão extraordinárias revelações e os aspirantes, vigorosos estímulos para a solução de certos problemas da alma humana.

Paul Brunton não buscou simplesmente nos livros, apressados relatos de turistas e viajantes, concernentes ao Egito, para oferecê-los aos olhos curiosos do leitor. Não! Foi lá viver, pôr-se em contato com personagens humildes ou elevadas, a fim de colher o que de mais misterioso e profundo guardavam esses homens.

Ele mesmo passou por surpreendentes experiências; arriscou sua vida em busca do mistério e, com aquela desenvoltura de sua pena de jornalista, escoimada de fantasia, relatou com sinceridade o que encontrou nos velhos Templos, nas Pirâmides e na Esfinge misteriosa.

A sua responsabilidade moral é um sólido endosso a tudo que lemos nesta obra, fartamente ilustrada, porque não se trata de um simples aventureiro, ávido de pôr em relevo o seu nome, mas, sim, de um investigador sério e nobre, cujas obras são conhecidas e reverenciadas no mundo literário.

Como já acima dissemos, Paul Brunton “viveu” nos episódios, aqui tão eloquentemente relatados e teve ânsias de revelar ao mundo tudo aquilo que realmente viu e sentiu.

O Egito, tão fascinante pelos seus mistérios, suas antigas pompas, seus templos e monumentos, suas iniciações secretas, foi o móvel que impulsionou o ilustrado escritor que, vencendo inúmeros obstáculos, confabulou com faquires e iniciados, chefes de religião, entre os quais citamos Sua Eminência, o Sheik el Islam Mustafa el Maraghi, Presidente do Conselho Central da Congregação Islâmica do Egito; o famoso médico e faquir Dr. Tahra Bei; um misterioso mago egípcio, que demonstrou ao autor seus tremendos poderes, trazendo-nos dessas e de outras entrevistas farta messe de conhecimentos úteis e de fenômenos verdadeiramente assombrosos.

As suas excepcionais condições de quem foi buscar *in loco* algo de extraordinário e fascinante tornam este volume digno de figurar na estante dos que investigam, estudam e meditam.

Paul Brunton relata-nos como pôde, por intermédio do Sheik Moussa, aprender a dominar uma perigosa serpente, tornando-a dócil, apesar dos seus fundados receios; como foi alvo de eletrizante experiência na “Câmara do Rei”, instalada na Pirâmide, onde assistiu à materialização de dois antigos Mestres que lhe ministraram profundos ensinamentos etc.

Mais dizer seria furtar ao leitor o prazer de acompanhar o autor, sentir-lhe os passos e os mesmos arrepios, em sua peregrinação ousada, através dos templos seculares dessa terra para sempre misteriosa: o Egito!

# Dedicatória à Sua Alteza o Príncipe Ismail Daoud

*Numa formosa noite de primavera três homens haviam saído do Cairo e, aproximando-se da Grande Pirâmide, detiveram-se para conversar. Um deles era Vossa Alteza, o outro, o embaixador de uma potência oriental, e o terceiro, o redator destas notas. Vossa Alteza observou a dificuldade de se acharem no atual Egito alguns vestígios daquela extraordinária espiritualidade ou dessa magia estranha que me atraía e me fazia percorrer terras em sua busca incansável. Em várias outras ocasiões Vossa Alteza manteve a mesma opinião.*

*A despeito da difícil tarefa, persisti nas minhas investigações e achei várias coisas, cujos aspectos considero suscetíveis de interessar ao público ocidental. Se ofereço minhas anotações escritas também a Vossa Alteza, é porque acalento a esperança de que Vossa Alteza poderia ver nelas, mais claramente, qual é a fé que me anima e quiçá compreender melhor porque a sustento.*

*Brindando a Vossa Alteza com a dedicatória destas páginas, dou apenas uma ínfima prova do prazer que me causa a respeitosa relação pessoal que independentemente de qualquer diferença de ordem intelectual possa subsistir entre nós.*

*Outrossim, desejo sejam estas páginas portadoras de minha homenagem ao Egito, país cujas características modernas Vossa Alteza conhece tão admiravelmente, e cujos templos antigos tanto me atraem. Se me permite modificar aquela antiga sentença romana, acrescentaria:*

*“Aquele que bebe uma vez a água do Nilo é um amigo para sempre dos que moram nas margens desse poderoso fio.”*

\* \* \*

*Depois de publicar a primeira edição deste livro, faleceu Sua Eminência Mustafá Maraghi, o chefe supremo do Islam (capítulo 4). Moussa el Hawi, o sheik encantador de serpentes de Luxor (capítulo 16) que durante mais de vinte anos praticara essa arte, morreu picado por uma cobra. Logo após a Segunda Guerra Mundial, voltei a ver no Egito o Ra-Mak-Hotep.*

P. B.

## Uma Noite com a Esfinge

Já se foram os últimos turistas, premidos pela fome; o último dos guias embuçados de negro pela milésima vez repetiu seu discurso de erudição superficial, destinado aos estrangeiros que visitam seu velho país; os burricos, cansados, e os camelos, blaterando, empreenderam pressurosos o caminho de regresso, levando os últimos dirigentes da caravana.

A descida da noite sobre a campina egípcia é um espetáculo de inesquecível beleza sobrenatural. Todas as coisas mudam de cor e vivíssimos contrastes se estendem entre o céu e a terra.

Fiquei só, sentado na morna areia amarelada; diante de mim a Esfinge se destacava em sua pose majestosa, estirando-se com imponência. Meus olhos contemplavam fascinados o fantástico jogo de cores sutis, em todos os matizes; aproveitando os últimos lampejos agonizantes que retiravam do Egito seu manto de glória dourada, o sol aparecia e desaparecia em rápida sucessão. Quem pode receber a sagrada mensagem transmitida pelo belo e misterioso resplendor de um crepúsculo africano e não se sentir transportado a um paraíso? Enquanto os homens não estiverem completamente embrutecidos, espiritualmente mortos, continuarão amando ao Genitor da Vida, o sol, que torna possíveis esses prodígios com a arte de sua magia incomparável. Não eram tolos aqueles homens de antanho quando veneravam Aa, a grande luz, e o albergavam em seus corações como a um deus.

O sol se deteve no horizonte, incendiando o céu com os magníficos lampejos de um vermelho ferrugíneo, de carvão em brasa. O colorido foi diminuindo gradativamente e um delicado rubor coralino se estendeu pelo firmamento, até ficar reduzido a meia dúzia de cores diversas, desde o rosáceo até o verde e o dourado, formando um arco-íris diluído que se agitava em reticente adeus à vida. Por último, quando o crepúsculo rapidamente começou a invadir a paisagem, tudo se cobriu de uma opalescência cinzenta. As cativantes cores desapareceram com o grande disco do astro agonizante.

Sobre aquele fundo opalino vi a Esfinge revestir-se da sua roupagem noturna, velando as feições indeterminadas com o vivo reflexo dos últimos raios avermelhados.

Surgida das areias onipresentes, com sua cabeça gigantesca e o corpo reclinado, inspira tanto medo aos beduínos supersticiosos que a denominaram a “Mãe do Terror”, quando aos viajantes cétricos, em todas as épocas, sua colossal figura impõe perguntas intrincadas. O mistério dessa monstruosa combinação, corpo de leão e cabeça humana, exerceu um influxo impreciso e atraiu, no decorrer de muitos milênios, visitantes em procissão interminável.

A Esfinge é tanto um enigma para os próprios egípcios como um arcano inexplicável para o resto do mundo. Ninguém sabe quem a esculpiu, nem quando; os egiptólogos mais competentes só podem conjecturar, às cegas, seu significado e sua história.

Na mirada final que a luz agonizante me concedeu, meus olhos pousaram nos olhos de pedra da Esfinge, fixos e serenos, que viram chegar milhares de pessoas, as quais, uma a uma, miravam interrogativamente a inescrutável face e retiravam-se perplexas; o olhar imóvel da Esfinge — que viu os atlantes, homens de tez morena, de um mundo perdido, desaparecerem sob milhões de toneladas de água; olhar que, semi-sorridente, presenciou a façanha de Menés, o primeiro dos Faraós, que desviou o curso do Nilo, esse bem-amado rio do Egito, obrigando-o a correr em novo leito; olhar que, com silencioso pesar, viu o grave e taciturno rosto de Moisés inclinar-se em sua última saudação; olhar que, melancólico e magoado, testemunhou os sofrimentos do seu país, saqueado e devastado na invasão dos persas conduzidos pelo cruel Cambises; olhar que, belo e desdenhoso, viu a arrogante Cleópatra, a das tranças sedosas, desembarcar de uma galera dourada na proa, de velas de púrpura e remos de prata; olhar que, jubiloso, deu as boas-vindas ao jovem Jesus, o peregrino errante, quando, em busca de sabedoria oriental, se preparava para a hora assinalada de sua missão pública, com a mensagem de amor e de piedade recebida do Pai; olhar que, intimamente cheio de complacência, deu a bênção ao jovem e nobre Saladino, o guerreiro valente, generoso e instruído, ao vê-lo levantar a lança com a meia lua cravada no verde pendão e tornar-se um dia o soberano do Egito; olhar severo de admoestador, a saudar Napoleão como instrumento do destino europeu, esse destino que levava ao ápice o nome do corso, eclipsando todos os demais, para em seguida obrigá-lo a pisar as lisas tábuas do Belerofonte; olhar que, com certa tristeza, viu convergir sobre sua pátria a atenção de todo o mundo, ao ser aberto o túmulo de um soberbo Faraó, para retirar seu cadáver mumificado e seus reais ornamentos, e entregá-lo à voraz curiosidade moderna.

Aqueles olhos de pedra da Esfinge viram tudo isso e muito mais ainda; agora, desdenhando os homens que se consomem em atividades triviais e transitórias,

indiferente à interminável cavalcada do prazer e da dor humana que atravessa o vale egípcio, sabendo que os grandes acontecimentos temporais estão predestinados e são iniludíveis, suas enormes órbitas fixam a eternidade. Dão a nítida idéia de que eles mesmos, imutáveis, perscrutam através do tempo e se afundam nas trevas do desconhecido, na origem mesma do universo.

A Esfinge se tingiu de negro; o céu perdeu sua opalescência prateada, e as trevas completas, absorventes, conquistaram o deserto.

E eu continuava sob o poder fascinante da Esfinge, fortemente presa minha atenção ao seu poderoso magnetismo, pressentindo que, ao chegar a noite, ela voltava à sua própria existência. O fundo de sombras era seu ambiente apropriado e no misticismo da noite africana encontrava a atmosfera adequada para ela. Ra e Horus, Ísis e Osíris, todos os deuses egípcios desaparecidos, também voltaram furtivamente à noite. Resolvi, portanto, aguardar que a lua e as estrelas aparecessem para revelar mais uma vez a verdadeira face da Esfinge. Fiquei só e, não obstante, a despeito da profunda desolação do deserto, não me sentia solitário.

\* \* \*

As noites do Egito são inteiramente diferentes das noites européias; elas vêm suavemente, com o misterioso palpar de imensidades de vidas invisíveis e sombras matizadas de um azul ani-violáceo, e exercem um efeito mágico sobre as mentes sensíveis; enquanto que as noites da Europa são soturnas, terrivelmente categóricas e definidamente negras.

Apreciava pela centésima vez essa diferença, quando apareceu jubilosa a primeira estrela da noite, cintilando tão perto e com tanto brilho como nunca as vemos na Europa; a lua revelou sua presença e, como uma verdadeira sedutora, apoderou-se do céu transformando-o num docel de terciopelo azul.

Comecei a ver então a Esfinge como raramente a vêem os turistas; primeiro foi uma silhueta de tamanho colossal, talhada na rocha, escura e alta como um edifício londrino de quatro andares, elevando-se dignamente numa concavidade do deserto; depois, conforme os raios luminosos iam aclarando os detalhes, apareceram o rosto prateado e as patas estendidas da figura familiar da Esfinge. Vi então nela o impressionante simbolismo daquele Egito cuja origem misteriosa remonta à antiguidade imemorial da pré-história. Estava ali deitada como um cão solitário, guardiã eterna dos segredos milenários, meditando sobre os povos do continente atlante cujos nomes esqueceu a memória frágil da humanidade; a colossal criação de pedra sobreviveu a todas as civilizações engendradas até agora pela raça humana e segue conservando intacta sua vida interior. O rosto grave e majestoso não revela nada; seus mudos lábios de pedra cumprem o compromisso eterno de guardar silêncio; se a Esfinge oculta alguma mensagem secreta para o homem, ela a transmitiu através dos séculos aos poucos



privilegiados que souberam ouvi-la, apenas num sussurro, como o fazem os maçons num sopro ao ouvido do candidato à “Palavra do Mestre”. Não é de estranhar que o romano Plínio haja dito da Esfinge que “é a maravilhosa obra de arte ante a qual se observa o rito do silêncio, e é considerada como divindade”.

A noite destacava mais a Esfinge; atrás e dos lados estendia-se a chamada “Cidade dos Mortos”, região literalmente repleta de túmulos. Em torno da base rochosa da qual sobressai da areia a Esfinge, a Oeste e a Norte, todos os túmulos, um após outro, foram escavados para se extraírem deles sarcófagos com os corpos mumificados de príncipes, aristocratas e dignitários eclesiásticos.

Durante seis anos os próprios egípcios, seguindo o exemplo dos pioneiros ocidentais, empreenderam um grande esforço, sistemático e integral, em exumar toda a seção central da vasta necrópole. Retiraram milhares de toneladas de areia das gigantescas dunas que cobriam aquela zona, pondo a descoberto as estreitas passagens abertas na rocha como trincheiras que vão de túmulo em túmulo, cruzando-se entre si, caminhos pavimentados que unem as pirâmides aos seus respectivos templos.

Percorri toda essa região de um lado a outro e visitei as câmaras de inumação, os sepulcros peculiares, as salas dos sacerdotes e as capelas mortuárias que a circundam e a fazem parecer um favo de abelhas. Merece realmente o nome de “Cidade dos Mortos” porque, separada por vários metros no espaço e quase três mil anos no tempo, há, dentro dos seus limites, dois grandes cemitérios superpostos. Os antigos egípcios cavavam fundo quando queriam esconder seus mortos; há uma câmara que possui nada menos de cinquenta metros abaixo do nível da famosa calçada. Estive em salas sepulcrais da IV Dinastia, onde as efígies de pedra, de cinco mil anos de antiguidade, perfeitas reproduções dos defuntos, continuam de pé, com suas feições claras e identificáveis; quanto aos presumíveis serviços que prestaram aos espíritos, são mais discutíveis.

Todavia, quase não há um túmulo em que a pesada tampa do sarcófago não tenha sido removida e de cujo interior não hajam desaparecido todas as jóias e objetos de valor, ficando apenas as urnas com as vísceras dos corpos mumificados e as estatuetas de pedra, como foram encontradas por escavadores. Os antigos egípcios também tiveram seus saqueadores de túmulos, e quando o povo se levantou contra as castas governamentais degeneradas e decadentes, lançou-se à procura dos despojos invadindo o vasto cemitério onde as altas personalidades gozavam da honra de ser postas a descansar ao lado das múmias dos reis a quem serviram em vida.

As poucas múmias que escaparam aos primeiros saqueadores da sua própria raça, repousaram algum tempo em paz, até serem violadas sucessivamente pelos gregos, romanos e árabes. As que foram poupadas a essa prova se beneficiaram de um novo repouso que se prolongou até os princípios do século

passado, quando os arqueólogos modernos começaram a peneirar o subsolo egípcio para recolher o que haviam deixado passar os ladrões. Apiedemo-nos dos Faraós e dos pobres príncipes embalsamados, cujos túmulos são profanados, e saqueados seus tesouros, pois ainda quando as múmias não tenham sido ultrajadas por ladrões em busca de jóias, o destino parece não lhes ter reservado melhor repouso que o das salas dos museus, para aí serem observadas e discutidas pelo público curioso.

É neste lúgubre lugar, repleto dos cadáveres de antiquíssima sepultura, que se ergue a Esfinge solitária; testemunhas dos ultrajes e saques da “Cidade dos Mortos”, primeiro pelos egípcios rebeldes, e logo após pelos árabes invasores. Não é de estranhar que Willis Budge, o afamado conservador da coleção do Museu Britânico, haja chegado finalmente à conclusão de que “a Esfinge foi erigida para afugentar os maus espíritos dos túmulos, que invadem o lugar”. Não é de se admirar que o Rei Tutmés IV, há três mil e quatrocentos anos, erigisse sobre o peito da Esfinge uma lápide de pedra de quatro metros de altura e fizesse gravar nela as seguintes palavras:

“Nestas zonas reinou um mistério mágico desde a alvorada dos tempos, porque a figura da Esfinge é o emblema do Khepera (deus da imortalidade), o maior dos espíritos, o ser venerável que repousa neste lugar. Ó habitantes de Mênfis e de todo o distrito circundante, levantem suas mãos e orem ante sua imagem!” Não é de admirar que os beduínos da cidade vizinha de Gizeh possuam copiosa quantidade de lendas tradicionais que dizem respeito aos espíritos e fantasmas que voltejam, à noite, sobre a área onde está erigida a Esfinge, pois, segundo eles, é esse o lugar onde mais pululam os fantasmas. Porquanto um cemitério antigo como este não é comparável a nenhum cemitério moderno, e os egípcios, ao embalsamarem os corpos de seus grandes vultos, o fizeram deliberadamente para que se prolongasse o contato dos espíritos com o mundo, durante um número incalculável de anos.

A noite, sem dúvida, é o momento mais apropriado para se contemplar a Esfinge e, quando as sombras reinantes dão contornos fantasmagóricos às rígidas formas do mundo material circundante, o mais insensível dos homens crê estar perto do mundo dos espíritos, tornando-se-lhe a mente mais receptiva às sensações agudas.

O céu noturno cobriu-se de um tom índigo-purpurino, tom místico, que se harmonizava admiravelmente com o meu intuito.

\* \* \*

As estrelas foram aumentando até formar-se uma cúpula luminosa sobre a escura imensidão da terra. A lua contribuía com seu esplendor para iluminar a silenciosa paisagem espectral que me rodeava.

O possante corpo de leão sobressaía da oblonga plataforma de rocha e, com maior nitidez, deixava contemplar sua enigmática cabeça. Adiante e atrás de mim, o pequeno planalto perdia-se confundindo-se com o deserto que se estendia até desaparecer absorvido pelas trevas.

Contemplei as abas graciosas da enorme coifa de pedra, semelhante a uma touca, principiando por distinguir seu feitio. A coifa real confere à Esfinge majestade e distinção, qualidades realçadas pela régia serpente que, pousada sobre a fronte, ergue sua cabeça, o símbolo “URAEUS”<sup>1</sup> da soberania, emblema da supremacia divina e humana, de poder temporal e espiritual. A figura da Esfinge aparece com frequência na escrita hieroglífica, representando o Senhor a Terra, o poderoso Faraó, e uma antiga tradição afirma que dentro da estátua há um túmulo do monarca chamado Armais. O arqueólogo francês Mariette, diretor do Museu Egípcio do Cairo, tomou tão a sério essa tradição que decidiu explorar a base rochosa da Esfinge.

1. URAEUS (lat.) — que tem cauda. A cobra era símbolo do fogo, ou do disco solar, que era sempre de representação alada. (N. da T.)

“Não é impossível” — declarou numa reunião científica — “que dentro da Esfinge, em alguma parte do corpo do monstro, exista uma cripta, uma caverna ou uma capela subterrânea que seja um túmulo.” Porém, pouco tempo depois de ter anunciado seu projeto, a morte bateu à sua porta e lhe tocou a vez de ser sepultado numa cova. Desde então, ninguém se atreveu a perfurar a plataforma circundante da Esfinge, nem a base rochosa onde descansa. Quando, falando com o professor Selim Hassan, a quem as autoridades egípcias haviam confiado a direção das escavações na “Cidade dos Mortos”, abordei o tema e o interroguei a respeito da possibilidade de existirem, sob a Esfinge, câmaras funerárias ignoradas, meu interlocutor desviou a pergunta com uma réplica enfática e categórica: — “A Esfinge foi talhada em rocha maciça. Debaixo não pode haver nada mais do que rocha maciça!”

Eu o ouvi com todo o respeito que o professor merecia, mas não me convenci, não aceitando nem rejeitando essa afirmação. Optei por deixar em suspenso a dúvida. O nome de Armais lembra muito o de Harmakis, o deus-sol que, segundo outra lenda, personifica a Esfinge. É bem possível que debaixo dela não haja nenhuma câmara mortuária e que as tradições se tenham confundido com o lento perpassar do tempo. Por outro lado, porém, podem existir recintos abertos na rocha, com outros propósitos que não sejam especialmente funerários, e que os egípcios os usassem, como o provam as outras criptas subterrâneas, a fim de realizar serviços religiosos secretos, que foram sempre bem guardados. Antigas tradições de fontes caldaicas, gregas, romanas e até árabes falam insistentemente de certa passagem a uma câmara subterrânea, que os sacerdotes usavam para se trasladarem da Grande Pirâmide à Esfinge. Essas tradições, na grande maioria, carecem de fundamento, mas não há fumaça sem fogo. Tão destros eram os egípcios antigos em abrir passagens na pedra e

dissimular as entradas, que nenhum egípcio contemporâneo poderá garantir que o solo onde pisa nunca tenha sido perfurado por engenho humano. Na lápide que Tutmés fez instalar entre as patas dianteiras da Esfinge, os artistas da época esculpiram a figura dela, representando-a num bloco de forma cúbica, onde há todo um edifício com sua grande entrada central e respectivas decorações em baixo-relevo. Ter-se-iam baseado em alguma lenda ancestral, perdida na atualidade? Existiria mesmo um templo em forma de bloco, sepulto na colina rochosa, com a Esfinge descansando no seu teto imenso, como um gigante? Algum dia o saberemos.

O que intriga é o fato de a Esfinge não estar esculpida totalmente na rocha. Os escultores deviam ter reconhecido que um bloco de rocha viva não comportava a dimensão requerida para a enorme obra encomendada, e viram-se obrigados a construir parte do arredondado das ancas e das patas, de quinze metros de comprimento, com tijolos especialmente cozidos e com pedras lavradas, a fim de completar seu tremendo empenho. No entanto, esse conjunto cedeu em parte pelos embates do tempo e da selvajaria dos homens; desconjuntaram-se vários tijolos e desapareceram outras tantas pedras.

Há cerca de cem anos ali esteve o coronel Howard Vyse, que, licenciado do serviço ativo, regressava da Índia à sua pátria. Em Suez deixou o navio e tomou a diligência postal, mantida pela antiga Companhia das Índias Orientais, para conduzir seus oficiais ao Cairo e dali ao Mediterrâneo, onde tomavam a embarcação. O coronel permaneceu algum tempo no Cairo, atraído pelas pirâmides e pela Esfinge, que visitou repetidas vezes. Ao inteirar-se das antigas lendas que circulavam sobre a Esfinge, empenhou-se em comprovar a veracidade e averiguar se o corpo era oco ou não; nesse intuito mandou perfurar os ombros da Esfinge com enormes ferros providos de cinzéis nas pontas. O resultado foi desolador. As furadeiras, após terem penetrado numa profundidade de oito metros, encontraram sempre a rocha maciça, deixando apenas as marcas das perfurações em sinal do esforço empreendido. Na época do Vyse, porém, por infelicidade só se via a cabeça da Esfinge, estando o corpo sepulto sob a enorme massa de areia; os trabalhos do coronel deixaram, portanto, como estavam, as três quartas partes sob o monte de areia, e nem sequer se aproximaram da base.

\* \* \*

A noite deslissava furtivamente, silenciosa como uma pantera, numa quietude apenas interrompida pelos uivantes gemidos semi-humanos de algum chacal do deserto, que assinalava o correr das horas. A Esfinge e eu sentados sob a luz clara das estrelas africanas, reforçamos o laço invisível que nos tinha unido, transformando a relação em amizade, e quiçá, também, aumentando nossa recíproca compreensão.

Quando pela primeira vez fui vê-la, há vários anos atrás, a Esfinge tinha cravado seu olhar distante com um tranquilo desdém. Era eu então para ela um mortal a mais, um dos tantos peregrinos insignificantes, um pigmeu imbuído de vã presunção, desejos vaidosos e pensamentos frívolos. A Esfinge parecia-me ser o emblema lóbrego daquela Verdade que nunca poderia encontrar ídolo gigantesco, dedicado ao Incognoscível, ante o qual as preces cairiam sem eco nas pálidas areias do deserto e todos os problemas se fundiriam no esquecimento eterno. Fiquei mais cínico e mais cético que dantes, enfastiado do mundo e cheio de amarguras.

Os anos todavia não se passaram em vão; o Mestre Invisível me havia ensinado umas tantas coisas importantes, e eu soube qual era a verdadeira significação da vida. Aprendi que o mundo não girava no espaço, sem ter outra finalidade na sua existência.

Retornei a ver a Esfinge com melhor disposição. Enquanto nos fazíamos companhia na escuridão, ela recostada no seu pedestal, no limiar do deserto da Líbia, eu sentado de pernas cruzadas, na areia, voltei a meditar sobre o misterioso significado do Colosso.

Todos conhecem algumas fotografias da Esfinge e se lembram de seu rosto mutilado, mas ninguém sabe quando e por que foi esculpida em maciça pedra calcária, emergindo da areia, nem quais foram as mãos que transformaram a rocha solitária em uma estátua de proporções gigantescas.

A arqueologia cala-se, baixando a cabeça com vergonha, porque se vê obrigada a retirar suas conjeturas disfarçadas em teorias que sustentava cheia de confiança, até poucos anos atrás. Agora, não se atreve a pronunciar um móvel sequer, nem expor um fato concreto; já não se aventura a atribuir a Esfinge ao Rei Khafra ou ao Rei Khufu, porque chegou a compreender que as inscrições descobertas só indicam a existência do Colosso durante aqueles reinados.

Nos papiros que foram encontrados até agora não há praticamente indícios além da XVIII Dinastia, que digam respeito à Esfinge, e além da IV nenhuma inscrição na pedra a menciona. Nas escavações que se fizeram em busca de antigos despojos, havia uma inscrição em que se fala da Esfinge como de um monumento cuja origem se perde na noite dos tempos, e que foi encontrada casualmente depois de haver estado enterrada nas areias do deserto, completamente esquecida e ignorada de todos. Essa inscrição pertence ao período da IV Dinastia, cujos Faraós viveram e reinaram no Egito há mais de seis mil anos. E PARA ESSES ANTIQUÍSSIMOS REIS A ESFINGE JÁ ERA INCALCULAVELMENTE VELHA.

\* \* \*

A noite traz o sono; mas eu resolutamente o afastava ao chegar a essa altura de minhas reflexões noturnas; as pálpebras cansadas começavam a pesar movidas por rebelião involuntária, e minha mente a dormir; duas forças disputavam a supremacia — a primeira era um desejo ardente de passar a noite acordado junto à Esfinge — a segunda, um crescente impulso de entregar corpo e alma à suave e soporífera carícia das trevas envolventes. Por fim, logrei conciliar as duas coisas, firmando um tratado de paz em virtude do qual eu manteria os olhos apenas entreabertos numa vigilância renitente que não me permitiria ver nada, e a mente apenas desperta deixaria deslizar os pensamentos num devaneio colorido, em câmera lenta.

Abandonei-me um instante à serena languidez que sobrevém quando a mente permanece em repouso. Não sei quanto tempo havia passado nesse estado, quando num dado momento sumiram da minha visão mental as cores, e no seu lugar apareceu uma ampla e extensa paisagem, iluminada pela luz fosforescente do plenilúnio.

Vi-me rodeado de uma multidão de figuras escuras que se moviam apressadamente, indo de um lado para outro, algumas levando cestas carregadas na cabeça, outras subindo e descendo as frágeis estacas de um andaime armado junto a uma enorme rocha. Havia entre elas os encarregados da obra, que davam ordens aos operários e observavam atentamente o trabalho dos homens, que armados de martelos e cinzéis lavraram a pedra previamente marcada com pontos, imprimindo uma forma ao desenho. O martelar contínuo soava insistentemente no ar.

Aqueles homens tinham o rosto oval, a coloração da pele castanho-avermelhada ou amarelo-acinzentada, o lábio superior notavelmente saliente.

Concluindo seu labor, o escarpado promontório rochoso se havia transformado numa cabeça humana gigantesca, assentada num corpo de leão, formando um conjunto monumental que se erguia no centro de um grande bloco de granito. A magnífica escadaria, larga e longa, conduzia às entranhas do bloco. Na cabeça da estátua, sobre uma curiosa espécie de touca de amplas pregas, presas atrás das orelhas, havia um disco de ouro maciço...

## A ESFINGE!

A multidão desapareceu, deixando a paisagem tão silenciosa como túmulo deserto. Vi então à minha esquerda um mar extenso que cobria a terra com suas águas tranquilas, a uma légua de distância. Aquele silêncio continha algum presságio que não pude compreender, quando do coração mesmo do oceano veio um bramido profundo e prolongado, a terra estremeceu sob meu corpo, e

com um estrondo ensurdecedor alçou-se no ar uma imensa parede de água que se lançou sobre nós, a Esfinge e eu, e nos inundou a ambos.

### O DILÚVIO!

Houve um intervalo, não sei se de um minuto ou de mil anos, antes de ver-me de novo sentado ao pé da grande estátua. Olhei em redor, não havia mar nenhum. Em compensação, via-se uma extensa planície pantanosa, ressequida pelo sol e salpicada aqui e acolá de grandes manchas brancas, granulosas e salgadas. O sol em brasa lançava, implacável, seus raios escaldantes na areia deserta, até que as manchas foram aumentando em tamanho e quantidade. Ao desaparecer a última gota da umidade dos pântanos, a campina toda se transformou numa superfície fofa, porosa, seca e cáustica de cor amarelo-pálida.

### O DESERTO!

A Esfinge continuava contemplando a paisagem; parecia satisfeita com sua existência solitária. Os lábios grossos, fortes, pareciam estar prontos a desabrochar num sorriso. Que perfeita harmonia havia entre aquela figura solitária e o solitário ambiente que a rodeava! O espírito da solidão parecia ter encontrado naquele Colosso impassível sua digna encarnação.

Assim seguiu a Esfinge na imperturbável expectativa, até o dia em que uma pequena flotilha de barcos acostou à margem do rio; um grupo de homens desembarcou, avançou lentamente e aproximou-se da Esfinge, prosternou-se diante dela, levantando suas preces jubilosas.

Desde aquele dia o feitiço do silêncio rompeu-se; nas planícies, nas terras adjacentes construíram-se vivendas e os reis iam com seus sacerdotes fazer corte à que era a rainha sem corte do deserto.

Com a chegada deles foram embora as minhas visões, como se apaga a chama do candeeiro, quando acaba o combustível.

## 2

# A Guardiã do Deserto

O céu continuava marchetado de miríades de estrelas, a lua nova conservava seu garboso sorriso e a Esfinge permanecia destacando sua majestosa forma transfigurada pela luz prateada quando voltei a cabeça à esquerda, para o lado onde em minha visão o oceano se levantara como um monstro furioso para devorar a terra.

Um morcego, tomando meu corpo imóvel por uma pedra ou parte da paisagem, roçou-me a cabeça, provocando-me um ligeiro estremecimento de repulsa que percorreu minha espinha; depois sacudiu as asas bruscamente, seguindo vôo. Devia ter saído de algum esquife aberto de múmia sepultada.

Pus-me a pensar no grande mar de areia que, de quando em quando, agora como antes, se agita através de três milhões de quilômetros quadrados de Saara, sem deter seu fluxo até chegar à longa cadeia de colinas ardentes que surgem da planície como muralhas protetoras para resguardar o vale do Nilo em toda a sua vasta extensão. A natureza que fez o deserto parece ter levantado de propósito os Montes da Líbia para poupar o Egito da invasão da areia.

O perigo é realmente grande. Todos os anos, no início da primavera, o temido “Khamsin”, o vento ciclônico de uma força incontrolável, declara guerra à África do Norte; partindo das costas do Atlântico, sopra com uma fúria redobrada sobre todo o continente, e como forças invasoras sedentas de rapina e de vitória, avança junto com areia e pó. Os redemoinhos de areia levantando-se espalham-na por toda parte, cobrindo a terra com uma mortalha dourada. Caso não se resista à sua intrusão, com o correr dos anos a areia pode acarretar a mais completa ruína e desolação tumular porque sepulta choupanas, casas, monumentos, templos e até cidades inteiras. A areia amarela reina e governa com poderes absolutos. É tão tremendo o simum, que escurece totalmente o céu, sem deixar que se veja o sol; nuvens de areia em rodopios são às vezes tão densas como a famosa neblina de Londres; movendo-se velozmente depositam-se em todos os objetos que encontram, envolvendo-os e ocultando-os gradualmente. Conheci aldeões, que viviam junto aos oásis limítrofes do deserto da Líbia, que se viram obrigados a abandonar suas cabanas e a construir outras em terrenos mais altos, por causa de avassaladoras dunas que se



amontoavam contra as paredes. Vi um templo de grande altura no Alto Egito, que foi descoberto por escavadores e está literalmente enterrado sob a areia que o cobriu até o telhado.

Voltei a olhar para a Esfinge; sua larga boca de dois metros, apenas visível à luz das estrelas, não tinha mais aquela feição sorridente da primeira Esfinge atlante da minha visão, definitivamente substituída por uma expressão patética, meio tristonha. Tempestades implacáveis do deserto esmurraram-lhe o rosto e as mãos dos homens irreverentes desfiguraram-na.

Não há dúvida de que, de tempos em tempos, as massas de areias movediças se lançaram contra a Esfinge em silenciosos ataques às vezes e mais frequentemente com o estrondo de uma furiosa tormenta, acabando por sepultá-la. Lembrei-me naquele momento do misterioso sonho que o Faraó Tutmés IV gravou em fascinantes caracteres hieroglíficos numa estela de granito vermelho, entre as patas da Esfinge. Recordei também, palavra por palavra, a patética lamúria que lhe tinha lançado a esquecida e abandonada Esfinge, coberta até o pescoço pela impiedosa areia.

“As areias do deserto me cercam!” — clamou seu espírito — “estou me afundando. Pronto! Faze que as afastem de mim, prova-me que és meu filho e meu defensor...”

Ao despertar, Tutmés disse a si mesmo:

“Os habitantes da cidade e do templo vêm honrar a deusa, mas a ninguém ocorreu a idéia de libertar seu ídolo das areias.”

Os baixos-relevos na parte superior do monólito mostram o rei oferecendo incenso à Esfinge, assim como a pictórica sequência do relato completo do sonho mais surpreendente da história, e suas fantásticas consequências. O jovem Tutmés, príncipe então, caçava com seus amigos numa zona do deserto nos arredores de Gizéh.

“O príncipe se divertia pelos caminhos do sul — dizem os hieróglifos — fazendo pontaria sobre a mira de cobre, caçando leões e feras do deserto, correndo em sua biga, cujos cavalos eram mais velozes do que o vento...”

Ao meio dia, exausto, descansava após ter cavalgado muito, e almoçava, mandando seu séquito descansar. Diante de um altar oferecia seus holocaustos aos deuses e retirava-se para gozar do repouso.

“O príncipe caiu em sono profundo na hora em que Ra é coroado. Tutmés ouviu o deus venerado, majestosamente falando-lhe com sua própria voz, como um pai quando se dirige ao filho, e disse:

“Em verdade te vejo, filho meu; contemplo-te, Tutmés; eu sou teu pai Heru-Khut, a quem deverás este reino. Tu levantarás tua coroa flamejante e o país será teu em toda a sua extensão; o diadema do deus brilhará sobre ti; alimentos do Egito e custosos presentes de países estrangeiros ser-te-ão oferecidos!...

O sonho terminou com o pedido urgente de libertar a Esfinge do seu cárcere de areia, caso o jovem príncipe quisesse obter a prometida coroa.

Tutmés obedeceu religiosamente a ordem recebida e mandou os homens desenterrarem a Esfinge das areias que chegavam a camuflar-lhe o seio.

Por sua vez, Heru-Khut, “o Sol Nascente”, Espírito ou Deus da Esfinge, foi fiel à sua promessa. Embora sendo o menor dos irmãos, o príncipe recebeu a coroa faraônica com o nome de Tutmés IV. Desde então levou seus exércitos para as conquistas, e por onde passasse voltava com a vitória; estendeu o império aos quatro pontos cardeais, da longínqua Mesopotâmia à Segunda Catarata do Nilo na Núbia; venceu os beduínos da Líbia e recebeu dos barbudos etíopes valiosos presentes que lhe haviam sido prometidos em sonho. Durante seu reinado, o Egito ficou imensamente rico, a prosperidade sorria tanto para os príncipes vadios quanto para os laboriosos camponeses; a cultura e a civilização adquiriram um grau de desenvolvimento sem precedentes no país. O Egito estava no apogeu da glória e da riqueza. O vaticínio materializou-se em magnífica realidade!

Tudo isto não é um conto, mas história; não é lenda, mas realidade objetiva. Porque os egípcios se preocuparam mais do que nenhum outro povo da antiguidade a registrar os fatos da sua vida, e muitas das crônicas que foram gravadas profundamente na pedra dura sobreviveram às que foram redigidas no papel ou no pergaminho.

\* \* \*

Não obstante, não foi uma única vez que o homem se viu impulsionado a libertar a Esfinge. Sete vezes foi ela desafogada da sua carga e outras tantas vezes sepultaram-na as areias incansáveis.

Isso, só em tempos históricos; os homens da pré-história veneravam a imagem e protegiam-na com devotado carinho e fervor.

O primeiro que liberou a Esfinge das areias, há mais de cinco mil anos, foi Khafra, o Faraó da IV Dinastia, que transformou a segunda Pirâmide em um túmulo para guardar seu sarcófago de granito. Menos de dois mil anos depois houve um segundo episódio, o de Tutmés VI, que, induzido por seu sonho, tornou a liberá-la, como também, querendo protegê-la de futuras invasões, levantou ao seu redor uma muralha de tijolos rústicos, não cozidos.

Ainda hoje se podem ver os tijolos, e alguns deles levam o próprio cunho do Faraó. A areia, porém, continuou amontoando-se, e mais uma vez tomou posse da gigantesca estátua. Desta vez foi um governante estrangeiro, o sábio imperador romano Marco Aurélio, quem a livrou da areia, a qual alcançava então até o pescoço da Esfinge; a sua cabeça e o resto do corpo eram de rocha maciça e nada sofreram; quanto às patas e parte inferior do corpo, que eram de lajes e argamassa, achavam-se em estado lastimável. O atencioso monarca fez concertar os estragos e mandou reconstruir a parte avariada da muralha, que hoje se distingue por sua cor negra destacando-se no fundo cinzento.

Sob a dominação árabe, a Esfinge foi naturalmente descuidada por completo; as areias douradas cobriram-se de novo e só ficou visível o rosto mutilado. Ninguém se compadecia dela, até os princípios do século passado, quando o capitão Caviglia, arqueólogo italiano, homem entusiasta, dado ao estudo dos mistérios ocultos, tentou livrar-lhe a parte superior do corpo; entretanto, a invasão da areia era tão rápida que lhe dificultou o trabalho, e ele não pôde evitar o novo sepultamento das partes já desenterradas. Em 1869, em homenagem à inauguração do canal de Suez, Augusto Mariette, o fundador do Museu Egípcio, fez uma nova tentativa parcial, a quinta, aliás, para remover o sempre crescente acúmulo de areia, mas não perseverou em seu intento.

Trinta e três anos depois, Maspero, o sucessor de Mariette na direção do Museu, reuniu os fundos necessários na França em subscrição pública para este objetivo, e com a importante soma obtida ficou em condições de libertar a maior parte da Esfinge.

Maspero tinha esperança de encontrar na base alguma abertura que se comunicasse com o recinto interior, pois não podia crer que aquela estátua não tivesse nenhum segredo arquitetônico; no entanto, apesar dos esforços, não encontrou nada, nem entradas nem aberturas de espécie alguma. Maspero supôs então que a Esfinge estivesse assentada sobre uma plataforma debaixo da qual estaria a câmara secreta que buscava. Planejou a tarefa de escavar a base do monumento, mas essa era demasiado grande para seus recursos financeiros, e os milionários americanos não haviam começado a se interessar decididamente pela egiptologia, fato que o obrigou a deixar essa obra à posteridade.

O sétimo e último esforço se fez, há poucos anos, quando o governo egípcio resolveu acabar de vez com a areia; as escavações puseram a descoberto o fundo da plataforma retangular, até então invisível, como também toda a parte inferior do grande bloco de pedra oculto durante tanto tempo, a base da estátua e todo o planalto rochoso composto de imensas lajes de pedra sobre as quais se levanta a Esfinge. Também voltaram a ver a luz do dia o valado que rodeia o monumento, a maior parte do átrio e os degraus de doze metros de largura que descem até a plataforma. Finalmente, a Esfinge pôde ser admirada em toda a

sua grandiosa majestade. Em volta levantaram sólidos muros que protegem a concavidade do planalto, barrando assim a Esfinge da inamistosa areia. Esperamos nunca mais ver os grãos amarelos destruírem a importância da obra realizada, voltando a acumular-se gradualmente nos flancos da Esfinge.

Não se deve condenar, entretanto, com demasiado rigor o inimigo; a areia sepulta as estátuas e os templos do Egito, mas também desempenha papel protetor resguardando-os, conservando-os e evitando a ruína. Talvez não haja nada melhor para preservar os monumentos de pedra do que as cálidas e secas areias africanas.

\* \* \*

Uma por uma das inumeráveis estrelas se iam apagando aos poucos e, pestanejando para mim, anunciavam que minha vigília findava. Fixara eu para seu término a hora em que não mais pudesse vislumbrar sobre a cor índigo do céu a marcha misteriosa das constelações, e quando a aurora despontasse timidamente na terra com sua delicada coloração rósea.

O ar era fresco, minha garganta estava seca e abrasada.

Mais uma vez contemplei aquela grave guardiã de segredos seculares, cuja figura petrificada à luz débil das estrelas simbolizava tão admiravelmente a imagem do silencioso Zelador do universo. Havia eu virado a página da pré-história egípcia pouco lida anteriormente? Quem poderá aventurar-se a calcular a idade da Esfinge? Se aceitamos sua origem atlante, assim mesmo podemos fixar-lhe uma data precisa?

Não via nenhuma razão por que essa origem, rapidamente vislumbrada na minha visão noturna, não fosse aceita. A Atlântida já não era uma ficção de filósofos gregos, sacerdotes egípcios e tribos indo-americanas; os homens de ciência haviam recolhido mais de cem provas da sua existência, e eu sabia também que, quando a Esfinge foi esculpida na pedra, as baixas áreas circundantes não podiam ter estado cobertas de areia, porque então a mesma rocha escarpada que se encosta no planalto em cujo topo se levantam as Pirâmides estaria igualmente coberta de areia, o que tornaria difícil, senão impossível, a tarefa de desenterrá-la. Não; o mais provável é que a estátua tenha sido lavrada antes das areias aparecerem, quando o Saara era um gigantesco oceano e a trágica ilha da Atlântida recortava no horizonte seu vasto contorno.

Os homens que habitaram o Egito pré-histórico, que talharam a Esfinge e fundaram a civilização mais antiga do mundo, foram os emigrantes da Atlântida, que se estabeleceram na terra fértil do Nilo. <sup>1</sup> Esses homens abandonaram seu desventurado continente antes dele submergir no Oceano Atlântico, catástrofe que ressecou o Saara, convertendo-o num deserto. As conchas encontradas em

numerosos lugares, os fósseis de peixes enterrados na areia provam que o Saara foi, em algum tempo, coberto pelas águas do mar extenso.

1. “Todos os pormenores — asseverou o famoso egiptólogo sir J. G. Wilkinson, dos mais credenciados — permitem inferir que os egípcios já havia feito grande progresso na arte da civilização antes da época de Menés, o primeiro dos Faraós, e talvez antes deles terem chegado ao vale do Nilo.”

Era uma idéia audaciosa e assombrosa considerar a Esfinge como sendo um laço de união, sólido, palpável e duradouro entre a humanidade contemporânea e os seres de um mundo perdido — os desconhecidos atlantes.

Para o mundo moderno, o grande símbolo já perdera o significado que poderia ter para os atlantes?

Para responder à pergunta, vamos buscar nos restos culturais algum indício que ainda se mantém daqueles povos cuja história reivindica sua origem atlanta. Exploreemos a fundo os ritos degenerados, atualmente em uso, de algumas raças dos Incas e Maias, por exemplo, e, remontando ao culto mais puro dos longínquos antepassados, descobriremos então que o objetivo mais elevado da sua veneração era a Luz, representada pelo Sol.

Por toda a antiga América se levantaram templos piramidais ao Sol, mas esses templos eram reproduções deformadas, reminiscências de outros templos genuínos que haviam existido na Atlântida.

Depois, Platão foi ao Egito a fim de frequentar uma escola de Heliópolis, onde estudou durante treze anos; os mestres-sacerdotes que habitualmente desconfiavam dos estrangeiros, fizeram uma exceção a favor do jovem e aplicado estudante grego, e ministraram-lhe informações que eles mesmos tomavam dos seus muito protegidos arquivos secretos. Entre outras coisas lhe disseram que no centro da Ilha Atlântida havia uma grande pirâmide truncada, sobre a qual se levantava o templo-mor do continente, templo erigido ao Sol.

Os emigrantes que atravessaram o mar para desembarcar na costa do Egito, levaram consigo sua religião e construíram templos similares aos deles. Nos gigantescos pilares e nos túmulos piramidais do Egito podem ver-se atualmente todas as características dessa herança da Atlântida. O mesmo Sol ocupou um lugar de destaque entre os povos egípcios.

Mais alguma coisa trouxeram os emigrantes atlantes: o gosto por estátuas de tamanho colossal, uma predileção pelas esculturas gigantes. O mesmo estilo arquitetônico dos egípcios pode notar-se nas ruínas dos templos de filiação atlante no México, Peru e Yucatan, templos maciços e piramidais levantados de enormes blocos de pedra sem nenhuma ligadura aparente entre si; e singular característica de semelhança há também nas figuras colossais, ladeando o

caminho do acesso aos templos peruanos, que eram peculiares aos pátios internos do Egito.

Os gigantes de pedra que encontrou o capitão Cook na Ilha de Páscoa, terra montanhosa, abandonada e solitária, que sobrou de um vasto continente submerso, embora meçam apenas oito metros de altura, menos da sétima parte da altura da Esfinge, mesmo assim conservam um parentesco ancestral surpreendente.

A finalidade da Esfinge aparece agora com maior clareza. Os atlantes egípcios a erigiram para que fosse sua maior glória, simbolizando a divindade, dedicando-a à Luz, o deus-sol. Em alguma parte deviam ter deixado templos que se igualavam com a Esfinge em grandeza e sublimidade.

A Esfinge era um venerado emblema esculpido na pedra por uma raça para a qual neste mundo denso de matéria era a luz o que mais se aproximava de Deus. A luz é o elemento mais sutil e abstrato que o homem possa conceber com os seus cinco sentidos; é a substância mais etérea que a ciência pode estudar; as gamas distintas dos raios invisíveis não são mais do que variantes da luz cuja vibração não alcança a visualização da retina. No Livro do Gênesis, o primeiro elemento foi a Luz, sem a qual nada podia ser criado! “O espírito de Deus pairava sobre a superfície das águas” — escrevia Moisés, educado no Egito — “E disse o Senhor Deus: — Seja feita a Luz — e a Luz se fez.” Não somente isso, pois também é o símbolo perfeito da luz celestial que desponta no íntimo da alma, quando o homem entrega a Deus seu coração e sua mente; é um magnífico monumento erigido a essa divina iluminação que o guarda em segredo nos momentos de maior desespero; quando o homem, instintivamente, voltando a face à presença do sol, volta ao corpo do seu Criador.

Do Sol nasce a luz; vem do Sol e se derrama sobre nós; sem o Sol estaríamos perpetuamente nas mais densas trevas, não germinariam sementes, a humanidade sofreria fome, morreria, e desapareceria da superfície do globo.

A veneração à Luz e seu agente, o Sol, foi o dogma primordial da religião atlante e também foi a religião dos egípcios primitivos. Ra, o deus-sol, o primeiro, o pai, o criador de todas as coisas, genitor de todos os deuses, é um engendrado de si mesmo.

“Honra a ti que és o Senhor do céu”, canta o formoso hino antigo a Ra ao sair do Oriente. “Percorres o céu com o coração cheio de gozo, teus raios dardejando em todos os rostos; saúdo-te meu senhor, a ti que atravessas a eternidade e cujo ser é infinito”.

Se a Esfinge fosse relacionada com esta religião da luz, devia ter, por conseguinte, algum vínculo com o Sol. E de fato, o tinha!

Quando me voltei frente ao lumo da aurora que despontava das trevas destacando no horizonte suas faixas luminosas, recordei-me do disco de ouro da minha visão e percebi instantaneamente qual era esse vínculo. Para comprová-lo, inclinei-me escrutando algo que estava na minha mão esquerda, a minha amiga inseparável e guia segura, a bússola de esfera luminosa.

Verifiquei que a Esfinge havia sido colocada de rosto virado para o Este, seus olhos sem visão no ponto exato, onde o sol iniciava sua diurna aparição no horizonte!

A Esfinge ao ser erigida olhando o Oriente, simbolizou a Vida que renasce, assim como os túmulos de Reis do Egito estando na margem ocidental do Nilo, simbolizavam a vida que passou, por analogia ao Sol que descamba. Assim como o Sol nascente sobe ao Zênite, também o homem depois da sua ressurreição eleva-se para o mundo espiritual e, como o Sol atravessa o arco dos céus segundo seu curso por trás do horizonte invisível, igualmente o homem atravessa ambos os mundos.

\* \* \*

Retomei minha posição inicial e continuei minha vigilância. À medida que a noite se esvanecia, o rosto da Esfinge ficava cada vez mais nítido, a maciça muralha circundante destacava-se na areia com maior clareza.

No céu uma delicada tonalidade rósea aparecia cortada por largas faixas como se fossem pinceladas por mãos invisíveis. Começou a despontar o Sol, revelando paulatinamente os detalhes familiares da paisagem egípcia e colorindo-a de rosa-pálida.

A onze quilômetros dali, os almuadens do Cairo estariam subindo nos altos minaretes das mesquitas de cujas plataformas circulares despertariam os fiéis do Profeta; havia chegado a hora da primeira oração.

Aqui, a Esfinge também concitava a orar, embora em silêncio.

Contemplando de meio perfil seu rosto, surpreendia-me a temeridade dos homens que com suas armas sacrílegas arrebataram-lhe a metade do nariz. Que pensamentos teriam atravessado o cérebro da Esfinge, quando aqueles bárbaros começaram a descarregar o fogo! Primeiro, ficou surpresa, depois ofendida e, finalmente devia ter voltado a sua antiga resignação filosófica. Os egípcios culpavam da mutilação os soldados de Napoleão; e os arqueólogos franceses a atribuíram aos mamelucos do século XVIII, que haviam utilizado o nariz como mira para seus exercícios de artilharia. Contudo, Napoleão jamais teria permitido essa profanação da estátua mais antiga do universo. O pequeno corso era homem demasiado grande, demasiado amante da arte, demasiado admirador das grandes obras da antiguidade e demasiadamente considerado para não apreciar o valor e o significado da sonhadora de pedra do deserto. Os

mamelucos, com sua aversão maometana para com ídolos, teriam sido sem dúvida menos escrupulosos. Um historiador árabe refere que, em 1379, um sheik fanático, levado pelo fervor a Alá, mutilou o nariz da Esfinge. Não obstante, a verdade é que a mutilação começou muito antes da chegada dos mamelucos e dos franceses. Os séculos posteriores apenas presenciaram sua consumação, porque entre esse extenso período, da queda dos Faraós ao século XIX, havia viajantes supersticiosos que não vacilaram em armar-se com martelos para levar “souvenirs” e talismãs à custa da Esfinge. Assim foi avariada uma parte da boca pelos turistas que visitavam o Colosso durante uma época em que o governo não dava importância aos monumentos e às antiguidades do país, como os valoriza atualmente. Agora, os visitantes não podem fazer o que bem entendem; as autoridades mantêm uma vigilância constante à primeira obra de arte monumental do Egito.

Não foram, apenas, os viajantes que se entregaram a esse bárbaro costume. Alguns que chegaram muito tempo antes, nos tempos de monarcas gregos e romanos, não resistiram à tentação de gravar seus nomes nas costas da Esfinge, ou na muralha adjacente; esses nomes ainda estão ali para que o curioso turista contemporâneo os veja e decifre. No segundo dedo da pata esquerda, pode-se ler, ainda hoje, um soneto, embora tão debilmente gravado que nem é percebido pela grande multidão que diariamente a visita, dedicado à Esfinge e assinado por um homem famoso, nada menos que Arrian, o historiador de Alexandre Magno. Os belos versos gregos merecem ser lidos e publicados. Dizem assim, numa tradução simples em prosa:

“Os deuses eternos formaram teu corpo fantástico com atenção esmerada, numa zona causticante de sol, em que fazes sombra benfazeja. Situei-te como uma ilha rochosa no centro do grande planalto cujas areias deténs. Esta vizinha que os deuses deram às Pirâmides, não é como a de Tebas, a Esfinge — devoradora de Édipo; tu és a sagrada adepta da deusa Latona, a guardiã do benévolo Osiris, o mestre augusto do Egito, o rei dos que moram no céu ou ante o Sol, de igual categoria que Vulcano”.

A perda maior que sofreu a Esfinge por atentado dos seus mutiladores perversos, talvez seja a de seu famoso sorriso, esse sorriso amável, enigmático, indefinível que desconcertou o mundo antigo, gerações após gerações. Faz setecentos anos, quando a destruição ainda não era completa, que Abdul Latif, o médico, filósofo e viajante de Bagdad, pôde dizer em suas notas bem apanhadas, referindo-se à gigantesca cabeça, que achou distante de um tiro de flecha das Pirâmides; “seu rosto é mui belo e a boca expressa a graça” — elogio digno de ser citado por ter vindo do homem cuja obra, “O Corpo Humano”, foi considerada clássica durante séculos entre os povos árabes. “Perguntou-me um intelectual o que admirava mais entre as coisas no Egito” — prosseguiu Abdul Latif, ao terminar sua viagem, pouco antes do ano 1200 d. C. — “Qual foi o objeto que mais excitou minha curiosidade e admiração”? Por toda a resposta, Latif



apontou a Esfinge. Infelizmente, hoje ela não poderia receber tão facilmente esse elogio! Agora tem o nariz mutilado, a parte interior da face está desfalcada, a boca tristemente desfigurada e até na coifa, nos lados, notam-se consideráveis estragos. Nos tempos passados, a boca tinha expressão amável, agora está torta, disforme, com o riso meio melancólico e meio sardônico. Embora a velha Esfinge já não sorria mais, ainda continua no seu lugar e, a despeito das suas cicatrizes e mutilações, está contemplando o perpassar do tempo com imperturbável desdém.

\* \* \*

Tranquila e firme, a estranha figura que encarna a força de leão, a inteligência do homem e a serenidade espiritual dos deuses, ensina-nos a iniludível verdade de que o ser humano, mediante o domínio de si próprio, pode sobrepor-se ao animal que traz no seu interior e dominá-lo. Quem pode olhar esse grande corpo de pedra cujos membros e garras de fera se juntam à cabeça e ao rosto de feições nobres de uma criatura humana, sem inferir esta lição elementar? Quem sabe decifrar o simbolismo da serpente, o emblema “URAEUS” da soberania faraônica, que se ergue preso à coifa, compreende que a Esfinge não nos incita a reinar sobre os demais, senão apenas dominar a nós mesmos. Muda sacerdotisa de pedra, a Esfinge transmite, a todos os que têm ouvidos para ouvi-la, um silencioso sermão.

As inscrições hieroglíficas que se encontram nas paredes dos templos do Alto Egito como as de Edfu, onde o deus representado na imagem aparece transfigurado em leão com cabeça humana, vencendo Set, o satanás egípcio, sugerem que a Esfinge encarnava a divindade. Do mesmo modo, um fato curioso leva-nos a crer que a Esfinge oculta algum segredo arquitetônico e encerra algum mistério talhado na pedra. Em diversas outras partes do Egito, pequenas reproduções da Esfinge foram colocadas diante de seus respectivos templos, como guardiãs e protetoras do umbral, ou, então, leões eram esculpidos, defendendo a entrada dos templos. Até as *chaves* dos templos tinham feitio de leão. Só a Esfinge de Gizeh parece não ter seu templo correspondente; o que se chamava o templo da Esfinge era uma construção com aspecto de fortaleza, de colunas rudemente talhadas e paredes maciças, mas, que, na realidade, não pertencia à Esfinge, fato demonstrado categórica e satisfatoriamente pelas escavações do professor Selim Hassan. Agora é revelado como sendo pertencente ao templo da Pirâmide de Khafra, a segunda, com o qual está unida por uma calçada em declive, pavimentada, hoje completamente desenterrada. Ademais, esse curioso aspecto arquitetônico está diante e não à retaguarda da Esfinge.

O pequeno templo, que Caviglia pôs a descoberto, entre o peito e as patas da Esfinge (atualmente quase inexistente), foi construído muito depois da referida estátua; à guisa de paredes, formavam o santuário lápidas de quatro metros de

altura, sem teto, mas pessoas interessadas e o tempo, derrubaram-nas e as retiraram. Como também o altar dos sacrifícios que se levanta em frente da entrada do templo, agora se encontra entre as patas da Esfinge e é de procedência romana, embora feito de um bloco de granito vermelho retirado do templo de Khafra, muito mais antigo e cujo recinto ornava.

Onde então está o verdadeiro templo da Esfinge?

Levantei um pouco a cabeça, olhei por de trás da estátua e do meu ângulo visual, vi destacando sua silhueta à luz dos primeiros albores do dia, erguendo seu vértice truncado, a maior construção do mundo, o insolúvel mistério de pedra de toda a história, a primeira maravilha do universo, tanto para os gregos quanto para nós, cujo enigma desconcertou o mundo antigo e continua desafiando o moderno, a condigna amiga inseparável da Esfinge: — a Grande Pirâmide!

Ambas foram construídas na Era Atlântida, testemunhas visíveis do continente desconhecido, mudos legados de uma raça de homens que se foi tão misteriosamente como a sua terra.

A Esfinge e a Pirâmide recordam aos sucessores dos atlantes as glórias daquela civilização perdida.

\* \* \*

Voltaram a se encontrar, o Sol e a Esfinge, renovando um pacto augusto de cumprir diariamente este compromisso desde milênios. O céu, rapidamente, passou por todos os matizes que sobrevêm no Egito depois do amanhecer; o horizonte mudou sua cor de rosa para o de heliotrópio, de heliotrópio à violeta, da violeta ao vermelho, antes de se revestir de um azul definido, intenso, sem nuvens, cuja cor é o dossel perpétuo do Egito. Agora sei que a Zeladora do deserto era um emblema dos quatro sagrados Vigilantes, silenciosos Guardiães do universo; os quatro Deuses transmitiram mandamentos da Deidade, guias misteriosos dos homens e do seu destino. Aqueles que esculpiram a figura da Esfinge conheciam a existência desses seres sublimes, enquanto nós, pobres homens modernos, nem a lembrança temos conservado.

Um pouco cansado, devido à minha longa vigília, preparei-me para me despedir da titânica cabeça erguida sobre a areia. A serenidade da sua pose, a calma excelsa de autodomínio, as radiações de espiritualidade, haviam de algum modo me afetado, infundindo-me certo desapego indefinível das coisas mundanas, sensações para as quais não encontro palavras para expressar. A Esfinge é tão velha que presenciou a infância do mundo, em contemplação imutável viu civilizações levantarem-se aos píncaros da glória e caírem lentamente como flores sem viço; viu chegarem invasores vociferantes que iam e vinham, partiam e ficavam. Contudo, manteve-se no seu lugar, sempre tranquila, totalmente alheia, livre de emoções humanas. Essa pétrea indiferença às permutas dos

séculos, contagiaram-me no decorrer da noite. A Esfinge nos liberta de toda inquietude que temos do futuro, nos alivia de todos os pesares da alma e converte o passado numa película cinematográfica que podemos fitar como espectadores indiferentes, sem apego.

Sob o límpido céu azul, lancei um último olhar àquela fronte ampla, àqueles olhos encovados, àquelas faces arredondadas, àquela coifa de pedra, talhada para imitar uma de linho franzido, com largas faixas horizontais, separadas por outras mais estreitas. Os raios rosados destacaram as feições mutiladas, reminiscência daquela Esfinge cuja forma os homens de antanho conheciam, levantando-a da pedra calcárea, e cuja superfície era então de cor vermelho-escura. Aquele corpo jacente, onde se combinavam tão bem a força do leão e a inteligência do homem, em simbólico conjunto, revelava entretanto, algo mais; nada de bestial nem de humano; algo que estava além de uma e de outra coisa, algo divino! Embora nós não tivéssemos pronunciado uma só palavra, não obstante, da presença da Esfinge emanava uma atmosfera espiritual. Ainda que não tivesse ousado murmurar uma palavra naquelas grandes orelhas, tão surdas ao bulício do mundo, sabia que ela me compreendia perfeitamente. Sim, sem dúvida havia algo sobrenatural naquele ser de pedra, ao trazer para o século XX o testemunho de um mundo desconhecido, embora seus grossos lábios selados retivessem com firmeza os segredos da Atlântida. No momento em que a luz do dia iluminou a Esfinge, ainda mais profundo tornou-se o seu mistério.

Estiquei minhas pernas adormecidas, na areia, e levantei-me lentamente, dirigindo ao rosto impassível uma palavra de despedida. Em seu olhar imóvel, fixo no Oriente, sempre atento ao despontar dos primeiros raios do Sol, tornei a ler o símbolo reconfortante da nossa ressurreição, tão certa e irrefutável como a própria aurora.

*“Tu não és somente do tempo, mas pertences ao que é Imortal — sussurrou a Esfinge, — rompendo por fim seu mutismo — Tu és eterno e não apenas de carne perecível. A alma do homem não pode ser aniquilada, não pode morrer. Ela espera, envolta em mortalha no teu coração, como eu aguardei no teu mundo, envolta na areia. Conhece-te a ti mesmo, ó mortal! Porque há Alguém em ti, como em todos os homens, que surge e presta testemunho de que EXISTE um Deus!”*

# 3

## A Pirâmide

Os faraós, agora, não são mais do que fantasmas, espíritos sutis, etéreos, que moram no Amenti, Região Invisível, enquanto as Pirâmides estão aqui conosco; sólidos e volumosos monumentos se uniram permanentemente à plataforma rochosa onde foram levantados. O antigo Egito continua atraindo a atenção e mantendo o interesse do mundo moderno, porque nos deixou esses estupendos testemunhos da sua existência, provas mais tangíveis e mais concretas do que qualquer outra dos extintos impérios do Oriente.

Plínio, o historiador romano, disse que as três Pirâmides espalharam sua fama pelo mundo; hoje, dois mil anos depois daquela afirmação, podemos dizer sem vacilar que o tempo não diminuiu essa fama. Tenho amigos que vivem reclusos numa longínqua aldeia do interior, ao sul da península hindu; são homens que provavelmente nunca cruzaram a extensa cadeia de montanhas vizinhas à sua terra; homens que não perturbam o mundo nem se deixam perturbar pelas coisas do mundo. Não faz muito tempo escrevi-lhes uma carta mencionando alguns pormenores das minhas investigações efetuadas na Grande Pirâmide. Não lhes disse onde estava esta última, julgando desnecessária a explicação. Sabia que eles não podiam ignorar e, quando recebi a resposta, tive prova de que minha opinião não estava errada, relativamente àqueles singelos camponeses hindus. A fama das Pirâmides tinha se estendido muito mais do que no tempo de Plínio. Em verdade é tão grande seu renome, que me pergunto quantos foram os magnatas dos negócios que ao contemplar as faces triangulares da Pirâmide, lamentaram não poder aproveitar tão magníficos espécimes para fins publicitários dos seus produtos. Quem sabe se não está longe o dia em que algum fabricante audacioso ofereça ao governo egípcio cem mil piastras anualmente pelo direito de colocar na face norte da grande Pirâmide um enorme cartaz, no qual teríamos vago prazer de ler em inglês, francês e árabe, uma sugestão para lavarmos a cara com um sabonete cuja fama não seria menor do que a da própria Pirâmide!

Esses antigos monumentos que desafiam o tempo, aguçam o interesse dos sábios e despertam a curiosidade dos leigos, em parte, porque surgem dos abismos dos séculos e, em parte, porque seu gigantesco tamanho pode pasmar até uma geração como a nossa, acostumada às grandes construções. Quando

olhamos pela primeira vez as Pirâmides, temos a impressão de estarmos entrando num mundo longínquo, estranho; numa época própria àqueles exóticos contornos desusados. Estupefatos, perguntamo-nos: de que maneira haviam podido levantar essas gigantescas montanhas artificiais aqueles primitivos homens, rivalizando na criação com a própria natureza?

Quando os conquistadores gregos invadiram o Egito e lançaram uma vista d'olhos sobre essas fantásticas edificações que se erguiam no deserto, apontando para o céu os seus cimos pontiagudos, ficaram constrangidos contemplando-as em silêncio; e quando os sábios gregos da época de Alexandre Magno fizeram a lista das sete maravilhas do mundo, puseram as pirâmides em primeiro lugar. Hoje só existem elas, daquelas sete.

Porém, a idade e o tamanho, por mais impressionantes que sejam, não são os únicos fatores que justificam essa honra. Há outros pormenores a respeito da primeira, a maior das Pirâmides que, muito ou pouco conhecidos, nos encantam tanto quanto aos gregos.

Quando Napoleão invadiu o Egito, levou consigo os técnicos que, recebendo o encargo de traçar o mapa do país, tomaram a Grande Pirâmide como o meridiano do qual marcaram as longitudes. Depois de haver delineado o mapa do Baixo Egito, ficaram surpresos pela coincidência aparente de passar o meridiano escolhido exatamente no centro da região do Delta formada pela desembocadura do Nilo, cortando todo o Baixo Egito em duas partes iguais. Maior ainda foi sua surpresa quando comprovaram que traçando, a partir da Pirâmide, duas linhas diagonais, perpendiculares entre si, delimitavam toda a região do Delta. Ficaram completamente estupefatos quando, depois de um exame mais acurado, reconheceram que a posição da grande Pirâmide podia ser aproveitada como meridiano central, não somente para o Egito, mas para todo o orbe terrestre, PORQUE A GRANDE PIRÂMIDE SE ERGUE EXATAMENTE NO MERIDIANO DO MAPA-MUNDI!

Esse fato assombroso é devido à sua posição; ao traçar no mapa uma linha vertical que passa pela Pirâmide, a superfície das terras do lado este da linha, será igual à da superfície do lado Oeste. O meridiano da Grande Pirâmide é portanto a longitude zero natural do globo. Sua posição na superfície da nossa terra é, por isso, ÚNICA. Em perfeita harmonia com essa posição, os quatro lados inclinados da Pirâmide correspondem aos quatro pontos cardiais da bússola.

Esta extraordinária posição geográfica de monumento construído por mãos humanas, quer seja por uma coincidência involuntária, quer por um feito intencional, demonstra-nos a sagacidade e a inteligência da raça primitiva do Egito, e obriga-nos a aceitar a segunda hipótese. A circunstância em que a edificação de pedra, a maior do mundo, foi levantada na linha central da esfera

terrestre, excita a imaginação! Dá muito o que pensar o fato dela ter sido planejada exatamente neste ponto!

Guias e manuais de turismo nos dizem, com toda autoridade, que a Grande Pirâmide foi construída por Khufu, o Faraó da IV Dinastia, chamado Quéops pelos gregos, que, impulsionado por um desejo de erigir um túmulo para si próprio, de primeira categoria, original e digno de um rei, mandou construí-la, e com isso acaba sua história. Como teoria prática, útil e convencional, esse conceito de que a Pirâmide não seja mais do que gigantesco sepulcro é indubitavelmente o melhor que se pode propalar. Espalham-no todos os grandes egiptólogos, arqueólogos e historiadores. Devemos pois inclinar a cabeça respeitosamente ante as autoridades ortodoxas e aceitar seus ditames.

Há também outras teorias, heterodoxas. Noções que haviam sido formuladas a respeito dessa antequíssima construção, não faltam; vão desde as completamente improváveis até as cientificamente admissíveis; as Pirâmides são tão grandes e tão importantes que podem oferecer um vastíssimo campo de investigações para os excêntricos.

Um chefe dos engenheiros de uma estrada de ferro australiana deu-se ao trabalho de reunir todos os números e medidas para provar que as Pirâmides eram destinadas a ser usadas na agrimensura! Em Paris tive ocasião de conhecer a calorosa troca de correspondência que haviam mantido um professor francês e um dos afamados egiptólogos, em que o primeiro tentava provar que o verdadeiro objetivo das Pirâmides era comemorar simbolicamente a criação artificial do Nilo, ocorrência que teve lugar numa época remota! Alguns historiadores engenhosos viam nas Pirâmides os gigantes silos nos quais José, o filho de Jacó, armazenava trigo destinado a alimentar o povo em tempo de escassez e fome. Se esses historiadores se tivessem aventurado a visitar o interior das Pirâmides, teriam comprovado que no espaço aproveitável para depósito só pode caber a quantidade de cereais suficiente para alimentar, a grosso-modo, o povo de uma rua.

Há cinquenta anos, Proctor, o astrônomo, apresentou uma interessante tese segundo a qual as Pirâmides foram construídas para fins astronômicos, demonstrando que eram atalaias, providas de respectivos lugares de observações dos movimentos dos astros e planetas. Contudo, observatórios tão caros nunca foram erigidos nem o serão!

Igualmente engenhosos e fascinantes são aqueles argumentos que dizem respeito ao sarcófago da Câmara do Rei. Querem fazer-nos crer que se trata de uma pia batismal cheia d'água no momento de usá-la. Entretanto, um outro grupo de pessoas declarou que o sarcófago devia estar cheio de grãos e não de água, pelo fato de ser destinado a servir de unidade de medida para todos os países do mundo.

Tampouco é concebível que teriam sido escondidos nos recintos grandes tesouros, ouro e jóias; se fosse o caso, a construção custaria tanto quanto a fortuna ali guardada.

Outros teóricos julgavam que as Pirâmides fossem gigantescos faróis erigidos para favorecer a navegação do Nilo. Quanto à afirmação de Monsenhor Persigny de que eram diques maciços instalados para defender casas, túmulos e templos das invasoras areias do deserto, só pode provocar o riso dos egípcios modernos.

\* \* \*

Há porém outras teorias, sustentadas por incansáveis propagandistas, que, superficialmente, podem parecer plausíveis e foram bem recebidas em alguns círculos da Inglaterra e América do Norte. São, de fato, teorias interessantes, até diríamos fascinantes, tão habilmente foram desenvolvidas, mas até que ponto são exatas?

Segundo essas teorias, as medidas internas da Grande Pirâmide teriam um significado todo especial; afirmam seus defensores que as câmaras, os corredores e as galerias contêm um texto simbólico e a profecia relativa à nossa época atual, clamando haver descoberto as chaves mestras para decifrar essa mensagem. Comprimento, largura e altura das passagens, as câmaras e as entradas seriam os mudos vaticínios de uma nova e terrível hecatombe. Os autores da teoria manejam com incrível destreza as figuras e cifras, numa estranha mescla, e positivam eles os fatos históricos da raça anglo-saxônica, tribos perdidas do Israel, diversos Livros da Bíblia e primitivos egípcios, atribuindo-os aos seus cálculos.

Vejamos um exemplo singelo de suas declarações:

“Medindo as passagens e a grande galeria — dizem — descobrimos que nos dão em polegadas o número exato de anos necessários para nos situar na época atual. A grande galeria tem mil oitocentos e três polegadas de largura; adicionando a essa quantidade mais trinta e um anos, assinalados pela Pirâmide como sendo o ministério redentor de Nosso Senhor — obteremos a cifra de mil novecentos e quatorze, ano em que rebentou a grande guerra”.

Eles estão tão convencidos de que a Pirâmide não foi construída para beneficiar seus idealizadores, mas, uma obra altruísta, destinada a favorecer as épocas vindouras, com especial referência à chamada Era do Milênio, que aguardam confiantes o advento do Messias, a maior revelação indicada na Pirâmide.

Quisera poder crer nessas coisas como crêem meus amigos; quisera, como eles, alegrar meu coração com as mesmas esperanças. Porém a razão, à qual devo sempre atender, e o bom senso, que guardo como um tesouro, erguem-se, impedindo-me de devanear.

O homem cujos incansáveis esforços e perseverantes pesquisas contribuíram mais do que os de qualquer outro, para concretizar essas teorias, foi o escocês Piazzi Smyth. Astrônomo, tinha uma personalidade marcante que oscilava beirando o gênio; contudo, seu caráter rígido e o despotismo escocês impeliavam-no a deformar a mensagem, que a intuição tentava transmitir-lhe ao intelecto.

Smyth passou todo o inverno estudando a Pirâmide, medindo-a de um extremo ao outro, registrando os ângulos e examinando minuciosamente os menores detalhes. Todavia, sua opinião sobre a Pirâmide já estava formada; assim sendo, todas as medidas e cálculos deviam se adaptar às suas teorias, e estas eram, para ele, como as Pirâmides, imutáveis, embora pudessem acomodar-se ao que ele esperava provar. Decerto, Smyth trabalhou honestamente, porém de olhos vendados, em seu próprio prejuízo. O que posso dizer é que pouco depois sir Ernest Wallis Budge, Conservador das Antiguidades Egípcias do Museu Britânico, não aceitou os cálculos de Smyth, e sir Finders Petrie, o decano dos arqueólogos ingleses do Egito, após rigorosas medições na Pirâmide, durante todo o inverno, achou uma diferença de setenta e uma polegadas, entre seus cálculos e os de Piazzi Smyth, numa das partes mais importantes do monumento. Finalmente, um outro homem, engenheiro perito, ao reexaminar todos os resultados obtidos, internos e externos, não somente por Piazzi Smyth, mas também por seus principais sucessores, chegou à conclusão de que vários cálculos apresentados por estes últimos não mereciam crédito. Um dos desiludidos partidários de Smyth, segundo a engraçada anedota contada por Petrie, o surpreendeu em flagrante, quando tentava rebaixar a saliência do granito na ante-sala da Câmara do Rei para lhe dar a medida requerida por sua própria teoria!

Não é, pois, a inexatidão das medidas a única razão por que devemos ser cautelosos com o entusiasmo desses pesquisadores. Há muitos anos costumavam indicar o ano de 2170 a. C. como data da construção da Pirâmide, porque, naquela época, certa Estrela Polar estava em linha reta com o eixo da passagem da entrada, e supunham que a esse extenso corredor propositadamente fora dada uma inclinação necessária, para que pudesse receber a luz dessa estrela. No entanto, em virtude do grande movimento celeste chamado precessão dos equinócios, as estrelas deixam a posição que ocuparam em relação ao nosso planeta e não voltam a passar pelo mesmo ponto do céu, a não ser vinte cinco mil oitocentos e vinte sete anos depois. Por conseguinte, dir-se-ia com a mesma lógica que a Grande Pirâmide foi construída vinte cinco mil oitocentos anos, antes do ano de 2170 a. C., porque nessa ocasião a referida Estrela Polar também estava na posição do eixo do corredor da entrada.

Com efeito, essa passagem, pela sua inclinação, fica num ponto que durante vários séculos ocupava cada estrela que girava em volta do Pólo. Assim sendo, o argumento de que o corredor da entrada foi construído a fim de receber a luz



da estrela Alfa, da Constelação do Dragão, representa pouco valor, porque o corredor recebia também o reflexo de outras estrelas.

Nossos teóricos não podiam aceitar esse fato porque implicava a teoria de que a raça humana não podia ter antiguidade superior à de cinco ou seis mil anos e, segundo eles, confirmado pela Bíblia. Apegaram-se, portanto, à data mais recente, mas essa teoria foi rejeitada, com razão, por todos os egiptólogos que, baseando-se nas inscrições e crônicas descobertas, chegaram à conclusão de que a Pirâmide não podia ter sido edificada em época tão recente.

A Bíblia é uma coleção de livros mais complicada e mais profunda do que parece ao primeiro relance. Os cinco primeiros Livros e, especialmente, o Gênesis, não podem ser lidos corretamente sem a chave, mas, infelizmente, essa chave há muitos séculos foi abandonada.

Os homens interpretam mal as Escrituras Bíblicas e, violentando a razão, esforçam-se por ingerir o que essas Escrituras nunca pretenderam dizer. E foi assim que chegamos à ridícula situação do século passado, quando os geólogos descobriram que os depósitos terrestres de animais fósseis indicavam peremptoriamente ser impossível que o mundo tivesse apenas seis mil anos de idade; entretanto, não menos eminentes teólogos afirmaram com toda seriedade que Deus havia enterrado propositadamente esses fósseis como uma prova para os fiéis!

Antes de mais nada, se nossos teóricos não tivessem lido erroneamente a Bíblia, poderiam ter aceito a idade mais antiga da Pirâmide e talvez chegariam mais perto da verdade; o fato é que a sólida estrutura de pedra, resistindo aos embates do tempo durante trezentos séculos, estará ainda existindo, ao passo que todas as demais construções do mundo ter-se-ão desmoronado.

As teorias dessa classe foram amplamente divulgadas, talvez por causa das especulações que elaboraram seus partidários. Reunindo as declarações dos profetas hebreus com as dimensões da Grande Pirâmide numa curiosa mescla, predisseram as guerras, quedas dos governos, reconstituição da Igreja cristã e a vinda de Cristo; as calamidades econômicas do mundo, a missão divina dos povos de idioma inglês, os cataclismos sísmicos na terra e no mar, etc.

Recordemos, outrossim, que o mesmo Piazza Smyth fixou o ano 1881 como o ano do Milênio, e sua escola assinalou o mês de maio de 1928 como o mais funesto da história do mundo; contudo, nada aconteceu e nós continuamos existindo. O augúrio foi então transferido para o mês de setembro de 1936, depois para 10 de agosto de 1953, assinalado também, segundo eles, por essas fabulosas dimensões da Pirâmide e, mais uma vez, os vaticínios demonstraram sua falha. Não obstante, nenhum racionalista poderá aceitar facilmente uma asseveração de que a Pirâmide, cuja construção requereu gastos e esforços sem precedentes, não foi erigida para a geração daquela época, nem para gerações

imediatas, nem sequer para a posterioridade egípcia, mas para os povos de outros continentes, quase cinco mil anos depois! Mesmo admitindo que os criadores da teoria tenham registrado corretamente alguns dados matemáticos e características internas da Grande Pirâmide, parece que descambaram pela tangente e lançaram-se numa plethora de profecias, que não têm nexos nenhum com aqueles dados.

O essencial da teoria consiste em que Deus teria induzido os primitivos egípcios a deixarem escrita a mensagem na pedra destinada à nossa época. Deus, porém, podia haver nos comunicado essa mensagem, agora, diretamente, com a mesma eficiência; empregando recursos menos complicados e mais patentes, mandando um profeta, em vez de correr o risco de que a secreta mensagem de pedra não fosse percebida, como se deu durante todos os séculos anteriores, ou mal interpretada, como o pode ter sido tão facilmente na atualidade.

Mesmo que essas teorias passageiras sejam inaceitáveis para nós, não obstante, devemos respeitar as intenções sinceras dos seus propagadores, aos quais devemos, inclusive, agradecer por ter despertado o interesse público para o significado espiritual desse extraordinário monumento.

O verdadeiro objetivo da Pirâmide e o simbolismo oculto da Esfinge são os dois mais fascinantes e interessantes enigmas que o Egito apresenta, tanto para seu povo quanto para os visitantes estrangeiros, embora sejam enigmas dos mais difíceis de resolver.

\* \* \*

Será então que o arranha-céu egípcio foi edificado simplesmente para guardar o corpo mumificado de um faraó — como o dizem nossos manuais e os guias árabes vestidos de negro o repetem aos turistas? Essa enorme massa de pedra calcária, que foi extraída das adjacências de Turáh, elaborada de blocos de granito da longínqua Siene, só para guardar um cadáver enfaixado? Mais de dois milhões e quinhentos metros cúbicos de pedra foram transportados e manejados

com sacrifício e suor sob o sol escaldante, para satisfazer apenas o capricho de um rei? Foram empregados dois milhões e trezentos mil blocos de pedra, pesando cada um duas toneladas e meia, prodigiosamente ligadas entre si, só para guardar o que podia ser coberto com uns poucos blocos? Enfim, teria razão o historiador hebreu Josefo, quando declarou que as Pirâmides “são apenas vastos e inúteis monumentos”?

Nós que sabemos sobre o poder dos Faraós e as crenças dos egípcios no Além, podemos aceitar essa hipótese como possível, embora seja pouco provável. Nenhum túmulo, nem corpo, nem utensílios funerários foram encontrados na Grande Pirâmide, apesar de uma tradição segundo a qual um certo Califa teria posto em pé diante da porta do seu palácio uma múmia em caixão de madeira,

todo decorado, que teria sido encontrada na Pirâmide; no entanto, nenhum historiador idôneo pôde comprovar até agora qualquer vestígio funerário nos recintos. Em nenhuma das paredes internas se vêem essas compridas inscrições hieroglíficas que se encontram em todas as criptas fúnebres do Egito; não há nem baixos-relevos nem as pinturas representando cenas da vida do defunto. As paredes são lisas, isentas de qualquer adorno ou pintura com os quais os Faraós gostavam de enfeitar seus túmulos; portanto, se fosse esse monumento a cripta mais importante do antigo Egito, seria óbvio encontrar todos esses ornamentos.

Talvez consideravam como prova mais evidente de que a Pirâmide fosse a tumba de um monarca pagão, um sarcófago de granito vermelho, vazio e sem tampa, que está no centro da Câmara do Rei. Esse ataúde — dizem os egiptólogos — sem dúvida alguma, era o sarcófago do Rei e, com isso, dão por encerrado o assunto.

Mas, por que esse sarcófago não tem na sua superfície os textos e figuras que lembram o defunto, ornamentos que costumam ter? Por que não há nem uma só palavra, nem uma inscrição hieroglífica? Todos os demais sarcófagos conhecidos sempre levam uma legenda ou representação gráfica que indica seu uso. Por que nada disso existe nesse ataúde, se é que o sarcófago continha os restos de um dos reis mais famosos do Egito!?

Para que foram instalados condutos de ar de mais de cem metros de extensão que ligam com o exterior a cripta fúnebre, onde se encontra o presumido féretro do Rei? As múmias não necessitam de ar fresco e os pedreiros não tinham razão nenhuma de voltar à câmara depois dela ter sido fechada. Não se vê em parte alguma no Egito outra cripta para servir de sepulcro aos reis mortos, que tivesse condutos de ventilação.

Por que foi colocado o ataúde a quarenta e cinco metros de altura, sendo a norma habitual no Egito cavar recintos mortuários na rocha abaixo do nível do solo? E não somente no Egito; é um costume geral existente em todos os países e sempre foi, o depositar os mortos debaixo da terra. “Pó és e a pó voltarás”, foi sempre a mensagem que a natureza transmitiu ao homem.

Para que então se construiu o alto corredor de acesso em aclave à Câmara do Rei, essa Grande Galeria de nove metros de altura, se um simples prolongamento da passagem ascendente que tem um metro de altura poderia ter levado ao mesmo fim e custar muito menos trabalho porque sua construção não seria tão complicada como aquela?

Para que foi construída outra Câmara, chamada Câmara da Rainha, perto da primeira? Os Faraós não estavam sepultados junto às rainhas, e para uma só múmia não seriam necessários dois túmulos. Se a Câmara da Rainha tivesse as costumeiras pinturas e inscrições murais, que se notam nos túmulos egípcios,

sua existência na ante-sala ainda poderia ser justificada; mas, é tão desnuda e desprovida de ornamentações como a Câmara do Rei.

Para que teriam dotado de tubos de ar também esta outra sala, ainda que as bocas estivessem tapadas quando foram descobertos? Por que se preocuparam tanto os construtores da Pirâmide de prover de ventilação a essas duas supostas tumbas? Vale a pena repetir o mesmo: os mortos não respiram.

Não! A razão que busca a verdadeira causa de todo esse gasto de tempo, trabalho, material e dinheiro, ao negar-se a aceitar a tese do vaticínio e a teoria da cripta, deve voltar-se para outro lado e procurar uma nova explicação.

\* \* \*

Dediquei ao mistério das Pirâmides largas meditações e passei muitas horas vagando pelas ruínas rochosas que as rodeiam; percorri os corredores escuros e recintos sombrios do seu interior. Amiúde sentava-me a ponderar a respeito do problema nas brancas pedras calcárias ao pé da Pirâmide, ou nas areias que a cercam ao este, sob o sol ardente da tarde. Subi escalando a alvenaria escarpada, degrau por degrau, buscando cuidadosamente qualquer abertura; examinei todas as fendas estudando o esquema geral das três construções. Penetrei na escuridão dos túneis, raramente visitados, das duas outras Pirâmides, espantando enormes lagartos e baratas. Em poucas palavras, dediquei-me com tal afinco que cheguei a conhecer aquelas construções milenares, lembranças de pedra da primitiva raça de homens que povoaram o Egito, melhor do que meu novo apartamento no Cairo.

Quanto mais detalhes ia conhecendo da sua estrutura, tanto mais as admirava; à medida que ia entendendo melhor suas plantas originais, melhor compreendia a extraordinária superioridade técnica dos seus construtores. Reclamava e obtinha toda minha admiração, a incrível habilidade requerida para formar aqueles legados triangulares da mais remota antiguidade numa época em que não se contava com a ajuda do vapor nem da eletricidade, para extrair os imensos blocos de pedra da rocha, transportá-los, içá-los e colocá-los em seus respectivos lugares! Não havia guindastes a vapor instalados sobre trilhos de aço para suspender os blocos; vapor e aço eram desconhecidos naqueles tempos.

Certamente, se algum Faraó tivesse desejado deixar à posterioridade um sepulcro perdurável, não haveria podido escolher uma forma arquitetônica mais duradoura que a Pirâmide. Tanto a imensa base, as superfícies inclinadas e o vértice truncado, protegeriam o túmulo do vento, da areia e das intempéries, melhor do que qualquer outra forma estrutural, quanto a sólida arquitetura interior ofereceria a resistência máxima à eventual violação humana.

Embora, hoje, os inexpressivos mas impressionantes arranha-céus novaiorquinos deixem para trás a Pirâmide, não faz muito tempo era ela a construção mais alta erigida pelo homem em toda a história conhecida da humanidade; e rebaixava todas as demais construções tornando-as diminutas; era uma maravilha para os antigos e um enigma para os modernos.

Não demorei a descobrir, como já o fizeram todos os interessados antes de mim, que a estrutura interna da Primeira Pirâmide era muito mais complicada e mais fascinante do que a disposição interna das outras duas e, mesmo suas dimensões, comparadas com o tamanho das outras, prevaleciam a seu favor. Por conseguinte, não tardei em concentrar toda minha atenção na Primeira, convencido de que devia conter o verdadeiro segredo das Pirâmides.

Cheguei a conhecê-la sob todos os matizes do maravilhoso céu egípcio. À madrugada os primeiros raios do sol lhe davam a coloração cinzento-prateada, o ocaso a revestia de cor violeta-pálida; nos dias de lua cheia estava envolta em misteriosa luz fosforescente, e todas as pedras desde a base até o ápice pareciam azuladas, tintas de prata.

Não obstante, a Grande Pirâmide que vemos atualmente não é aquela que conhecera o mundo d'outrora; aquela estava coberta dos quatro lados com um revestimento de pedra polida, branca, suave, refletindo os fortes raios do sol oriental com um brilho intenso; seu fulgor justificava o nome de "LUZ" que lhe davam os antigos egípcios. As bases e as encostas formadas de blocos perfeitamente lisos e unidos com uma precisão de mosaico, deixavam apenas ver as janelas cimentadas. O assombroso e atraente triângulo de pedra era visível à grande distância e brilhava como um gigantesco espelho sobre a alfombra dourada do deserto.

Até o fim do século XII, as pedras brancas continuaram no seu lugar ostentando na sua superfície inúmeras inscrições hieroglíficas que inspiraram a Abdul Latif esta interessante anotação:

"Nas pedras estavam gravadas inscrições atualmente ininteligíveis. Nunca encontrei ninguém no Egito que pudesse decifrá-las. Os hieróglifos, que ocupam o espaço das Pirâmides são tão numerosos que, se fossem copiados, poderiam encher mais de seis mil páginas.

Hoje, as superfícies antigamente lisas da Pirâmide estão cortadas em degraus e não se vê nem uma só inscrição. Dos milhares de pedras que a revestiam ficaram apenas algumas, esparsas na base da Pirâmide; é evidente que, a julgar por esses restos, o material empregado para unir as pedras foi extraído das montanhas de Mokatam, a sudoeste do Cairo.

Dois anos depois da visita de Abdul Latif, um grande terremoto abalou o Egito e reduziu a escombros a cidade do Cairo. Os árabes, em busca de material para

reconstrução, lançaram-se sobre a Pirâmide. Fizeram o mesmo que os turcos e os gregos que haviam transformado o famoso e nobre Panteão numa pedreira, tirando-lhe as pedras para construção das suas moradas. Os árabes desprenderam as lisas pedras brancas levando-as para o Cairo. Quantos antigos palácios, mesquitas e fortalezas da capital egípcia devem ocultar dentro das suas grossas paredes inscrições hieroglíficas que em tempos idos cobriram os quatro lados da Pirâmide? Uma parte da graciosa mesquita do Sultão Hassan, considerada a mais bela das trezentas mesquitas do Cairo, foi construída com essas pedras.

A Pirâmide continha suficiente material para edificar uma cidade de regular tamanho, e os árabes a teriam levantado integralmente se não fosse o difícil trabalho de desprender um só dos enormes blocos que a compunham, achando demasiado excessivos o custo e a perda de tempo, em proporção ao seu valor. No entanto, essa lição só aprenderam depois de haver começado a desprender as primeiras camadas do revestimento do ápice, deixando, desse modo, de depredar totalmente a Pirâmide.

Também a entrada que hoje usam os visitantes não é a mesma da qual se serviram os antigos egípcios. A porta original foi durante vários séculos um mistério, um segredo zelosamente guardado pela Pirâmide antes da sua redescoberta por um rei árabe que gastou uma fortuna e mobilizou todo um exército de trabalhadores a fim de desvendar este segredo. A obstinada massa de pedra cedeu finalmente, mostrando-lhe o acesso.

As passagens interiores e as câmaras da Grande Pirâmide burlaram os governantes gregos e romanos, como haviam enganado os egípcios não iniciados. A certeza da existência de uma entrada, confirmada pela lenda, persistia com a mesma tenacidade com que ela não revelava seu lugar.

Desde a época em que foi fechada e selada a porta, os séculos foram passando serenamente por suas invioláveis entranhas, até seu longo sono ser interrompido pelos homens, que em busca de um tesouro imaginário penetraram no seu interior. No ano 820 da nossa era, a entrada, finalmente, foi descoberta, quando o califa Al Mamun reuniu no pequeno planalto de Gizeh seus melhores engenheiros, arquitetos, construtores e operários, ordenando-lhes abrir a Pirâmide. “É impossível, ó rei!” — exclamou o chefe daqueles homens. “É meu desejo que se abra” — replicou o califa.

Trabalharam sem plano nem planta, apenas guiados por uma velha tradição que situava a entrada da Pirâmide do lado norte. Naturalmente escolheram o centro desse lado e puseram mãos à obra, estimulados pela vigilante presença do califa que desejava comprovar a veracidade das lendas, segundo as quais a Pirâmide encerrava fabulosos tesouros ocultos por Faraós já esquecidos. Al Mamun — dito de passagem — não era um califa qualquer. Era o filho do Califa Harun El Rashid, o famoso personagem da “Mil e uma noites”. Dotado de qualidades

invulgares, mandou traduzir para o árabe os escritos dos filósofos gregos e repetidamente lembrava aos seus súditos as virtudes do estudo, visto que ele mesmo se comprazia em participar dos debates dos sábios do seu país.

Sua residência imperial estava na famosa cidade de Bagdad, donde se mudou para o Egito. Pouco depois de fracassado o seu intento de abrir a Pirâmide, regressou a Bagdad e ali terminou os seus dias.

Contudo, os construtores da Grande Pirâmide, prevendo que algum dia a cobiça humana tentaria violar sua obra, instalaram a entrada mais para o lado e a uma altura muito acima do lugar que logicamente deve ocupar uma porta. Os homens de Al Mamun trabalharam durante vários meses sem encontrar um sinal sequer da entrada. Diante deles só se amontoava a sólida alvenaria de pedra! Se eles tivessem se limitado ao uso de martelo e picareta, não teriam nunca alcançado levar a cabo uma empresa dessa envergadura, durante o tempo do reinado do califa. Todavia, tiveram a engenhosa idéia de acender pequenas fogueiras junto aos blocos da Pirâmide e, quando as pedras se aqueciam, até ficarem em brasas, derramavam vinagre frio até se racharem. Ainda hoje se pode ver as pedras chamuscadas, algumas partes enegrecidas que, há mais de mil anos, se salvaram das picaretas. Dois amoladores afiavam continuamente as brocas que perdiam o fio em contato com a dura rocha, enquanto as máquinas de madeira secundavam os esforços dos operários cansados, que recebiam ordens de penetrar na Pirâmide. Apesar de todas as lutas, a entrada, os corredores e os recintos internos continuavam sem ser descobertos.

O pó e o calor intenso sufocavam os trabalhadores que procuravam a passagem oculta. A dificuldade de escavar aquela massa de sólida rocha, a mais dura do mundo, com ferramentas primitivas de que dispunham, os fatigavam além do limite da sua resistência e o completo fracasso que obtinham, como única recompensa a seus afãs, os desencorajava até o desespero. Haviam penetrado mais de trinta metros na espessura da Pirâmide e estavam a ponto de largar as ferramentas e negar-se a prosseguir, em franca rebelião àquele labor inútil, quando lhes chegou aos ouvidos um ruído e uma pedra estremeceu na sua base; o ruído procedia do interior, um pouco mais afastado do lugar onde estavam trabalhando.

O destino tomou conta do assunto. Os homens prosseguiram a tarefa com fervor renovado e, pouco depois, entusiasmados, irromperam no corredor da entrada original. A Grande Pirâmide, finalmente, estava aberta.

Depois foi fácil percorrer a passagem e chegar à porta oculta, tão habilmente dissimulada que jamais poderia ter sido descoberta do lado de fora. Após tantos séculos, a porta secreta já não funcionava; estava irremediavelmente emperrada. Hoje, esta porta não existe mais; desapareceu no saque geral que teve lugar depois do terremoto do Cairo. Aquela era precisamente a classe de porta que os antigos colocavam na entrada das edificações mais misteriosas que

erigiram. Tratava-se na realidade de uma pedra lisa, movediça, que se ajustava hermeticamente ao vão e, exteriormente, apresentava o mesmo acabamento do resto da Pirâmide; e com tanta perfeição estava dissimulada que era impossível distingui-la, quando fechada. Ao abrir, girava sobre si mesma em sentido longitudinal, deixando aparecer uma abertura; estava equilibrada num eixo da rotação, o centro de gravidade apoiado sobre um pivô para contrabalançar seu enorme peso. Podia se abrir unicamente dando-lhe um forte empurrão num lado, seguido por mais forte puxão de outro. O visitante podia então entrar engatinhando por baixo da pedra que, em seguida, voltava ao seu lugar, girando sobre o eixo e ocultando novamente a entrada.

Ainda mais algumas portas deviam ser passadas antes de se chegar à Câmara do Rei. A maioria delas era de madeira, enquanto outras de pedra, movidas por funcionamento secreto; todas elas, porém, acabaram desaparecendo.

\* \* \*

Uma vez dentro da passagem primitiva, os homens do Califa descobriram que a tarefa ainda não estava concluída. O corredor indicava ser um beco sem saída, tapado por um enorme bloco de granito. Parecia ser impossível que a porta e o corredor tivessem sido construídos para terminar numa parede; por conseguinte, prosseguiram nos seus esforços, tentando vará-la através da pesada barreira do bloco, porém fracassaram. As ferramentas de que dispunham não penetravam naquela pedra. Os construtores da Pirâmide certamente deviam ter procurado por todo o Egito a pedra mais dura, antes de escolher aquela qualidade de rocha.

Por sorte dos invasores, as paredes laterais eram de pedra calcária muito mais mole, e portanto, mais fácil de talhar. Abriram um túnel ao lado paralelo ao bloco de granito. Depois de escavar mais ou menos um metro, chegaram ao final do bloco para entrar num outro corredor. Era então evidente que a entrada à segunda passagem havia sido obstruída de propósito por aquela pedra gigantesca, cônica na ponta superior, que pesava toneladas, fechando hermeticamente o corredor de comunicação. Quando e porque, não o sabiam.

O primeiro corredor era descendente e o segundo ascendente; ambos tinham a mesma inclinação, mais ou menos, uns vinte e cinco graus. Engenheiros e operários de Al Mamun desciam pela segunda passagem, cuja altura não chegava a um metro e outro tanto de largura; a luz das tochas se projetava nas paredes desnudas. Chegaram finalmente a um ponto em que o corredor tomou a posição horizontal, uma espécie de plataforma que se unia com o outro corredor ascendente, sete vezes mais alto do que o anterior, estreito e comprido, que descia nas profundezas da Pirâmide.

Seguindo pela passagem horizontal agachados, com a cabeça curvada para o chão, os intrusos chegaram à uma grande sala que — quão grande foi sua decepção! — estava vazia, as paredes desnudas e sem uma inscrição sequer.



Uma larga brecha situada à esquerda era a única coisa que lhes dava a levíssima esperança de um tesouro ali oculto, que recompensasse seus esforços. Para entrar naquela brecha, tiveram que se arrastar pela plataforma e daí passar a um túnel cavado na rocha, e tão baixo que para atravessá-lo foi preciso rastejar como serpentes. Qual não foi sua surpresa quando a referida passagem, prolongada posteriormente, terminou bruscamente numa sólida parede, no coração mesmo da Pirâmide, e o único tesouro que encontraram foram os blocos de pedra calcária!

Voltaram pelo mesmo caminho até a encruzilhada das passagens para explorar o extenso corredor ascendente que mais tarde recebeu o nome de Grande Galeria. Possuía um teto original, em declive, formado de sete vigas superpostas. Os homens começaram a andar por aquele chão escorregadio de quarenta e cinco metros de extensão ininterrupta, ladeado de paredes de granito lapidado e bordejado de largas fileiras de pedra empilhada. No fim da Galeria, subitamente toparam com uns degraus altos que bloqueavam o caminho. Subiram; a escadaria levava ao patamar que desembocava numa antecâmara; agachados, atravessaram a baixa e estreita passagem. Mais alguns passos, e encontraram-se numa grande câmara, situada no centro mesmo da Pirâmide, equidistante de todos os lados. Era a sala que posteriormente chamaram a Câmara do Rei, assim como o primeiro recinto denominaram a Câmara da Rainha. Todavia, esses nomes nunca foram usados pelos antigos egípcios.

As paredes da Câmara do Rei eram feitas de imensos blocos de granito negro; o teto baixo, formado de nove vigas enormes, era do mesmo material. Agora se sabe que são as pedras maiores de toda a Pirâmide; uma só delas pesa setenta toneladas. Como procediam os construtores para colocá-las nesse lugar, cem metros acima do nível, sem ajuda dos modernos guindastes elétricos ou a vapor, é um problema que nossos arquitetos não conseguem resolver.

O Califa Al Mamun e seus homens sofreram uma nova e profunda decepção. Na Câmara do Rei, salvo um esquife de pedra aberto, não havia absolutamente nada. E o sarcófago não continha mais do que pó!

Parecia incrível àqueles buscadores do tesouro, que os antigos egípcios tivessem construído um túmulo tão prodigiosamente vazio, como essa Pirâmide, sem nenhum objetivo. Com febril ansiedade perfuraram uma parte do solo de pedra, abriram um canto da sala, explorando em vão as paredes de sólido granito e, com todos os seus esforços não conseguiram vencer a sagacidade daqueles hábeis construtores de antanho; tiveram que se retirar, finalmente, frustrados, mortificados e desanimados na procura do tesouro oculto.

Faltavam ainda dois lugares para explorar: o prolongamento subterrâneo do corredor da entrada e o poço estreito e profundo. O primeiro era um túnel estreito, em declive, pelo qual desciam com rapidez e podiam resvalar facilmente, porque havia sido aberto na rocha numa extensão de cento e seis

metros de comprimento. Terminava num recinto toscamente cavado, cujo teto era tão baixo que podia ser tocado com a mão; e o chão de pedra parecia inacabado e era tão rugoso que para atravessá-lo tinham de andar subindo e descendo pelas desigualdades do solo. Chamaram esse recinto de Fosso. Não continha nada além de escombros e pó. Na parede oposta à entrada havia outro pequeno corredor onde entraram arrastando o ventre nas pedras e poeira como cobras, o rosto quase tocando o chão. Tampouco nada havia naquele túnel subterrâneo, que terminava bruscamente na sólida parede de granito.

Restava o poço. Era quase inteiramente perpendicular, e podia ser explorado somente fazendo descer um homem por vez, suspenso por cordas, até seu fundo. Aos dezoito metros de profundidade, acabava num pequeno recinto, apenas um alargamento do poço, que continuava depois do rústico recinto e parecia interminável. Convencidos de que era um abismo profundo, os exploradores abandonaram a tarefa, sem completar a investigação.

De qualquer modo, aqueles fabulosos tesouros que em sua imaginação criaram, não existiam na Pirâmide.

Assim terminou a grande aventura do Califa Al Mamun, que reabriu a Grande Pirâmide do Egito. Os eruditos historiadores árabes hodiernos, relataram-na cada um de maneira diferente; contudo, o que temos assinalado são fatos autênticos.

\* \* \*

Após o filho de Harun Al Rashid ter forçado a entrada do lado norte, a lenda envolveu a truncada Pirâmide numa atmosfera de supersticioso temor, num ambiente de fantasmas espectrais, e os árabes fugiam dela como da lepra. Passaram-se séculos. Só alguns poucos espíritos aventureiros atreviam-se a explorar de novo seu interior. Além dessas escassas exceções, os corredores escuros e as câmaras desnudas permaneceram mergulhados serenamente em majestoso silêncio. Não voltaram a ouvir-se dentro das velhas paredes marteladas dos escavadores, até a segunda metade do século XVIII, quando os irrequietos europeus, positivos e livres de superstições, começaram a revolver as areias que rodeiam a Pirâmide.

O audacioso Nathanael Davison, cônsul britânico em Argel na década de 1760-70, veio ao Egito em gozo de férias acumuladas. Ao contemplar pensativo a Grande Pirâmide, lembrou-se de que os antigos egípcios costumavam enterrar quantidade de jóias junto com os seus mortos ilustres; recordou também que, segundo a opinião geral, as Pirâmides não eram mais de que gigantescos túmulos.

Na porta da Câmara do Rei descobriu um curioso eco que repetia várias vezes sua alta voz, e suspeitou, com razão, que por trás das lajes de granito daquela

sombria câmara devia haver algum outro recinto. Era possível e mais de que provável que naquela outra câmara existisse uma múmia envolta em tiras de linho, acompanhada da sua costureira coleção de jóias.

Davison reuniu então um pequeno grupo de trabalhadores e pôs mãos à obra. O chão da Câmara do Rei já havia sido escavado infrutiferamente por Al Mamun, séculos atrás. O eco da voz de Davison parecia vir de cima; assim dedicou toda sua atenção à abóbada; examinando cuidadosamente o recinto da câmara e dos corredores contíguos, chegou à conclusão de que a melhor maneira de se penetrar ao recinto superposto à Câmara, se ainda existisse tal recinto, era abrir uma brecha na parte superior da parede leste da Grande Galeria. Servindo-se de uma escada alta, subiu para examinar o lugar assinalado e constatou, com surpresa, que naquele lugar precioso havia um acesso dissimulado. Penetrou.

Achou numa câmara de seis metros de largura, situada exatamente acima da Câmara do Rei; o teto era tão baixo que Davison teve que se arrastar de joelhos para buscar o tesouro que o havia atraído. O recinto estava completamente vazio.

Davison regressou a Argel. Havia ganho apenas uma problemática honra que os arqueólogos posteriores lhe concederam, dando o seu nome a recém-descoberta câmara.

No começo do século XIX, o sucessor de Davison era um estranho explorador; sonhador e arqueólogo, um capitão italiano, Caviglia, dedicou tanto tempo à velha construção que se tornou, segundo sua própria expressão, “Tout-a-fait-piramidal”. Lord Lindsay o encontrou numa viagem que fez ao Egito e escreveu numa carta à sua família na Inglaterra, o seguinte:

“Caviglia me disse ter-se aprofundado tanto nos estudos da magia, magnetismo animal, etc., que quase o mataram”. Levaram-me — disse — ao próprio limiar do que é proibido ao homem saber; salvou-me a pureza de minhas intenções”... Ele tem idéias estranhas, fora desse mundo. Ele me disse que seria muito perigoso difundi-las”.

Enquanto estava entregue às suas investigações arqueológicas, Caviglia permaneceu morando na Câmara Davison, transformando aquele lúgubre recinto em verdadeira residência!

Caviglia não se limitou à Grande Pirâmide; fez diversas descobertas na Segunda e na Terceira; explorou às criptas sepulcrais na região compreendida entre as Pirâmides e a Esfinge, com grande êxito; retirou vários interessantes sarcófagos e relíquias menores do antigo Egito.

Na época em que uma bela jovem foi coroada inesperadamente Rainha da Inglaterra com o nome de Vitória, o destino mandou ao Egito um galhardo oficial britânico, perfeito cavalheiro, grande entusiasta e protetor do Museu Britânico,

reunidas essas três qualidades na pessoa do coronel Howard Vyse. Este homem empregou centenas de trabalhadores e empreendeu uma série de escavações, as mais intensas de todas as que haviam presenciado as três Pirâmides e as zonas adjacentes nos últimos mil anos, ou seja, desde os dias de Califa Al Mamun. Recorreu também aos serviços de Caviglia, mas em pouco tempo o gênio extremamente irritável do italiano e o temperamento fleumático, completamente oposto do inglês, chocaram-se, e não tardaram a separar-se.

O coronel Vyse custeou as escavações com 10.000 libras esterlinas do seu próprio pecúlio, mas com isso enriqueceu o Museu Britânico com objetos preciosos da sua exploração. Caixões repletos de interessantes descobertas cruzaram os mares em direção à Inglaterra. Entretanto, sua maior descoberta ficou no Egito. O coronel encontrou na Grande Pirâmide mais outros quatro recintos situados acima da Câmara Davison. O trabalho prosseguiu não sem certa dificuldade e com bastante perigo; os trabalhadores ao escavar um pequeno corredor ascendente, na sólida estrutura, estavam expostos a frequentes quedas da altura de nove metros. As câmaras que encontraram eram tão baixas e vazias como a primeira, apenas cobertas de pó!

Após ter estudado o teto, o coronel constatou que estava formado de vigas de pedra calcária unidas em triângulo e compreendeu a finalidade daquelas cinco câmaras superpostas. Havia sido construídas para aliviar o teto da Câmara do Rei da enorme pressão que exerciam, forçosamente, milhares de toneladas da estrutura maciça da Pirâmide. Os cinco recintos superpostos serviam de amortecedores, e não somente isso; caso um terremoto, pouco provável mas possível, despedaçasse o corpo da Pirâmide, evitariam que as pedras desabassem no interior da Câmara do Rei. Desse modo serviam de para-choques para receber o desmoronamento consequente do terremoto, impedindo assim que a Câmara do Rei fosse esmagada pela enorme massa de pedras. Os milênios transcorridos haviam demonstrado a excelência e a genialidade desse plano arquitetônico.

Entre as coisas curiosas descobertas por Vyse, figura uma série de hieróglifos, os primeiros e únicos que foram encontrados na Pirâmide; depois de haverem sido arrancadas as pedras que formavam o revestimento externo, acharam marcas deixadas por pedreiros nas superfícies rugosas das pedras usadas na construção das cinco câmaras. Entre esses hieróglifos havia uma lousa de forma oval, na qual estavam gravados e pintados com tinta vermelha os nomes de três reis: Khufu, Khnem Khufu e Khnem. Não eram propriamente gravados, mas desenhados com tinta, como costumavam fazer suas marcas os antigos pedreiros egípcios.

Os egiptólogos que não conheciam nenhum rei egípcio chamado Khnem, não souberam explicar a presença desse nome nas pedras e limitaram-se a conjecturar sobre seu possível significado. Contudo, sabiam muito bem quem era

Khufu, pois foi o Faraó da IV Dinastia ao qual os historiadores gregos infelizmente acrescentaram o nome de Quéops. A descoberta de Vyse deixou para os egiptólogos definitivamente estabelecido o fato de que a construção da Pirâmide foi ordenada por Khufu e por mais ninguém.

A múmia do Khufu, no entanto, não foi encontrada em nenhum lugar da Pirâmide.

## 4

# Uma Noite Dentro da Grande Pirâmide

Os gatos sonolentos do Cairo abriram seus olhos verdes e, bocejando, espreguiçaram-se com toda sua graça felina, estirando suas patas felpudas. Caía o dia, e com o crepúsculo começavam as atividades próprias da sua espécie: as miadelas amistosas, a busca de alimentos, a caça de ratos, brigas e amorosas conquistas. Com a chegada do crepúsculo, começou também a atividade mais estranha da minha existência, embora fosse vivida em silêncio.

Estava decidido a passar a noite inteira dentro da Grande Pirâmide e permanecer doze horas na Câmara do Rei, desperto e alerta, quando as sombras estivessem atravessando com seu passo o continente africano. Finalmente ali estava eu, instalado no recinto mais raro e mais estranho que jamais fora construído na terra.

Não me foi fácil chegar àquele momento tão desejado. Descobri que, embora acessível ao público, a Grande Pirâmide não era de propriedade pública; pertence ao governo egípcio, e não se podia entrar no seu interior e passar uma noite no melhor dos seus recintos, como não se pode entrar numa casa alheia e passar a noite no melhor dos seus dormitórios, sem mais nem menos.

Para visitar a Pirâmide tem que se pedir licença ao Ministério de Antiguidades e pagar cinco piastras pela entrada. Fui, pois, ao Ministério e com todo o otimismo solicitei a licença de passar uma noite na Pirâmide. Se eu tivesse pedido licença para viajar à lua, a fisionomia do funcionário que me atendeu não teria demonstrado maior espanto.

Dei-lhe então uma breve explicação para justificar meu pedido. A surpresa cedeu lugar à mofa; o homem sorriu. Compreendi que ele me considerava um candidato pronto a ingressar numa certa instituição da qual poucos queriam ser hóspedes. Finalmente disse:

“É a primeira vez que se me faz semelhante pedido; não creio ter qualificações para lhe dar a autorização que solicita.”

Mandou-me a um outro funcionário de maior hierarquia do mesmo Departamento, em cuja entrevista se repetiu a cômica cena anterior. Meu otimismo começava a esvanecer-se. “Impossível!” exclamou esse segundo funcionário, com toda amabilidade mas categoricamente, pensando ter diante de si um louco inofensivo. Sinto muito — acrescentou — “mas não é costume...” Encolheu os ombros sem terminar a frase.

Levantou-se para me despedir, e ver-me longe dali.

Então, minha experiência de jornalista, adormecida durante tantos anos mas não extinta, entrou buliçosamente em ação. Comecei a discutir e de modos diferentes repetir meu pedido com insistência, resistindo em abandonar a sala. O homem, finalmente, conseguiu livrar-se da minha presença, dizendo que o assunto não competia à jurisdição do Departamento de Antiguidades.

Perguntei então a quem competia dar-me a permissão. Não estava bem seguro o funcionário; contudo, aconselhou a dirigir-me à polícia.

Julguei que meu pedido era, no melhor dos casos, excêntrico e, no pior, suficiente para me classificar de maluco. Mas não podia desistir. A decisão de levar a cabo meu propósito se converteu numa verdadeira obsessão.

Na Delegacia de Polícia descobri uma Seção de Licenças. Pela terceira vez implorei que me permitissem passar a noite na Pirâmide. O oficial que me atendeu, não sabendo o que fazer comigo, optou por mandar-me falar com o seu chefe. Este me pediu que aguardasse para resolver o assunto. Quando, no dia seguinte, voltei esperançoso, anunciou ter encaminhado meu pedido ao Ministério de Antiguidades!

Regressei ao domicílio, desesperado por não haver conseguido meu intento.

Todavia, “às dificuldades são feitas para ser vencidas”, diz o adágio, cuja singeleza não diminui sua inegável verdade. Minha deliberação seguinte foi pedir uma entrevista ao comandante em chefe da polícia do Cairo, o atencioso El Lewa Russel Pachá. Saí da entrevista com uma ordem escrita em que o chefe me recomendava ao comissário da zona onde se acha a Pirâmide, para que me fosse facilitada toda ajuda necessária ao meu intento.

E assim, numa tarde, apresentei-me ao comissário da polícia divisional de Mena, o major Mackersey. Assinei meu nome num livro que me indicaram, com o que a polícia se fazia responsável por minha segurança até o dia seguinte. Um agente recebeu o encargo de me acompanhar à Pirâmide e ordenar ao guarda armado, de sentinela diante do monumento, que ficasse ali durante a noite.

“Corremos um grande risco deixando o senhor só dentro da Pirâmide toda a noite — bramiu com certo humor o major Mackersey, ao nos despedirmos. O senhor não vai explodi-la, vai?”

— Prometo-lhe não somente isso, porém que não me deixarei levar pelos ares com ela!

“Temos que zelar pelo senhor. E como sempre fechamos à chave a grade de ferro da entrada, ao anoitecer, o senhor terá que ficar nosso prisioneiro durante doze horas!”

— Formidável! Neste momento prefiro essa prisão a qualquer outra residência!

\* \* \*

O caminho que leva à Pirâmide é ladeado de árvores copadas de LEBBECK; de quando em quando, nas clareiras aparece uma casa à beira da estrada, que no seu trecho final vai subindo, gradativamente, acabando numa íngreme encosta do planalto onde se encontram as Pirâmides. Enquanto percorria aquele trecho, ia pensando se já acontecera no decorrer dos séculos a algum dos numerosos viajantes seguirem aquele mesmo caminho para missão tão estranha quanto a minha.

Subi a pequena colina do lado ocidental do Nilo, onde a Grande Pirâmide e sua fiel amiga a Esfinge montam guarda silenciosa sobre a África do Norte.

O gigantesco monumento aumentava diante de mim, à proporção que me aproximava andando pelas areias e pedras. Contemplei mais uma vez os flancos triangulares e inclinados daquela obra arquitetônica, a mais antiga que se conhece atualmente no mundo, segui com o olhar esses enormes blocos, da base ao ápice, cuja perspectiva reduz o tamanho à medida que se vai distanciando. A perfeita simplicidade da sua construção, a ausência total de qualquer adorno, a exclusividade da linha reta, são detalhes que não desmerecem de forma alguma a majestosa grandeza da sua criação.

Entrei na silenciosa Pirâmide pela abertura que havia sido descoberta pelo Califa Al Mamun, e comecei minha investigação da estrutura titânica, não pela primeira vez, sem dúvida, mas, sim, pela primeira vez com intenção tão estranha quanto a que me havia arrastado para o Egito, pela segunda vez. Após avançar um trecho, cheguei ao final da brecha horizontal feita pelos homens do Califa, e passei pelo corredor da entrada original.

Com a tocha na mão, a cabeça quase tocando os joelhos, iniciei minha descida pela passagem estreita, baixa, resvaladiça e comprida, a continuação do primeiro corredor. Minha estranha posição era sumamente incômoda e o declive do chão de pedra obrigava a acelerar a velocidade na descida.

Querendo ficar mais tempo na Câmara do Rei, comecei por fazer um exame minucioso da lúgubre zona subterrânea, cujo acesso havia sido interceptado nos últimos tempos por uma comporta de ferro, para evitar, provavelmente, que o público a visitasse e saísse dali semi-asfixiado.



Veio-me à memória um velho adágio latino: “Facilis descensus averni”, <sup>1</sup> porém, desta vez havia nessas palavras humor sarcástico. A luz amarelada da tocha deixava-me ver apenas pedras envolvendo-me por todos os lados. Ao fim de um certo tempo, percebi um pequeno patamar à minha direita, que oferecia possibilidade de repouso, e deitei-me para descansar da minha posição incômoda. Descobri que aquela saliência não era mais do que a terminação daquela cova chamada Fossa, que descia desde a encruzilhada da passagem ascendente com a Grande Galeria. O nome de Fossa se conservou e, durante dois mil anos, se acreditava que no fundo dela havia água. Quando Caviglia mandou limpá-la dos escombros milenares, descobriu-se que o fundo estava completamente seco.

1. A descida para o inferno é fácil. (N. da T.)

Essa passagem era ainda mais estreita do que a outra. Toscamente cavada na sólida rocha, era tão baixa que chegava a roçar minha cabeça; havia nela pequenas cavidades, paralelas que serviam de apoio na relativamente perigosa subida.

Leva através desigual, tortuosa e longa extensão, e desemboca num recinto cavado na pedra em forma de uma abóbada, conhecido agora sob o nome da Gruta, que marca o nível do planalto rochoso no qual foi levantada a Pirâmide. A Gruta, parcialmente feita por alargamento natural da brecha existente na rocha, parecia ter sido cavada na alvenaria e não construída com blocos de pedras como todas as demais passagens subterrâneas. Essa parte onde estava a Fossa diminuía de largura, dificultando mais ainda a subida.

Finalmente consegui atravessar, e saí pela escabrosa e irregular abertura da boca da Fossa, que liga o extremo nordeste à Grande Galeria.

Por que foi aberto aquela Fossa no corpo maciço da Pirâmide? A pergunta surgiu automaticamente e, quando ela girava no meu cérebro, de súbito me veio a resposta. Os antigos egípcios que encerraram a história da Pirâmide, ao retirar-se, taparam com três monstruosos tampões de granito a entrada da Grande Galeria e das Câmaras, idealizando uma via de escape para que eles próprios não ficassem presos, sem possibilidade de saída.

Eu sabia por minhas próprias investigações que a fossa e a Gruta haviam sido escavadas na época da construção da Pirâmide, quando a Fossa não descia tanto quanto a Gruta naquele tempo. Durante milhares de anos não havia nenhuma comunicação direta entre as passagens superiores e subterrâneas.

Quando a Grande Pirâmide cumpriu seu misterioso propósito, aqueles que eram os responsáveis fecharam-na. O fechamento havia sido previsto pelos construtores que deixaram preparados os elementos necessários e até fizeram uma construção especial, no extremo inferior da passagem ascendente, para guardar três tampões de granito.

Os últimos ocupantes da Pirâmide mandaram os pedreiros escavar a seção baixa da Fossa para se assegurarem uma saída. Concluída a tarefa, na retirada não tiveram mais que bloquear a saída recém-cavada da Fossa onde se une com a passagem descendente, e subir os noventa e dois metros até a entrada original do monumento. Assim, a chamada Fossa que havia sido construída originalmente para chegar à Gruta, por fim tornou-se um meio para deixar a bloqueada Pirâmide.

Retornei pelo acesso mais fácil ao longo túnel em declive, que liga as entranhas da Pirâmide ao mundo exterior, para recomeçar minha descida nas profundezas do rochoso planalto de Gizeh. Então, cruzou-se comigo um vulto imenso; de súbito, voltei-me assustado e vi que era minha própria sombra! Nesse lugar fantasmagórico podia-se esperar surgir qualquer coisa, e nada era demasiado estranho para acontecer. Engatinhando e arrastando-me, venci a distância relativamente curta que faltava para descer à passagem em declive e, com grande alívio, respirei, chegando enfim ao terreno horizontal; estava dentro de uma nova passagem, menor ainda do que a anterior. Avancei arrastando-me uns dez metros e parei diante da entrada do recinto mais estranho que jamais tinha visto, a chamada Cova. Tinha quinze metros de largura de parede a parede.

Aquela cova sombria ficava exatamente abaixo do nível, no centro da Pirâmide; dava a impressão de ter sido apressadamente abandonada; de uma escavação que tivesse sido interrompida repentinamente. O teto estava bem lavrado, mas o chão subia e baixava como o de uma trincheira bombardeada. Os antigos pedreiros egípcios costumavam construir as abóbadas escavando na rocha de cima para baixo e deixando o chão para o fim. Por que razão não haviam terminado aquele chão, quando dedicaram mais que uma vida de labor para construir a superestrutura que se levanta na base rochosa, é um enigma arqueológico que ninguém pôde desvendar. Aliás, como toda Pirâmide, é uma incógnita indecifrável.

Prossegui, com a luz de minha tocha focalizando através da densa escuridão as desigualdades do solo, e detive-me diante de um profundo precipício, mudo testemunho das escavações dos buscadores de tesouros, que o haviam aberto laboriosa e infrutiferamente, um legado dos seus vãos esforços. Um morcego voou sibilando por cima de minha cabeça, fazendo-me sentir o desagradável contato de suas asas, voluteando na atmosfera rarefeita do ambiente. Notei que a luz da tocha havia despertado outros três morcegos que dormiam no fundo da cova, cabeça para baixo, nas rugosidades da rocha. Afastei-me, despertando mais dois que dormiam presos ao teto; alarmados e atordoados pela luz com a qual os persegui impiedosamente, com ruído surdo voaram de um lado para outro até que desapareceram na escuridão da boca da entrada.

Subindo e descendo, cheguei ao outro extremo do recinto onde percebi uma pequena abertura suficientemente ampla para que o meu corpo passasse, mas

tão baixa que só se podia entrar de rojo, o rosto tocando o chão coberto de grossa camada de pó acumulado durante alguns milhares de anos. A tarefa não era nada agradável, mas passei, ansioso por conhecer aonde levava o túnel. Após ter-me arrastado uns vinte metros, o túnel acabou bruscamente. Ali também dava a impressão de não ter sido acabado.

Meio asfixiado, retrocedi, às escuras, da sufocante cova; lancei um olhar ao redor do recinto e iniciei minha caminhada de regresso às partes superiores da Pirâmide. Cheguei à passagem em aclave, seguindo em linha reta cento e seis metros cavados na rocha maciça, antes de continuar minha exploração do corredor construído em alvenaria. Sentei-me no chão e pela abertura pus-me a observar o céu escuro, como através de um gigantesco telescópio, sem lentes. Ali estava a Estrela Polar, ponto prateado bem visível no azul-escuro da noite. Verifiquei a direção com a minha bússola-pulseira: assinalava exatamente o Norte. Aqueles construtores primitivos não somente haviam idealizado uma obra maciça, mas também precisa.

Voltei, arrastando-me pela passagem íngreme e cheguei finalmente ao estreito corredor horizontal que leva à Câmara da Rainha. Mais alguns passos, e estava sob a abóbada de vigas convergentes. Examinei os condutos de ar que subiam as paredes na direção norte-sul. Eram uma prova evidente de que a sala não estava destinada a ser um túmulo, mas um recinto de uso para pessoas vivas. Quando no ano 1872 foram descobertos os condutos, estavam encaixados uns doze centímetros dentro das paredes. Esta descoberta desconcertou muitos investigadores, porque nesse caso não eram canais de ventilação, mas deviam ter servido para qualquer outro uso desconhecido. A melhor explicação desse fato é que em determinado momento e uma vez alcançado seu objetivo, os orifícios e os tubos foram tapados com blocos especiais de pedra, como o fizeram com as passagens superiores da Pirâmide.

Os tubos de ar foram encontrados casualmente por Waynman Dixon, engenheiro civil que estava realizando alguns trabalhos nos arredores da Pirâmide. Examinando, por mera curiosidade, as paredes da Câmara da Rainha, avisto que, em certo lugar, uma delas parecia ser oca e ligeiramente danificada. Fez quebrar a parede naquele ponto, e a doze centímetros de profundidade descobriu um pequeno conduto; pelo mesmo processo, então, encontrou um outro tubo na parede oposta. Ambos os condutos atravessavam todo o corpo da Pirâmide, fato que se verificou mais tarde mediante sondas de ferro, numa extensão maior que sessenta metros.

Voltei à passagem horizontal e caminhei até o ponto de encontro com a Grande Galeria. Subi lentamente quarenta e cinco metros daquele corredor íngreme, ladeado de morcegos. Enquanto subia, senti-me ligeiramente indisposto pela fome, consequência do meu jejum de três dias. Descansei alguns minutos num degrau de um metro de altura, que marcava o fim da Galeria, o ponto exato por

onde passava o eixo vertical da Pirâmide. Dei mais alguns passos para atravessar a Antecâmara, agachei-me para passar por baixo do bloco de granito que barra horizontalmente a entrada, e cheguei à sala mais importante da Pirâmide, à famosa Câmara do Rei.

\* \* \*

Aqui também a presença de tubos, cada um com cerca de cinquenta centímetros quadrados, destruía a teoria do túmulo. As bocas não estavam fechadas como as da Câmara da Rainha, mas apenas obstruídas com pedras soltas, que o coronel Vyse teve de tirar para averiguar a natureza dos condutos. É mais que provável que a obstrução tivesse sido feita ao mesmo tempo que as demais operações, quando os últimos ocupantes da Pirâmide quiseram ocultar a disposição interna de sua parte superior.

Projetei a luz da minha tocha sobre as paredes desnudas e o teto plano, admirando mais uma vez a extraordinária perícia com que se uniam os enormes blocos de granito polido, cuidadosamente observando as paredes, examinando uma por uma todas as pedras em redor. Os blocos rosados da longínqua Siene foram quebrados aqui e acolá por interessados nos tesouros, deixando enormes fissuras na sua superfície lisa. O chão também testemunhava a busca febril e vã da avidez humana. No lado leste do solo faltava um pedaço de pedra que havia sido substituído por terra socada e no nordeste um profundo orifício retangular ficou sem ser remendado. Um grande bloco de pedra rugosa que havia ocupado aquele espaço estava ao lado apoiado contra a parede, por sorte, deixado pelos primitivos árabes. Paralelo ao bloco, a poucos centímetros de distância, estava o sarcófago, um caixão de granito vermelho, polido, sem tampa. Era o único objeto, salvo o bloco, que se podia ver naquela sala de mobília tão escassa. Estava colocada exatamente na direção de Norte ao Sul.

O bloco deslocado do chão oferecia possível assento. Sentei-me de pernas cruzadas, disposto a passar ali o resto da noite.

À minha direita coloquei o chapéu, casaco e sapatos; à esquerda deixei a tocha, ainda acesa, uma garrafa térmica com chá quente, garrafa de água gelada, um caderno de notas e uma caneta Parker. Olhei em redor da sala, detive o olhar no sarcófago, que estava em frente de mim, e apaguei a luz.

Ao alcance da minha mão estava, pronta a funcionar, em caso de necessidade, uma possante lâmpada elétrica.

A súbita imersão no escuro trouxe consigo a incerteza do que poderia ocorrer no transcurso da noite. A única coisa que podia fazer nessa estranha situação, era aguardar... esperar...

Os minutos passavam lentamente, enquanto ia me relaxando aos poucos e “sentindo” a atmosfera carregada, própria do ambiente, que só se podia

denominar “psíquica”. Consenti que a minha mente se tornasse receptiva, a sensibilidade passiva, e negativa a minha atitude, desse modo tornando-me um verdadeiro registro de qualquer manifestação supra-física que viesse a produzir-se. Não queria que nenhum preconceito pessoal ou receio entrasse a percepção que me afluísse de alguma fonte inacessível aos cinco sentidos.

Gradualmente foi diminuindo o fluxo do meu pensamento, até que minha mente entrou em estado de semivacuidade.

O silêncio que envolvia meu cérebro me fez agudamente cômico da quietude que se apoderava de mim. A vida com seu bulício, mexericos e problemas, era algo mui distante, direi até quase inexistente. Das trevas circundantes não saía nenhum ruído nem um murmúrio. O silêncio, o verdadeiro soberano, reinava no império da Pirâmide; silêncio que se iniciou na pré-história e que os turistas com seu falatório não puderam quebrar — o silêncio profundo que todas as noites se reintegrava no seu reino, dominou, envolvendo todo o meu ser.

Senti a vibração poderosa do ambiente. É uma sensação mui sutil, a mesma que sentem as pessoas sensíveis na atmosfera das casas antigas. À medida que o tempo passava, ia se intensificando a impressão da incomensurável antiguidade que me rodeava; o século XX parecia distanciar-se, diluir-se e deslizar da minha memória. No entanto, de acordo com minha própria decisão, que me havia imposto, longe de resistir a essa sensação, deixei-a robustecer-se.

Começou a se me manifestar a estranha impressão de que não me me achava só. Senti insidiosamente sob a capa de trevas absolutas a existência de algo vivo; a sensação, embora vaga, era real e, com a crescente convicção de retroceder ao passado, aumentava-me a certeza de uma presença “psíquica”.

Apesar dessa impressão de que uma vida sutil palpitava nas sombras, não se manifestava nada de concreto. Corriam as horas e, ao contrário de tudo que esperava, ao passo que avançava a noite, aumentava o frio. Os efeitos de três dias de jejum que deliberadamente observei para afiar minha sensibilidade, manifestaram-se em forma de calafrios, cada vez mais intensos. O ar fresco que vinha pelos tubos de ventilação atravessava meu leve agasalho. O corpo tremia sob a camisa; assim, tive que me levantar e pôr o casaco que poucas horas antes havia deixado por não aguentar o intenso calor. É comuníssimo no Oriente em certas épocas do ano: calor tropical durante o dia e forte baixa de temperatura durante a noite.

Até agora ninguém descobriu as bocas dos tubos de ar do exterior da Pirâmide, embora se conheça aproximadamente sua posição. Alguns egiptólogos duvidaram até que os canais tivessem uma ligação com o exterior, porém o total esfriamento do ar que verifiquei aquela noite, deixa definitivamente claro esse pormenor.

Retomei meu assento no bloco de pedra e entreguei-me ao aterrorizador silêncio de morte que reinava na Câmara do Rei e às dominantes trevas que a envolviam. Com o espírito dócil prossegui na minha expectativa. Sem razão aparente recordei que ali, ao Este, o Canal de Suez seguia seu curso em linha reta entre as areias e pântanos, e o majestoso Nilo formava a coluna vertebral do país.

A profunda quietude sepulcral do aposento, o sarcófago vazio a meu lado, de certo, não contribuíram para serenar-me os nervos, quando, além do mais, minha sensação continuava a acusar a presença viva, embora invisível, de seres que me rodeavam, convertendo-se numa certeza. Sim, havia algo que palpitava ao meu lado, vivo, embora não visse absolutamente nada. Até perceber de súbito a imprudência em que me colocara, compreendi minha situação. Estava só, isolado num estranho recinto, a mais de sessenta metros de altura, envolto numa escuridão impenetrável, prisioneiro numa temível edificação lendária a centenas de quilômetros, a construção mais antiga do mundo e ladeada por um dantesco e revolvido cemitério de uma velha metrópole que se alçava no limiar de um deserto.

Não havia mais dúvida para mim, que havia aprofundado os mistérios de ocultismo, a magia e feitiçaria do Oriente, o lado psíquico do ser, de que a sala da Câmara do Rei se povoara de seres invisíveis, espíritos que guardavam a Pirâmide. Esperava ouvir em qualquer momento uma voz espectral que saísse daquele silêncio avassalador. Dava graças aos construtores por haverem instalado aqueles tubos que proviam de ar fresco, reduzido porém constante, que percorria uns noventa metros na Pirâmide antes de chegar aquele recinto, mas de qualquer modo bem-vindo. Sou um homem acostumado à solidão, na qual sempre me deleitei, mas a solidão daquela sala tinha algo de temerário e pavoroso.

As trevas envolventes começaram a oprimir-me a cabeça, qual um elmo de ferro. A sombra do medo indizível fez estremecer todo meu ser; afugentei-a imediatamente. Para permanecer no coração daquele monumento do deserto, necessita-se não somente coragem mas também uma certa fortaleza moral. Não havia serpentes saindo dos buracos ou fendas, nem malandros desabrigados trepando pelas faces íngremes da Pirâmide para entrar calmamente à noite. Os únicos sinais de vida animal que encontrei, foram os de um rato no corredor horizontal que, espantado pela luz da tocha, correu desesperadamente, tentando inutilmente encontrar um refúgio nas pedras lisas de granito; dos lagartos verde-amarelados, incrivelmente velhos, colados ao teto na estreita passagem da Câmara da Rainha e, finalmente, dos morcegos da cova subterrânea. Havia também, é certo, os grilos, que me receberam com prolongado chirrio quando cheguei na Grande Galeria, mas não demoraram a calar-se. Tudo isso estava para trás, e nesse momento só havia o silêncio invencível que me mantinha preso ao seu mudo cativo. Não havia nada de natureza física que pudesse me fazer algum dano, e não obstante, voltou a assaltar-me, pela segunda vez, essa

vaga inquietude causada por olhos invisíveis que me fitavam. Neste lugar havia fantástico mistério, uma irrealidade espectral...

\* \* \*

Há vibrações de força, som e luz que estão além de nosso alcance normal de captação. Os ouvintes radiofônicos ouvem canções alegres e discursos sérios que, num relâmpago, atravessam o espaço e lhes vêm pelo éter, e que sem seus aparelhos devidamente sintonizados, nunca poderiam captar. Saindo de simples espera receptiva, passei à concentração mental, focalizando toda a minha atenção num esforço para atravessar o negro silêncio que me rodeava. Se minha faculdade de percepção fosse temporariamente elevada acima do normal, quem sabe não me seria possível perceber a presença das forças invisíveis?

Sei que, no momento em que me “sintonizei” pela introversão, cujo método aprendi muito antes da minha segunda visita ao Egito, a Câmara do Rei foi invadida por forças hostis. Senti no ambiente algo de maléfico e perigoso, que me provocou arrepios. Mal meu coração sossegava, tornava a agitar-se; um temor insistente começou a dominar-me. Tornei a intensificar minha concentração, fixa num só ponto, e a sensação, seguindo seu treino usual, transformou-se em visão. Sombras começaram a surgir de todos os lados e gradualmente foram tomando formas mais definidas; de súbito apareceram rostos hediondos, tão próximos que quase tocaram meu próprio rosto. Imagens sinistras me surgiam com toda nitidez ante os olhos da minha mente. Uma aparição tenebrosa avançou até perto de mim, e olhou-me fixamente com olhos vesgos e sinistros, levantando as mãos num gesto de ameaça, querendo atemorizar-me. Espíritos macróbios pareciam sair da vizinha necrópole, necrópole tão velha como as múmias pulverizadas dentro dos seus sarcófagos de pedra. Fantasmas que estavam presos aos seus túmulos, vieram, provocantes, expulsar-me do meu lugar de vigília. Todas as lendas de assombrações malignas, relatadas pelos árabes de uma aldeia vizinha, voltaram-me à memória com os mesmos pormenores desagradáveis. Quando comuniquei a um jovem árabe, amigo meu, morador daquela aldeia, minha intenção de passar a noite na velha Pirâmide, fez tudo para me dissuadir.

“Cada pedaço de terra está mal-assombrada” — advertiu — “dentro da Pirâmide há todo um exército de fantasmas, repleta que está de espectros e gênios”.

Agora via que sua advertência não havia sido em vão. Figuras espectrais continuavam a chegar, rodeando o recinto escuro. A inquietação indefinível e o mal-estar, que me haviam dominado há pouco, foram plenamente justificados. No centro daquele corpo que era meu, o coração batia às marteladas. Medo, espanto, horror, persistentemente me mostravam suas faces perversas; sem querer fechei os punhos com força. Mas eu estava decidido a prosseguir, e embora as formas sepulcrais que transitavam pelo recinto e haviam começado

por despertar-me o sentimento de alarma, acabaram por me provocar o incitamento de todas as minhas reservas preciosas de coragem combativa.

Embora tivesse os olhos fechados, aquelas formas cinzentas, vaporosas, viscosas, penetravam na minha visão interior sempre com o mesmo antagonismo implacável numa sinistra determinação de impedir-me o cumprimento do meu intuito.

O círculo de seres antagônicos se estreitava. Querendo, podia acabar com essa visão facilmente; bastava acender a luz de minha lâmpada, saltar do meu assento e correr algumas centenas de metros até a entrada onde a sentinela armada me proporcionaria um alívio imediato. A prova era dura e me impunha a tortura em sua forma mais sutil; atormentava-me a alma deixando o corpo intato. Algo no meu interior me intimava com igual inflexibilidade, a ficar firme no meu intento.

Chegou o momento culminante. Cercaram-me mais criações elementais, malignos, horrores do submundo, figuras de aspecto grotesco, insano e diabólico, cercaram-me, provocando-me repulsa intolerável. Vivi alguns instantes que jamais esquecerei. Aquela cena incrível me ficou vivamente gravada na memória, e seus momentos nunca desejarei repetir — jamais voltarei a pernoitar na Grande Pirâmide.

O fim chegou de repente. Com uma celeridade alarmante, os perniciosos invasores espectrais desapareceram nas trevas das quais haviam surgido e voltaram ao reino sombrio dos defuntos e das baixas esferas, levando consigo sua comitiva de horrores diabólicos. Meus nervos ressentidos tiveram um grande alívio, semelhante ao do soldado, quando bruscamente cessa o bombardeio.

Não sei quanto tempo se passou antes de eu sentir uma nova presença de alguém que, benévolo e amistoso, veio à Câmara do Rei, olhando-me com afabilidade. À sua chegada o ambiente tornou-se leve, o ar da pureza parecia envolvê-lo. Minha excitada sensibilidade sob o efeito desse novo elemento, como se tivesse ingerido um sedativo, acalmou-se. O recém-chegado aproximou-se do meu assento de pedra e vi então que o acompanhava uma outra figura. Ambas se detiveram ao meu lado e fixaram-me com ar grave, olhar carregado de profético significado. Pressenti que os momentos cruciais da minha existência estavam em suas mãos.

Na minha visão, aqueles dois seres formavam um quadro inesquecível. Quando escrevo, tudo volta aos olhos da minha mente: suas túnicas brancas, os pés calçados de sandálias e o aspecto venerável das suas altas figuras. Levavam as inconfundíveis insígnias dos seus cargos; eram os Sumos-Sacerdotes do antigo culto egípcio. Rodeava-lhes a cabeça um halo brilhante que, de maneira estranha, iluminava uma parte do aposento. Na verdade, pareciam mais do que



homens, pela sua luminosa presença, e a calma compenetrada dos seus rostos assemelhava-os a semi-deuses.

Permaneceram imóveis como estátuas, de mãos cruzadas sobre o peito, contemplando-me em silêncio.

Estaria eu em alguma quarta dimensão, mergulhado em longínqua época do passado, mantendo minha mente alerta? Havia eu retrocedido minha noção de tempo, à era primitiva do Egito? Não; isso parecia não ser, pois, nitidamente percebia que aqueles dois espíritos me viam e estavam prestes a dirigir-me a palavra.

Suas altas figuras se inclinaram; uma delas aproximou seu rosto do meu; no seu olhar luminoso brilhava ardor espiritual e seus lábios pareciam mover-se; uma voz ressoou nos meus ouvidos.

“Por que vieste a este lugar” — perguntou — “procurando evocar poderes secretos; não te bastam os caminhos dos mortais?”

Eu não ouvi essas palavras com meu ouvido físico; nenhuma vibração sonora perturbou o silêncio da noite. Parecia ouvi-las como ouve um surdo pelo aparelho artificial elétrico à guisa de tímpano, porém com uma diferença: ressoavam na parte INTERNA do tímpano. A voz que chegava a mim, para dizer mais exatamente, era como se fosse uma voz mental, porque a ouvia seguramente dentro de meu cérebro, porém que poderia dar impressão errônea de que fosse um simples pensamento. Não era isso, não era um pensamento; era sim, uma VOZ.

— Não, não me bastam! — respondi.

“A agitação das multidões nas cidades reconforta o coração trêmulo do homem” — disse — “Volta a reunir-te a teus semelhantes e não demorarás a esquecer o frívolo anseio que te trouxe aqui”.

— Não, não pode ser, — tornei a responder.

Ele fez uma nova tentativa:

“O caminho que escolheste te afastará dos limites da razão; alguns o seguiram e voltaram loucos. Vai-te agora, pois, ainda há tempo, e segue o caminho traçado para os pés dos mortais!”

Abanei a cabeça e murmurei:

— Pois eu devo seguir este caminho; agora não há outro para mim.

O sacerdote deu mais um passo adiante e inclinou-se perto de mim. Vi seu rosto sulcado destacar-se nas trevas.

“Aquele que entra em contato conosco — sussurrou-me ao ouvido — perde seu vínculo com o mundo. Serás tu capaz de andar só?

— Não sei, respondi.

Da escuridão ouvi ressoar suas últimas palavras:

“Assim seja. Escolheste. Pela tua própria decisão não podes mais retroceder”.

Desapareceu. Fiquei com o outro espírito que até esse momento não havia desempenhado nenhum papel, senão o de testemunho silencioso.

\* \* \*

Aproximou-se e ficou à frente do sarcófago de mármore. Seu rosto era de um verdadeiro macróbio. Não me aventurei a conjecturar sua idade.

“Meu filho” — disse serenamente, virando-se para mim — “os poderosos senhores das potências secretas tomaram conta de ti. Esta noite serás conduzido à Sala do Saber. Deita-te nessa pedra! Antigamente, sendo um leito, teria sido revestido de folhas de papiros”. Indicou o sarcófago.

Não me ocorreu fazer outra coisa senão obedecer o meu estranho visitante. Deitei-me de costas sobre a fria pedra de mármore.

O que sucedeu logo depois, não o vejo com muita clareza, pois foi como se inesperadamente me tivessem dado uma dose de algum anestésico de ação lenta; todos os meus músculos ficaram tensos e uma paralisante letargia começou a invadir-me os membros. O corpo ficou pesado e endurecido. A princípio, meus pés começaram a esfriar-se lentamente; o frio foi subindo, subindo imperceptivelmente, chegando até os joelhos, e prosseguia seu avanço, gelando-me. Era como se ao escalar uma montanha me tivesse afundado até a cintura num montão de neve. Meus membros inferiores estavam completamente paralisados.

Em seguida passei a um estado de semi-entorpecimento, e na minha mente surgiu um vago pressentimento de que meu fim estava próximo. Contudo, não me perturbei; há muito tempo livre-me do velho medo da morte, e cheguei a aceitá-la filosoficamente como sendo inevitável.

Enquanto a estranha sensação de frio continuava a apoderar-se de mim, subindo pela coluna vertebral e dominando todo o meu corpo, senti minha consciência concentrar-se e fixar-se num só ponto do cérebro, a respiração ficar cada vez mais dificultosa.

Subindo ao peito, paralisou totalmente o corpo, algo semelhante a um ataque cardíaco sobreveio, mas não demorou; compreendi então que a crise suprema não tardaria a chegar.

Se pudesse mover minhas mandíbulas enrijecidas, daria uma risada do pensamento que me ocorreu nesse instante; pensei: amanhã acharão meu cadáver deitado no sarcófago da Câmara do Rei, e tudo terminará para mim.

Tinha certeza de que todas as minhas sensações eram consequências da migração do espírito de vida física às regiões do Além-túmulo, e qualquer resistência seria vã.

Por último, minha consciência concentrada se confina apenas na cabeça, e houve no meu cérebro um tremendo redemoinho final, tive a impressão de que um tufão tropical me arrastava, lançando-me em seu rodopio no ar. Um temor momentâneo apoderou-se de mim. Senti-me lançado no espaço infinito, voando para o desconhecido.

Estava LIVRE!

Nenhum outro termo poderia expressar o delicioso sentimento de liberdade absoluta que me saturou. Transformei-me num ser mental, num ente cujas sensações e pensamentos estavam livres dos entraves do corpo de matéria inerte em que estava fechado. Desprendido do meu invólucro carnal, como um fantasma do seu sepulcro, sem, todavia, nenhuma obnubilação de consciência; pelo contrário, estava ciente de mim mesmo e essa sensação era muito mais forte que dantes. E, além do mais, depois de haver passado aquela migração de um estado para outro, e de ter ficado em quarta dimensão, proporcionou-me um sentimento de felicidade; senti-me livre, terminantemente, bem-aventuradamente, LIVRE.

A princípio, vi-me estendido na mesma posição horizontal do corpo que acabava de deixar, flutuando acima do sarcófago. Depois, tive a impressão de que mão invisível me fazia girar verticalmente até pôr-me de pé. E, finalmente, experimentei a curiosa sensação de estar simultaneamente de pé e flutuando.

Olhei o corpo abandonado, de carne e osso, que jazia prostrado e rígido na pedra. O rosto inexpressivo estava voltado para cima, os olhos entreabertos cujo brilho das pupilas indicava que as pálpebras não estavam completamente fechadas; de mãos cruzadas sobre o peito, postura que não me recordo ter adotado. Alguém as havia cruzado sem que eu o percebesse? As pernas e os pés esticados se tocavam. Aquele era meu corpo, aparentemente morto, do qual me havia retirado.

Notei que eu, esse novo eu, desprendia um fio de suave luz prateada que se projetava sobre o ser cataléptico deitado dentro do sarcófago. A descoberta me surpreendeu, porém maior foi minha surpresa quando descobri que o misterioso cordão umbilical psíquico contribuía para iluminar o canto da Câmara do Rei onde eu pairava. Uma claridade suave, semelhante à luz da lua, iluminava as paredes de pedra.

Eu não era mais do que um fantasma, um ser sem corpo, flutuando no espaço. Compreendi porque os sábios egípcios de outrora representavam nos seus hieróglifos a alma em forma simbólica de um pássaro. Senti incrível leveza, como se tivesse um par de asas e voasse qual um pássaro que levanta o vôo rodeando em volta de um ponto, tão livre que estava flutuando no grande vácuo que me cercava. Sim, o simbolismo do pássaro era muito acertado.

Desprendida minha alma do seu invólucro mortal, levantou vôo no espaço, abandonando o corpo que lhe servia de *habitat*. Agora estava com o outro corpo, etéreo e extremamente leve. Olhando o mármore frio em que jazia meu corpo, surgiu na minha mente uma singular idéia, ou melhor, foi uma compreensão brusca que tomou forma nas seguintes palavras insonoras:

*“Este é o estado da morte. Agora eu sei que sou uma alma, que eu posso existir separado do corpo. Sempre acreditarei nisso, porque o experimentei”.*

Essa noção se aferrou a mim tenazmente, enquanto permanecia suspenso no ar, acima do meu próprio corpo abandonado e sem vida. Comprovei a sobrevivência da maneira mais satisfatória a meu ver, isto é, pela experiência de morrer e ser vivo! Continuei observando os restos mortais que havia deixado. De certo modo me fascinavam. Era eu aqui, esse corpo sem vida que durante tantos anos considerei como se fosse eu? Naquele momento vi com toda clareza que era apenas a massa de substância carnal desprovida de consciência e de raciocínio. Contemplando os olhos sem visão, insensíveis e vidrados, percebi a máxima ironia da situação: Meu corpo terrestre havia me aprisionado, retendo meu verdadeiro Ser, obrigado a caminhar de um lado para outro na superfície do globo, nascido num organismo que tanto tempo confundi com meu verdadeiro Eu. Agora eu era livre.

A força de gravidade não atuava no ar, e a estranha sensação de estar meio suspenso e em pé persistia.

Ao meu lado, de súbito, apareceu o sacerdote macróbio; grave e solene, levantou os olhos para o céu, deixando perceber seu rosto mais enobrecido ainda, e com reverência, lançou esta prece:

“Ó Amon, Ó Amon que estás no céu! volta tua face para o corpo morto do teu filho, e concede-lhe teu beneplácito no mundo espiritual. Tudo consumado. E voltando-se para mim, disse: “Agora aprendeste a grande lição. O HOMEM CUJA ALMA NASCEU DO ETERNO, NÃO PODE MORRER. Proclama esta verdade com palavras inteligíveis para os homens. Alerta-te!”

Vi surgir do espaço o rosto já quase esquecido de uma mulher, cujo sepultamento assisti há mais de vinte anos. Depois apareceu o semblante familiar de um homem que havia sido para mim mais que um amigo, o qual vi pela última vez há doze anos, repousando no seu ataúde e, finalmente, a doce

imagem sorridente de uma criança, morta num acidente. Os três me olhavam com uma expressão serena e suas vozes amigas voltaram a ressoar. Mantive a mais breve das conversações com os chamados mortos, que não tardaram a se desvanecer.

“Também eles vivem como vives tu, e como vive esta Pirâmide que presenciou o morrer de milhões de criaturas — disse o sumo-sacerdote — Sabe, filho meu, que nesse antigo santuário se encontra a história perdida das primeiras raças da humanidade e a Aliança que fizeram com o Criador mediante o primeiro dos seus profetas. Sabe também que, antigamente, a este lugar eram trazidos homens escolhidos afim de mostrar-lhes a Aliança, os quais, ao voltar aos seus semelhantes, manteriam vivo o grande segredo. Leva contigo esta advertência: quando os homens renegarem seu Criador e olharem com ódio uns aos outros, como os príncipes da Atlântida, em cuja época foi construída esta Pirâmide, serão destruídos pela sua própria iniquidade, como foi aniquilado o povo da Atlântida.

“Não foi o Criador quem fez submergir a Atlântida, mas o egoísmo, a crueldade, a cegueira espiritual dos habitantes dessas ilhas condenadas. O Criador ama a todos indistintamente, porém a vida dos homens está governada por leis invisíveis que Ele impõe. Leva, pois, essa advertência contigo”.

No meu íntimo nasceu um grande desejo de ver essa misteriosa Aliança. O sacerdote devia ter lido o meu pensamento, pois se apressou a dizer:

“Todas as coisas vêm a seu devido tempo. Ainda não, meu filho, ainda não”.

Senti-me desapontado.

Fitou-me durante alguns instantes.

“A nenhum homem do teu povo foi permitido vê-la ainda, mas porque és versado nestes assuntos e vieste aqui com o coração aberto e compreensivo, é justo que recebas alguma satisfação. Vem comigo!”

Passou-se então algo estranho. Parecia-me cair em estado comatoso, minha consciência se enevoou momentaneamente e, quando a recuperei, percebi haver sido transportado para outro lugar. Estava num longo corredor, apenas iluminado, embora não se vissem lâmpadas nem janelas. Supus que a fonte luminosa vinha do halo que emanava do meu companheiro, junto com a irradiação do cordão luminoso de éter vibrante que se desprendia de mim. Compreendi, no entanto, que esses focos ainda não explicavam a luz reinante. As paredes eram revestidas com pedras refulgentes de cor terracota-rosada, e tão unidas entre si que não se percebiam as juntas. O chão tinha a mesma inclinação da passagem da entrada da Pirâmide. Todos os arremates estavam bem acabados. O corredor, embora baixo, não chegava a ser incômodo. Não

pude descobrir a fonte dessa misteriosa iluminação; o interior luzia como se ali estivesse uma lâmpada acesa. 2

2. O doutor Abbate Pacha, Vice-Presidente do Instituto Egípcio, passou uma noite no deserto junto às Pirâmides, em companhia de William Groff, membro do mesmo Instituto. Num boletim oficial que apresentaram dizia o seguinte: “Às oito horas da noite, percebi uma luz em borneio, lentamente cercando a Terceira Pirâmide, quase na altura do ápice; era como uma pequena chama. A luz deu três voltas e desapareceu. Observei atentamente essa Pirâmide durante uma boa parte da noite; às onze horas tornei a ver a mesma luz, mas desta vez, era de cor azulada; subiu lentamente, quase em linha reta, chegou até certa altura, e acima da cúspide do monumento desapareceu”. Prosseguindo seu inquérito entre os beduínos, Groff descobriu que essa misteriosa luz havia sido com bastante frequência por eles e, segundo a tradição local, existia há muitos séculos. Os árabes atribuíam a luz aos espíritos guardiães da Pirâmide. Groff tentou achar uma explicação natural para o fenômeno, porém sem o conseguir.

O Grão-Sacerdote fez-me um gesto para segui-lo.

“Não olhes para trás — ordenou — não voltes a cabeça!

Caminhamos um trecho, descendo; chegamos ao fim do corredor e paramos diante de uma entrada para a grande câmara com o aspecto de um templo.

Sabia perfeitamente que me encontrava dentro ou embaixo, da Pirâmide, porém não sabia onde ficava essa passagem e aquela câmara; nunca as tinha visto antes. Senti-me extremamente excitado por aquela impressionante descoberta. Curiosidade invencível se apoderou de mim para averiguar onde estava essa entrada. Finalmente, como se fosse arrastado por um impulso imperioso, volvei a cabeça e dei uma rápida espiada, ansioso por ver uma porta oculta. Entrando, não reparei por onde havia passado; contudo, no extremo oposto da passagem onde devia haver uma abertura, não vi nada senão os grandes blocos visivelmente cimentados. Estava olhando uma parede! Nesse momento, uma força irresistível me arrastava; a cena se enuviou e encontrei-me de novo flutuando no espaço.

Ouvi as palavras, repetidas como um eco “ainda não, ainda não...” e momentos depois vi meu corpo inconsciente, estendido sobre a pedra. A voz do Sumo-Sacerdote chegou-me em sussurro:

“Meu filho, não tem importância o descobrires ou não a entrada. Busca em tua própria mente a passagem secreta que te levará à câmara oculta em tua alma, e encontrarás algo realmente valioso. O mistério da Grande Pirâmide é o mistério do teu próprio ser. As câmaras secretas e os registros do passado devem todos estar contidos em tua própria natureza. A Pirâmide ensina que o homem deve voltar-se para si próprio, deve aventurar-se a penetrar até o centro desconhecido de seu ser, e ali encontrar sua alma, tal qual se aventura a penetrar nos relicários desconhecidos deste templo, para desvendar seu mais profundo segredo. Adeus”.

Um turbilhão se apoderou de minha mente; arrebatado por uma força que me puxava para baixo, rodopiei vertiginosamente sempre para baixo. Preso de profundo torpor, parecia-me voltar a fundir-me com meu corpo físico; com todo esforço tentei mover meus músculos endurecidos, mas não me foi possível e, finalmente desmaiei...

Abri os olhos, sobressaltado; trevas espessas me rodeavam. Quando passou o entorpecimento, apanhei a lâmpada e acendi a luz. Estava de novo na Câmara do Rei. Tremendamente excitado, pulei da pedra aos gritos; o eco devolveu minha voz decrescendo. Ao saltar, em vez de pisar o chão, senti que estava caindo num vácuo; salvei-me por haver aberto os braços, ficando suspenso nas bordas. Compreendi então o que se havia passado. Ao levantar-me, corri para o outro extremo do recinto, perdendo o sentido de direção. Minhas pernas bamboleavam dentro da cova escavada no chão a nordeste da Câmara. Alcei-me com toda força e pisei de novo o solo firme.

Apontei a lâmpada para meu relógio. O vidro estava quebrado em dois lugares ao bater a mão contra a pedra quando saltei da cova; contudo, a máquina funcionava continuando seu alegre tique-taque. Vi então a hora e, a despeito da solenidade do lugar, quase dei uma risada: era exatamente a hora melodramática da meia-noite. Ambos os ponteiros assinalavam o número doze!

\* \* \*

Quando, logo depois do amanhecer, a sentinela armada abriu a grade de ferro da entrada escura da Grande Pirâmide, saiu dela, cambaleando, uma figura empoeirada, fatigada, com olheiras profundamente marcadas. Começou a andar pelos grandes blocos de pedra fitando pensativo a plana paisagem familiar, iluminada pelo sol da manhã. A primeira coisa que fez foi respirar profundamente, várias vezes, para em seguida erguer instintivamente o rosto para o Ra-sol, e agradecer-lhe em silêncio a bendita e prodigiosa dádiva da luz que tão liberalmente oferecia à humanidade.

## Com um Mago do Cairo

A vida do Cairo transcorre em dois mundos. Indo para o lado do Leste, a partir da grande praça central, a Ataba el Khadra, mergulha-se no antigo mundo árabe; tornando para o Oeste, volta-se ao moderno mundo europeu. Vida estranha é esta onde a irresistível pressão dos tempos coloca face a face o Oriente medieval e o Ocidente moderno, o colorido e a imundície orientais e a palidez e limpeza ocidentais.

Foi no Cairo que encontrei em maior quantidade médiuns e magos, adivinhos e astrólogos, feiticeiros e quiromantes, faquires e santos. Ali apresentam eles todas as variedades, seguindo seu ofício, a despeito do desagrado e restrições do governo, que lhes proibiu por lei exercerem a maioria dessas atividades e não vacilava em aplicá-la com bastante frequência. Apesar da minha simpatia por alguns desses personagens, devo confessar que o governo tinha motivos suficientes para impor essas restrições. Abundavam os curandeiros que exploravam os crédulos; charlatães irresponsáveis que eram obedecidos com supersticioso temor e os clarividentes alucinados, aceitos com o valor que eles mesmos se arrogavam. Nunca se saberá ao certo quanto dano causaram os adivinhos do porvir, cujas profecias eram consideradas como guias de ação. Tudo isso e o que ainda se supõe, foi o suficiente para tornar categórica a intervenção das autoridades. Havia, não obstante, indivíduos cuja personalidade me interessava à margem da sua profissão. Um feiticeiro que matou uma galinha ante meus olhos por meio da sua magia e encantações; uma negra sudanesa, bruxa-curandeira, que acertou ao mencionar a Índia como sendo o país de grande ventura para mim e em seguida, predisse coisas totalmente inexatas; um jovem egípcio, descendente de sírios cristãos, acreditava firmemente ser ele uma reencarnação do profeta Elias e levava uma vida de total desprezo para com o mundo, como o exigia sua profética condição; uma francesa de bairro europeu que em transe hipnótico, com os olhos vendados, lia sem dificuldades frases escritas que lhe apresentavam; um velho excêntrico que morava com seus discípulos numa casa pegada a uma grande mesquita, e vivia tão afastado deste mundo que passava quase o tempo todo falando em voz alta com os espíritos; uma mulher valente e audaciosa que, desafiando a proibição do rei Ibn Saud, filmara secretamente a santa Meca e logo se dedicou a estudar temas sacros



sob a direção espiritual dos mestres angelicais; um faquir, o famoso Tahra Bey, que cravava uma adaga no peito, exatamente no lugar do coração, saindo-se dessa desagradável façanha ileso e sem sangrar; e vários outros que me interessavam e atraíam a atenção. Falar de todos no limitado espaço que disponho, não me é possível; contudo, pelo menos, dedicarei a alguns deles uma rápida menção neste capítulo.

Outro aspecto da vida do Cairo, o religioso, também me atraía sobremaneira, porque essa cidade foi durante mais de mil anos o foco da cultura muçulmana. Quão pouco o ocidental comum conhece da grande religião do islão, tão deformadas são as noções sobre ela, que achei conveniente dedicar todo um capítulo para descrever o Islamismo tal qual o conheci.

\* \* \*

O feiticeiro que fez essa estranha proeza com a galinha, terá de ficar anônimo neste relato, porque prometi a um alto funcionário do governo egípcio não fazer publicidade daquele homem. Não vamos falar aqui das razões que fundamentaram o pedido; todavia, eu as aceitei como boas e, por conseguinte, o personagem ficará anônimo, assim como as excelentes fotografias que tirei do bruxo, da sua casa e de suas façanhas.

Encontrei-o numa tarde quente, após ter andado muito e feito numerosas investigações e perguntas. Ao caminhar pela avenida principal, pavimentada com velhas pedras, dei voltas naquele bairro pitoresco, buliçoso e abafado, entre a mesquita do El Ahar e o tétrico cemitério de Bab el Wazir. Uma cáfila de camelos passando pela cidade produzia um alegre tilintar, que vinha das sinetas amarradas no pescoço de cada animal. Segui pelas ruas sombrias a pé, procurando a casa do mago, que me foi indicada.

Atravessei um complicado labirinto de ruas secundárias e tão tortuosas que o céu aparecia em linha quebrada por entre os telhados das casas. O sol, ao penetrar nessas ruelas em ziguezague, criava um jogo deslumbrante de luzes e sombras, marcando seus contrastes agudos.

Descobri, por fim, a casa, seguindo uma dessas tortuosas travessas cobertas de grossa camada de poeira branca, trazida pelo vento das despidas colinas de Mokatan, que rodeiam a cidade.

A casa era grande, medieval, com o frontal de pedras retangulares e alegremente coloridas; a parte alta tinha várias janelas com persianas pesadas; portas duplas, maciças, com molduras e repuxos, abriam-se para dentro de um vestíbulo, embora pequeno, mas alto, onde reparei um par de cadeiras e uma mezinha no centro. Não havia sinal de ninguém pela outra porta no quarto contíguo; tampouco ninguém estava ali. Recuei e segui pelo corredor estreito revestido de pedras, dando para o pátio interno onde papéis e documentos

amontoados em pilhas estavam espalhados, e pela poeira que os cobria, adivinhava-se que aquele pátio devia servir de depósito dos arquivos mais antigos do mago. Desapontado e triste, vaguei por ali alguns minutos, esperando que alguém aparecesse; finalmente perdi a paciência e saí para a rua batendo à porta dos vizinhos. Voltei acompanhado de uma senhora, que se prontificou a subir aos altos aposentos da casa. Dois minutos depois descia com um jovem que não devia ter mais que dezessete anos.

“Que deseja o senhor?” perguntou-me em voz suave e vacilante.

Quando mencionei o nome do mago, o jovem recuou surpreso. Era evidente que não figuravam europeus entre a clientela do feiticeiro.

“Meu pai! — exclamou — pode dizer-me para que o senhor deseja vê-lo?”

Expliquei meu propósito, entregando-lhe o cartão no qual escrevi meu nome. Quando o olhou, uma expressão acolhedora brilhou no seu olhar.

“Entre, por favor, e tome assento”.

Introduziu-me no quarto contíguo ao vestibulo e com exagerada cordialidade indicou-me um divã coberto de pano branco.

Pedi desculpas e retirou-se subindo a escada. Não demorou em voltar. Pouco depois, ouvi passos lentos se arrastarem e vi o rapaz no quarto, seguido por um homem corpulento, de sessenta anos presumíveis, e que, ao entrar, saudou-me com a mão tocando a testa.

A cabeça e os ombros estavam envoltos num xale branco do qual escapava uma mecha de cabelos negros e lustrosos. Seu rosto cheio, de expressão amável, era guarnecido de um grande bigode e pequena barba rala. Devia ter os olhos grandes, porém não levantava a testa; notava-se que comprimia as pálpebras para que parecessem menores. O homem insistiu para que eu permanecesse sentado e acomodou-se num assento baixo, macio, de forma circular.

\* \* \*

Dei uma olhada pelo aposento; era fresco e continha uma estranha coleção de objetos os mais diversos. As paredes estavam decoradas com pequenos lenços retangulares, em cujo fundo amarelo ressaltavam as interessantes letras vermelhas das inscrições do Corão. Num nicho da parede descansavam embalsamadas duas focas pardas. Os parapeitos das janelas estavam todos repletos de documentos empilhados e, a julgar pela poeira, não deviam ter sido mexidos desde anos. Ao meu lado, sobre uma almofada estava um almanaque árabe impresso, e por toda parte eram vistos em desordem frascos de tinta, vazios.

Em palavras monossilábicas, o mago me assegurou da honra que sentia com a minha visita e pediu que aceitasse tomar com ele um lanche, antes de prosseguirmos a entrevista. Agradei-lhe, porém, conhecendo o hábito egípcio, pedi para não se incomodarem no preparo de café, pois não tenho costume de bebê-lo. Sugeri então o chá persa, uma bebida deliciosa aliás, que aceitei imediatamente. Enquanto o atencioso servente saiu para providenciar o necessário no bazar próximo, tentei levar o velho a uma palestra mais comunicativa, porém meus esforços fracassaram; além de algumas frases convencionais, ditadas pela etiqueta egípcia, não quis dizer nada sobre si. Inverteram-se os papéis e foi ele quem me submeteu a um pequeno e sutil interrogatório. Respondi às suas perguntas com toda franqueza e à vontade, de modo que, quando o servente nos serviu panquecas com geléia típica egípcia, bolinhos de mel, biscoitos, bananas e chá em xicaras finas, meu anfitrião já estava um pouco menos reservado e, ao descobrir que eu não desejava investigar seus métodos para ridicularizá-los nem para denunciar sua possível charlatanice, tornou-se muito simpático e complacente. Percebi, porém, que sob sua conduta afável conservava uma constante e persistente cautela, não querendo se arriscar a dar entrada na sua vida particular a um estrangeiro curioso, chegado de um país exótico.

Contudo, prontificou-se a fazer meu horóscopo se eu lhe desse meu nome, o nome do meu pai, a hora e o lugar do meu nascimento. Tentei persuadi-lo que não tinha vindo para esse fim, acrescentando que as frequentes contradições entre diversos adivinhadores fizeram-me preferir gozar a felicidade da ignorância, antes de tomar o incômodo de conciliar o que parecia irremediavelmente inconciliável. O velho, entretanto, não se deixou dissuadir tão facilmente, e declarou que ainda que eu não quisesse, ele tinha agora bastante interesse na minha pessoa para calcular a configuração do céu conforme a hora em que nasci e formular uma interpretação que satisfaria sua curiosidade e, quiçá, também a minha. Cedi finalmente à sua insistência e dei-lhe os dados que solicitava.

Rogou-me colocar a mão sobre uma folha de papel e traçou com o lápis o contorno da minha palma; dentro do rabisco escreveu algumas palavras em árabe. Nunca soube com que objetivo havia feito aquilo.

Tentei abordar o assunto da magia; todavia, o mago declinou com resposta evasiva. Haviam-me informado que aquele homem era provavelmente o maior mago do Cairo, seja qual for o valor que se queira dar a tal reputação.

Com muita habilidade, mudou a direção da conversa, e eu me vi forçado a falar o tempo todo da vida européia.

“Volte dentro de cinco dias” — disse finalmente, levantando-se do assento.

Voltei com toda a pontualidade. O dono da casa acolheu-me com a costumeira hospitalidade e, ao terminar o convite preliminar da primeira visita, apanhou alguns folhas de papel de ofício cobertas de escrita árabe que, segundo ele, era meu horóscopo redigido em versos. Vi-me forçado a aceitar aquilo que não eu tinha pedido e a agradecer-lhe com uma soma que depois de várias negativas aceitou.

Notei em sua atitude uma inesperada vira-volta; o velho se ofereceu a fazer-me uma demonstração da sua magia.

“Dê-me seu lenço — disse — e, quando eu lho dei, devolveu-me num segundo.

“Muito bem! Agora rasgue-o em dois.”

Rasguei-o. O mago tomou uma das metades e escreveu nela algo com a pena, mergulhando-a num frasco de tinta que estava na mesa. Quando terminou de escrever, dobrou um canto da mesma e a devolveu, dizendo para colocá-la num cinzeiro de cobre que estava ao lado do divã.

Aguardei a demonstração seguinte com certo interesse. O velho apanhou uma folha de papel e desenhou nela um grande triângulo; dentro do triângulo traçou alguns sinais misteriosos, umas tantas letras árabes e, entregando o papel, pediu que o colocasse sobre a metade do lenço dobrado. Obedeci. Houve um intervalo de alguns minutos. O mago começou a murmurar um encantamento em linguagem totalmente incompreensível para mim, mantendo os olhos cerrados; ao abri-los, o lenço rasgado instantaneamente se incendiou dentro do cinzeiro. Para minha grande surpresa, a chama se projetou bem alto e logo se transformou numa densa nuvem de fumaça que encheu completamente a sala. Não se podia respirar, os olhos me ardiam; levantei-me para sair, porém o mago me precedeu, e chegando à porta, chamou o servente e ordenou-lhe abrir as janelas para arejar o ambiente.

Como não aquilatava qual tinha sido o objetivo dessa demonstração, não me preocupei em saber se se tratava de autêntica magia ou se era um número da prestidigitação, obtido mediante produtos químicos inflamáveis. Mas, o mago estava visivelmente satisfeito e orgulhoso da sua proeza.

“Como conseguiu o senhor atear fogo ao lenço?” perguntei.

“Fiz com a ajuda dos meus gênios”, foi a resposta que nada explicava.

Não insisti. Era a explicação comum no Egito para tudo que toca o sobrenatural, por pouco que seja.

“Volte dentro de três dias” — disse o mago — “porém não esqueça de trazer uma galinha branca. Percebi no senhor algo que me agrada, portanto vou lhe fazer um favor de graça. Traga uma galinha e farei com ela um ato de magia, mediante

a qual porei um espírito a seu serviço. Lembre-se, a galinha não deve ser muito velha, nem de nenhuma outra cor!”

Recordando-me das bruxas africanas que degolam os galos brancos e derramam o sangue na cabeça dos fregueses, declinei do magnânimo oferecimento do meu anfitrião mas o velho insistiu repetidamente, assegurando-me confidencialmente que a operação de magia à qual se referia, tem por objeto atrair um poderoso gênio, cuja ajuda inestimável seria em meu benefício. Contudo, continuei recusando. Por fim, literalmente, “encostou-me à parede” e obrigou-me a dizer-lhe que essas cerimônias me aborreciam e desagradavam profundamente, preferindo renunciar aos seus alegados benefícios. Imediatamente prometeu-me que não haveria derrame de sangue de espécie alguma e, com essa garantia, cedi.

\* \* \*

Levantando nuvens de poeira, percorria a estreita travessa que mais uma vez me levava à casa medieval do velho mago; entretanto, antes de tomar a direção, fui ao mercado de aves situado a pouca distância da praça Ataba el Khadra, trazendo embaixo do braço uma roliça galinha branca. Sentia palpitar sob minha mão o corpo quente da ave e me perguntava qual o destino maléfico que lhe tinha reservado o mago.

Quando cheguei, o rosto do velho perdeu sua gravidade habitual e se abriu num franco sorriso. Expressou sua satisfação por minha obediência; pediu-me que deixasse a galinha no meio da sala, no tapete, e passasse três vezes sobre a nuvem perfumada de incenso que se levantava do braseiro, num canto. Obedeci seguindo as instruções dadas e sentei-me no divã para observar o homem e a galinha. O mago começou por tomar uma folha de papel e traçou nela um pequeno quadrado que dividiu em nove quadradinhos. Dentro de cada um, desenhou um sinal cabalístico e uma letra árabe; em seguida, entoou uma espécie de encantamento místico, olhas fixos na galinha; de vez em quando, acentuava seu canto, e esticando a mão direita, apontava a ave com o dedo indicador num tom de comando. A pobre avezinha se assustou e correndo pelo quarto, refugiou-se por detrás da cadeira. O mago me pediu apanhá-la e pô-la de novo no centro da sala. Eu não queria tocá-la; por sorte, entrou na sala seu filho, que apanhou a galinha e a colocou no lugar donde tinha fugido.

Outra vez a ave saltou e refugiou-se num canto; o mago em voz firme lhe ordenou que voltasse — a galinha obedeceu imediatamente.

Vi o corpo da ave tremer, as penas se eriçavam e agitavam.

O mago pediu-me que passasse três vezes por cima do braseiro como já havia feito anteriormente; ao volver ao meu lugar, reparei que a galinha não olhava

mais o mago, mas, voltando os olhos na minha direção, fixou-me até o fim da cerimônia.

Então observei algo extraordinário. A respiração de avezinha se fez pesada e difícil, de bico aberto respirava com extremo esforço, como se estivesse lutando para apanhar um pouco de ar.

O mago colocou junto à galinha o papel cabalístico e recuou lentamente, detendo-se no vão da porta aberta; fixando firmemente a ave, retomou o ritual de seus estranhos encantamentos. As palavras incompreensíveis saíam-lhe da boca em voz enérgica de comando e cresciam gradativamente à medida que a ave desfalecia.

A galinha ia se debilitando, suas pernas se enfraqueciam e finalmente, não podendo mais se sustentar, sentou-se no chão, mas com força suficiente para manter o corpo erguido. Minutos depois, também esse esforço foi inútil; a galinha não mais reagiu, inclinando-se para o lado, prostrada. A alma da ave parecia se rebelar contra seu destino; a galinha fez um derradeiro e tremendo esforço para levantar-se novamente, mas tornou a cair esgotada. Passaram-se mais alguns minutos; a ave estremeceu com movimentos convulsivos, sacudiu espasmodicamente o corpo, agitando debilmente as asas. Os movimentos foram diminuindo até parar por completo; o corpo se enrijeceu, a cabeça se inteirçou, e então compreendi que o corpinho quente que havia trazido do mercado há meia hora apenas, era cadáver. Levantei-me calado, mudo de assombro. Senti meu coração desfalecer.

O velho pediu-me para cobrir a galinha morta com meu lenço.

“A magia deu bom resultado” — disse com impressionante tom de voz — “daqui por diante, o gênio, ao destruir a vida dessa ave, deu um sinal de que está disposto a lhe servir. Algumas vezes, quando pratico essa magia e a ave não morre, é porque o gênio se nega a prestar sua ajuda ao interessado”.

O homem mantinha o olhar sempre fixo no solo, pormenor que observei durante a cerimônia, e cuja peculiaridade me explicou em seguida:

“Ao pronunciar esses exorcismos para evocar os gênios, dando-lhes ordens para determinada função, nunca os olho; essa é uma das regras que devo obedecer; todavia, o sacrifício não está terminado. Escute! Agora o senhor deve embrulhar a ave e levá-la à sua casa, conservando-a envolta até a manhã. À meia noite atire o corpo ao Nilo, jogando-o da ponte de Kasr-el-Nil. No momento de atirá-lo, não esqueça de formular um pedido, pois algum dia o gênio fará que seja cumprido seu desejo.”

Meu lenço era muito pequeno para esse fim; olhei em volta e encontrei um exemplar de AL ARAM (A Pirâmide) um jornal popular do Cairo. Envolti com ele o corpo junto com o lenço que o estava cobrindo e, ao regressar à casa,

entreguei o embrulho aos cuidados do meu jovem servente árabe, recomendando-lhe não o abrir nem tocar. A proibição era totalmente desnecessária, pois, quando lhe informei que a ave fora sacrificada por um mago e não devia ser comida, o criado recuou assustado, e nem sequer se aproximou do embrulho.

Aquela noite jantei num restaurante com dois amigos; um era norte-americano, e o outro egípcio. Contei-lhes a história da galinha e sua morte mágica. Eles estavam convencidos de que a ave não fora morta por meio da magia, mas por qualquer outro subterfúgio. Não manifestei nenhuma opinião a respeito, mantendo-me imparcial. Quando lhes narrei os pormenores da cena na casa do mago, desataram a rir e o assunto sobre a galinha dominou em nossa conversação o resto da noite. Devo confessar que as satíricas e maliciosas zombarias dos meus amigos à custa do mago ausente, também me provocaram risos. Subitamente, no meio das gargalhadas, apagaram-se as luzes do restaurante e, apesar de todas as tentativas do dono, não se conseguiu restabelecer a corrente; enfim, mandou buscar velas e terminamos nosso jantar em penumbra relativa.

Meu amigo, o egípcio, cético e convicto, educado na Sorbonne, com frivolidade motejadora exclamou, lamuriando:

“Isto é coisa do mago”; senti, porém, sob a máscara de seu humor forçado, uma ligeira apreensão.

Poderia bem tratar-se de uma interrupção acidental ocasionada por algum curto-circuito; entretanto, produziu-se em circunstâncias que me lembram outros dois casos curiosos de características bastante simples. Do primeiro caso, fui testemunha ocular; o outro me foi relatado por Roberto Hitchens, famoso novelista de quem os principais personagens do ocorrido eram conhecidos.

O primeiro fato passou-se há muitos anos, quando eu estava investigando vários cultos que apareceram na Europa e na América. O chefe de um desses cultos era um homem de má fama, um certo ex-padre expulso da Igreja; contudo, era muito preparado e tinha personalidade marcante. Minhas investigações revelaram que o homem possuía um grande poder hipnótico do qual se servia para os fins mais indignos; ademais, explorava os crédulos para extorquir-lhes dinheiro. Reservando-me minhas sindicâncias, tratei de pôr de sobreaviso as pessoas conhecidas, convencido de que mais cedo ou mais tarde a todos os canalhas chegará o dia de Nêmesis. O desfecho teve seu ponto culminante uma noite, quando me encontrei na rua, ocasionalmente, com uma senhora, esposa de um homem que eu conhecia. Eram 22 horas. A senhora se comportou de maneira tão estranha que me detive a conversar com ela, e com grande espanto, vi que ela estava fora de si, pois, calmamente me informou que ia passar a noite com o tal padre degradado e estava *em route* para o encontro marcado. Levei-a ao primeiro lampião e levantei-lhe a cabeça, examinando bem as pupilas. O que

vi me indicou com suficiente clareza que estava sob ação hipnótica; portanto, julguei de meu dever tirá-la desse efeito sem tardar e persuadi-la a regressar para casa.

No dia seguinte fui visitar um amigo e consultá-lo sobre este caso particular. Era um hindu e precisamente o amigo referido no segundo capítulo do meu livro "*A Search in Secret India*". (A Índia Secreta). Comuniquei-lhe todos os pormenores que havia descoberto acerca das atividades de ex-padre e os danos morais e materiais que causava às pessoas de índole fraca, acrescentando que, a meu ver, não se devia permitir que os abusos e falcatuas desse homem perigoso continuassem a espalhar-se. O hindu estava de pleno acordo comigo; ademais, ficou tão indignado que se prontificou a lançar no indivíduo uma carga de pragas. Eu sabia que o hindu era versado nos métodos ióguicos, e a arte dos faquires não lhe era desconhecida, motivo pelo qual a maldição proferida por seus lábios não seria um praguejar qualquer. Julgando, entretanto, a ação um pouco excessiva, disse-lhe que podia fazer o que achasse melhor, porém que tinha pensado em outro meio, mais indulgente, isto é, ordenar ao indivíduo a desaparecer da cidade e nunca mais voltar. O hindu concordou, achando uma boa medida, mas de sua parte, de qualquer maneira faria a maldição. Dito e feito.

Concluído esse ato ritual, deixei-o imediatamente para ir cumprir meu plano, à procura da vítima. Encontrei o pseudo-profeta cercado por um grupo numeroso de discípulos, num pequeno salão onde se desenrolava naquele momento uma cena de confusão indescritível.

O salão estava mergulhado em completa escuridão.

Todo mundo corria em debandada, procurando alcançar a porta de saída, tropeçando, caindo no chão, gemendo de dor. No meio dessa confusão, ouvia-se a voz estridente do mestre, voz carregada de medo e desespero que gritava:

"O diabo está aqui! Isto é uma coisa de satanás!"

Acendi um fósforo e vi-o debruçado sobre a tribuna, com um ataque histérico.

Finalmente trouxeram umas velas, e seus discípulos o levaram a um hotel próximo, onde tentaram animá-lo com sua bebida predileta, o "whisky", enquanto os outros me inteiravam do ocorrido.

Estavam sentados tranquilamente, escutando a preleção do mestre, quando de súbito as lâmpadas elétricas estalaram como bombas, lançando cacos de vidro para todos os lados. O salão ficou às escuras e o terror e a confusão envolveram o auditório. Ouviu-se a queda do mestre, que caiu desfalecido, pesadamente, sobre a tribuna, gritando de medo.



Ao acompanhá-lo ao hotel, escrevi um breve recado e coloquei-o num envelope, passando-o ao principal dos seus desiludidos partidários, pedindo-lhe que o entregasse ao mestre, quando ele estivesse em condições de lê-lo.

A carta continha um ultimatum; o homem devia abandonar a cidade no decorrer de vinte quatro horas e jamais voltar, sob pena de denunciá-lo à Divisão de Polícia, para que se encarregasse dele.

Vejamos agora um detalhe curioso dessa história:

O salão de preleções ficou na escuridão, no momento preciso em que a maldição emitida pelo meu amigo hindu chegava ao ponto culminante do seu ritual!

O segundo caso se refere ao desventurado Lord Carnavon, homem que financiou as escavações que trouxeram a lume o túmulo de Tutankhamon. Todos conhecem a história desse feito fantástico e lembram que o infeliz lorde inglês contraiu rapidamente uma septicemia, logo após a descoberta do sarcófago. E alguns também sabem que os antigos egípcios deixaram impregnada a maldição para os saqueadores daquela tumba. A celeridade com que se desenvolvia o mal, motivou o transporte apressado de Carnavon ao Cairo para ali receber a melhor atenção médica que a cidade lhe pudesse oferecer.

O paciente foi hospedado no Continental Savoy, um dos maiores hotéis do Cairo. Uma noite, não muito tempo depois da sua chegada, houve um curto-circuito no hotel e todas as luzes se apagaram subitamente. O prédio ficou às escuras durante quase meia hora e, quando as luzes retornaram, a enfermeira de Carnavon o encontrou morto na cama!

Voltemos agora novamente à galinha.

No dia seguinte, à meia noite, alguém explorava furtivamente a ponte de Kasr-el-Nil, esperando um momento oportuno para se desfazer do seu embrulho com a ave sacrificada. A tarefa não era tão fácil como parecia: a ponte está situada no coração mesmo do bairro europeu do Cairo; de um lado há um grande Quartel Militar inglês e do outro a espaçosa e bem policiada Divisão Central da Alta Comissão Britânica. Atirar nas águas escuras do rio, dessa altura e a essa hora, um embrulho de aspecto um tanto misterioso, tornaria suspeito qualquer um, e um observador atento não poderia pensar n'outra coisa senão que um assassino tentava livrar-se de um pedaço do tronco ou dos membros da sua vítima. Chegou finalmente o momento esperado e o embrulho foi lançado do alto da ponte, e ao mergulhar nas águas, houve um suave borbulhar. O visitante noturno suspirou aliviado, afastando-se apressadamente do local.

Meu servente árabe, ao ver-me entrar, deu graças a Alá; parecia tão satisfeito como um gatinho ao caçar seu primeiro rato.

Em minhas visitas posteriores tentei obter do mago algumas explicações pormenorizadas das suas façanhas; queria saber se não eram, no final de contas, apenas truques de ilusionismo. O velho, porém, estava intransigente; desviava a conversa que tocava este assunto e alheio como se tivesse sumido em algum outro mundo, mundo dos seus gênios, caía em largos lapsos de silêncio. Compreendi que não seria tão fácil assim conseguir que ele soltasse sua língua cautelosa. O filho me havia informado, depois de várias perguntas, que o pai nunca comunicava seus segredos a ninguém e mesmo a ele tinha se negado ensinar a profissão, alegando ser difícil e perigosa. Como um exemplo típico de algo que acontece frequentemente, o pai lhe contou o caso de um amigo que, depois de ter invocado um gênio, não conseguira afastá-lo; em consequência, o gênio se voltara contra ele, causando-lhe graves danos. O rapaz foi mandado a estudar advocacia, carreira relativamente inofensiva.

Não me escapou por que razão o velho revelava os segredos da sua magia, seja ela autêntica ou imaginária, pois, precisamente esse mistério lhe dava poder e reputação. Decidi não insistir. Afinal, era muito natural que ele não quisesse difundir o que constituía a base da sua fama e fortuna.

Entrementes, ponderei, se não posso vencer sua atitude retraída, talvez possa convencê-lo a expor em linhas gerais as teorias que fundamentam seus segredos e, tomando mais uma vez assento na sala poeirenta, pensei averiguar na fonte preciosa das informações desse conceituado mago e saber o que há exatamente a respeito dos gênios dos quais tanto se fala no Egito.

Enquanto estávamos falando, ouvia-se através das persianas fechadas um batucar rítmico, constante e agressivo. De uma casa vizinha, um bruxo-curandeiro expulsava do corpo de um doente o presumido gênio que dele se tinha apossado, causando-lhe a doença, mediante batuques nos tambores e feitiçarias.

“Os ocidentais não acreditam em nossa antiga magia — disse o mago, interrompendo minhas reflexões — somente, porque emprega forças que não compreendem — as forças dos gênios”.

Não respondi; para mim não era muito difícil compreender sua atitude oriental; do contrário não me teria interessado pelo Oriente.

Gênios estavam por toda parte. Se um homem está enfermo, tem má sorte ou a desgraça o persegue, é porque seu corpo ou sua vida haviam sido invadidos por um gênio nocivo, e se, ao contrário, é afortunado ou poderoso, só deve essa intervenção a um gênio bom.

“Quem são esses gênios? — perguntei finalmente.

Aquele dia achei o velho mais comunicativo.

“Esses seres invisíveis existem de fato — explicou — embora os homens da nossa época tivessem perdido quase por completo a faculdade de vê-los. Assim como existem animais no mundo da matéria, existem em outros mundos criaturas espirituais que não são humanas e nunca foram espíritos de homens mortos, mas nasceram diretamente no mundo dos espíritos. Os gênios são desta espécie; todavia, não os confunda com as almas de animais que pertencem a outra categoria. Os gênios são completamente distintos; alguns são quase tão inteligentes quanto os homens sagazes, outros possuem a santidade dos anjos, e muitos outros, ao contrário, são verdadeiros “filhos do demônio”. Propriamente dito, os habitantes do mundo dos espíritos são divididos em três grupos básicos: os gênios, os humanos e os anjos. Os anjos são, em sua maioria, bons e nunca viveram na terra. Os gênios podem ser bons e maus; também nunca viveram na terra. Os humanos são naturalmente homens e mulheres que viveram na terra e abandonaram seus corpos depois de mortos”.

Digo também que, assim como se aproveitam os animais que foram criados para servir ao homem na terra, como o cão, o cavalo e o camelo, que se submetem à vontade do homem, certas classes de gênios se põem a serviço do homem, seja no mundo visível ou invisível. É óbvio que só a certa categoria de gênios se pode impor sua submissão a um amo humano. A magia, tanto antigamente como na época hodierna, é uma ciência cuja sabedoria consiste em ensinar de que maneira se pode obter o serviço desses gênios. Em poucas palavras: é uma espécie de espiritismo”.

“Em primeiro lugar, aprender seus nomes antes de poder dar-lhes ordens. Depois escrever num papel um versículo de Corão, um encantamento dedicado ao gênio, e uma combinação de números dentro de um diagrama que geralmente é um duplo quadrado, mas pode também ser um triângulo. Em terceiro lugar, recorrer à queima de incenso ou perfumes, que variam na sua composição segundo o gênio que se queira invocar. Em quarto lugar, pronunciar certas invocações ou “Palavras de Poder” e, por último, possuir um poder que se adquire com a iniciação recebida do seu próprio mestre”.

O mago fez uma breve pausa, para em seguida continuar:

“Essa aprendizagem exige um duro e perigoso labor. A magia sempre foi e deve continuar uma arte da minoria. Posso dizer-lhe qual é o nosso credo tão abertamente como o estou fazendo agora, mas, quanto aos segredos práticos de valor genuíno, comprometi-me com meu mestre de não os revelar jamais, salvo a um discípulo aceito, após muitos anos de treinamento. Fariamos um grande dano à humanidade se divulgássemos nossos segredos a todos, porque, então, os perversos poderiam empregá-los para prejudicar os demais em seu próprio benefício e nós perderíamos a posição de poderio que sempre temos gozado. E lhe direi mais: até agora não quis aceitar nem um só discípulo. Finalmente, estou comprometido pelas leis que governam nossa confraria, a

iniciar alguém antes de eu morrer, de sorte que este conhecimento permaneça vivo no seio da humanidade.

O velho parou mais uma vez. Sentia-me muito satisfeito de haver conseguido arrancá-lo do seu contido mutismo, porém não sabia se poderia fazê-lo falar ainda mais. Dei-lhe outro motivo, perguntando sobre sua própria iniciação.

“Vou contar-lhe um pouco da minha história”, respondeu. “Nasci há sessenta anos na cidade de Suag, no distrito de Girga. Meu pai era um mago de grande fama e astrólogo profissional, cuja arte sempre me atraía, e realmente me fascinava. Notou minha inclinação, e um dia disse que me iniciaria e educaria para que eu pudesse seguir a mesma profissão. Possuía ele uma quantidade de antigos manuscritos árabes e alfarrábios de magia e mos deu para que eu os lesse e estudasse. Ao iniciar-me na idade de dezoito anos, vim ao Cairo para ingressar na Universidade de El Azhar onde me dediquei aos estudos literários e religiosos, sem revelar a ninguém meu verdadeiro interesse. Levei comigo vários manuscritos de meu pai e continuei a estudá-los em casa. Uma das coisas que aprendi, foi saber que havia diversas espécies de natureza humana, e adquiri tanta prática que me bastava olhar para uma pessoa para determinar seu caráter e seus desejos”.

“Saí da universidade aos vinte e oito anos, e vivendo só, pratiquei a magia até sentir-me bastante forte para dominar completamente meus gênios. Adotei então a profissão e fiz-me conhecido. E a quem não conquiste esse poder é preferível que abandone a carreira. Meus filhos me rogaram que lhes permitisse estudar a minha ciência; no entanto, encaminhei-os a outros misteres, porque vi que lhes faltava a coragem necessária para ser um mago eficiente”.

“Simultaneamente pratiquei a astrologia. Muitas personagens egípcias de grande vulto têm recorrido a mim e vêm ver-me para lhes desvendar o futuro. Príncipes, ministros, pachás e magnatas do comércio me pedem conselhos. Consultou-me um ministro da Corte de Abissínia. Um Sultão de Marrocos mandou-me um mensageiro com certos documentos confidenciais. Certa feita, entraram na minha casa, à noite, quatro ladrões no intuito de matar-me e roubar; afugentei-os com um simples bastão. No dia seguinte, usando minha magia, descobri seus nomes e reuni bastante provas para fazer prendê-los; foram condenados a cinco anos de prisão.

“Faz pouco tempo, chamaram-me para ir até uma casa mal-assombrada onde, à noite, seres invisíveis faziam voar as cadeiras, tapetes e baterias da cozinha. Acendi um incensário e entoei minhas evocações aos espíritos. Mal passaram quinze minutos, apareceram os gênios causadores daqueles transtornos. Ordenei-lhes que se retirassem e deixassem tranquila a casa. Logo depois os espíritos sumiram, e a assombração terminou”.

O velho bateu palmas e um servente apareceu trazendo uma bandeja com a geléia branca, bolinhos e chá persa em xícaras finas.

“Esses gênios podem fazer-se visíveis a uma pessoa comum? — indaguei, enquanto lanchávamos.

“Sim; depois de longas preparações e muitos esforços, é possível. No fim da cerimônia, após ter aceso o incenso e cantado lentamente as invocações, a sala estando às escuras, o gênio aparece na fumaça e fala em voz alta; entretanto, esse aspecto da magia eu não a pratico mais, porque já estou demasiado velho para o tremendo esforço que requer.

Pus-me a refletir sobre a estranha complexidade do personagem que afirmava manter contato com essas mágicas criaturas. O homem era, de certo, bastante aterrador; não obstante, também sabia mostrar-se humano, pois, quando sua neta, uma garotinha de seis anos, graciosamente vestida, entrou inesperadamente irrompendo na sala, correndo, o mago se inclinou e beijou-a com muito carinho e até condescendeu em brincar com ela alguns instantes.

Reatei minha indagação:

“Existem realmente os perigos a que o senhor se referiu?”

Olhou-me com ar grave, acenando a cabeça:

“Sim. Os que adquirem ascendência sobre os gênios correm muitos riscos, pois estes não são simples bonecos, mas seres vivos, providos de inteligência e vontade própria; portanto, sempre é possível rebelarem-se contra o homem que os escraviza. Embora obedeçam em tudo a seus amos e os sirvam voluntariamente, se o mago perde seu próprio controle e torna-se pusilânime, ou abusa do seu poder pondo-o a serviço com má intenção, ou se lhe falta coragem no momento culminante, então, há sempre a possibilidade de que algum dos seus gênios se revolte e o repila, ocasionando-lhe transtornos imprevisíveis, loucura, acidentes e até mesmo a morte. Com a ajuda desses espíritos se podem realizar coisas maravilhosas, porém se não são perfeitamente dominados pelo mago, são capazes de aniquilá-lo sem piedade”.

“Pensa o senhor que os antigos egípcios conheciam esses gênios?”

“Sem dúvida alguma, pois era esse conhecimento a base do poder que possuíam os sacerdotes. Gênios eram empregados para proteger as tumbas e tesouros mais importantes; eram invocados nas cerimônias sacras dos templos, como também usados para fins mais perversos”.

Contei-lhe minha experiência daquela noite que passei na Grande Pirâmide, na Câmara do Rei, da minha visão de dois espíritos de sacerdotes e da passagem secreta.

“Dentro da Pirâmide e ao redor da Esfinge há uma espécie peculiar de gênios — comentou meu anfitrião — que foram capturados por antigos Sumos-sacerdotes egípcios, e aprisionados nesses lugares para guardar certos segredos. Ainda hoje eles defendem esses lugares ocultos, impedindo a intrusão e lançando feitiço a qualquer um, caso aí penetre. Sim, eu também creio que na Pirâmide devem existir passagens e câmaras secretas ainda não descobertas, onde se ocultam vestígios do passado. Estive lá uma vez com intenção de investigar, porém a sentinela não me permitiu descer aos corredores subterrâneos e tive de voltar desapontado. Os gênios que cuidam dos segredos da Pirâmide e da Esfinge, podem ser conquistados; todavia, para isso é mister conhecer suas formas específicas e a maneira de invocá-los, seus nomes e sinais escritos. Por infelicidade, esse conhecimento se extinguiu juntamente com os antigos egípcios”.

Levantei a questão dos alegados poderes dos magos e o velho concordou que eram limitados. E acrescentou:

“Não clamamos que podemos fazer todas as coisas. Sabemos algumas e nada mais. O único que sabe e domina tudo é Alá. Nós, magos, somente nos esforçamos por praticar da melhor maneira possível nossa arte, mas a última palavra pertence a Alá”.

Despedi-me do Mago e comecei a andar pela rua empoeirada, iluminada pela luz alvacentas do céu egípcio. No meu bolso levava uma enorme pedra preciosa castanho-avermelhada lapidada em forma de ovo, que o mago me dera como lembrança, e segundo ele, pertencera a um Faraó. Enquanto meus dedos acariciavam a superfície lisa da ágata, pensei no homem que eu acabava de deixar e nos invisíveis servidores, prontos a obedecer suas ordens e cumprir seus desejos. Era óbvio para mim que aí se pisava em terreno perigoso, beirando os limites mesmo da bruxaria, feitiçaria e magia negra.

Não seriam aqueles gênios nada mais que suposições sem fundamento? Não — não era difícil aceitar a teoria da existência de regiões ocultas da natureza, habitadas por outros seres distintos do homem — chegando-se a essa conclusão mediante um simples raciocínio analítico. Também era muito possível que dentro da hierarquia desses seres, alguns fossem sinistramente perniciosos, ao passo que outros, pacificamente benéficos. Agora, se eles podiam fazer tudo o que o mago pretendia, já é outro assunto. Talvez a prolongada ação do sol egípcio tivesse afetado o cérebro do velho. Não pude decidir-me a opinar a respeito.

Na Índia, um yogue devolveu misteriosamente a vida a um pássaro morto, ante os meus olhos, ainda que a ressurreição fosse apenas momentânea. Aqui, no Egito, presenciei outra experiência, igualmente surpreendente, porém inversa.

Não tomei nota do que me havia dito o mago, porque há homens que se retraem ante as anotações, e eu sabia por experiência psicológica que meu entrevistado era um deles.

Fixei suas palavras na memória e as redigi ao ficar só. Como me pareciam estranhas quando as escrevi! Quis investigar a magia nativa em suas diversas formas, e este foi o primeiro resultado curioso que obtive.

## Faças do Hipnotismo

Às vezes encontramos coisas curiosas, quando menos esperamos. Durante minha estada no bairro europeu do Cairo, encontrei outra estranha manifestação dessas forças denominadas sobrenaturais, que, no entanto, algum dia, deixaremos de considerar como tais.

Conheci um jovem casal notável, residente numa rua direta para os quarteis da Guarnição Militar Britânica. O Cairo é uma colmeia tão cosmopolita que, frequentemente, num bloco de apartamentos coletivos moram inquilinos de meia dúzia de nacionalidades diferentes. Nesse bairro predominam os franceses, e o jovem casal que ali morava tinha vindo para o Egito há muitos anos. O marido era Monsieur Eduard Ades, e a esposa, Madame Marguerite. Ele possuía dom hipnótico, sendo a mulher paciente excepcionalmente apta para suas experiências. Depois de muitos anos de prática, adquiriram um grau de competência, demonstrando as extraordinárias possibilidades ignoradas, ocultas no corpo e na mente do homem. Submeti-os a diversas provas, se bem que a maioria das experiências carecesse de caráter sensacional, podendo apenas interessar aos investigadores científicos; não obstante, houve duas ou três façanhas capazes de confundir qualquer materialista inveterado que nunca tivesse explorado este terreno.

A primeira dessas experiências, que vou descrever, foi fiscalizada e assistida por uma senhora bastante cética, esposa de um eminente funcionário britânico, que a meu convite presenciou a experiência, e reconheceu a demonstração como perfeitamente legítima, e que nenhuma teoria de ilusionismo poderia explicar.

Reunimo-nos, os quatro, no escritório de *monsieur* Ades, mobiliado com toda simplicidade. Ele era um belo tipo de homem; moço ainda, não devia ter mais de trinta anos, com abundante cabeleira negra, ondulada, fronte alta e inteligente, olhos firmes e penetrantes, nariz grego, de perfil reto, falando com animação característica do seu povo. De rara eloquência, era capaz de manter uma conversação cerrada durante horas, e as palavras aos borbotões saíam-lhe dos lábios, apressadas. Toda a sua personalidade dava a impressão de força e vigor.



Madame Marguerite, por sua vez, reunia tudo o que se podia desejar de um paciente hipnótico: era amável, sensível, calma, reservada e compenetrada. De estatura baixa, um pouco cheia de corpo, tinha olhos excepcionalmente grandes, suaves e sonhadores. Andava com movimentos lentos, quase que letárgicos.

Tomou assento numa poltrona e o marido em pé junto a ela iniciou a demonstração. Encostou o polegar direito entre as sobrancelhas da esposa e o manteve, apertando, alguns minutos, enquanto lhe fitava atentamente o rosto. Isso foi tudo o que fez. Nem passes nem qualquer outro recurso que habitualmente fazem parte da técnica do hipnotizador.

“À princípio, quando hipnotizava Madame Marguerite, há muitos anos — comentou, falando rapidamente em francês — usava um método complicado e tinha de aguardar um tempo considerável antes de chegar ao primeiro grau do estado pós-hipnótico. Contudo, trabalhamos juntos, tantas vezes, que agora se tornaram desnecessárias todas essas preparações, e posso induzi-la, quase instantaneamente, ao transe, embora nenhum outro hipnotizador tenha conseguido com ela o mesmo resultado. Olhem! Já está hipnotizada!

A mulher ficou rígida; de olhos cerrados, parecia ter perdido o contacto com tudo que a cercava. Pedi licença para examiná-la, e levantando-lhe as pálpebras, notei nos seus olhos provas indubitáveis de insensibilidade. Os globos oculares revirados estavam fixos na posição pré-naural; era um sinal cientificamente comprovado do primeiro grau de transe hipnótico.

Iniciamos por experiências simples. Ades ordenou à esposa que olhasse através do quarto.

“Que cena terrível — sugeriu ele — olha este pobre homem como está sofrendo. Que pena que lhe sucedam essas coisas! Que pena!”

Madame Marguerite olhou na direção indicada, seu rosto expressou aflição e não demorou a chorar. Alguns minutos depois, as lágrimas lhe escorriam copiosamente pela face.

De súbito, o hipnotizador lhe ordenou ver no extremo oposto do escritório, uma alegre passeata celebrada com hilaridade. O pranto parou em segundos, e a mulher sorriu; instantes depois ria às gargalhadas, com um riso cordial e espontâneo.

Dessa forma, passou sucessivamente a ser uma criança de três anos, um soldado e um capenga, identificando-se com cada um dos personagens, respondendo perfeitamente às sugestões orais do hipnotizador.

Seguindo as instruções de Ades, vendei os olhos da mulher, colocando-lhe sobre as pálpebras tiras de esparadrapos que trouxera comigo. Desta maneira lhe seria materialmente impossível abrir os olhos, e para fazer ainda mais perfeitas as

condições da experiência, cobri-lhe os olhos e a cabeça com uma venda grossa de veludo vermelho. A garantia era absoluta.

Ades me pediu que sugerisse algumas indicações para que a mulher as executasse e dissesse a ele baixinho, ao ouvido. Satisfazendo-o, sussurrei: “levante o braço direito”.

O hipnotizador voltou ao lado da esposa, e colocando sua mão direita a poucos centímetros da mão dela, levantou a sua, ordenando à mulher que o imitasse.

Embora Madame Marguerite estivesse com os olhos vendados, impossibilitada de ver alguma coisa, levantou imediatamente o braço direito.

O operador se aproximou da senhora que eu tinha convidado, e lhe disse que indicasse um outro movimento qualquer. “Cruze os dedos de ambas as mãos”, murmurou-lhe a senhora.

O homem cruzou os dedos e voltou à mulher vendada; imediatamente ela o imitou sem vacilar!

\* \* \*

Chegamos agora à experiência mais interessante. Ades passou ao segundo grau do transe hipnótico, tocando a paciente na testa e transmitindo-lhe sugestões verbais. Nesse estado entram em jogo as impressionantes atividades de forças latentes do subconsciente. O operador ordenou-lhe sentar-se junto à escrivaninha, e foi obedecido instantaneamente pela paciente que, com aquela venda vermelha cobrindo-lhe o rosto, apresentava aspecto bem estranho.

Ades pediu-nos que escolhêssemos ao acaso um trecho de qualquer livro. Escolhemos uma obra científica francesa e abrimos a página cinquenta e três, marcamos o parágrafo e pusemos o livro na escrivaninha, junto à Madame Marguerite.

Enquanto Ades colocava diante dela uma folha de papel, a Madame apanhava um lápis.

“Procura agora no livro o trecho escolhido — ordenou o operador com voz firme — lê sem dificuldade e depois de ter lido escreve-o no papel que está diante de ti. Vamos! Começa!

(Aqui segue a escrita de Madame Marguerite, enquanto estava com os olhos vendados).

A paciente manteve o lápis no ar alguns instantes, fixando através da venda as páginas impressas do livro e começou a escrever lenta e ponderadamente. Ao escrever três ou quatro palavras, voltou-se para o livro, inclinando a cabeça

como se tivesse os olhos abertos e pudesse ler claramente. Nós, porém, sabíamos que com as precauções tomadas era-lhe impossível ver coisa alguma.

Ela continuou lendo e escrevendo alternativamente, enquanto observávamos com contida excitação o processo e a dura prova à qual estava sujeita. Ades permaneceu passivo durante o tempo da operação, e afirmou-nos que a mulher copiava exatamente todas as palavras do parágrafo.

Pedi-lhe que ordenasse à hipnotizada sublinhar certas palavras, a segunda da segunda linha e a terceira da terceira linha. A ordem foi dada e vimos a paciente hipnotizada sublinhar lentamente as palavras.

Ao terminar a cópia do parágrafo, acercamo-nos ansiosos para ver o que havia escrito, comparando-o palavra por palavra com o original impresso. Eis o que lemos:

“Toutefois le danger científico est ici beaucoup moins du côté des statisticiens trop zélés que du côté de ceux qui tendent à conclure d’après leur intuition sur nombre limité...” <sup>1</sup>

1. Contudo, o perigo científico é aqui muito menor por parte dos estatísticos demasiadamente zelosos, do que para os que se esforçam em tirar conclusões baseados na intuição a respeito de número limitado... (Nota da tradutora).

Comparando com o rascunho escrito por Madame Marguerite, vimos que havia copiado o trecho com surpreendente exatidão, sublinhando corretamente as palavras indicadas. Cometeu, todavia, um só erro, em vez de “statisticiens” escreveu “statistiques” — equívoco curioso mas compreensível.

Marguerite não terminou de copiar o parágrafo, porque consideramos suficiente o que havia escrito para demonstrar sua estranha faculdade.

Outra experiência interessante foi mandar-lhe escrever a mesma passagem com a mão esquerda. A mulher não era canhota, porém em estado hipnótico cumpriu o encargo sem o menor embaraço.

Em seguida, Monsieur Ades ditou-lhe alguns algarismos para somar, que nós mesmos lhe havíamos indicado previamente. Na página anterior poderá notar-se um erro que cometeu na última coluna da primeira soma, isto é, 13. 103. Recomeçou, apesar de estar com os olhos vendados, retificou, colocando na coluna os números correspondentes, acabando por somar corretamente.

A operação seguinte permitiu-nos apreciar todas as imensas possibilidades latentes que possuímos. A senhora a quem havia convidado a assistir as experiências, tomou a mão da paciente hipnotizada e concentrou-se na imagem mental do seu esposo. Pouco depois, Marguerite descreveu-lhe o caráter, as aptidões, o temperamento e até o aspecto físico do ausente. O mais

extraordinário foi sua declaração de que o homem era um alto funcionário do governo.

“Exato!” exclamou a senhora, surpresa ante aquela notável leitura de pensamento.

Entretanto, em outras ocasiões, quando a senhora Ades aventurou-se a explorar meu porvir estando no mesmo grau de transe hipnótico, o resultado foi um fracasso total. Rebelei-me interiormente contra a inexatidão de algumas das suas profecias e poucos meses depois ficou demonstrado categoricamente seu erro. No entanto, o que diz respeito ao meu caráter, meus objetivos, aspirações e ambições, descreveu com bastante exatidão. É evidente, portanto, que a adivinhação do futuro, aqui como em outras partes, é uma conjectura duvidosa ainda que possa antecipar a orientação geral dos acontecimentos derivados do caráter de cada um, como uma consequência lógica.

Para a experiência final, a paciente foi levada à terceira etapa do estado hipnótico, estado mais profundo em que certas partes do corpo ficam insensíveis à dor e permite ao hipnotizador obter o controle sobre os órgãos internos de funcionamento involuntário.

Ades esfregou a palma da mão esquerda da sua mulher com um pedaço de algodão e, tomando uma agulha que nos fez examinar previamente, cravou-a na parte carnuda da mão, perfurando-a, tendo a ponta saído um centímetro do lado de fora. Marguerite não somente não sentiu dor alguma, mas, até quando Ades sugeriu ver em frente dela um cômico contando chistes, desatou a rir sacudindo-se. Poucos minutos depois, o operador extraiu a agulha; não se notava nem uma gota de sangue na pele nem mesmo na agulha. Ficou apenas um minúsculo pontinho roxo indicando o lugar onde fora cravada.

\* \* \*

Fiz várias perguntas a Monsieur Ades sobre o hipnotismo.

Era ele um homem culto, com um título universitário e numa certa época, professor de psicologia num colégio. Por essa razão lhe agradava que o chamassem professor Eduard — vaidade natural e inofensiva. Eu lhe dava geralmente esse título.

Quando lhe pedi alguns esclarecimentos sobre suas demonstrações, fixou-me seu olhar penetrante e exclamou:

“Monsieur! Vou ser absolutamente franco com o senhor! Nós, na realidade, não sabemos coisa alguma acerca das forças misteriosas que produzem o fenômeno de hipnotismo. Conhecemos apenas a técnica que o provoca e sabemos quais são as condições a seguir para dar bom ou mau resultado”.

“Nós descobrimos que em todas as criaturas existe uma espécie de força que chamamos influência magnética e que em certas pessoas, como em mim, por exemplo, adquire um desenvolvimento tão poderoso que pode afetar os demais, de maneira surpreendente, como o senhor acaba de constatar. Por outro lado, para ela poder atuar, requerem-se pacientes naturalmente receptivos que submetam sua vontade sem a menor resistência. Quando descobri que possuía esse poder, dediquei-me a robustecê-lo até chegar ao ponto máximo, tal como o senhor assistiu hoje. Todavia, para poder executar essa façanha, temos que nos exercitar, minha senhora e eu, continuamente. À princípio, tomava-me muito tempo pô-la no estado hipnótico, mas os esforços persistentes e a experiência permitiram finalmente reduzir esse tempo a uns poucos minutos”.

“Que sucede quando ela se encontra nessa condição? Converte-se numa espécie de sonâmbula, que não desperta mesmo que se disparem tiros. Os doutores Preyer e Berger que fizeram estudos especiais sobre sonambulismo, descobriram que os sonâmbulos podem ver perfeitamente com os olhos fechados. Essa misteriosa capacidade prova que a consciência pode ser dividida e realmente existe o que os psicólogos chamam o subconsciente. A julgar por nossas demonstrações, o subconsciente é clarividente, não está sujeito às limitações da matéria e é capaz de fazer com o corpo o que se considera impossível no estado consciente. Isso demonstra que nossas idéias sobre as limitações são falsas e que todos nós somos capazes de fazer muito mais do que pensamos. O hipnotismo liberta o paciente das noções impostas por conceitos errôneos”.

“Como explica o senhor o fato de sua esposa ler um livro com os olhos vendados?

“Simplesmente digo que não pomos limites ao poder do subconsciente e que a clarividência parece ser uma das suas faculdades naturais. Em outras palavras: o subconsciente é capaz de ver, ouvir e sentir, e essas faculdades não dependem, para funcionar, dos órgãos físicos como os olhos e os ouvidos. <sup>2</sup> O estado hipnótico afasta a atenção do paciente dos órgãos físicos, e em realidade de todo o corpo, concentrando-se integralmente no subconsciente, cujas faculdades misteriosas entram em jogo. Isso é quase tudo o que lhe posso adiantar a respeito. Eu apenas proporciono as condições necessárias e observo a atividade dessas faculdades. Nada mais”.

2. Os yogues da Índia deram-me explicação muito similar, do fenômeno. Sustentam eles que o homem possui um “corpo etérico” com sete centros nervosos situados numa região próxima ao sistema cérebro-espinhal e ligados ao cérebro superior; esses centros invisíveis controlam cada um dos nossos sentidos físicos como verdadeiros agentes fiscalizadores. Situam o primeiro centro que governa o olfato na região sacra; o segundo, que dirige o sentido do paladar se acha no baço; o terceiro se encontra ao nível do umbigo e corresponde à vista e assim por diante. De acordo com suas teorias, os objetos externos que impressionam os sentidos na realidade percebidos pelo “corpo etérico”, cuja cooperação é essencial para o bom funcionamento dos sentidos físicos do homem. Estes últimos são meros instrumentos e sem aquela cooperação não

podem cumprir suas funções. Em outras palavras: a visão, a audição, etc., são faculdades mentais, e como faculdades físicas, apenas secundárias. Pretendem os yogues que, mediante controle consciente da atenção, em profunda concentração, podem chegar a fazer espontaneamente todos esses atos que realizam os pacientes hipnotizados, sem a ajuda do hipnotizador.

“Reparei que o senhor não aplicou passes. Considera-os desnecessários?”

“Creio que para alguns hipnotizadores poderão ser até muito necessários — respondeu energicamente o professor — mas eu posso dispensá-los, baseando-me unicamente na minha força de vontade e nas sugestões verbais que transmito à paciente. Minha experiência me ensinou que o verdadeiro segredo do hipnotismo está nesses dois fatores, especialmente na sugestão proferida serena e autoritariamente. Passes magnéticos necessitam somente os que não se sentem com suficiente experiência para deixar de usá-los.

\* \* \*

O Cairo alberga todos os anos, durante certo tempo, um homem que podemos seguramente considerar o faquir mais famoso do Egito moderno, o ilustre Tahra Bey. Suas façanhas provocaram muitas controvérsias e polêmicas apaixonadas; os críticos se encarniçaram em apunhalar-lhe a reputação, tal qual ele cravava em seu corpo facas e flechas. Muitas pessoas de destaque acharam seus feitos convincentes, ou quando menos, interessantes. Os Reis Fuad do Egito, Carol da Rumânia e Vitor Emanuel da Itália, entre outros, o honraram com seus convites, e o senhor Benito Mussolini o recebeu várias vezes no seu Palácio Chigi. Por outro lado, longe de iludir as investigações, Tahra Bey sempre ia ao encontro delas. Para mim, que tinha visto realizar várias proezas iguais por mais de cinco faquires desconhecidos, nas distantes regiões da Índia e da África, não me foi difícil aceitá-las como possíveis; ademais, conheço o homem e sei também que possui realmente os poderes que se atribui. A única coisa com que não posso concordar é que a atividade à qual se entrega seja malbaratada, condescendendo em satisfazer o capricho popular que reclama fantasias e adivinhações do porvir. Mas quem sabe a culpa não seja toda dele.

“O mundo obriga-me a comercializar meus poderes — confessou tristemente um dia, enquanto tomávamos chá — “a tornar-me um artista em vez do homem de ciência que desejara ser”.

Seja como for, eu o admiro muito por haver se negado a revestir uma roupagem de verbosidade prolixa ou de irrelevância religiosa, embora sendo um faquir dotado de poderes extraordinários. É ele o primeiro a querer que a verdade sobre os milagres dos faquires apareça desprovida de todos os aparatos com que haviam sido adornados por tradição. Tahra Bey encara suas realizações bem como os princípios que as fundamentam, com uma atitude sã, moderna e renovadora, atitude única na classe de seres humanos chamados faquires, de

mentalidade medieval, irracionais e amantes do mistério. Em poucas palavras, Tahra Bey trata de substituir a superstição pela ciência.

Antes de se poder entender adequadamente suas façanhas, cumpre o dever de compreender o homem e, para isso, nada melhor do que conhecer sua vida. Relatarei aqui sua história tal como ele me contou; todavia, em primeiro lugar, vou apresentá-lo.

Não esperemos encontrar a figura descarnada, emaciada, de um asceta. Imaginemos um homem de aspecto distinto, cabelos negros, tez azeitonada, rosto sério e aprazível, que usa cavanhaque e se cobre às vezes com um albornoz árabe e, outras vezes, com um simples chapéu macio de feltro, à européia. É de estatura ligeiramente inferior à mediana. Sente-se igualmente à vontade usando roupas árabes ou trajes europeus de bom alfaiate. Seus belos olhos de olhar penetrante possuem uma característica excepcional, por serem de iris notavelmente claras e emprestando mistério e profundidade às pupilas negras. Seus modos são amáveis e delicados, tem a cortesia e boa educação que são invariáveis nos egípcios da alta classe social. Fala em voz baixa e com tanta humildade que ninguém acreditaria estar na presença de um homem, cujo poder domina as forças mais misteriosas da natureza. Senhor de si, a serena tranquilidade e o ar de autocontrole o caracterizam como a todos os faquires dignos desse nome. Fuma muitos cigarros por dia.

“Nasci em 1897, em Tanta, um povoado de gente ativa, do Delta do Nilo, lugarejo onde o túmulo de um famoso faquir do século XIII, o sheik Ayid Amad el Badavi, é visitado por peregrinos de todos os recantos do Oriente. Minha mãe faleceu ao dar-me à luz. Meu pai era da seita dos coptas, os cristãos do Egito; era ele um conhecedor invulgar das doutrinas dos faquires e tinha muitos amigos entre eles. Cresci, portanto, num ambiente favorável a minhas futuras atividades. Ainda garoto, fui iniciado nos exercícios e práticas tradicionais dos faquires, sendo meu próprio pai um dos meus mestres. Quando na minha meninice ainda, as perturbações internas do meu país obrigaram-nos a mudar de residência; meu pai, eu e um mestre fugimos para a Turquia e instalamo-nos em Constantinopla. Ali recebi uma boa educação moderna, cursando a faculdade de medicina e obtive o título de doutor. Essa educação foi para mim muito valiosa, psicologicamente, visto que me permitiu submeter minhas experiências psíquicas à análise científica. Abri uma clínica na Grécia, onde exerci a profissão durante algum tempo. Foi ali que empreendi a façanha mais prodigiosa, a meu ver, de todas as que os faquires possam realizar: a ressurreição. Permiti que me enterrassem durante vinte e oito dias num túmulo cavado para os mortos, do qual saí ao vencer aquele prazo, vivo e ileso. A Cúria Metropolitana e outros dignitários eclesiásticos fizeram-me oposição tentando impedir minha façanha, por verem nela e nas doutrinas que eu sustentava, uma ameaça e desafio à sua religião. No entanto, as autoridades governamentais me defenderam e responderam que, sendo médico, tinha direito a ser enterrado, se assim o

quisesse. E não foi essa a única ocasião que minha preparação científica e o título de doutor em medicina, contribuíram para facilitar-me o caminho.

“Visitei a Bulgária, a Sérvia e a Itália. Neste último país reuni os homens de ciência mais eminentes para que investigassem minhas façanhas. Puseram-se num ataúde de chumbo, cobrindo-me completamente com areia; pregaram a tampa e desceram-no ao fundo de uma piscina. Meia hora depois a polícia interveio e a demonstração teve de ser interrompida, mas mesmo assim, foi um êxito. Pouco depois viajei para a França onde, não somente me permitiram repetir a mesma experiência, como também prolongá-la à vontade. Permaneci encerrado num caixão, mergulhado n’água durante vinte e quatro horas, o corpo em estado de catalepsia. A polícia e outras pessoas fizeram guarda permanente para evitar qualquer fraude. Aqui tenho duas fotografias que foram tomadas durante a demonstração. Na primeira, pode-se ver meu corpo em estado de transe no momento de ser colocado no ataúde, e na segunda, a ocasião em que o caixão foi retirado d’água, vinte e quatro horas depois. Tive a grande satisfação de propor e vencer essa prova pelo fato de muitos críticos pretenderem desmascarar as experiências dos faquires indianos enterrados vivos, demonstrações essas que o senhor descreveu no seu livro sobre a Índia. Diziam os críticos que os faquires mandavam instalar tubos de ventilação, ocultos, e desse modo asseguravam-se do ar necessário para não morrer. Assim o faziam, sem dúvida, os pseudo-faquires que não são mais do que vulgares prestidigitadores e ilusionistas. No entanto, para aqueles que aprofundaram os autênticos segredos da nossa arte e souberam pôr o corpo em transe cataléptico, é completamente desnecessário. É por essa mesma razão que exigi a prova debaixo d’água, cuja transparência permite observar, à vontade, qualquer suspeita que possa aparecer. Os médicos que presenciaram a demonstração, eram especialmente interessados e, com justificada razão, tentaram por todos os meios verificar a autenticidade da façanha. Contudo, não tinha nada a temer, pois ela era baseada em leis da natureza ignoradas por ilustres colegas.

“Embora gostasse das comodidades da vida européia, tinha também carinho para com minha terra natal; assim adotei como norma dividir minha vida entre o Egito e a Europa. Gosto dos europeus e muitos deles me estimam e me recebem cordialmente. Quando a rainha da Espanha me telegrafou convidando-me a ir para o seu país, mandou-me uma escolta oficial para acompanhar-me. O passado se projeta agora ante meus olhos como um filme maravilhoso, embora um verdadeiro faquir esteja além das vaidades e da cobiça; vive uma existência interna, despojado dos desejos mundanos excessivos. O senhor conhece os faquires do Oriente e, creio eu, está de pleno acordo comigo quanto ao meu caso que é provavelmente o único, visto que os demais faquires, quando são autênticos, não se interessam em visitar a Europa e são demasiado orgulhosos para se submeterem às investigações da crítica. Crêem na inutilidade das suas exhibições perante os ocidentais, porque os europeus atribuem sempre à



charlatanaria, à prestidigitação ou a qualquer coisa, menos às verdadeiras causas que lhes permitem fazer esses prodígios. E coisa mais importante é que eles não possuem meus conhecimentos de línguas européias (eu falo italiano e francês) e não me recordo que um só deles tenha feito estudos universitários de medicina ou outras ciências, e tenha aceito a educação moderna no seu verdadeiro valor. Como o senhor deve ter observado, em geral eles desprezam a cultura moderna, considerando-a um estorvo. Eu, evidentemente, não sou da mesma opinião”.

\* \* \*

Reuni um pequeno grupo de médicos e outros profissionais a quem interessava aqueles assuntos heterodoxos. Tivemos a honra de presenciar toda uma série de demonstrações inverosímeis, algumas horripilantes, que Tahra Bey realizou com surpreendente facilidade e rapidez.

O faquir tinha deixado a roupa européia e estava com a longa túnica de linho branco, a cabeça envolta num albornoz árabe atado com um duplo cordão azul e dourado. Sobre o peito, uma estrela de cinco pontas de ouro cinzelado pendia numa corrente amarrada no pescoço, um emblema da ordem em que havia sido iniciado. Uma faixa dourada prendia-lhe a cintura. O homem estava com os braços cruzados no peito, cercado por diversos objetos e materiais que iam ser usados na demonstração, espalhados pelo chão do quarto. Havia uma mesa com punhais, facas, agulhas, martelos e cacos de vidro; noutra mesa, os recipientes cheios de grandes pregos pontiagudos. Um bloco de pedra volumosa e pesada, uma balança e um enorme martelo; uma galinha e um coelho cinzento, ambos com as patas atadas, estavam numa cesta, duas espadas curvas, polidas e luzentes, um par de cavaletes, um grande ataúde, um caixão, maior ainda, um monte de areia e um par de pás. Várias toalhas, algodão e outros apetrechos diversos. De um braseiro subia, saturando o aposento suave perfume de incenso. Dois jovens acólitos do faquir aguardavam para atuar como ajudantes. Tahra Bey, compenetrado e grave, avançou um passo no meio da sala. Sob a luz suave das lâmpadas acesas, apresentava ele um aspecto mui distinto.

Todos os objetos foram cuidadosamente examinados a fim de nos assegurar da sua autenticidade e eliminar toda suspeita de fraude.

O faquir apertou com os dedos a parte posterior da nuca, e com a outra mão, as têmporas, e aspirou bruscamente o ar pela boca até fazer o nó da garganta tremer. Fechou os olhos, e lançando um grito peculiar, repentino, entrou em transe. Do transe passou à catalepsia, e teria caído no chão, se não fossem os ajudantes que o recolheram nos braços. Estava tão rígido como um tronco de madeira.

Os acólitos baixaram-lhe as vestes até a cintura para que pudesse realizar sua primeira experiência.

Um deles fixou as longas lâminas com a parte cortante virada para cima, nos cavaletes, um em frente do outro. Tahra Bey foi colocado sobre as lâminas de modo que um cavalete sustentava os ombros e outro os tornozelos, o corpo rígido suspenso no ar. Um dos médicos se aproximou, tomou-lhe o pulso, e constatou, surpreso, a pulsação anormal que subia a 130.

Em seguida puseram na balança a pedra, um enorme bloco de granito maciço, cujo peso acusava noventa quilos. Os ajudantes levantaram-no e colocaram-no sobre o ventre desnudo de Tahra Bey; um deles tomou o grande martelo de ferro e assentou golpes após golpes na pedra. O corpo do faquir permaneceu tão tenso e rígido como se fosse de ferro, sem ceder um só centímetro à tremenda combinação do peso e dos golpes. Finalmente, a pedra cedeu, o granito partiu-se em dois, caindo com estrondo no chão; os auxiliares levantaram o corpo do Tahra Bey e puseram-no em pé, segurando-o. O faquir parecia estar alheio ao ocorrido e não sentir nenhuma dor. Os médicos examinaram-no com interesse e viram que as lâminas não haviam deixado o menor sinal na sua pele. A pedra deixou a marca, vendo-se uma enorme mancha vermelha em todo o abdome.

Aquela violenta prova por que acabava de passar, tivera para ele o mesmo efeito como se tivesse se deitado num leito de rosas. O fato fez-me lembrar certos yogues de classe inferior que encontrei em Benares, que se sentavam e dormiam em pregos pontiagudos e dos quais me afastava com repugnância, em vez de me sentir edificado na fé.

O faquir foi logo deitado numa tábua de madeira, crivada de pregos, cujas pontas afiadas estavam voltadas para cima; um dos ajudantes subiu nele, ficando com um pé apoiado no peito e o outro no abdome. Quando retiraram o faquir, os médicos lhe examinaram as costas desnudas sem encontrar sequer uma perfuração dos pregos. Nesse momento a pulsação subiu a 132.

Os acólitos puseram-no em pé.

Vimos as pálpebras do faquir tremerem e ele lentamente abriu os olhos. Desperto, girou os globos oculares durante alguns segundos; parecia como se tivesse saído de um sono profundo e regressado de muito longe. Mais de meia hora manteve os olhos estranhamente fixos; pouco a pouco foi voltando à vida. Fez um esforço violento para aspirar abrindo tanto a boca que podíamos ver a língua enrolada, na entrada da garganta. Depois de aspirar, introduziu o dedo na boca e endireitou a língua, pondo-a na posição normal.

Emergindo do estado cataléptico, em cujo transe se colocara por si mesmo, estava descansando para se submeter a novas provas, querendo nos convencer de que de fato era insensível à dor.

Pedi aos médicos atravessar-lhes as bochechas com um par de grandes agulhas; imediatamente um deles cravou-as, e as pontas saíram pela boca.

Eram as agulhas que antigamente se usavam para segurar os chapéus de senhoras. Os médicos sabiam que no corpo humano há certos lugares, entre dois músculos ou dois nervos, onde a carne podia ser atravessada sem dor, e por conseguinte, tomaram todo cuidado para escolher no rosto do faquir pontos realmente vulneráveis e introduziram as agulhas dos dois lados da face. Tahra Bey estava bem desperto e sabia perfeitamente o que lhe faziam; contudo, parecia não sentir o menor incômodo.

Outra prova mais impressionante ainda foi feita por um outro médico a quem o faquir permitiu perfurar a garganta perto da laringe com uma adaga cuja ponta apareceu do lado oposto, depois de haver atravessado uns dois centímetros da carne. Vários médicos presentes, que eram céticos por natureza, estavam muito atentos, observando as pupilas do faquir, para ver se elas não se contraíam ou dilatavam, podendo assim verificar a presença de drogas no organismo, caso o experimentador as tivesse ingerido secretamente para ficar insensível à dor. Contudo, os olhos apresentavam o aspecto perfeitamente normal. Quando lhe retiraram da face todas essas armas, nem uma gota de sangue apareceu na pele. Essa façanha lhes parecia tão inconcebível que insistiram em cortar a face do faquir com os cacos de vidro e cravar alfinetes no peito e facas no abdome para ver o sangue jorrar, sem todavia nenhum resultado.

Para demonstrar mais uma das misteriosas faculdades que possuía, Tahra Bey apanhou um facão bem afiado e cravou no peito; ao retirá-lo, a ferida não sangrou. Um dos médicos expressou seu desejo de ver a ferida sangrar para provar que o faquir estava de fato ferido. Imediatamente, Tahra Bey fez jorrar o líquido vermelho até o peito todo cobrir-se de sangue. Era um espetáculo horripilante! Satisfeito o doutor, o faquir deteve o sangue só com o seu poder de vontade, façanha que deixou todos os presentes estupefatos. Dez minutos depois, a ferida estava praticamente cicatrizada.

Nisso, um dos assistentes apareceu com uma tocha acesa e passou a chama pela perna esquerda do faquir até a metade da coxa. Ouvimos crepitar a carne tostada e sentimos o cheiro de queimado, mas a sua expressão se manteve serena, impassível.

Outro médico que ainda não estava bastante convencido, observava, crente de que Tahra Bey tivesse tomado algumas drogas particularmente eficientes, e auscultou enquanto lhe aplicavam a tocha flamejante. Todavia, não constatou nenhuma alteração nas batidas do coração. Caso o faquir tivesse sofrido alguma dor e dissimulasse, ou mediante sua vontade extraordinária conseguisse dominá-la, então os movimentos do coração teriam aumentado forçosamente, o rosto teria empalidecido e outros sinais teriam traído seu sofrimento contido. Ademais, se tivesse ingerido uma droga como a cafeína ou outro entorpecente qualquer, a respiração não estaria normal como a tinha naquele momento.

Entre outras experiências posteriores, figuravam cenas de atravessar a carne com flechas, bem acima do coração, assim como cravá-las nos braços de lado a lado.

\* \* \*

Exibiu também seu prodigioso domínio sobre os animais, poder que os yogues indianos, às vezes, demonstram. A pedido de Tahra Bey, eu trouxe um coelho e uma galinha, e coloquei-os na cesta em cima da sua mesa do trabalho. O faquir voltou sua atenção para eles.

Tomou o coelho e dobrou-lhe as patas trazeiras até o peito. O animal resistiu duas ou três vezes, mas, quando o faquir lhe apertou o centro nervoso situado na nuca e fez alguns passes na cabeça do animal, o coelho ficou prostrado, estendido sobre as costas como morto, na posição em que o faquir o havia deitado. O animal estava com os olhos abertos e podíamos ver que, apesar da rigidez do corpo, os globos oculares se moviam de vez em quando, de um lado para outro, assinalando assim que estava bem vivo, embora impotente. Um dos assistentes se aproximou do coelho para verificar e tocou-lhe o olho com o dedo; o animal fechou imediatamente a pálpebra e voltou a abri-la em seguida, demonstrando que estava sentindo o que se passava, embora não pudesse reagir.

Tahra Bey deu-lhe uma pancadinha leve na nuca e o animalzinho saltou alegre sobre suas quatro patas e correu satisfeito ao redor da mesa. A penosa experiência não lhe fizera nenhum dano.

O faquir repetiu a mesma façanha com a galinha, que se comportou tão obedientemente como o coelho. Tahra Bey podia manejá-la e deixá-la por quanto tempo quisesse, em qualquer posição.

Entrementes nos informou que seu próprio corpo já não era insensível à dor visto que a insensibilidade se conserva apenas de vinte a vinte e cinco minutos após o primeiro estado de transe. Em outras palavras, já voltara à normalidade completa. “Se agora me cravassem uma faca sem aviso prévio, com toda certeza gritaria de dor”, confessou, sorrindo.

Por último, veio a prova mais notável da noite. Tahra Bey ia ser enterrado vivo. Essa extraordinária façanha foi realizada sob fiscalização, que não admitia a menor dúvida quanto à sua autenticidade.

Ele nos disse que fixaria de antemão a hora e o minuto exato em que sairia do transe; por conseguinte, pediu-nos não enterrá-lo por mais de uma hora e meia, querendo despertar cinco minutos depois daquele prazo.

O ataúde foi colocado no centro da sala; antes, porém, examinamos cuidadosamente o pavimento que, sendo egípcio, estava guarnecido de

mosaicos. Debaixo do mesmo só havia um outro apartamento, tratando-se de um dos edifícios que, acompanhando a moda ocidental, estão surgindo em todo o bairro europeu do Cairo. A possibilidade de que houvesse um esconderijo foi logo abandonada, mas, para evitar qualquer dúvida, estendemos um tapete comum no chão e em cima lhe colocamos o esquife.

Tahra Bey procedeu como habitualmente fazia para se colocar no estado de autocatalepsia. Apertou com os dedos as artérias da nuca e os centros nervosos das têmporas, enrolou a língua para trás e aspirou bruscamente o ar. No fim de poucos minutos estava em catalepsia total; a respiração se deteve, parou a circulação e todo o corpo ficou rígido e inerte, caindo para trás nos braços dos seus ajudantes. Enquanto eles o sustentavam, os médicos o examinavam para verificar com toda probidade a ausência das batidas do coração e qualquer outro sinal que testificasse vida.

Os ajudantes taparam-lhe a boca, as orelhas e as fossas nasais com algodão e depositaram no ataúde o corpo rígido como estátua. Difícil seria dizer qual a diferença entre Tahra Bey e um morto. Naquele “cadáver vivente” de rosto pálido, não havia, de certo, o menor vestígio de vida; tudo indicava tratar-se de um cadáver.

Os ajudantes munidos de pás cobriram rapidamente o corpo com fofa areia vermelha, fecharam o ataúde com a tampa, pregando-a.

Em seguida, trouxeram um outro caixão, maior, e puseram-no ao lado do primeiro. Levantaram o ataúde onde jazia o corpo e colocaram-no dentro do caixão, cobrindo-o novamente com a areia ao nível da borda.

Ficamos aguardando uma hora e meia, enquanto Tahra Bey jazia dentro da sua tumba temporária, examinando todos os elementos que foram usados na demonstração, fiscalizando todas as etapas, uma por uma. Se o egípcio sobrevivesse à prova, estaríamos obrigados a render tributo às suas extraordinárias faculdades.

Finalmente, passou o termo assinalado e, fiéis à nossa promessa, assistimos à retirada da areia do caixão, tirar o ataúde e despregar a tampa. Ali estava o faquir, duro como uma pedra, de tez pálida, própria dos defuntos. Era, em todos os conceitos, um homem morto.

Após retirar toda areia, levantaram-no. A rigidez cedeu, de modo que pôde ser colocado numa poltrona. Minutos depois, começaram a aparecer os primeiros sinais de volta à vida. As pálpebras se agitaram e logo percebemos a manifestação de leve respiração ritmada, e gradualmente se foi reanimando o corpo todo.

Doze minutos após o corpo ter sido retirado do esquife, pôs-se a falar-nos da sua estranha experiência.

“Meu sono era tão profundo — disse — que não sei nada do que os senhores fizeram comigo. A única coisa que me lembro é de ter cerrado os olhos neste quarto e que, mediante o processo de auto-sugestão, despertei no momento exato que me havia fixado”.

Assim terminou nossa fantástica reunião com aquele homenzinho assombroso, capaz de fazer milagres num abrir e fechar de olhos.

Saí com a impressão de que a cambaleante figura do materialismo será posta ante o piquete da execução no decorrer desse século, que nunca fez muito para explicar o mistério da mente.

Há homens de ciência, pessimistas, que se aventuram a calcular o extermínio da nossa terra por ser um planeta frio girando no vácuo. Talvez... porém, o fim do homem não seja tão desesperador como o do mundo que o abriga, PORQUE O HOMEM É MAIS DO QUE UM CORPO.

## Uma Entrevista com o Mais Famoso Faquir do Egito

Uma tarde, enquanto fumava um dos seus cigarros egípcios, delicadamente perfumado, Tahra Bey explicou-me as teorias e os princípios em que se baseiam suas notáveis façanhas. Estávamos num luxuoso apartamento nesse bairro progressista, que a Europa deixou como herança ao Cairo. O faquir havia me prometido contar muitas coisas; portanto, estava aguardando com antecipada emoção as revelações que ia fazer-me. Às minhas perguntas obtive certamente várias respostas muito elucidativas.

É sempre interessante, e às vezes proveitoso, receber explicações de feitos sobrenaturais e extraordinários das pessoas capazes de demonstrá-los, e não das profissões de preparação livresca, que apenas nos oferecem interpretações teóricas.

“Devemos *a priori* reconhecer a existência dessas grandes possibilidades que todo ser humano possuem em si — iniciou Tahra Bey — pois, enquanto não as reconhecemos, teremos de permanecer de pés e mãos atados por limitações desnecessárias que nos impedem de explorar os maravilhosos poderes psíquicos e físicos. As pessoas que presenciam os fenômenos que eu produzo, crêem tratar-se, quer de uma espécie de ilusionismo, quer de algo absolutamente sobrenatural. Ambas suposições são errôneas. Essa gente não consegue enxergar tais coisas como perfeitamente científicas, que obedecem às leis da natureza. É também verdade que eu estou empregando leis psíquicas incompreensíveis para a maioria, porém nem por isso deixam de SER LEIS. Nada que eu faço é arbitrário ou sobrenatural. Aqueles que imaginam que sou um ilusionista de teatro ou hábil prestidigitador, dispõem da visão estreita, e a incapacidade de julgamento não lhes permite conceber outras possibilidades humanas, a não ser aquelas que sua limitada experiência preestabeleceu como normas comumente aceitas. Tenho pena deles”.

Registrei taquigraficamente a última frase, e levantando os olhos vi, surpreso, no rosto do faquir essa expressão anelante que entristecia seu olhar místico,

quando alude aos seus críticos; o anseio de conquistar amigos e não criar inimigos, o desejo de encontrar compreensão em vez de mal-entendidos.

“Acreditam eles, por exemplo, que, quando espeto a face com agulhas ou corto-a com cacos de vidro, se não me valho de algum hábil stratagem, então devo estar anestesiado e, se não é nenhuma dessas duas coisas, então, resisto à dor pela minha força de vontade. Admitindo que fosse verdade, por que então, quando tantos talhos e cortes que me inflijo não deixam um sinal, uma ferida sequer no corpo, depois? O fato é que essas pessoas não podem se afastar da sua maneira habitual de pensar e não encaram a possibilidade de que sejam verdadeiras minhas próprias explicações. Deixemos que elas se cravem facas e agulhas na garganta e na face e verão de pronto a diferença; poderão repetidamente afirmar a si mesmas que não sentem dor e farão todo o possível para não senti-la; não obstante, senti-la-ão”.

Parou depois desta observação indignada.

“O senhor, entretanto, deseja conhecer minhas explicações. Os dois segredos (embora, segredo não seja o termo correto, mas pode servir), os dois segredos que me permitem realizar minhas façanhas são: 1.º, a pressão sobre certos centros nervosos do corpo; 2.º, a capacidade para entrar em coma cataléptico total. Qualquer pessoa que tenha essas condições e se submeta ao prolongado treinamento que eu segui para dominar e saber empregar adequadamente esses dois segredos, poderá realizar as mesmas façanhas. Sem esses recursos eu não resistiria à dor da prova, — não pretendo possuir tanto valor; não sou como os faquires indianos que o senhor tem visto se torturarem com volúpia e suportarem voluntariamente os terríveis sofrimentos em nome das doutrinas do ascetismo. Eu não sou partidário dessas crenças bárbaras e condeno categoricamente as práticas exageradas às quais se entregam os ascetas. Contudo, compartilho com eles certas coisas: na parte espiritual, a doutrina da vida interior e, do lado prático, o enrolamento da língua antes de passar ao estado cataléptico”.

Falava com uma franqueza que não deixou de surpreender-me, conhecendo a maneira de pensar dos faquires orientais. Perguntei-lhe:

— Poderia o senhor explicar-me, estendendo-se um pouco mais sobre o primeiro segredo?

“Pois não — respondeu amavelmente Tahra Bey. “Em poucas palavras, acho que não preciso dizer-lhe que os nervos são os condutores da dor, porém tenho que sublinhar o fato de que, pela pressão sobre certos centros nervosos, desviando o sangue do cérebro, esses centros ficam anestesiados. Entenda-me bem, não estou sugerindo de nenhum modo que seja fácil e que qualquer um possa fazê-lo; não: sem longo e apropriado treinamento essas experiências podem ser temerárias e perigosas. Quando se associa essa pressão com a



concentração de pensamento no vácuo, segue-se então a perda de consciência; relaxamento total de músculos e nervos acompanhada de enrolamento da língua e brusca aspiração de ar, proporciona indubitavelmente a rigidez do estado cataléptico. No período de uns vinte a vinte e cinco minutos, a carne fica, então, automaticamente insensível à dor, por intensa e atroz que seja”.

— Quais são os nervos sobre os quais o senhor exerce a pressão?

“As grandes artérias carótidas que irrigam o cérebro, os centros hipnóticos das têmporas e os nervos pneumogástricos, são os principais, porém, como já disse ao senhor, não se deve brincar com essas coisas. Aquele que tentar oprimir as carótidas e conseguir impedir que o sangue chegue ao cérebro, muito provavelmente ouvirá um zumbido dentro da cabeça, produzido pelo sangue ao retirar-se do cérebro e, certamente, perderá a consciência. Eu posso fazê-lo sem risco porque tenho sido instruído por grandes técnicos no assunto, desde minha mais tenra idade”.

— E o enrolamento da língua?

“Oh! Isso o senhor devia ter visto os yogues fazerem na Índia. Quando eu tinha quatro meses, meu pai começou a me enrolar a língua com os dedos, de cuja prática resultava uma espécie de ataque convulsivo e, quando era demasiado violento, suspendia o exercício por algum tempo. Atualmente posso enrolar a língua para trás com toda facilidade, embora, às vezes, seja difícil repô-la na posição natural, sem recorrer à ajuda dos dedos. Os hindus fazem exercícios de esticamento da língua a fim de poder executar a difícil tarefa de enrolá-la para trás no intuito de impedir que a traquéia seja invadida por insetos perigosos e micróbios, enquanto o corpo jaz indefeso debaixo da terra”. <sup>1</sup>

1. Recordo-me agora o que me havia dito em certa ocasião, Brama (o ermitão de quem falo em meu livro “A ÍNDIA SECRETA”) que havia aprendido essa habilidade seguindo uma escola similar à da Tahra Bey. Nenhum yogue, explicou-me Brama, aceitaria ser enterrado vivo por um período fixo num terreno onde abundem os insetos destruidores chamados formigas brancas, que são capazes de perfurar o ataúde de madeira e devorar o corpo.

\* \* \*

Admitindo que a catalepsia se produza, que sucede então?

“Antes de entrar nesse estado, fixo sempre, de antemão, o momento de me despertar e, quando vem esse momento, desperto. Muitas pessoas empregam a mesma forma de auto-sugestão de maneira mais singela: ao deitar-se, fixam a idéia de se levantarem à hora determinada para recomeçar o trabalho no dia seguinte. Isso prova que nosso subconsciente nunca dorme, fato que também explica porque os sonâmbulos amiúde executam atos perfeitamente inteligentes e depois não se recordam de nada do que fizeram, pois sua consciência esteve dormindo”.

“Voltando ao nosso tema, a iniciação ao transe cataléptico provoca a cessação das funções de vital importância: a respiração e a circulação do sangue. Todos dirão bem saber que, se isso sucede, sobrevém inevitavelmente a morte. Não necessito discutir este ponto com o senhor, que deu testemunho público de ter visto na Índia fatos que discordam dessa teoria, nos faquires que podem deter a respiração e circulação e continuar vivendo. Limitar-me-ei a dizer que, enquanto estou em catalepsia, cessa totalmente todo o movimento circulatório; na realidade fica suspenso todo o ritmo de minha vida. Esta catalepsia, faço questão de notar, não é a mesma que às vezes é provocada pelas experiências hipnóticas feitas em outras pessoas, porque nesses casos, a circulação sanguínea se intensifica. Por que? Porque os métodos são completamente diferentes, sem nenhuma relação entre si. Verá o senhor mais claramente essa diferença se recordar que o hipnotismo emprega apenas a sugestão, enquanto que eu uso meios puramente fisiológicos, isto é, a pressão dos nervos e o enrolamento da língua... A outra diferença está na minha insensibilidade perante a dor e que não dura além dos vinte e cinco minutos, após ter saído do segundo grau do transe. Quanto aos pacientes hipnotizados, não há tempo preestabelecido. No estado hipnótico a que o paciente é induzido por sugestão, o corpo fica insensível à dor, é certo, porém, continuar insensível à dor depois do transe, como no meu caso, é coisa completamente distinta. A diferença mais flagrante, antes de mais nada, está no fato de eu entrar em transe por minha própria e exclusiva vontade, ao passo que, qual é o hipnotizador capaz de hipnotizar-se a si mesmo?”

— É francamente extraordinário seu corpo não apresentar cicatrizes, depois de todos os ferimentos que o senhor deve ter recebido no decorrer da sua carreira! Como explicaria isso, doutor?

“Para conseguir esse resultado, faço duas coisas: em primeiro lugar, acelero temporariamente a circulação de sangue; o senhor se lembra que durante as experiências daquela noite, minha pressão subiu a 130 pulsações, comprovadas pelos médicos. Meu coração acelera seu ritmo, todavia sem excesso, e a rapidez não me fatiga. É essa velocidade da torrente circulatória que ajuda a sarar as feridas com uma rapidez surpreendente. Note bem que faço isso por mera vontade. Segundo: elevo o calor do sangue à temperatura febril por meio da qual são destruídos todos os micróbios que possam introduzir-se nas feridas que, desse modo, se desinfetam. Minhas feridas nunca supuram; quase sempre se fecham ao fim de uns poucos minutos, e nos casos mais graves, no máximo em algumas horas.

Prosseguindo a entrevista, abordei o tema da sua maior façanha: a ressurreição.

O faquir apagou o cigarro que estava fumando e em seguida acendeu um outro.

“Não preciso dizer-lhe que antigamente, há milhares de anos, tanto no Egito como na Índia, essa experiência era muito comum. Naqueles tempos, porém,

estava apenas em início o materialismo universal que prevalece atualmente. Todos acreditavam na alma; por conseguinte, demonstrações como as que eu faço encontravam a mais ampla compreensão. Todos acreditavam, como atualmente acreditam os faquires, que a alma é o guia misterioso da vida do corpo, e quando os átomos químicos que o compõem voltam à terra em forma de carvão, potássio, hidrogênio, oxigênio, etc., a alma, que é a sua força vital, retorna à sua origem, à Força Primária, que é eterna. Não preciso dizer-lhe que o perigo do materialismo moderno está em hábitos falsos de pensamento que despojam o homem dessa força incomensurável, o poder da alma. Isto quanto à teoria.

“Em suma, dir-lhe-ei que no transe cataléptico mais profundo fica suspensa a vida orgânica, mas as centelhas invisíveis da alma continuam funcionando. Para fazer essa prova, exige-se um aprendizado prolongado e severo treinamento, começando desde a mais tenra idade. Como já lhe disse anteriormente, meu pai começou a adestrar-me quando eu tinha apenas quatro meses. Agora, se assim o deseja, posso fazer-me enterrar durante vários dias e sair ileso da minha tumba”.

— Os céticos sempre levantam a questão — murmurei —; perguntam sempre: como é possível viver-se embaixo da terra, sem respirar?

“Temos um exemplo muito simples. Os pescadores de pérolas do este da África podem permanecer debaixo d’água, sem respirar, durante oito a nove minutos e, se não me engano, é o mais alto recorde registrado de capacidade, conseguido por seres humanos normalmente constituídos. Voltemos agora ao reino animal. A rã tem a respiração rápida, e não obstante, pode ficar embaixo d’água, sem respirar durante quatro horas. Como consegue ela fazer isso? Se a examinarmos, veremos que seu corpo fica rígido. Na realidade, está em estado cataléptico. Observaremos, também, que seus olhos ficam cerrados, não com as pálpebras, mas com uma pele protetora especial que os resguarda do perigo do contato prolongado com a água. Vejamos agora a tartaruga; vive perfeitamente na terra e pode passar várias horas no fundo d’água. Contudo, se a obrigarmos a ficar contra sua vontade, asfixia-se e morre. Por que? Porque não teve tempo de se preparar para sua experiência sub-aquática. Os crocodilos que também possuem a faculdade de viver em ambos os elementos, vegetam sem respirar durante certos períodos, tendo a vitalidade diminuída. A ciência não explica, entretanto, como podem viver esses seres sem o oxigênio. Algumas espécies de morcegos que hibernam suspensos nas cavernas, sem respirar, apresentam um desses casos indiscutíveis.

“Digo-lhe mais que a chave desses prodígios insolúveis para a ciência está na catalepsia. Ora, se os animais são capazes de fazer isto, por que então não o poderiam as criaturas humanas que, além do mais, possuem um corpo animal? Aplicando o mesmo raciocínio, baseado nessa chave, é óbvio que os humanos

também possam obter os mesmos resultados. Isso temos comprovado, nós os faquires. Se eu não tivesse estado em transe cataléptico, quando fui sepultado vivo, teria me asfixiado no fim de dez minutos; sem dúvida nenhuma há circunstâncias em que podemos viver sem respirar”.

\* \* \*

Observei-o enquanto desprendia a fumaça cinzenta do seu aromático cigarro e perguntei:

— Que acontece com a alma durante o lapso em que o senhor permanece enterrado; separa-se do corpo e entra no Além? E que nos pode dizer sobre suas experiências nessa esfera?

“Infelizmente, não posso dizer quase nada. Não quero passar por um homem que conhece os segredos de Além-Túmulo. Embora tenhamos despertado, até certo ponto os maravilhosos poderes do subconsciente, há muitas profundezas misteriosas insondáveis, que somos incapazes de penetrar. É lamentável, mas, quando nós, faquires, deixamos o corpo e passamos a uma condição similar à dos sonâmbulos, embora existindo, não nos recordamos nada da nossa aventura aparentemente sobrenatural, ao retornar-nos à vida corpórea. É possível que eu tenha explorado o mundo dos espíritos, mas, como não me lembro da minha experiência, não posso dizer nada acerca dessas regiões. Meu torpor é tão profundo que iguala o estado vegetativo dos animais quando hibernam, como acabei de lhe expor”.

E, de fato, era lamentável que um homem, havendo permanecido “morto”, não uma, mas várias vezes, como Tahra Bey, não pudesse nos dar uma informação mais concreta; era decididamente decepcionante. Além do mais, que depois da morte só houvesse um vácuo, uma inconsciência total, era, embora pareça um paradoxo, uma cruel decepção. Comuniquei-lhe o desencanto que me provocou esse resultado negativo.

O faquir encolheu os ombros.

“Devemos respeitar os fatos tais como se apresentam” — respondeu. “Não obstante, como na morte verdadeira, creio eu, tornei a reunir minha alma à Alma Universal, a Força Incognoscível. Nesse sentido, creio, somos imortais”.

Não me parecia plausível, que a Força Universal — ou Deus, como queiram chamar, fosse um estado perpétuo de completa inconsciência, porque não podia eu conceber que a mente do ser consciente, o homem, proviesse de um Ser inconsciente — Deus. — Porém, não levantei essa questão porque ia levar a uma discussão teológica, e nós estávamos tratando de fatos científicos. Sem embargo, respeitei a franca explicação do doutor Tahra Bey, certo como estava de que havia descrito suas experiências exatamente como haviam ocorrido.

Contou-me um estranho caso de sepultamento. Em 1899, um conhecido faquir foi enterrado vivo em Tanta, cidade natal de Tahra Bey. O faquir havia preestabelecido que não se despertaria antes de 17 de maio de 1925. Na data assinalada, foi desenterrado — estava vivo. A carne permanecia em perfeito estado de conservação e todos os órfãos sadios; entretanto, perdera a fala. Seis meses depois, faleceu.

Perguntei ao doutor a razão de ter aquele homem morrido tão rapidamente.

“Pelo desgaste que seu corpo sofreu, enterrado — disse. — Sepultamentos assim prolongados encurtam a vida dos faquires, ao passo que os sepultamentos breves, de um a três dias, produzem maravilhoso efeito revigorante e curativo. Essa particularidade foi descoberta há séculos por Derviches egípcios, então encarregados de aplicar o castigo a certa classe de criminosos que, em vez de ser condenados à morte, eram sentenciados à pena de sepultamento, após terem sido adequadamente preparados seus corpos para esses sacerdotes. O tempo que deviam permanecer variava segundo a natureza do crime cometido. Descobriu-se então que, embora o castigo encurtasse a vida dos réus, por outro lado, enquanto jaziam sepultados na areia cálida, curavam-se maravilhosamente de todas as espécies de doenças. A meu ver, os períodos breves de sepultamento proporcionam benefícios pelo simples fato do repouso e do jejum. A cura pelo jejum, tão popular em nossos dias, permite a natureza atuar e curar o corpo dos seus males. Um sepultamento de dois dias equivale a igual período de jejum, acrescido do repouso absoluto de que gozam todas as funções orgânicas, e de que necessitam nossos órgãos fatigados. A letargia de curta duração põe em funcionamento forças latentes curativas, provando desse modo o domínio do espírito sobre a matéria e a impressionante sabedoria do nosso subconsciente.

— Não envolve perigos o fato de ser enterrado vivo?

Tahra Bey acenou a cabeça, com gesto afirmativo.

“Naturalmente que existem, porém, com as devidas precauções, podem ser evitados. É mister proceder com extremo cuidado, pois se trata de vida ou de morte, e com isso não se brinca. Houve um jovem faquir chamado Said, que encontrou a morte dessa maneira. Era um jovem muito promissor, de dezoito anos, e havia sido instruído no processo de auto-catalepsia que o senhor me viu praticar. Um dia resolveu realizar essa extraordinária experiência e permanecer enterrado durante seis anos. Assim o fez. Seu corpo foi colocado numa tumba especial. Para fiscalizar e prestar-lhe ajuda, alguns piedosos muçulmanos abriam a tumba uma vez por ano, durante o festival religioso de Ramadan; examinavam o corpo e rezavam. Os dois primeiros anos acharam o corpo em perfeito estado de conservação; entretanto, quando voltaram pela terceira vez, consternados, constataram que no ataúde haviam entrado vermes, destruindo uma parte do corpo”.

— Como explicaria o senhor isso, doutor?

O faquir desviou o olhar de mim para observar fora da janela. Segui seu olhar e vi que estava olhando o Nilo, rio maravilhoso que tem alimentado milhões de criaturas durante milênios, rio que acolheu o Egito como um pai acolhe o filho em seus braços carinhosos. Tahra Bey virou-se novamente para mim.

“Tenho duas teorias para explicar-lhe o ocorrido. A primeira é que as preparações prévias do sepultamento não haviam sido adequadas. O faquir que se submete a uma inumação tão prolongada, deve mandar cobrir completamente o corpo com cera, molhando-o.

Depois tem que ser colocado num ataúde hermeticamente fechado, do qual se haja retirado previamente toda partícula de pó, como se faz com um aspirador elétrico. O pobre Said não tomou essas precauções. Em minha opinião, o buraco no caixão foi feito por uma serpente, uma espécie de serpente pequena mas forte, que existe no Egito; introduzindo-se no interior do ataúde, subiu pelo corpo, e entrando nas fossas nasais, chegou ao cérebro. O orifício produzido por ela permitiu a entrada de oxigênio. Eu atribuo parte da eficiência da catalepsia ao fato de privar o corpo de oxigênio. Enquanto não vem o oxigênio ao corpo em transe, os vermes e os micróbios não podem tocá-lo. Ao entrar o oxigênio no corpo do Said, ele perdeu a defesa contra os vermes que invadiram o caixão e, penetrando no corpo, começaram por destruir os órgãos internos e depois viveram da carne.

O doutor Tahra Bey acabara de pintar-me um quadro horrível dos perigos que esperam o faquir que não prepara satisfatoriamente sua voluntária inumação. Comecei a compreender porque os antigos egípcios, querendo preservar os reis, aristocratas e sacerdotes mortos, não somente embalsamavam e mumificavam os cadáveres, como também os encerravam em sarcófago de granito quase indestrutíveis e impenetráveis.

“Depois disso, o senhor compreenderá; porque é mister qualificar de absurdas as críticas que afirmam, quando realizo a façanha do sepultamento, ter recebido ar por tubos ocultos. Certa feita, sendo mais moço, fiz-me enterrar por uma hora num jardim público e sobre meu sepulcro o povo dançava. Contudo, meu objetivo não é pasmar a gente, como o fazem os ilusionistas do palco, mas demonstrar quão poderosas forças temos latentes em nós, embora sejam tão pouco conhecidas e ainda menos compreendidas”.

“Às vezes acontece que fracasso em algumas de minhas demonstrações, todavia, sempre tenho suficiente franqueza de reconhecê-lo. Porém, graças à minha severa preparação e grande experiência, esses fracassos são raros”.

\* \* \*

— Seria possível, doutor, submetê-lo a uma operação interna sem anestesia, estando o senhor em comatose cataléptica? Perguntei.

“Sim, creio eu ser perfeitamente possível, mas nunca comprovei. Uma vez me perguntou um médico, crente de que minhas feridas produzidas por adagas e flechas eram superficiais, se eu poderia suportar uma operação sem dor. Respondi-lhe que assim me parecia e que estava disposto à prova, se não se tratasse de uma operação perigosa. Contudo, não pudemos levar a cabo nosso intento, porque o médico invocou as leis do país, que proíbem a intervenção cirúrgica a não ser em caso de enfermidade, e eu não estava doente”.

Percorremos o campo de suas experiências especiais; agora eu queria saber qual era sua atitude geral e a respeito delas. A independência do seu ponto de vista o distinguia de tal maneira dos faquires orientais, que aproveitei a oportunidade para ficar mais esclarecido. Sorriu quando lhe mencionei meu desejo, e sem me deixar acabar a frase, replicou gesticulando:

“Gostaria de ver tudo isto colocado em bases científicas, isento de falsas sugestões e auto-sugestões, na maioria religiosas ou supersticiosas, com as quais sempre estão misturados. Testemunhei o dano feito à causa da verdade; afastei-me completamente das tradições dos faquires. Nossa ciência é uma coisa, a religião é outra — temos que separá-las. Não é que eu não creia na religião. Longe disso; encaro-a com todo respeito e como algo necessário à vida de cada um, porque lhe dá força moral. Contudo, como o senhor devia ter notado, na Índia a tendência do homem em atribuir a Deus, aos espíritos e aos anjos o que procede exclusivamente dos poderes anímicos do seu próprio subconsciente, é tão forte que considero necessária uma ruptura radical nessa tendência para limpar de vez nossas doutrinas da superstição e explicá-las cientificamente. Numerosos faquires são vítimas da sua própria auto-sugestão, e outros tantos das sugestões que lhes trazem suas tradições ancestrais. Eles podem produzir façanhas autênticas, mas dão explicações teóricas falsas. Veja, os dançarinos derviches giram vertiginosamente até cair no estado hipnótico; cortam-se a carne com sabres e facas sem sentir dor. Pois bem. Então prolongam a façanha com complicados rituais de orações e jaculatórias que, na minha opinião, são completamente desnecessárias e servem apenas para criar uma forma de auto-sugestão a fim de chegar a um estado em que eu posso entrar rapidamente e sem preces, somente pela compreensão das leis naturais que de fato estão em jogo. Estou convencido de que os faquires têm usado frequentemente suas maravilhosas proezas no intuito de impressionar o povo para lhe impor em seguida suas crenças religiosas. Para impressionar com maior eficácia, adotaram uma atitude de mistério. Tudo isso é inútil atualmente, graças ao grande progresso alcançado pela ciência e pela educação. Esses traficantes de mistérios fariam melhor em estudar a ciência e explicar seus feitos cientificamente.

O doutor Tahra Bey estava com a razão. A época da “abracadabra” passou à história. Os mistérios e as mistificações pertencem a outras épocas mais obscuras do que a nossa. Hoje, em tempos mais esclarecidos, é mister dizer a verdade abertamente, sem subterfúgios ou métodos tortuosos e fraudulentos da fábula e da ficção, sem insinuações dissimuladas em símbolos, sem sussurros aterrorizadores de fatos ambíguos.

— Mas que me diz o senhor sobre os faquires que pretendem ter estado em êxtase religioso?

“Talvez hajam passado por essa experiência, eu não posso negar; entretanto, ela pertence ao campo místico que está fora das minhas investigações experimentais. Tenho bastante que fazer no terreno escolhido por mim e já é muita coisa poder demonstrar que o subconsciente, a alma, sobrevive e retorna ao corpo depois de ter passado pelo estado equivalente à morte. Só isso é suficientemente instrutivo. Quem pode pôr em dúvida a realidade da alma após essa experiência? Para mim basta poder demonstrar os maravilhosos poderes da alma que sustenta meu corpo, quando quebram a pedra pesada no meu ventre, sem me causar dano. Uma vez, um amigo meu, atleta, teimando poder imitar minha façanha, saiu-se da prova com a espinha quebrada. O rapaz tinha desenvolvido o corpo, mas esqueceu os poderes psíquicos do subconsciente. A esperança que oferece à humanidade a elevação desses poderes é tão sublime que, às vezes, penso na possibilidade de poderem originar uma nova Idade de Ouro. A ciência não pode seguir por muito tempo considerando as maravilhas do subconsciente como produto de uma imaginação enfermiça. Deve-se estudar séria e ardorosamente e, desse modo, render tributo à Força Incognoscível que, não obstante ser Ela mesma inscrita, criou o universo.”

A eterna Esfinge da mente humana incita nossas investigações. Não devemos temer. O homem que se eleva do protoplasma ao Paraíso é um velho enigma, destinado a ser resolvido pelas pesquisas modernas. O século XX constatará amplamente este vaticínio.



## **Em Nome de Alá, O Compassivo, O Misericordioso!**

Caí de joelhos atrás de uma coluna da mesquita e deixei as asas do meu coração alçarem vôo silencioso em reverente devoção ao Poder Supremo, que os homens em volta de mim chamaram Alá; Poder ao qual, embora nunca se pudesse dar nome, chamei também, como eles, Alá, durante minha permanência no Egito. Sabia que todos nos referíamos ao mesmo Ser Supremo que nos mantém na palma das suas mãos invisíveis; portanto, eu podia aceitá-Lo com qualquer nome ou sem nenhum.

Não sei quanto tempo assim fiquei antes que alguém comesse a ler, salmodiando em voz apenas audível uma antiga e indigesta página do Corão, o livro sagrado de Alá. Enquanto prosseguia o agradável murmúrio árabe, levantei a cabeça e observei os que, obedecendo às ordens do Profeta, reuniam-se ao cair da tarde para recordar durante breves instantes a Fonte Divina à qual devemos vida e o ser. Ao meu lado estava ajoelhado um velho, com uma ampla túnica de seda branca listada de azul; sua cútis cor de noqueira pálida era um fundo perfeito para uma fileira de esplêndidos dentes de imaculada brancura. Enquanto sussurrava as orações, inclinava sua testa até tocar a suave alfombra vermelha, e voltava a endireitar-se, repetindo constantemente o mesmo movimento. Colocou as palmas das mãos nas coxas, continuando seus murmúrios para depois voltar a tocar o solo com a fronte. Mais adiante, um outro velho invocava misericórdia de Alá, acompanhada de súplicas com os habituais movimentos de vaivém. Parecia extremamente pobre; trajava uma túnica esfarrapada de cor cinza escura, que em algum tempo devia ter sido branca, ameaçando cair em pedaços e converter-se num monte de trapos.

O rosto coberto de rugas e cicatrizes aparentava cansaço pela luta que a vida e Alá lhe haviam imposto. No entanto, neste venerável recinto dedicado à tranquila devoção, que incita ao esquecimento das coisas mundanas, sua mente concentrada na prece fizera alguma ruga desaparecer do seu rosto, envolvendo-o lentamente em serenidade apaziguadora. Era fácil ler na sua expressão os sentimentos que pareciam dizer:

“Ó Alá, ó Vitorioso, ó Perdoador! Em verdade tu havias ordenado que a vida do teu servo fosse dura, porém sem dúvida tu sabes o que melhor lhe convém. Rejubiló-me de, mais uma vez, prosternar-me ante tua face e elevar a ti minhas preces. Como já disse teu Profeta, — que a paz seja com ele! — “Não temais, nem vos entristeçais, mas regozijai-vos na esperança do Paraíso que vos foi prometido” — Louvado seja, pois, Alá, o rei todo Poderoso, a Verdade!”

Era o homem que tinha coragem de entregar sua vida cegamente, por assim dizer, nas mãos todo-poderosas de Alá, e, evidentemente, não se arrependia. Aceitava tudo o que lhe vinha de bom ou de nefasto, com a venerável exclamação: “Inshallah!” (se Alá quiser!)

Voltei minha face para outro lado e avistei um piedoso muçulmano que parecia ser um vendedor vindo de sua tenda de feira. Colocou-se na atitude prescrita, voltando seu rosto para Leste, as pernas ligeiramente afastadas e os braços para o alto tocando as orelhas, e levantou em voz sonora uma saudação: “Alá é o Máximo!” Em seguida deixou cair as mãos até a cintura e sussurrou um instante o capítulo de abertura do Corão. Fez correr as mãos até os joelhos, espalmou os dedos, e inclinando o corpo, disse: “Possa Deus ouvir aquele que O glorifica!” E assim continuou, acompanhando suas preces com movimentos de cabeça voltada para o Oriente, deixando-se cair de vez em quando ao solo, ritual de postura que há mil e trezentos anos foi prescrito para os mulçumanos ortodoxos. Finalmente, voltando seu rosto para a direita e olhando por baixo do ombro, disse, como querendo se dirigir ao resto dos correligionários: “Que a paz e misericórdia de Deus estejam convosco”. Volvendo seu rosto para a esquerda, repetiu a mesma evocação; ficou ajoelhado alguns momentos e depois se levantou e saiu tranquilamente da mesquita. Descarregou sua alma em amor a Alá; agora podia voltar em paz aos seus negócios.

Havia vários outros, todos homens, que abismados nas suas preces, estavam tão absortos que pareciam não tomar conhecimento de nada que se passava em volta deles. “Olhos e pensamentos devem estar fixos em Alá — disse Maomé, o Profeta e seu preceito era obedecido ao pé da letra, com louvável minuciosidade. Aqueles fiéis iam à mesquita não para observar seus correligionários nem para ser observados. Alá era o único objetivo de sua reunião e a Ele se entregavam, com um fervor inegável, jamais esquecido pelo estrangeiro que os olhava com simpatia.

Egípcios do Cairo, com suas largas túnicas, estavam nos seus respectivos tapetes coloridos, alguns inclinados, outros prosternados ao lado dos comerciantes vestidos à européia, a cabeça envolta num turbante. Os pobres rendiam homenagem a Alá junto aos ricos; os eruditos de cabeça cheia de sabedoria de mil volumes, não desprezavam a companhia dos vagabundos analfabetos. O profundo respeito, sua total absorção, não podiam senão impressionar o espectador. Assim era a democracia que Maomé estabelecera

dentro daquelas velhas paredes vermelhas, brancas e douradas, sob os sarracênicos arcos pontiagudos da formosa mesquita.

As mesquitas do Cairo encerram a emocionante beleza que me afetava indistintamente, cada vez que penetrava no interior de uma delas. Quem pode contemplar, desde a base até as cornijas, as centenas de bizarras colunas de mármore branco das arcadas, as nobres cúpulas revestidas de ouro, sem sentir admiração nem reservas? Quem pode fixar os arabescos geométricos que adornam as fachadas, como rendas de pedras, sem experimentar um verdadeiro prazer?

Levantei-me com pesar para sair. Meus pés, calçados de chinelos, avançavam lentamente, enquanto eu olhava mais uma vez a cena colorida de tapetes multicores, sobre os quais um ancião de barba branca entoava os versículos do Corão; o sagrado oratório ladeado por delgadas colunas, e o púlpito delicadamente esculpido em madeira, cuja porta com incrustações de marfim e de nogueira levava uma antiga inscrição. Todos os objetos estampavam o cunho dessa arte, com que os árabes enriqueceram o mundo. Em volta das paredes, as sancas repletas de reluzentes letras árabes, cópia fiel das sentenças do Corão, constituíam por si só um elemento decorativo digno de ser apreciado.

A parte inferior das paredes estava revestida de mármore multicolor. Tudo era amplo como se os arquitetos não poupassem o terreno para construção da casa onde os homens iam se reunir para o culto a Alá.

Atravessei os magníficos mosaicos do chão e cheguei a um vasto pátio retangular, todo de mármore, cerca de setenta metros de largura, sem teto, que se oferecia aos ventos. Rodeado por possantes colunas e cercado por altos muros, estava tão fechado e isolado do mundo exterior que podia ter sido um daqueles pátios paradisíacos do Corão, em vez de ser um pátio da bulhosa cidade do Cairo. Esteiras macias estavam estendidas no chão entre as colunas e, sobre elas, recostados ou acorados, pequenos grupos de homens de rosto grave, com seus respectivos turbantes, pareciam ser piedosos escolares ou cidadãos ociosos que não tinham nada que fazer. Alguns oravam, outros liam, alguns dormiam e outros simplesmente se espreguiçavam. Os pardais agitados voavam chilreando por entre as colunas e vinham excitados quando os estudiosos deixavam as leituras e tiravam dos bolsos seu farnel.

No centro do pátio alçava-se uma fonte de mármore, decorada, coberta por uma cúpula sustentada por colunas incrustadas de pastilhas de cerâmica esmaltadas, multicores. Altas palmeiras erguiam seus topos, formando ao redor da fonte um abrigo circular. O imenso retângulo do pátio representava um quadro atraente de simplicidade, beleza e tranquilidade. Ali reinava a paz, tanto quanto Alá. Só se ouvia o gorgoejo dos pássaros, aninhados sob os arcos e entre os capitéis esculpidos das colunas. Seu chilrear constante e monótono formava um excelente musical para meditação. Perto da fonte havia uma pequena pia com

água fresca, sobre a qual os cantores alados pousavam com a viva satisfação de limpar sua plumagem e saciar a sede. Lançavam-se na superfície espelhada de água, e ruflando as asas, mergulhavam, fazendo suas abluções como verdadeiros crentes que eram, e alçavam vôo para reiniciar seu gorgoejo, profissão hereditária dos pardais.

O refulgente sol matinal projetava grandes e esparsas sombras no pátio aberto. Os ociosos fixaram-me momentaneamente, com uma curiosidade muda no olhar, e logo, achando-a indigna de um esforço mental, prosseguiram na sua plácida ociosidade. Aquela cena era a mesma que devia ter sido presenciada por algum invasor triunfante de volta das Cruzadas, há séculos passados, quando, descendo do seu cavalo fegoso, todo em armadura e elmo, entrava na velha mesquita. O Cairo transformava-se aceleradamente; todavia, suas numerosas mesquitas continuam de pé, como tantos outros baluartes fortificados contra os quais a soldadesca moderna se lançou em vão. E, quem sabe, talvez seja bom que existam esses lugares atualmente, para que a geração pressurosa e inquieta de hoje conheça a tranquilidade que se gozava outrora, debaixo das sombras das palmeiras, ou entre as arcadas cobertas, podendo assim lembrar o asilo de Deus ou entregar-se ao deleite dos devaneios. De qualquer modo, era um lugar aprazível, onde se podia, afastado, apreciar melhor as atividades mundanas em relação à vida e compreender o seu justo valor. Gozei a paz secular daquele recinto abençoado.

Na saída desse espaçoso claustro, deixei os chinelos; é proibido pisar com os pés calçados aquele chão sagrado da mesquita e levar para ali a sujeira da rua. Entreguei os chinelos a um servente, surgido de uma habitação escura das dependências da mesquita, e descendo as escadas de pedra gastas por milhares de pés devotos, encontrei-me de novo na estreita ruazinha cheia de gente.

\* \* \*

Caminhei alguns passos e parei a observar a fachada da secular estrutura consagrada ao culto de Alá. Era de lastimar que parte do amplo frontal ficasse oculta por uma fileira de casas velhas; mas, em todo caso, a vista tinha sua recompensa aos deslizar-se sobre os minaretes esguios e altos, sobre a grande cúpula reluzente da abóbada, sobre amplas e imponentes janelas gradeadas, e por fim, sobre os enormes portais de entrada, finamente trabalhados.

Esses minaretes tinham cada um oito faces e três balcões, elevando-se da mesquita como se elevam de dentro do próprio templo os pensamentos e orações. Pareciam dois longos dedos assinalando o firmamento. As torres eram rasas nos seus ápices e em relação à imensa abóbada central colorida, pareciam gigantescos turbantes brancos. Refulgiam ao sol com tanta intensidade que os olhos me ardiam ao fixá-las. Possantes muros formavam um quadrado perfeito;

suas altas paredes de tijolos vermelhos e ocre, isolavam a mesquita do nosso mundo mercantil.

Baixei o olhar. Na rua, de ambos os lados da entrada, os vendedores de gulodices e pastéis turcos exibiam suas mercadorias nos estreitos tabuleiros e mesas improvisadas, ou nos panos estendidos ao lado da calçada. Os vendedores, pacientemente sentados, esperavam fregueses com expressão de plácido contentamento. Junto às escadarias estavam os mendigos de cócoras; alguns fiéis ao entrar ou sair da mesquita se detinham a trocar palavras entre si. Um vendedor de limonada em suntuoso traje turco listado, próprio do seu ofício, munido de um enorme recipiente de cobre e barulhentas canecas, olhou-me com uma curiosidade fora de hábito, para logo após se afastar. Um velho engraçado, de longas barbas brancas, montando um pequeno burrico cinzento, passou por mim, ridículo em sua importância patriarcal. A multidão habitual das ruas transitava de um lado para outro. O calor da tarde vibrava no ar, o sol seguia sua marcha gloriosa na abóbada azul. No sagrado recinto da mesquita reinava paz centenária; fora dela estava a agitação, o bulício mercantil, gritos e empurrões do povo afobado, dedicado aos seus negócios. Assim eram os dois aspectos da vida; ambos se beneficiavam da proteção e benevolência de Alá.

\* \* \*

Ao cair da tarde, cruzando a Praça da Ismailia, observei um cocheiro parar sua carruagem de aluguel e saltar a grade de ferro baixa, pintada de verde, de um pequeno jardim municipal e, estando do outro lado da cerca, prosternar-se frente para Meca e tesar durante seis ou sete minutos, esquecendo o mundo e seus afazeres. Não olhava nem à direita nem à esquerda, sumido em suas preces visivelmente preso por seus sentimentos de devoção. Aquela cena comoveu-me profundamente, tanto pelo seu efeito artístico como pela lealdade espiritual que revelava. Um policial do trânsito, de guarda no largo, observou-o indiferente e relevou o delito da violação do jardim reservado.

Uma outra noite, cerca das 22 horas, perambulando pelo cais deserto à margem do Nilo, percebi um jovem limpador de ruas, empregado municipal, encostado a um solitário lampião elétrico, com a vassoura na mão descansando, na certa, do seu fatigante labor. A noite estava resplandecente, e sob o céu azul-violeta o jovem cantava alto e alegremente alguma coisa que lia num pequeno livro gasto pelo uso, olhos míopes fixos na página, à luz frouxa do posto. Cantava com tanto fervor e estava tão extasiado nas palavras que nem percebeu minha chegada. Seus olhos brilhavam e reluziam no gozo de sua devoção a Alá. Tomei a liberdade de dar uma espiada no livro: era um exemplar do Corão, capeado de velho papel. O rapaz estava com roupa suja e puída, porque sujo era seu trabalho e muito mal retribuído, mas seu rosto refletia felicidade. Não era necessário saudá-lo. Estava com a habitual “a paz seja contigo” — porque ele já tinha encontrado.

Na terceira noite, mudei meu cardápio habitual e fui jantar num restaurante afastado, o Sharia Muhammed Ali, que os europeus nunca frequentavam. No coração do quarteirão velho e portanto conservava os antigos costumes. Cheguei a conhecer e a respeitar seu dono, um homem de gênio amável e cortesia inata, que lhe vinha, não do bolso, mas do coração. O garçom que me atendeu, apenas tinha colocado os pratos na mesa, prontamente se retirou para um canto e apanhou algo que estava apoiado contra a parede. Tratava-o com tanta ternura como se fosse seu melhor tesouro; nada mais era que uma esteira desbotada, que ele desenrolou e estendeu no chão em direção ao este de Meca. Feito isso, prosternou-se na dura e incômoda superfície e durante uns dez minutos cumpriu todas as posturas prescritas aos devotos, recitando suas preces em voz baixa, mas clara. Seus pensamentos estavam nesse momento entregues a Alá. Havia no restaurante outros sete ou oito fregueses e só mais um garçom para servir. Era a hora em que se podia esperar de um momento a outro a afluência de numerosos frequentadores. Contudo, o velho dono aprovou a conduta do seu empregado com um gesto e, não só com o gesto, mas também com bruscos acenos de cabeça, que fizeram dançar seu turbante vermelho ao ritmo da sua afirmação. Nunca abandonava seu pequeno estrado, e do alto da sala ficava observando, como um sultão no seu trono observa o movimento interior do palácio. Ele mesmo nunca servia a mesa e, diretamente, não aceitava dinheiro. Era como um potentado oriental que dava ordens, deixando aos outros que as cumprissem. Quanto aos clientes, eles aceitavam a situação, como bons muçulmanos que eram, pacientemente, conformados e dispostos a adaptar-se às conveniências do empregado. Enfim, depois de haver repetido fervorosamente e com ênfase se assegurando a si mesmo que “não há outro Deus senão Alá” e que “ir a Deus é ir à Vitória”, voltou a entrar em contato com o ambiente, lembrando-se de que, depois de tudo, era apenas um garçom. Enrolou a esteira e a repôs no seu lugar, ao canto. Satisfeito, olhou em volta com expressão amável e serena; seu olhar cruzou o meu; o homem sorriu e aproximou-se para receber minhas ordens. E quando saí do restaurante, despediu-se com um simples: voto “Que Deus o proteja”.

Só se pode compreender a religião de Islam, quando se manifesta dessa maneira — na ação e na prática. Lembro-me de uma viagem que fiz no trem do Cairo ao Porto de Suez; ao chegar à uma estação ferroviária, botei a cabeça fora da janela para averiguar onde estávamos, e vi, então, um operário humildemente trajado, integrante de uma turma de operários que trabalhavam na linha, afastar-se do grupo e prosternar-se, salmodiando um trecho do Corão; tocando o solo com a testa, rezou sobre a terra arenosa, a pouca distância dos trilhos de aço. Seu trabalho era importante, porque lhe dava o que comer, mas não tão importante para fazê-lo esquecer seus deveres para com Alá. Escrutei seus traços; tinha o rosto de um homem que vive iluminado pela luz da consciência, de um homem que, embora simples operário como era, conquistou certa paz interior.

Certa feita, ao meio-dia entrei num desses cafés que pululam no Cairo, para tomar chá com pastéis egípcios. Enquanto mexia na xícara dissolvendo um torrão de açúcar, o dono do café se prosternou ao solo e começou a rezar as orações do meio-dia. Era uma prece silenciosa, murmurada pelo homem para si mesmo, ou melhor, para Alá. Não pude fazer senão admirar o fervor que impulsionava a religião, e só respeitar a sabedoria do Profeta pela habilidade com que ensinou seus partidários a conciliar a vida de devoção com a das ocupações triviais. Desse modo, não pude senão contrastar o valor prático do Islam com o exclusivismo das crenças do longínquo Oriente, cuja religião muito bem conhecida pela sua separatividade hermética e tendências de separar a vida temporal da vida espiritual, levanta uma barreira quase intransponível.

Esses são apenas quatro casos dos muitos; quatro aspectos que me revelaram o que significa o Islam para os pobres, humildes, analfabetos, incultos, a chamada classe de ignorantes. Mas, que significa ele para a classe média e a alta sociedade? Pelo que pude discernir, eles observam a fé com menos firmeza porque o impulso para a educação científica ocidental debilitou as bases da religião, aqui como em todos os países orientais onde a cultura se propagou. Não critico, anoto simplesmente o fato, como um fenômeno inevitável, porque creio firmemente que a fé e a ciência são ambas necessárias à vida. Os muçulmanos de mentalidade mais liberal estão chegando agora à mesma conclusão; eles compreendem que, mais cedo ou mais tarde, o Islam deverá sucumbir ao espírito moderno do século XX, porém não crêem que para isso seja necessário tomar o veneno do materialismo que é a negação completa do espírito. Contudo, as classes superiores do Egito se mantêm na sua religião com mais firmeza do que as classes superiores da América ou da Europa. A vontade de crer reside em cada corpúsculo sanguíneo do oriental, e ele não pode se livrar dela por mais que o queira.

Para ilustrar mais um fato, vou relatar o que presenciei no escritório de um amigo meu, como um exemplo típico do que se pode observar quer nas oficinas quer nas residências particulares. Uma ocasião fui visitar o mencionado amigo, homem muito ocupado, Inspetor Geral do Governo, pouco antes do meio-dia, e, enquanto ele despachava assuntos relacionados ao seu cargo, aguardei tomando a inevitável xícara de chá persa.

O gabinete de S. Exa., Kaled Hassanein Bey, era o que se podia dizer de super-moderno. Não fosse um grande quadro pendurado na parede com textos árabes tirados do Corão, e não se distinguiria de qualquer outro escritório europeu. A mesa do trabalho de S. Excia. era uma grossa tampa de vidro bisotado; usava continuamente o telefone e guardava os documentos nos arquivos de fecho automático.

Exatamente às doze horas, chegou um outro visitante, um dos inspetores do mesmo Departamento. Poucos minutos depois S. Excia. me perguntou:

“Não o incomodaria se eu fizesse minhas orações?” Assegurei-lhe que, de maneira alguma, poderia incomodar-me.

Os tapetes foram desenrolados, os dois homens tiraram os sapatos e se prosternaram na forma usual. Permaneceram rezando doze minutos, enquanto os funcionários continuavam trabalhando, e os mensageiros entravam, deixavam papéis e retiravam-se indiferentes aos atos. Eles oravam como se estivessem sós, ignorando totalmente minha presença. Ao terminar as preces, levantaram-se, voltaram à mesa de tampo de vidro e prosseguiram debatendo assuntos de governo.

O fato impressionou-me muito, porque nunca tinha visto algo semelhante em nenhum escritório ocidental, em nenhuma parte da Europa, nem da América. Lá, ao meio-dia, a gente saía apressada para o almoço; aqui no Egito, aqueles dois homens oravam, antes de pensar em comer.

Se nós, os ocidentais, somos realmente crentes — pensei — deveríamos ver nesse incidente um exemplo a seguir e uma lição a ser repetida. Podemos levar tão longe nossa fé? Duvido!

Foi isso que me impressionou sobremaneira no Egito. Deus, Alá, era para os muçulmanos um Ser real, e não apenas simples abstração filosófica. Comerciantes, serventes e operários, nobres, paxás e funcionários não vacilavam em interromper suas atividades e entregar-se a Alá, em qualquer lugar que fosse fora da mesquita. Os homens que nem em sonhos deixariam de fazer uma breve reverência ante Alá, ao levantar-se e ao deitar-se, se não tivessem nada a nos ensinar, pelo menos podiam dar um exemplo ao mundo ocidental, tão ocupado e preocupado em outros assuntos. Não me refiro às doutrinas islâmicas, que explicarei mais adiante, mas ao valor que deve ter nossa fé no Poder Superior, seja qual for o nome que desejemos dar-Lhe.

Alguém já imaginou que em Londres ou Nova Iorque um homem se prosterne na rua ou em qualquer outro lugar público para adorar Deus, porque sente impulso de louvar a existência d'Aquele que nos permite viver?! Esse homem seria certamente ridicularizado, alvo de zombaria, senão da compaixão de nossos super-sapiêntes modernistas, ou preso por ter perturbado o trânsito dos veículos e dos pedestres!

\* \* \*

O emblema da meia-lua domina no Próximo, Médio e Extremo Oriente, e até faz pouco tempo, sua influência chegou a abranger as partes mais distantes da África. No entanto, a força da religião islâmica não deve ser medida pelo número dos seus adeptos mas, sim, pela ardente devoção à qual cada um deles se entrega. Nós, os ocidentais, damos amiúde à palavra “muçulmano” o sentido de “fanático”, epíteto que, se não é absolutamente exato, tampouco é



completamente errôneo. Aqui, há um povo que se aferra aos princípios da sua religião com um fervor que nós já perdemos.

Por que?

Comecemos desde o início da história. Um homem ajoelhou-se um dia dentro de uma caverna rochosa, na íngreme encosta do monte Hira na Arábia, e rogou ao Todo-Poderoso que a fé pura, imaculada dos primeiros patriarcas, viesse a ser conhecida pelo seu povo, mergulhado na mais grosseira idolatria, e cujo materialismo supersticioso era confundido com a religião.

Esse homem foi Maomé.

De estatura mediana, abundantes cabelos flutuantes ao vento, rosto pálido com ligeiro rubor nas faces, tinha a fronte alta, a boca grande e nariz um pouco saliente. Suas roupas muito simples correspondiam à sua posição. Havia sido comerciante criando renome em muitas cidades como sendo um homem de absoluta integridade, honesto e justo, de inteira confiança. Transportava mercadorias em caravanas de camelos à longínqua Síria. Ano após ano sua grande fila de camelos atravessava com passos lentos as ondulantes dunas cáusticas e gargantas rochosas, levando pesadas cargas de mercadoria, cujo chefe ia vender em mercados distantes. À noite, enquanto seus homens dormiam, Maomé se afastava do acampamento, e sentando-se no solo branco do deserto, refletia sobre os mistérios da vida e natureza de Deus. A luz mística das estrelas projetava os seus raios prateados sobre o seu rosto solitário voltado para o alto, banhando-o em seu mistério, e marcavam-lhe o destino como a seu próprio filho.

Após seu matrimônio com a viúva Khadjia, Maomé adotou cada vez mais frequentemente o hábito de meditar sobre os problemas cruciais da existência humana. Foi assim que descobriu, com pesar, os defeitos que apresentava a religião primitiva do seu tempo, incapaz de satisfazer as aspirações mais profundas dos seus seguidores. Um dia, retornou ao seu retiro favorito na caverna do monte Hira, adjacente à cidade de Meca, e ali passou a noite rezando, elevando o coração ao Infinito, com todo o seu fervor. Não pediu só para si a iluminação, mas para todo o seu povo. Depois de um tempo, passou da oração à visão em transe, da visão à transfiguração e da transfiguração à comunhão consciente com Deus. Os véus se foram rasgando um a um. Paradoxo estranho: numa cova sombria encontrou a luminosa Verdade!

E ouviu uma voz dentro de si dizer:

“Tu és o homem! Tu és o Profeta de Alá!”

Maomé, o comerciante, aceitou o mandato que lhe foi oferecido, abandonou seus fardos de mercadorias e converteu-se num novo pregador do Verbo, esse Verbo cujo eco ressoaria nos três continentes no decorrer de um século.

Os oráculos sibilinos de Roma anunciaram a vinda do Cristo e depois silenciaram. Cristo chegou, finalmente; disse suas palavras a quem quisesse ouvi-Lo, e partiu na época em que a maioria dos homens não havia encontrado seu lugar na vida material, quanto mais, na espiritual. Pouco menos de seiscentos anos depois daquele advento, chegou este outro Profeta do Deus Incognoscível.

\* \* \*

Teve ele a sorte de encontrar em sua própria esposa sua primeira discípula, porque a mulher pode muito contribuir tanto para o êxito como para o fracasso na vida de um homem. Quem ouviu depois dela o relato do episódio da caverna, foi Waraquah, velho filósofo, cego e encurvado que apoiou o Profeta, dizendo:

“Com toda certeza vão te impor um exílio porque nunca houve um mortal que trouxesse uma mensagem como a tua, sem ser vítima da mais cruel perseguição. Oh! se Deus quisesse prolongar meus dias, dedicaria todas as minhas forças para ajudar a vencer teus inimigos”.

Os Profetas inspirados, porém, sempre devem carregar a cruz da solidão e da incompreensão humana. As compensações que recebem são de natureza tão sutil, invisível e demasiado intangível para que a massa possa compreendê-las.

Toda nova religião deve estar preparada para ser combatida no seu nascimento pelos tolos e ignorantes.

Os amigos e parentes de Maomé formaram seu primeiro núcleo de conversos. Reuniam-se numa casa tranquila fora da cidade, e oravam.

Em Meca o povo seguia os ritos da magia primitiva, aplacando as forças invisíveis do mundo psíquico, e adoravam inúmeros ídolos; naquela casa isolada, Maomé e seus sequazes adoravam o Deus Único.

Durante três anos, o grupo, cada vez mais numeroso, fazia suas reuniões no mais absoluto segredo, porque a hora assinalada para a revelação pública, a data fixada pelo Destino, ainda não havia chegado. E então, a voz voltou a falar e disse ao Profeta:

“Agora tens que fazer conhecer a mensagem que te foi confiada”.

Maomé não vacilou; convocou uma grande assembléia e avisou que se não deixassem a ancestral caricatura de religião que praticavam e não voltassem ao legítimo culto, a ira de Alá cairia sobre eles. Escutaram-no e retiraram-se enfadados, sem convicção.

Entretanto, o fogo já ardia no coração do Profeta e assim começou a andar de lugar em lugar, levando a mensagem que lhe fora confiada. Suas vestes eram de surrão e suas refeições simples. Entregou aos pobres quase tudo o que

possuía. Uma vez entrou no templo sagrado da Kaaba onde, no meio dos seus trezentos e sessenta e seis ídolos, reprovou aos idólatras presentes, o mesmo que fez Jesus quando penetrou no templo, expulsando os cambistas. Foi violentamente atacado pela população enfurecida e um dos seus partidários que tentou protegê-lo, perdeu a vida.

A cruz de Profeta só pode ser carregada por aquele que crê em todas as suas mensagens, até a última letra da última palavra.

As autoridades, vendo que não podiam fazer calar aquele homem, cuja voz não silenciava, tentaram suborná-lo, oferecendo-lhe riquezas e altas posições. A resposta de Maomé era adverti-los com maior energia ainda de que estavam atraindo a ira de Alá.

Desde esse momento foi perseguido abertamente, e o Profeta recomendou a vários dos seus seguidores irem buscar refúgio na Abissínia. Alguns foram, mas a vingança das autoridades de Meca perseguiu-os até lá; pediram ao Imperador Negro para lhes entregar os fugitivos. Em vez de satisfazer o pedido, o Imperador da Abissínia chamou o chefe dos refugiados, um certo Jafar, e lhe perguntou:

“Que religião é essa que vos afastou de vosso povo?”

Jafar contou-lhe como antes haviam levado uma vida meio selvagem, adorando ídolos, comendo caça e oprimindo os fracos, quando um dia chegou Maomé, o Profeta de Alá, e ensinou-lhes a serem verdadeiramente espirituais, a adorar um só Deus, a ser homens honestos, caritativos e decentes, e terminou recitando um versículo do Corão, diante de cuja leitura o Imperador exclamou:

“Realmente, essas palavras e as que trouxe Moisés são geradas da mesma fonte luminosa. Não! Por Deus! Não tolerarei que vos prendam. Voltai à vossa casa, vivei e adorai a vosso gosto a quem quiserdes, pois ninguém mais vos incomodará”.

Na Arábia, entretanto, agravara-se a perseguição aos muçulmanos. Então, alguns dos seus seguidores perguntaram a Maomé por que não fazia um milagre para provar seu apostolado; o Profeta levantou os olhos ao alto e respondeu:

“Deus não me enviou para fazer milagres. Mandou-me somente para vos trazer a palavra; não sou mais do que um portador da mensagem de Alá para a humanidade”.

Foi naquele amargo período que Maomé revelou a extraordinária experiência que teve uma noite. O anjo Gabriel lhe havia tirado o espírito do corpo e levado à presença dos Grandes Seres da antiguidade: Adão, Abraão, Moisés, Jesus e outros, no mundo invisível dos anjos. Também lhe deixou ver o Destino do universo, lá escrito.

Depois dessa experiência, seguiu-se uma rápida difusão das doutrinas maometanas, intensificando-se a perseguição como consequência inevitável. Precisamente pouco antes de um grupo de conspiradores haverem decidido matar o Profeta, este foi inspirado a deixar secretamente Meca, cruzar o deserto e chegar à cidade de Medina, onde lhe fizeram uma entusiástica recepção e onde fundou posteriormente a primeira mesquita. O dia da sua entrada em Medina tornou-se o primeiro dia do ano, do novo calendário muçulmano, embora fosse um dia do ano 622 do calendário cristão.

Foi isso que decidiu a mudança radical na sorte do Islam.

Os habitantes de Meca declararam guerra aos de Medina. Desta última cidade, a mando de Maomé, saiu uma pequena tropa que enfrentou o inimigo, derrotando-o completamente. Os vencedores prosseguiram no seu avanço e travaram mais uma batalha, que ficou indecisa. O Profeta enviou mensageiros ao Rei da Grécia, Imperador de Abissínia, Xá da Pérsia e Rei do Egito, informando-os de sua missão e convidando-os a abraçar a religião islâmica.

Sete anos após sua fuga de Meca, Maomé voltou à cidade, marchando à testa do seu exército. Não querendo derramar sangue, ordenou aos seus soldados deixarem as armas a doze quilômetros da cidade e entrarem nela como pacíficos cidadãos. Fora-lhes permitido fazerem a visita e retirarem-se sem ser molestados. Entrementes, pouco tempo depois, os habitantes de Meca, ajudados por membros de uma certa tribo, massacraram os muçulmanos que oravam no seu templo. Maomé se viu obrigado a lançar seu exército, novamente, à Meca, marchando para leste da cidade. Ao conquistá-la, despedaçou as imagens de pedra e converteu pacificamente seus habitantes, instalando ali seu governo.

Em breve, o Islamismo se estendeu por toda a Arábia, obrigando as tribos selvagens a renderem-se e a aprender uma religião mais elevada. Maomé dirigiu seu último discurso aos seus seguidores, do lombo de um camelo, no monte do Arafa.

“Deixo-vos este livro, o Corão — disse — com sua maneira habitual de falar, lenta e circunspecta; atendei estritamente a ele, senão vos desviareis do caminho reto. Porque esta é provavelmente minha última peregrinação. Não retomeis vossos costumes pré-islâmicos, lançando-vos uns contra os outros, quando eu houver partido, pois algum dia deveis enfrentar Alá e responder por vossos pecados.

Avisou-os o Profeta de que, embora sendo mensageiro de Alá, era um homem como eles; por isso, não deviam adorar meras sepulturas.

Uma tarde, pouco tempo depois, retornou ao Grande Incognoscível, de cujo seio havia surgido. Suas últimas palavras foram:

“Agora não há ninguém, tão grande amigo quanto Ele”.

Isso ocorreu no ano 632 de nossa era, e sexagésimo primeiro da vida de Maomé. Conseguiu ele refutar a infalibilidade do ditado que diz: “Ninguém é profeta em sua terra”.

## Uma Entrevista com o Chefe Espiritual dos Maometanos

Minha curiosidade de conhecer a opinião de uma autoridade no assunto sobre uma série de questões relativas ao Islam, do qual havia formado minhas próprias noções baseadas na experiência prática; contudo não conhecia as regras exatas impostas pelo Profeta e seu Livro. Assim, fui ver S. E. o Sheik el Islam Mustafa el Maraghi, o homem que preside o Conselho Central da congregação islâmica no Egito, desde a mesquita com seus minaretes e muros fortificados até a Universidade de El Azhar, de cuja instituição ele é o Grão-Reitor; instituição venerável, pela autoridade de mil anos, concede a seu Reitor a última palavra em assuntos relativos à fé islâmica. El Maraghi é um homem de poderes pontificiais, e não somente é o mais alto dignitário do Islam no Egito, pois, dado o caráter internacional de El Azhar, sua autoridade abrange também outros países. É indiscutível que a Arábia possui a Santa Pedra, a Kaaba de Meca, lugar sagrado que todos os muçulmanos devotos desejam visitar um dia em peregrinação, mas é no Egito que se acha a Pedra Viva, o cérebro, o centro nervoso do Islam. El Azhar, o orgulho dos muçulmanos, é aonde desde os primeiros dias do Islamismo, os que desejam se aperfeiçoar nas doutrinas e compreender em todos os pormenores a mensagem do seu revelador Maomé, vão para se aprofundar nos aspectos da religião e no Livro do Profeta, o Corão.

“O Corão, corretamente lido, estimula investigações científicas no conhecimento de Deus e do Universo — disse-me o Sheik el Maraghi, durante a entrevista, abaixo reportada. “Não há ciência que seja estranha ao Criador e Sua criação; não existe nada na ciência que seja contrário aos preceitos do Islam. Estamos enfrentando o problema de purificar nossa religião dos resíduos da superstição e das interpretações fantasistas; esses estudos nos ajudam a conseguir nosso objetivo. Neste século em que a ciência fez um progresso tão grande, é de interesse do Islam pôr à disposição dos seus estudantes as mesmas fontes do ensinamento”.

“A situação atual é um pouco melhor do que no século passado, quando Edward Lane informou que “aos muçulmanos desagradava muito dar informações sobre

sua religião a pessoas que eles suspeitam ter sentimentos contrários aos seus”; contudo, algo dessa reserva ainda subsiste”.

Não sendo eu muçulmano, no sentido ortodoxo da palavra, não me foi muito fácil obter a entrevista que desejava; no entanto, depois de alguns trâmites preliminares, os bons ofícios de amigos comuns me abriram, finalmente, o caminho.

Meus passos me levaram através do mais antigo bairro populoso do Cairo, por uma rua larga que divide em dois a zona do mercado, e cheguei à porta da entrada no mais antigo centro de estudos muçulmanos do mundo, a universidade do El Azhar. Passando sob os arabescos entrelaçados das espaçosas arcadas, entrei num grande pátio ensolarado, exatamente como entraram antes de mim centenas de milhares de estudantes, durante séculos, e saíram mais tarde para levar a palavra do Profeta através do mundo oriental, preparados para revelar a autêntica interpretação do sagrado Corão e conservar viva a chama da cultura muçulmana.

Introduziram-me na sala de audiências, onde fui recebido por Sua Eminência, o chefe muçulmano. Após as saudações de praxe, tive ocasião de estudar aquele homem de rosto grave e estatura mediana, que goza de um prestígio único no mundo dos maometanos.

O Sheik el Maraghi, antigamente Grão-Cadi do Sudão, exerce uma influência considerável não somente nos círculos religiosos, mas também num setor de homens públicos proeminentes.

Com seu turbante branco, observei um par de olhos firmes e penetrantes, nariz regular, proporcionado; pequeno bigode grisalho, boca de contornos firmes e um tufo de pelagem branca guarneecendo-lhe o queixo.

A grande instituição, presidida por Sua Eminência, dava instrução gratuita a milhares de estudantes, futuros mantenedores da doutrina maometana, e obtinha seus fundos de doações e subsídios oficiais. Os alunos mais pobres eram alimentados e alojados gratuitamente, ou recebiam bolsas de estudos. Foram ampliados os antigos edifícios, que já não comportavam o alojamento de todos; construíram-se vários anexos em diferentes bairros, e pelo mesmo motivo, o ensinamento foi-se modificando. Foram introduzidas disciplinas de ciências modernas, e instalaram-se anfiteatros e laboratórios de física e química, bem equipados, onde eram adotados métodos pedagógicos os mais recentes. Não obstante, essas reformas foram adaptadas aos poucos, e com tanta prudência que lograram finalmente conciliar, embora conservando a antiga atmosfera, os velhos com os novos métodos educativos. Ainda hoje, dentro das velhas paredes que encerram fileiras de colunatas e claustros, galerias e minaretes, vi indivíduos de barbas negras que liam afanosamente livros árabes; e ouvi o eco das vozes dos estudantes cantarolando lições, balançando o corpo ritmicamente, e

pequenos grupos acorados sob a sombra do telhado do claustro, rodeando o professor dando aula sentado numa alfombra.

Essa forma tradicional de ensino é estritamente mantida nas velhas mesquitas. Entretanto, nos grandes anexos modernos, Sua Eminência havia imposto à universidade religiosa uma nova modalidade de vida, adaptada às condições atuais. Nesse sentido recebeu um apoio entusiasta da jovem geração muçulmana, porém, teve que lutar ainda contra dois teólogos recalcitrantes, incapazes de compreender que el Azhar devia se renovar para poder influir no mundo mutável. A batalha foi dura, porém foi completa a vitória que obteve el Maraghi.

Como a luz do sol que penetra aos poucos para atravessar as estreitas ruelas do velho Cairo, assim se foi conseguindo o saneamento na batalha contra os antigos quarteirões. Como o ar fresco que diminui a intensidade dos odores centenários, assim foi o pensamento moderno marcando imperiosamente a velha concepção oriental. A nova geração que surge, avança pressurosa para a inevitável fusão das idéias antigas com as novas.

Desde a Pérsia até Zanzibar os estudantes afluem de todos os recantos do mundo muçumano, atraídos a El Azhar como lâminas de aço, pelo magnetismo da sua cultura. Levam turbantes brancos, as vezes vermelhos e túnicas de todas as cores. Esperava eu encontrar estudantes chineses e, de fato, os vi; no entanto, surpreendeu-me notar entre eles jovens japoneses.

O Sheik El Maraghi trajava uma larga camisa de seda de listas brancas e pretas, sobre a qual usava uma túnica de seda negra muito mais ampla, de mangas largas. Uma faixa branca prendia-lhe a cintura; calçava um par de sapatos de macio marroquim amarelo, com as pontas viradas para cima. O efeito que dava seu traje era de uma simplicidade eficiente.

Agradou-me a grave serenidade do seu semblante.

Comecei por perguntar-lhe qual a mensagem do Islamismo.

Sua Eminência ponderou a resposta mui deliberadamente.

“A base fundamental da nossa religião está na existência de um só Deus. Essa foi a mensagem principal de Maomé, a mesma que Deus deu aos Profetas (Moisés e Cristo) antes de Maomé, que a repetiu para os judeus e os cristãos, chamando seus sacerdotes à união, porque os havia achado em loras discórdias”.

“A crença na unicidade de um Deus criador; um Deus único a ser glorificado e adorado e que não precisa de mediadores entre Ele e o povo que Ele criou. Profetas e Apóstolos são apenas intermediários que transmitem suas leis e ordens e exortam o povo a obedecê-lo e adorá-lo. Ele é Único cuja misericórdia



se roga para redenção dos pecados, e a ninguém mais se deve pedir clemência nem implorar no momento de aflição. Diz o Senhor (louvado seja!):

*“Não invocarás ninguém, fora de Alá, que não te poderá beneficiar nem condenar; porque se o invocares, serás certamente um dos ímpios; e:*

*“Se Alá te inflige sofrimento, ninguém senão Ele poderá socorrer-te; e se Ele quiser fazer-te bem, ninguém poderá impedir esse favor. Ele outorga Sua Graça a quem lhe apraz entre seus servos e Ele. É o Perdoador, o Misericordioso”.*

— Que entende Vossa Eminência por alma?

“O Corão não define o termo; por isso os chefes do Islam suscitaram em diferentes épocas diversas opiniões a respeito. Essas opiniões podem ser estudadas intelectualmente, porém não devem ser atribuídas ao Corão, o Livro Inspirado do Profeta. Cremos, não obstante, no Dia do Juízo para todas as almas, quando os justos obterão sua recompensa e os perversos seu castigo, estabelecendo destarte as bases do sentido moral. Assim diz Alá:

*O que tenha feito um átomo de bem, será recompensado por isso, e o que tenha feito um átomo de mal, será castigado por isso.*

— Em que se diferencia Maomé dos outros profetas enviados por Deus?

“O Profeta Maomé em nada difere dos demais profetas, visto que todos eles foram eleitos pelo Senhor para transmitir Sua mensagem à humanidade e todos receberam d’Ele revelações. Aos muçulmanos se prescreve que creiam nas profecias de todos eles, sem distinção. Disse o Senhor:

*“Digam os crentes: “Creemos em Alá e em tudo que nos foi trazido através de Abraão, Ismael, Jacob e seus descendentes, e no que foi dado por Moisés e Jesus e no que deu o Senhor a todos os Profetas. Não fazemos nenhuma diferença entre eles, e a Alá nos submetemos”.*

Também esta resposta veio depois de haver sua Eminência refletido bem.

— Os muçulmanos não acreditam que o homem possa ajudar outro a encontrar a Deus? — pergunto-o a Vossa Eminência porque me chamou a atenção o fato de não haver sacerdotes em vossa religião.

“Não; no Islam não há sacerdotes que interfiram entre o homem e Deus; não obstante, temos muçulmanos instruídos que podem ensinar a outrem o caminho para Deus, como está escrito no Corão, nas palavras e atos do Profeta Maomé”.

“São vários os princípios ordenados pelo Islamismo, sem os quais ninguém é digno de ser chamado muçulmano, e não diferem dos princípios de todas as religiões, cujos mandamentos Alá nos revelou mediante Seus Enviados. O Islamismo não é a única religião que inculca crença na unidade de Deus e que

ordena obedecer aos seus mandamentos, e não foi enviado exclusivamente a Maomé (que a paz seja com ele). Deus revelou-o por intermédio de todos os seus Profetas e todos os Apóstolos. Diz Alá:

“Com efeito, a verdadeira Religião para Alá é o Islamismo, e nenhuma outra é aceitável para Ele. Aqueles a quem foram dadas as Escrituras se desentenderam por inimizades e rivalidades mútuas não concernentes a ela, até que conheceram a verdade”.

“Dividimos nosso povo em dois grupos: os que estudaram profundamente a sabedoria da nossa religião e os que nada sabem. Respeitamos e obedecemos aos da primeira categoria; entretanto, não os consideramos homens inspirados, apenas intelectuais. Nenhum muçulmano pode dizer a outro que isto ou aquilo lhe está proibido fazer, porque só Deus tem autoridade para fazê-lo. Em nossa religião não há intermediários entre Deus e seus fiéis. Esta é uma das pedras angulares do Islamismo. Reconhecemos e respeitamos aqueles que dedicam a vida aos estudos sagrados, e recorremos a eles para pedir-lhes opiniões e conselhos. Um negro instruído em questões muçulmanas tem direito a que suas opiniões sejam ouvidas com respeito. Aliás, nossa história registra o caso de um Califa reinante que pediu conselhos a um escravo negro, mui versado nas doutrinas e ensinamentos do Profeta. Como se pode supor, esse depois deixou de ser escravo.

— Permitir-me-ia perguntar a Vossa Eminência se as mesquitas são indispensáveis em vossa religião?

“Não; o povo as usa como lugares adequados para rezar e ouvir sermões; todavia, pelo fato de não haver no Islam sacerdotes nem rituais, as mesquitas não são essenciais para a prática do culto. Os muçulmanos podem orar em qualquer lugar; não precisa ser forçosamente em mesquita; qualquer pedaço de terra limpa serve para isso. Nosso objetivo ao levantar mesquitas é trazer unidade ao povo, mediante união nas práticas religiosas; não obstante, sem ser uma imposição arbitrária, é naturalmente preferível que a devoção se efetue em mesquitas”.

— De que natureza são essas orações?

“Quando um muçulmano reza — respondeu em voz calma e contida — entende-se que ele está repetindo um versículo decorado do Corão; geralmente uma frase que, segundo as tradições, contém as coisas em que deve pensar o homem quando reza. Devo-lhe dizer e repetir que o objetivo das nossas orações não é tão-somente cumprir nosso dever para com Deus, mas também educar-nos espiritualmente enquanto as pronunciamos. Repetindo todos os dias as mesmas palavras, o muçulmano as tem constantemente presentes na memória. Não pode haver nada melhor para orar de que as palavras estabelecidas pelo Corão para essa finalidade. “Oramos a Ti e somente a Ti. A ninguém mais

pedimos ajuda, salvo a Ti”, essa é uma das frases que usam amiúde os fiéis. Ademais, as frases feitas ajudam os ignorantes”.

“Nossas preces são bem curtas. Compreendem um parágrafo inicial do Corão e mais sete versículos. Porém, aqueles que o desejarem, poderão acrescentar outros, a gosto de cada um. O que não se deve é improvisar as preces, criando-as por si próprio.

“Os muçulmanos devem rezar cinco vezes ao dia. Se por circunstâncias imperiosas faltar a uma delas no momento indicado, deve fazê-lo logo, em seguida. É proibido omitir qualquer uma das orações.

\* \* \*

— E os que estão gravemente enfermos?

“Se não podem ficar em pé ou de cócoras nas posturas prescritas, devem rezar deitados; e se não podem falar, têm que levantar as mãos às tēporas em sinal de reverência a Alá. Não olvide que as posturas, ao obrigar o homem a prosternar-se, indicam humildade perante Deus. É bom que o homem reconheça desse modo a grandeza de Deus”.

— Cinco vezes por dia! Não parece exigir muito dos homens?

“Não; essas orações são necessárias para que os homens se recordem de Deus e, também como lhe mencionei há pouco, para educá-los espiritualmente. Ao dirigirem-se a Deus, chamando-O Misericordioso, aprendem que a misericórdia é aceita por Ele, sendo uma sugestão para eles tornarem-se misericordiosos nas suas vidas privadas. O mesmo sucede com as demais qualidades que atribuímos a Deus”.

Entrou nesse momento um funcionário; tomou a mão que lhe ofereceu o Grão-Reitor, inclinou-se e beijou-a com fervor, tocando-a com a fronte. Quando se retirou, perguntei:

— Que objetivo tem a peregrinação a Meca?

“Assim como as mesquitas aumentam a solidariedade islâmica local, a peregrinação a Meca aumenta a solidariedade islâmica internacional. Todos os homens são irmãos no Islam, e tanto as mesquitas como as peregrinações os aproximam em suas reuniões fraternais. A igualdade é um dos princípios do Islam. Nossa religião é essencialmente democrática e destrói o ódio de classes. O Islam solucionou o problema do pauperismo, estabelecendo esmolas, tomando dos ricos uma porcentagem do seu dinheiro, para ser distribuída entre os necessitados. Se todos o fizessem de boa vontade, a paz e a compreensão reinariam entre os homens, estabelecer-se-ia um equilíbrio salutar entre as classes. Todos os que crêem em Alá tratam de igual para igual os demais que

encontram na mesquita ou na peregrinação. Um rei pode marchar junto a um mendigo ou rezar ao seu lado. O Islamismo exorta os homens a deixarem o preconceito racial e outras distinções e a reunirem-se com todos os laços da unidade religiosa e dos princípios humanos. O Islam não dá crédito a nada, exceto à retidão e boas ações. Porque diz Alá: (Louvado seja!)

*“Homens! Criei-vos desde Adão e Eva, formando povos e tribos para que pudésseis conhecer-vos uns aos outros. Em verdade, aos olhos de Alá o mais honrado entre vós é o mais virtuoso! Alá é Onisciente e conhece vossos mais íntimos pensamentos”.*

— No Ocidente, a idéia comum é que os maometanos são fanáticos e intolerantes. Será exato? E, também, que o Islam foi propagado pela força da espada. Digna-se dizer-me algo a respeito?

El Maraghi sorriu.

“O Islam havia se convertido numa crença firme e inabalável; os muçulmanos adquiriram a reputação de serem sustentadores estritos da sua fé, assim, os críticos parciais os acusaram falsamente de fanáticos. Na realidade, o que seus inimigos qualificam de fanatismo não passa de firme convicção, não importa o nome que eles lhe dêem.

“Quanto à afirmação de que o Islamismo foi propagado unicamente com a espada, basta confrontar os fatos históricos, analisando as verdadeiras causas das guerras em que no início se viu envolto o Islam. Essa análise fará compreender que aquelas guerras não tinham nada a ver com a difusão do Islam; foram, em sua maioria, ações defensivas para proteger os fiéis da perseguição e da tirania infligidas contra eles por infiéis que os expulsaram dos seus lares. Por essa razão, Deus permitiu a seu Profeta que tomasse armas contra os ofensores. Disse o Senhor:

*Alá não proíbe ser caritativo e tratar com justiça aos que não vos fizeram guerra por causa da vossa religião e não vos expulsaram de vossas terras. Em verdade, Alá ama os justos. Alá vos proíbe unicamente fazer amizade com aqueles que, por causa da vossa religião, vos fizeram guerra expulsando-vos dos vossos lares e ajudando aqueles que vos perseguiram.*

E diz também:

*Concedeu-se a permissão para que tomassem armas contra os infiéis, porque eles sofreram perseguição, e em verdade Alá pode muito bem socorrer aqueles que foram injustamente expulsos dos seus lares, só porque disseram nosso Senhor é Alá.*

Resumindo, essas são algumas das causas que obrigaram o Profeta e seus companheiros a tomarem armas. No início, Maomé sugeriu a seus adeptos

deixarem-no sozinho exortar os árabes a adotarem o Islamismo. Contudo, foi vítima de muitas injúrias e os árabes se negaram a aceitar a nova religião, e perseguindo-o, tramaram perverter sua mensagem. O Profeta não teve outra solução senão defender-se e defender seus correligionários dos ataques dos seus inimigos a fim de sustentar a causa de Alá.

As guerras e conquistas que foram feitas posteriormente, tiveram como objetivo proteger o Islamismo, porquanto os conquistadores deram aos vencidos três alternativas: a) adotar o Islamismo em igualdade de condições; b) pagar um tributo que mitigaria a pobreza dos árabes, dando em troca proteção das suas vidas e seus bens; c) continuar lutando.

Não há dúvida de que essas guerras foram também promovidas por motivos políticos, em parte sociais e, em parte econômicos, mas, quanto às afirmações de que o Islamismo foi propagado unicamente pela espada, não é exato, pois difundiu-se logo sem recorrer à guerra. Não abraçaram o Islamismo os mongóis e os tártaros, após terem arrasado a Ásia e destruído a magnífica civilização islâmica, convertendo-se em sólidas pilastras da fé, apesar de os muçulmanos terem sido seus maiores inimigos? Se atentássemos imparcialmente para a história, poderíamos encontrar ali inúmeras provas para refutar essa afirmação”.

— Do ponto de vista oriental e, com referência ao que já há podido conhecer Vossa Eminência, qual é a sua opinião pessoal sobre os povos e instituições culturais e religiosas do Ocidente?

“Na minha opinião, os povos ocidentais alcançaram um nível cultural muito alto, tanto no terreno científico quanto no social, porém observo que a civilização ocidental carece de interesse espiritual. Não podemos considerar perfeita a civilização que não combine a natureza material e espiritual do homem; sendo ambas coexistentes, devem-se contrabalançar reciprocamente.

“Quanto às instituições européias, admiramos e tratamos de adotar seus métodos de ensino, impulsionados pelo mui venerado texto do nosso Livro Sagrado:

*“Anunciai boas novas aos meus servidores que prestam ouvidos às exortações e seguem aquilo que é o melhor. São esses que Alá guia para a sua Religião e são eles os homens de entendimento”.*

Nosso Profeta sustenta o mesmo, quando disse:

*“A sabedoria é o tesouro perdido do verdadeiro crente; ele a recolhe onde quer que a encontre”.*

“O que reprovamos nas instituições ocidentais, é a sua exagerada liberdade individual, porque provoca sérios inconvenientes que tendem a abalar a existência dessas instituições”.

“Embora admitamos que esse princípio da liberdade individual seja um direito natural do homem, não podemos dizer que seja adequadamente aplicado. No Islam este princípio é adequadamente aplicado; cada qual pode fazer tudo o que não prejudique nem a si nem a seus semelhantes”.

\* \* \*

“No início do Islamismo, as autoridades costumavam separar partes das mesquitas, destinando-as aos estudos laicos e religiosos. As grandes mesquitas adquiriram aparência de universidades, sobretudo quando lhes foram anexados alojamentos para os estudantes e quartos para os professores. Fizeram-se legados a fim de manter essas instituições. El Azhar era uma dessas mesquitas. Quando, no século VII da Fuga do Profeta, Bagdad caiu em ruínas aos pés dos invasores tártaros, o Califa foi derrotado, o Rei Alsahir Bibars tomou sob sua custódia um dos filhos dos príncipes Abisaid e fez dele Califa. O Rei Bibars reabriu El Azhar onde temporariamente haviam sido suspensas as aulas, dispensando-lhe liberalmente seus favores. El Azhar adquiriu fama e atraiu numerosos estudantes, que vinham de todas as partes próximas e longínquas, em busca de instrução. Com o tempo se transformou em universidade islâmica, a maior e a mais importante do mundo maometano. O desenvolvimento processou-se lentamente até chegar a ser uma instituição pública acessível a todos os muçulmanos. Sem dúvida, é uma grande distinção, não alcançada por nenhuma outra mesquita”.

“As reformas que estou introduzindo em El Azhar têm por objetivo proporcionar aos estudantes a oportunidade de expandirem seus horizontes mentais e culturais em todos os ramos de conhecimento”.

“Em sua busca da verdade o Islam recomenda raciocínio lógico, condenando à imitação cega, e censura aos que a praticam. Diz o Senhor:

*“E quando se lhes diz: “Seguí aquilo que Deus mandou”, respondem: “Não; seguiremos os costumes dos nossos pais”, muito embora seus pais não soubessem nada e carecessem de gaia”.*

— Pode adaptar-se o Islamismo às necessidades da nossa época moderna, que segue a crescente orientação científica com tendências exclusivamente práticas? Perguntei.

“Como não vai se adaptar, se está baseado nas exigências da natureza e da razão humanas, e ordena a seus adeptos que ampliem seus conhecimentos e cumpram suas obrigações? Como pode ser incompatível, uma religião dessa envergadura, com as necessidades de nossa era moderna de ciência e cultura? Deveras! O Islamismo incita o povo a instruir-se. Diz a respeito o Senhor:

*“Considerai tudo o que há nos Céus e na Terra”.*

“Os verdadeiros crentes são descritos no Corão como aqueles que “meditam sobre a criação dos Céus e da Terra”.

“Os primeiros muçulmanos deram provas de que é possível conciliar a religião com a vida prática e a ciência, sem atritos. Traduziram obras científicas e filosóficas dos gregos e romanos, criticando-as e aperfeiçoando-as. Praticaram todas as variedades de atividades mundanas, inclusive a agricultura, comércio e indústria”.

“A rápida e imediata difusão do Islamismo se fez devido, entre outras coisas, ao seu lado prático da vida, não sendo apenas uma religião teórica. Expõe leis e ordens que possam ser obedecidas e seus princípios são aplicáveis à vida cotidiana”.

“O Islamismo considerou as necessidades mais cruciais da natureza humana, estabelecendo princípios que encaram as exigências do corpo tanto quanto da alma, sem sacrificar nenhuma delas. Quando nossa religião legitimou o gozo de tudo que há de bom na vida, limitou os apetites do homem, proibindo-lhe fazer o que possa prejudicá-lo ou corromper. Tampouco descuidou da parte espiritual; o Islamismo deu a esse aspecto da vida do homem, plenos poderes também”.

— Por que usam véus as mulheres? Elas não abandonarão esse costume? Julga-se comumente no Ocidente que as mulheres dos países maometanos são mantidas em nível social muito baixo, meio escravizadas e tratadas como seres inferiores. Que pode dizer-me a respeito?

“Quanto ao véu das mulheres — respondeu — o Islam determinou para seu uso certa formalidade, fundada em que as mulheres não devem exibir seus atrativos aos estranhos, nem ataviar-se com ostentação em público. Dessa maneira as mulheres conservam seu decoro e os homens se livram de sucumbir aos seus encantos. Com esta imposição, o Islam logrou, sem dúvida, estabelecer um princípio sadio para salvar o homem e a mulher da tentação ao pecado”.

“Não obstante, não exagera sua aplicação; permite às mulheres descobrirem o rosto e as mãos quando não temem a tentação”.

“A opinião ocidental de que as mulheres muçulmanas são mantidas em nível social baixo, semi-escravizadas e tratadas como seres inferiores, não é exata, nem está de acordo com nossas doutrinas religiosas, porque nossa religião outorga todos os direitos às mulheres. Permite-lhes, dentro de limites razoáveis, tudo o que possa satisfazê-las; segundo a forma conservadora, fê-las donas e senhoras de seus domínios. Não lhes proíbe a educação em qualquer grau que seja; pelo contrário, recomenda aperfeiçoarem-se tanto quanto possível. Autoriza possuírem seus próprios bens e dá-lhes o direito de dispor deles. Podem ser advogadas, médicas, tutoras e juizes, salvo em casos criminais. Tem havido mulheres muito instruídas, outras se distinguiram pela sua probidade

profissional, outras destacaram-se nas letras. O rumor de que as mulheres muçulmanas vivem como escravas, originou-se do fato de certos ignorantes, influenciados pelo seu meio ambiente, adquirirem o costume perverso de maltratar suas mulheres. O Islam, não preciso dizer-lhe, não pode ser culpado nem é responsabilizado por esses abusos”.

\* \* \*

A ignorância do europeu comum a respeito desta grande religião é algo pelo qual não pode ser censurado, mas o conceito desacertado que dela formou, desacredita-a e fala pouco a seu favor. Muitos dos meus amigos da Inglaterra sabem apenas que um maometano é um homem cuja religião lhe permite esposar quatro mulheres. Seus conhecimentos não vão além disso! Não duvido, entretanto, que, no fundo, eles devem julgar que, se o Islam (para dar à religião o nome com a qual a designam seus adeptos, e não o nome artificial de maometanismo que lhe concedemos) houvesse se estendido por todo o Oriente, o teria sido em grande parte pela atração dessas quatro esposas. Para o homem que pensa e enxerga melhor, essas quatro mulheres representam quatro responsabilidades mais quatro preocupações financeiras; quanto às atrações pressupostas dessas possíveis esposas, são muito menos certas. Pessoalmente encontrei só dois muçulmanos que tinham quatro esposas e eram marajás que possuíam fortunas. Conheci vários plebeus que tinham duas mulheres, porém não encontrei nenhum que possuísse harém de quatro. Cerca de 97% dos maometanos que encontrei não possuíam mais que uma só mulher. Lamento, pois, dissipar uma ilusão pela qual nós, os ocidentais, tínhamos certo carinho. Desaparecida essa ilusão, não resta muito de nosso conhecimento do Islam.

A prática da poligamia de que se acusa tão frequentemente o Islam, exagerando o argumento para confundir seus intentos, não é um encargo que o muçulmano deva temer. A poligamia em si não é necessariamente repugnante ou imoral; do ponto de vista psicológico e científico, pode às vezes ser até desejável. De qualquer modo, a porcentagem de matrimônios polígamos no Oriente é uma realidade muito baixa; não supera a do Ocidente, onde existem, sem dúvida, às escondidas, vergonhosos e ilegais.

De qualquer maneira, a opinião pública no Egito moderno é geralmente contrária às uniões polígamas, e se calculamos 5% no Egito, haverá provavelmente 2% na Pérsia e outros 5% entre os muçulmanos e indianos.

Lembrei-me de que a poligamia era comumente praticada entre os povos da antiguidade. Maomé a encontrou na Arábia como uma instituição legalmente estabelecida; portanto, não a introduziu nem difundiu como uma doutrina nova. Aceitou simplesmente a situação imperante e tratou apenas de regularizá-la, encaixando-a dentro de normas éticas. Aliás, também me lembrei de que Maomé encontrou entre os árabes daqueles tempos uma situação marital até certo ponto bárbara, em comparação com a que ele instituiu posteriormente. Um filho,



por exemplo, podia herdar as esposas do seu falecido pai. Outrossim, existia o costume de formar uniões temporárias. Maomé as proibiu. Divorciar-se era tão fácil como tirar água do poço. Embora Maomé não criasse maiores dificuldades, advertiu seus partidários que “o divórcio era o que mais Alá detestava de todas as coisas permitidas”, colocando-o sob um código mais justo para ambas as partes. Resta saber se não é isto preferível à hipocrisia legalizada de nosso código de divórcio.

A acusação de que Maomé teria permitido ao homem entregar-se à satisfação desenfreada das paixões, é ridícula. Ele impôs os jejuns a todos os seus partidários para ajudá-los a livrar-se das paixões; proibiu as bebidas alcoólicas para ajudá-los a dominar-se.

Contudo, eu queria saber como de fato Maomé estabeleceu a questão dos matrimônios múltiplos, e nesse sentido perguntei a Sua Eminência:

— Qual é a doutrina relativa à poligamia? Como está atualmente sendo praticada?

Sua resposta foi a seguinte:

“O Islam permite a poligamia sempre que o marido possa tratar suas mulheres com justiça e igualdade. O sagrado Corão proíbe a poligamia quando é impossível a imparcialidade por parte do marido. Diz Alá (Louvado seja!):

*“E não estará em vosso poder tratardes todas vossas esposas igualmente, ainda que o quisésseis fazer”.*

“Em todo caso, o Islam não favorece a poligamia e nunca a autoriza incondicionalmente. Trata apenas de evitar que os luxuriosos e sensuais que não se satisfazem com uma só mulher, venham a cair no pecado do adultério e vício. Só lhes é permitido a poligamia se se sentirem capazes de cumprir as condições da equidade.

“Atualmente, com exceção de uns poucos que por razões físicas e financeiras devem casar-se mais de uma vez, seja para se precaver do adultério ou para manter mulheres pobres que não têm ninguém para sustentá-las, a maioria dos muçulmanos possui uma só esposa”.

Antes de me retirar, fui convidado a visitar a valiosa biblioteca de El Azhar, instalada em sala cujo teto liso, de madeira de cedro, era bizarramente esculpido. Passaram ante meus olhos milhares de volumes; antigos Corões de folhas de pergaminho, livros de páginas brilhantes e iniciais douradas, manuscritos antiquíssimos, tudo em ordem perfeita. Só em manuscritos havia mais de quinze mil.

Com isso finalizou minha audiência. Escutei atentamente as palavras do Sheik El Maraghi, cujo grande prestígio e suprema autoridade davam valor a cada sentença que proferia.

Havia começado a compreender com maior clareza o porquê da extensão do Islamismo e porque a religião muçulmana recebeu rapidamente veneração, tanto por parte dos beduínos selvagens do deserto, quanto dos habitantes cultos das cidades da Pérsia, das tribos inumeráveis e povos do Oriente Próximo e Médio.

Maomé, como Moisés, todavia não como Buda, empenhou-se em estabelecer um céu visível na terra, organizando uma sociedade de seres humanos que, levando sua vida normal, aplicassem porém as regras que ele, Maomé, havia trazido como mensageiro de Deus.

A Buda como a Jesus preocupava mais expressar temas ascéticos e despertar a intuição de cada um à procura dos segredos recônditos do ser. Maomé e Jesus viviam apaixonadamente em Deus, porém, enquanto Jesus dedicou sua paixão à busca interior, Maomé a dedicou à fundação de um reino exterior. Não temos competência para formular um juízo, mas, simplesmente, sublinhar esses fatos. Maomé, Moisés, Jesus e Buda foram realmente inspirados Embaixadores de Deus; contudo, Maomé era diferente da maioria dos Profetas orientais, marcando sua divergência em não se afastar das obrigações públicas e sociais da vida, cuja deserção, geralmente, acompanha a extrema devoção religiosa. Deixou claramente estabelecido que os monges e mosteiros eram indesejáveis no Islam, e não deu sua aprovação às doutrinas monásticas que implicam a morte dos afetos humanos.

É de lastimar que um ocidental comum conheça tão pouco da religião islâmica, e mesmo esse pouco seja parcialmente errôneo, se não totalmente inexato.

Maomé ensinou aos homens a não ter vergonha de ajoelhar-se para adorar seu Rei Invisível e prosternar-se no meio da rua.

É o momento de nos desprendermos das noções deformadas que nos escurecem a mente, sobre esse grande homem: Maomé e sua grande religião, o Islamismo. É tempo de compreendermos porque é tão grande a magia do seu nome para todos os dias, o bendizerem seus milhões de fiéis, quase uma sétima parte da humanidade, desde as costas ocidentais da África até o litoral leste da China. É hora de reconhecermos a realidade do fervor desses homens, os muçulmanos, e de sabermos por que o rápido “Alá” da pronúncia européia é uma lastimosa caricatura do fervoroso “A.....lá” do oriental, lento, estirado, cordial, piedosamente prolongado na segunda sílaba.

A noite já tinha aberto os olhos das estrelas, que cintilavam como milhares de jóias, quando voltei a encontrar-me na rua, frente à mesquita e à universidade de El Azhar, distraído, mirando todas as coisas e sem prestar atenção a

nenhuma. No azul-violeta do céu brilhava a lua em seu quarto crescente, cercado por um halo de névoa. Da alta torre no ar ressoou a voz de tenor do muezim da mesquita, proclamando sonoramente a unidade de Deus.

Naquele momento, em toda a cidade de muros fortificados, arcos delicadamente esculpidos e pátios zelosamente guardados, sob a proteção do Alá e seus Anjos, os homens se deixavam cair de joelhos com o rosto voltado para Meca, repetindo estas simples palavras: "DEUS É O MÁXIMO".

## Na Paz da Velha Abidos

Muito mais de sete mil anos antes que Maomé levasse às tribos nômades da Arábia o culto de um só Deus em toda sua pureza espiritual, no Egito, o país do céu transparente, floresceu uma religião cujos adeptos esculpiram gigantescos ídolos de pedra que Maomé odiava. E não obstante, os homens mais instruídos dessa religião adoraram o mesmo Deus Incognoscível que o Profeta do Islam; seu culto não foi simples idolatria. Os eruditos egíptólogos hodiernos, por mais que se esforçassem, não puderam dizer-nos algo mais sobre essa religião, porque ela pertence à pré-história, à época tão escassa em material que os mais estudiosos não conseguem tirar o véu que a oculta, e limitam-se a expor conjecturas cautelosas acerca de seu povo e acontecimentos.

Há lugares no Egito moderno, como por exemplo em Luxor, onde se encontram lado a lado o templo antigo e a recente mesquita muçulmana, oferecendo o impressionante contraste, aliás característico neste país.

Enquanto escrevo estas linhas, parece-me ouvir um galope de cavalos e, com os olhos de minha mente, ver os invasores árabes cavalgando e levando por todo o Egito o estandarte verde do Profeta. O tempo passa com uma paciência carregada de presságios... e o verde do estandarte cede lugar ao vermelho, branco e azul para voltar novamente ao verde. Mas abafado por todas essas mudanças, o som do sistro dos templos antigos nunca deixou de ressoar.

O Egito não pode livrar-se do cunho da sua fé primitiva. Mercê do maravilhoso labor dos arqueólogos, o passado renasce diante de nós qual Fênix. Essas tangíveis relíquias de pedra recordam ao Egito o Passado, ao qual, por vezes se aferra, mas na maioria das vezes ignora.

Embora a fronteira entre o Passado e o Presente seja imprecisa, a atmosfera daqueles povos desaparecidos e seu culto extinto vibra ainda, suspensa sobre o país, e qualquer pessoa sensível atesta tê-la indubitavelmente sentido. Se seus templos decaíram tristemente, muitos deles destruídos ou sem tetos, albergando morcegos de largas asas, revoloteando à noite por entre as colunas; se daqueles homens ficaram apenas uns poucos corpos inumados para dar testemunho da sua existência (corpos dos quais foram retirados entranhas e sangue e que

hábeis embalsamantes transformaram em múmias enfaixadas), muitos dos seus espíritos pairam nos lugares que frequentaram e amaram em vida. O poder dos chamados mortos persiste no Egito, mais do que em qualquer outro país que conheço.

Senti em Abidos essa presença sutil numa sala de colunas do templo de Seti. Sentei-me num dos sete nichos, com as pernas cruzadas, para meditar. As estranhas figuras pintadas nas paredes em volta olhavam-me fixamente. Após duas horas de viagem pela baixada, atravessando plantações de cana e campos de favais, deixei o agradável, fresco e vivificante ar da alvorada (porque havia saído antes do amanhecer) e penetrei o limiar das ruínas do velho santuário construído por Seti, o primeiro dos Faraós. Não demorei em sentir-me subjugado por uma poderosa sensação do passado. Tão logo me sentei no nicho, projetaram-se na minha mente visões de uma época desvanecida.

Involuntariamente, vi procissões desfilando pelo chão de pedra, com passos medidos e ritmados, dirigindo-se ao recinto do altar. Senti a forte vibração daqueles sacerdotes-magos que fizeram desse lugar um foco para atrair bênçãos de Osiris, deus que representavam com uma coifa de tríplice ornato posta no alto da cabeça. Ainda suas inovações ecoam através dos céus pelos séculos afora. A grande calma da sua presença começou a envolver-me e encantar-me; não demorou que suas asas benévolas me envolvessem, e senti minha existência terrena, cheia de desejos, deslizar-se como areia entre os dedos.

Bem disse Estrabão, o clássico geógrafo, quando escrevia referindo-se à sua própria época coberta de pó: “Em Abidos adora-se Osiris, mas no templo não se permite cantores nem tocar sistro ou flauta no início das cerimônias celebradas em sua honra, como é de uso fazer no culto ritual aos deuses...” A paz impregnou as brancas paredes da sala, paz acalentada de sonhos, cuja delícia o mundo exterior não conhece e nem pode compreender. A Marta dos bulícios e atropelos recebeu reprimenda de Jesus; a Maria tranquila e compenetrada, o seu elogio. Nossas melhores horas não as passamos em algazarra e agitação, mas, sim, quando a serenidade desce sobre a alma e quando entramos em íntima comunhão com a Felicidade, Sabedoria e o Poder Divino.

Fiquei sentado no pequeno nicho na parede, como talvez algum sacerdote de tez morena se havia sentado centenas de gerações passadas, deixando que nesse intervalo sua aprazível influência me envolvesse em seu encanto. Oh! Que satisfação de estar só e esquecer ruídos que o progresso traz como séquito inexorável de seus muitos benefícios! E que prazer olvidar o egoísmo grosseiro, os mal-entendidos inevitáveis, ódios indignos, rivalidades aviltantes que, quando regressamos ao mundo dos homens não iluminados, nos alçam à cabeça, feitos cobras para nos atacar e picar.

Por que voltar, então?

Consideramos a solidão como se fosse a maldição dos céus, mas quando adquirimos a sabedoria, aprendemos a estimá-la e recebê-la como uma bênção. Devemos escalar o monte Everest dos nossos sonhos e acostumar-nos a viver nos píncaros da solidão. Porque, se buscarmos a alma na multidão, só encontraremos o vácuo; se buscarmos a verdade, nada acharemos a não ser a hipocrisia.

A sociedade é da alma e não do corpo. Podemos passar uma noite na sala de espera de uma estação entre quarenta pessoas, e sentirmo-nos tão sós como se estivéssemos no Saara. Os corpos poderão aproximar-se, mas se os corações e as mentes permanecerem ausentes, continuaremos sós e isolados. Acharmo-nos obrigados a cumprir as formalidades da etiqueta e, quando alguém nos convida, vamos visitá-lo. O anfitrião não está presente para nos dar as boas-vindas, pois ele limitou ao corpo a obrigação de receber-nos, sabendo perfeitamente que entre nossas mentes há um abismo tão grande que não poderemos entender. Travar relações com alguém dessa espécie é melhor não fazer relação alguma. Quem Deus separou, o homem não deve unir!

Tomei passagem para o Império Celestial, esse grande país onde não se infiltram notícias mesquinhas da nossa vida trivial. Será dizer que tenho ódio aos meus semelhantes? Pode ser chamado de misantropo o homem que brinca com as crianças e reparte suas moedas com os pobres?

Por que não ficar longe de tudo e aceitar a aventura de uma existência solitária, retirada, livre de ansiedade, nos lugares tranquilos, como este do santuário de Abidos?

Criticamos amiúde o homem que foge à sociedade em busca de vida mais elevada, sem pensar que talvez ao regressar ele possa trazer algumas novas para seus semelhantes. Voltou-me à memória a solene promessa de regressar que me arrancaram aqueles a quem respeito ou melhor, venero, e da qual sabia não poder escapar. Todavia, não me entristeci porque também sabia que, quando o mundo me cansasse, poderia submergir-me no poço profundo do meu ser e sair renovado, satisfeito e feliz. Naquele grande silêncio sagrado dentro de mim, podia ouvir a voz clara de Deus, como nesse grande silêncio do templo podia ouvir as vozes mais débeis dos deuses desaparecidos. Quando voltamos ao mundo exterior, vagamos entre sombras e incertezas; entrando em nosso próprio interior, movemo-nos entre sublimes certezas e beatitudes eternas. “Aquieta-te” — disse o Salmista — “e sabe que sou Deus”!

Perdemos a velha arte de ficar a sós e não sabemos o que fazer com a solidão. Não sabemos extrair a felicidade dos nossos recursos internos; por isso, compramos distrações ou recorremos a outras pessoas para nos distrair, momentaneamente. E, não só não sabemos estar sós, como também não sabemos ficar quietos. Entretanto, se pudéssemos manter o corpo durante algum tempo na mesma posição e usar nossa mente de maneira adequada,

lograríamos conquistar a sabedoria profunda, digna de ser possuída e saturar nossos corações de paz salutífera.

Fiquei quase duas horas sentado até que o tique-taque contínuo do relógio se fez ouvir novamente. Abri os olhos.

Mirei as grossas colunas da sala sustentando o pesado teto, e que pareciam gigantescas plantas de papiro apoiando sólidas cúpulas. Parte das colunas estava iluminada pelos raios do sol, que penetravam aqui e acolá pelo teto esburacado, realçando os baixos-relevos e pinturas. Aqui estava o Faraó em atitude de cerimonial, frente a um dos seus deuses favoritos, ou levado à presença do próprio Osíris; fileiras de hieróglifos, uma após outra de conteúdo misterioso para os não iniciados, acompanhavam cenas pictóricas. Séculos se haviam passado, quando Seti em pessoa contemplava essas mesmas colunas de bases salientes, cobertas de inscrições.

Estiquei as pernas entumecidas e levantei-me para percorrer o resto do templo. Atravessei câmaras altas e santuários abobadados, e aproximei-me para estudar mais de perto os murais e pinturas, cujas cores, azul, verde, vermelha e amarela se destacavam sobre a branca e marmórea pedra calcária, com tanta frescura como quando saíram das mãos dos artistas, há mais de três mil e quinhentos anos.

O toque delicado da beleza feminina se estraga, mais cedo ou mais tarde, pelo impiedoso assalto do tempo, mas a dura e pétrea beleza dos rostos femininos dessas pinturas parecia desafiar seus embates. Que segredos possuíam aqueles antigos pintores ao preparar as tintas, cujos vermelhos brilhantes e azuis claros conservam sua frescura, e por que não podem ser imitados atualmente? A viva coloração parecia ainda escorrer dos pincéis, os finos desenhos e os esplêndidos cinzelados dos escultores daqueles tempos ficaram os mesmos nas brancas paredes de pedra, frente às quais eu permanecia meditando, testemunhos tangíveis daquela vida misteriosa do Egito desaparecido. Por toda a parte se via o Rei rendendo culto aos grandes deuses e recebendo em troca as bênçãos. Esse templo singular não estava dedicado integralmente, como era costume, a uma divindade especial; ali se honravam vários deuses do Panteão egípcio. Cada qual tinha seu santuário e estava representado em alguma cena religiosa, pintada ou esculpida na parede; contudo, Osíris conservava a supremacia. Havia sete recintos abobadados, formados de grandes blocos de granito, cada um cruzando-se com outro, dedicados a Hórus e Ísis, Ptah e Harakt, entre outros.

Ísis, a grande deusa velada, Mãe da Sabedoria, com toda sua ternura maternal, tocava o ombro do Faraó devoto. Ao lado dela flutuava seu barco sagrado em cujo centro havia, finalmente trabalhado, um oratório adornado de flores de lótus; as águas tranquilas e os ventos obedientes estavam dispostos a levá-lo às

regiões paradisíacas dos deuses, deusas e alguns seres humanos que como deuses desciam à Terra para abençoar.

Os incautos, olhando essas pinturas, pensam como puderam os antigos egípcios ser tão estúpidos em acreditar nessas coisas, nessas divindades inexistentes, nesses barcos sagrados que transportavam para o céu os favoritos dos deuses! A verdade é que os barcos eram apenas símbolos, elementos de uma linguagem sacra, que o escol do mundo antigo entendia perfeitamente, mas o mundo moderno dificilmente consegue entender. Certamente, essas divindades estavam longe de ser uma ficção. No universo infinito há lugar para outros seres, superiores ao homem e, embora adotassem formas e nomes diversos em diferentes épocas, essas deidades não mudaram seu caráter específico.

Eu creio com Plutarco, que diz:

*Não há deuses diferentes nos diferentes povos, quer sejam bárbaros ou gregos, pois mesmo o sol, a lua, o céu, a terra e o mar que são propriedades comuns de todos os homens, são designados de modo diverso nos diferentes países.*

Muito embora, aparentemente, hajam hoje desaparecido de nossa visão, suas atividades não podem findar. Somente são menos tangíveis para nossos sentidos físicos, mas nem por isso estamos fora da sua esfera de ação. Embora não desçam mais em densas formas terrenas, continuam vigiando o mundo que foi entregue aos seus cuidados, fiscalizando o progresso da evolução humana. Eu creio em deuses como acreditavam esses antigos egípcios, considerando-os seres super-humanos que custodiam a evolução do universo e do bem-estar da humanidade, dirigem o destino oculto dos povos e guiam seus mais importantes assuntos; enfim, encaminham todos os homens e todas as coisas à última finalidade de toda a criação — a perfeição suprema.

Esses sete santuários, consagrados aos cultos, presenciaram holocaustos de fogo e água, oferendas de incenso, posturas e orações. Cerimônias que foram idólatras ou espirituais, segundo a compreensão e a intenção que davam aqueles que nelas participavam. O homem que via nesses atos físicos substitutos satisfatórios das suas virtudes íntimas, era um idólatra, enquanto o homem que os considerava meras lembranças simbólicas da devoção e sacrifícios que diariamente oferecia a seu Criador, sentia-se fortalecido na verdadeira fé religiosa. O sacerdote empregando símbolos que fazem parte do ritual da magia, poder concedido por tradição, assumia grande responsabilidade, porque atraía forças tanto diabólicas como angelicais para a assembléia que presenciava o ritual.

A entrada era proibida à massa nesses sete santuários internos, cujos altares desaparecidos, outrora reluziam de ouro, e na verdade, nos inúmeros templos egípcios ninguém se atrevia a passar além dos espaçosos pátios. Dessa maneira, a religião tomou um caráter particular em que o papel preponderante



era desempenhado pelo exclusivismo sacerdotal. Pensei na liberdade que reina na mesquita ou na igreja e compreendi, mais uma vez, porque os sacerdotes que se haviam excedido em seus esforços por conquistar e conservar o poder, acabaram por perder até a menor partícula de sua influência. “Dá de graça o que de graça recebeste”; essa sentença não tinha aplicação naqueles tempos. Os sacerdotes recebiam e, com grande reserva e cautela, davam com parcimônia.

Que estranhas mudanças traz consigo o tempo, pensei. O sarcófago do homem que edificou o templo, o esquife vazio de alabastro da múmia do Faraó Seti, ficou a mais de cinco mil quilômetros de distância, num pequeno museu estabelecido em Inn Fields de Lincoln, entre os advogados e corretores imobiliários de Londres. Se o tivessem enterrado trinta metros mais fundo, quase podia ter escapado à acidentada viagem pela Baía de Biscaia.

Levantei os olhos para contemplar a abóbada celeste pintada de um azul escuro semeado de estrelas. Através do teto avariado pelo tempo, aqui e acolá aparecia o céu. Em nenhuma parte do mundo, disse-me a mim mesmo, tem o céu cor azul tão intensa como no Egito. Penetrei num corredor poeirento e pus-me a estudar a famosa Tabuinha de Abidos, essa lousa gravada em caracteres hieroglíficos, mencionando todos os Reis do Egito até Seti. A Tabuinha ajudou aos arqueólogos a formarem seus conhecimentos mais concretos sobre a história do país. Estavam ali, também, as figuras em baixo-relevo do Faraó Seti junto ao seu filho, o jovem Ramsés, no ato de homenagear seus setenta e seis antepassados. A augusta cabeça do Rei, de feições acentuadas, porte altivo e cerimonioso, estava de perfil. Percorri o templo pisando na fina areia que ali cobria uma parte do solo e prossegui estudando outros baixos-relevos, pinturas envoltas de cartéis reais e fileiras de formosas inscrições hieroglíficas profundamente gravadas na pedra.

Hórus, com cabeça de falcão e corpo de homem, aparecia sentado, erguido no seu trono cúbico, alto, sustentando em ambas as mãos o tríplice cetro do Egito — o chicote, o bastão encurvado de pastor e a vara de Anúbis, três insígnias simbólicas de bom governo. O chicote representava o domínio do corpo, o bastão, o controle dos sentimentos, e a vara com cabeça de chacal, o domínio do pensamento. O sólido trono indicava o domínio da natureza animal do homem. Seus ângulos retos mostravam que os iniciados devem sempre se comportar “com retidão”, donde vem a frase moderna usada na franco-maçonaria “pela conduta reta”. A franco-maçonaria possui tradição ancestral mais antiga do que o supõem os próprios maçons. “Faze-te reto para ser útil; a pedra que serve para murar não se abandona no caminho” — diz uma antiquíssima inscrição persa de influência maçônica. Ao longo da base do trono avistava-se uma fila de cruces ansatas — a famosa “chave dos mistérios” tanto dos egípcios como de outras raças. Para os egiptólogos, é o símbolo da vida, porém, interpretando-a mais profundamente, compreenderemos que se trata do símbolo da iniciação à imperecedoura vida superior do espírito.

O grande alvo que deviam alcançar os iniciados egípcios era o de autodomínio. É por isso que vemos com tanta frequência nos retratos essa expressão de calma imperturbável nos rostos. Frente a Horus estava seu devoto, o Rei com as mãos estendidas cumprindo o ritual da purificação, enchendo com água o vaso adornado de lótus em flor. Lótus era uma flor sagrada no Egito, como aliás em todos os países da antiguidade. O Rei perpetuava nesse baixo-relevo seus piedosos cuidados para com o crescimento e desenvolvimento da sua natureza espiritual. O monarca levava um avental triangular preso à cintura, com o qual cobria os órgãos sexuais, peça que tinha exatamente o mesmo simbolismo do atual avental dos franco-maçons. Essa figura do Faraó com avental, cumprindo

o ritual de sacrifício no templo diante do seu divino mestre, tem sua reprodução moderna, porquanto no século XX os maçons ainda hoje realizam seus rituais na Loja Maçônica diante do Venerável Mestre, com o avental. Abidos, a primeira sede da religião de Osíris, foi também a primeira Grande-Loja dos ritos secretos daquela religião; isto, é, dos “Mistérios”, os progenitores da primitiva Franco-maçonaria.

Caminhei por entre as grossas colunas, ouvindo o incessante gorjeio dos pardais que se aninhavam ao longo dos velhos telhados. Saí do templo, e dobrando para leste, entrei por uma porta que dava para uma passagem em declive, cujas paredes testavam cobertas de figuras e textos tirados do principal livro sagrado dos egípcios: O LIVRO DOS MORTOS. A passagem conduzia às criptas subterrâneas que, segundo crêem os egiptólogos, tinham sido erigidas como o cenotáfio de Seti.

Esses recintos de aparência arcaica foram descobertos sob um monte de escombros, a mais de doze metros de profundidade. A sala central era baixa e construída em forma de um gigantesco sarcófago. O teto plano e delicadamente esculpido, cujo baixo-relevo apresentava Shu, deus do ar, levantando da terra um Faraó morto e levando-o em seus braços. Senti logo que naquela cena devia haver algum simbolismo oculto. A construção feita de enormes blocos de pedra era notável no seu conjunto. Um fosso cheio de água rodeava a cripta, isolando a nave central. É mais que provável que esse fosso se comunicava com o Nilo por algum canal subterrâneo secreto. Heródoto descreveu um lugar semelhante que, segundo lhe disseram os sacerdotes, existia debaixo da Grande Pirâmide; contudo nada pôde ser provado até agora. A misteriosa cripta de Abidos, praticamente única no seu gênero, na realidade podia ter sido reconstruída por Seti para lhe servir de cenotáfio, porém dava-me a impressão nítida de que originalmente devia ter tido outro objetivo mais importante. Qual seria esse objetivo? Deixei momentaneamente a questão em suspenso.

Voltei à sala das colunas e sentei-me na sombra que elas projetavam. Aqui em Abidos, diziam as antigas tradições, havia sido enterrado secretamente o próprio deus-homem, Osíris, na necrópole real de Thinis, cidade que no longínquo

passado ocupou este mesmo lugar. O Rei Neferhotep fez lembrar esse fato, quando, ao receber o cetro faraônico, encontrou Abidos um montão de ruínas; e sublinhou ter procurado na biblioteca sacerdotal de Heliópolis os arquivos relativos ao templo de Osíris, que antigamente estiveram nesse lugar e, segundo os quais, após estudá-los, mandou reconstruir os ritos abandonados. Os sucessores de Neferhotep usaram esses documentos para reconstruir as ruínas da formosa obra, agregando-lhe novas construções. Esses templos se ergueram entre as casas da cidade de Thinis, mas o tempo acabou por destruí-los.

No primitivo Egito, os Mistérios de Osíris constituíam uma característica destacada na religião, e Abidos era o primeiro lugar do país que os celebrava, fato que o transformou num dos lugares mais sagrados da nação; assim, as vibrações que sentia eram daquela atmosfera espiritual e não dos ritos convencionais que se efetuavam diariamente naquele belo templo, embora posterior ao Rei Seti. A história inicial de Abidos se entrelaça com a história do próprio Osíris, cujo calendário remonta à época ignorada em que as datas esfumam na era pré-histórica da origem egípcia; à época anterior aos Faraós. Foram tempos em que os deuses não desertavam dos homens, quando os “semideuses”, como os chamam os historiadores egípcios, governavam o povo. É maravilhoso — ponderei — sentir através de um misterioso processo as vibrações que ficaram aqui na sublime atmosfera da pré-histórica Abidos, e poderem ser captadas de novo por um receptor humano sensível.

Ali, em Abidos, foi estabelecido o primeiro santuário-mor de Osíris no Egito. Mas quem era Osíris? A lenda histórica responde com um mito fantástico e inconcebível de alguém que foi assassinado e despedaçado, e cujas partes esparsas do corpo foram misteriosamente reunidas.

Deixei o problema para que a mente o sondasse, e aguardei a resposta...

Do silêncio do passado me veio esta: Um dos grandes seres da Atlântida previu a necessidade de ser preparada uma nova residência para os seus escolhidos, espiritualmente mais jovens, e os levou para Leste, terra em que agora fica o Egito. Havia ele alcançado o grau de elevação super-humana, própria dos semi-deuses, e era para seu povo, não somente um governante humano, mas também um deus. Levou consigo os mais seletos do continente condenado, ainda que este estivesse no apogeu da sua civilização, porque os deuses costumavam preparar novas nações muito antes que as antigas desaparecessem.

Antes do cataclismo da Atlântida, emigraram pequenos grupos de homens mais esclarecidos espiritualmente. Os que pertenciam aos impérios ocidentais partiram para a América do Sul e Central, os que eram do Império do Leste, dirigiram-se para a África e ali lançaram os alicerces da grandeza do Egito.

Viajaram em sua embarcação curvilínea com a proa na direção oriental pouco conhecida e começaram a estabelecer-se em pontos diferentes e em diversas

ocasiões, na costa Euro-africana. Mas a leva, que ia sob a direção imediata de Osíris, foi conduzida ao Egito pré-histórico em cujas praias desembarcaram e, antes de prosseguir remontando o Nilo, passaram pelas três Pirâmides e a Esfinge. Produtos das primeiras levas emigratórias dos atlantes, e navegaram até que Osíris lhes ordenou deterem-se, não muito longe da atual Abidos. Encontraram o norte do Egito já habitado por uma população aborígene que os aceitou pacificamente e, além do mais, devido à superior cultura dos recém-chegados, permitiu que lhe impusessem seus costumes e domínio. Assim nasceu a civilização do Baixo-Egito, e Osíris, antes de abandonar seu povo, instituiu-lhe os Mistérios religiosos, deixando-os como um legado duradouro para perpetuar seu nome, sua obra e sua doutrina. Esses homens, esses egípcios pré-históricos, possuíam, portanto, cultura e civilização muito antes que Londres surgisse dos seus pântanos. Muito depois do desaparecimento de Osíris, e quando sua religião precisava ser revitalizada e codificada, surgiu outro grande mestre, um “semideus” chamado Thoth, que estabeleceu em Sais um novo centro, o segundo, dos Mistérios de Osíris. Tudo isso ocorreu entre as comunidades aborígenes do Egito pré-histórico.

Donde então surgiu a lenda do assassinato de Osíris?

Não achei no momento a resposta e decidi aguardar uma outra meditação.

Retirei-me do templo caminhando pelo calçamento desigual do solo, cuja superfície há muito tempo havia sido desgastada. Antigamente estava recoberta com belíssimos mosaicos, dos quais agora não resta um só fragmento. Lancei um último olhar às formosas colunas cujos capitéis em florões sustentaram durante tantos séculos grandes vigas de pedra talhada do teto e ainda continuavam suportando-as galhardamente. Assim dei por terminada minha visita neste santuário da antiguidade.

Saí do pátio e deixei as dependências do templo. Sob a ofuscante luz do meio-dia, pisei escolhendo caminho entre pedras e pós, destroços de rocha e montes de areia, lajes esburacadas e restos disformes de colunatas, onde os espinheiros verdes e sarças espinhosas se entrelaçam, tomando conta das ruínas. Aproveitei um ponto favorável, e mais uma vez dei uma última mirada no deserto templo milenar.

Ali se erguia em sua brancura imaculada, com doze colunas dispersas na entrada e uma porta estreita e simples. Que aspecto diferente e grandioso devia ter, quando estive no pináculo da glória! A arquitetura no Egito foi arte hierática. A religião era um fio no qual os artistas e artesãos enfiavam as contas de suas magníficas obras.

Seti, orgulhoso da sua própria façanha, mandou gravar numa lápide: “O interior do palácio está embelezado com ouro fino, puro, trazido diretamente das minas. Ao vê-lo, o coração se extasia de júbilo e o povo se prosterna submisso. Sua

nobreza é o que há de mais esplendoroso, seus portais, desmedidamente grandes, são de pinho do bosque, dourados com ouro fino e nas partes de dentro blindados de bronze. As grandes pilastras são de pedra de Anu e seu revestimento de granito; sua beleza comove até Ra no horizonte.

Assim era Abidos considerada cemitério do deus Osíris e, na realidade, o primeiro centro egípcio dos “sepultamentos” para iniciação aos Mistérios.

Enquanto descia ao povoado, levando comigo meus sonhos íntimos do passado, os pássaros cantavam ainda, entre os avariados telhados do templo, este último sucesso do primeiro santuário de Osíris.

Gostei imensamente do lugar, cujo feitiço intangível deixado em mim por mãos invisíveis, chamar-me-á a voltar repetidas e mais repetidas vezes. Esses lugares me escravizam mental e fisicamente, e de seu domínio, penso, não poderei escapar.

Quando nas horas efêmeras da vida consigo apanhar alguns momentos imortais, compreendo, então, que não vivi minha existência em vão. Em Abidos senti alguns desses momentos.

## O Rito Secreto dos Templos Egípcios

A explicação que eu buscava no mistério do lendário assassinato de Osíris, encontrei-a, finalmente, quando, remontando o Nilo, dediquei-me a estudar um dos mais conservados templos egípcios, consagrado à deusa Hator em Denderah. A suave areia morna com que estava coberto o preservara, e durante mais de mil anos o protegera sob seu lençol dourado. Subindo os degraus extremamente íngremes e desgastados, ao lado norte do templo, de vez em quando detinha-me para examinar à luz da minha tocha, cenas que ao longo do trajeto apareciam esculpidas nas paredes. Representavam a procissão ritual mais importante do templo, a do Ano Novo, com o próprio Faraó à testa. Um séquito de sacerdotes, hierofantes dos Mistérios e porta-estandartes, subiam entalhados em baixos-relevos, como deviam ter subido a escada quando vivos. Acompanhando-os na sua procissão, saí da penumbra ao sol radiante, chegando ao pequeno santuário isolado, situado no terraço, após ter atravessado um sótão de pedras gigantes. Sustentavam-no uma série de colunas com a cabeça de Hator por capitel.

Notei que se tratava do santuário no qual se efetuavam os Mistérios de Osíris, até a época de Ptolomeu. As paredes estavam decoradas com altos-relevos quais aparecia Osíris deitado num sofá e rodeado por vários serventes e braseiros com incenso. Havia hieróglifos e quadros que relatavam toda a história da morte e da ressurreição de Osíris, e as inscrições indicavam as preces estipuladas para às doze horas da noite.

Sentei-me no solo que, na realidade, era um telhado do próprio templo, e entreguei-me à meditação sobre esta lenda antiga. Passou-se um momento; a sonda tocou o fundo da minha mente e nela brilhou a verdade, cujos fragmentos deformados haviam atravessado séculos sob a forma desse fantástico relato da fragmentação e da posterior reconstituição de Osíris.

Encontrei a chave da verdade ao receber subitamente a intuição, e recordei minha própria experiência na Câmara do Rei na Grande Pirâmide, quando das trevas surgira a visão dos dois sacerdotes, um dos quais pôs meu corpo em

transe e libertou meu espírito, consciente, da sua prisão de carne. Meu corpo estava praticamente morto, a vida se mantinha apenas por um cordão umbilical, enquanto seu verdadeiro elemento vital consciente alienou-se, afastado do corpo. Era eu um cadáver, cuja alma estava longe e, no entanto, ao fim da experiência regressei à carne, vivo como dantes. Não havia sido aquela experiência uma autêntica ressurreição, um retorno à existência terrena, após ter vislumbrado o outro estado? Não foi aquela uma vida consciente depois da morte?

Levantei-me e voltei a examinar os murais para confirmar a iluminação que tinha recebido. Osíris jazia aparentemente morto, envolto em tiras como se fosse a múmia e, não obstante, todos os pormenores indicavam que se tratava da cerimônia em benefício de um vivo e não de um defunto. Com efeito, ali estavam em volta do corpo do candidato em transe, os sacerdotes oficiantes e os incensários para lhe facilitar o traspasse.

Havia preces noturnas, porque essas iniciações sempre se realizavam ao cair da noite; o candidato era posto em transe por períodos variáveis, sendo mais prolongados e mais profundos quanto mais avançado era o seu grau; os sacerdotes vigiavam-no durante as horas da noite para as quais estavam credenciados, e oravam.

Era essa a cena representada nos rituais dos Mistérios, desde tempo imemorable. Mas, qual a significação? O assassinato de Osíris não era outra coisa senão um assassinato aparente, ao qual todos os candidatos dispostos a participar nos Mistérios de Osíris eram submetidos, quer dizer, a tornarem-se unos com o espírito de Osíris, fundador desses Mistérios.

Nos templos mais antigos havia sempre um planejamento arquitetônico duplo e cada templo possuía duas divisões: uma para um culto comum e a outra para os Mistérios secretos. Esta última era estritamente reservada e colocada numa parte especial do templo.

Os sacerdotes, recorrendo ao hipnotismo, poderosas fumigações, passes mesméricos e a uma vara mágica, punham o candidato em estado de transe semelhante à morte, em que perdia toda aparência de vida. Enquanto o corpo jazia inerte, a alma se desprendia, unida apenas por um fio magnético visível para um iniciador vidente, conservando as funções orgânicas do corpo a despeito da suspensão completa da atividade vital. O objetivo da iniciação era ensinar ao candidato que “Não existe morte”. Dava-se-lhe esta lição da maneira mais clara e mais prática possível, fazendo-o passar pelo processo da morte e entrar misteriosamente em outro mundo da existência. Tão profundo era seu transe, que o colocavam num caixão de múmias, com as correspondentes pinturas e inscrições, e que tapavam e lacravam depois. Abstração feita das intenções, ele tinha sido de fato assassinado!

Quando vencia o tempo assinalado para o transe, abriam o caixão e despertavam o candidato pelos processos adequados. Eis o simbólico esquartejamento do corpo, cujos destroços voltavam a reunir-se, volvendo o candidato à vida! A mística ressurreição de Osíris era simplesmente a verdadeira ressurreição do candidato iniciado nos Mistérios!

O santuário em que eu estava, havia sido o cenário de muitos desses “assassinatos” e “ressurreições”. No seu tempo devia estar apropriadamente mobiliado com um sofá e com todos os requisitos necessários para o cerimonial. Quando o candidato, após haver passado pela prova de transe, estava em condição de ser despertado, levavam-no a um lugar onde os primeiros raios do sol nascente lhe banhavam a face adormecida.

É sabido que nos tempos primitivos alguns dos sacerdotes egípcios de grau superior e todos os Sumos-sacerdotes eram muito versados na prática do hipnotismo e podiam provocar em outras pessoas um estado cataléptico tão profundo que era como se houvesse ocorrido a morte verdadeira. Os Sumos-sacerdotes possuíam poder muito maior do que os modernos hipnotizadores, porque PODIAM MANTER A MENTE DO CANDIDATO DESPERTA, ESTANDO O CORPO EM TRANSE, e proporcionar-lhe uma série de experiências supra-terrestres, das quais se recordava ao voltar ao estado normal da consciência.

Desse modo o faziam compreender a natureza da alma e vislumbrar outro mundo da vida, chamado mundo dos espíritos, cujo simbolismo representavam por um pássaro-homem pintado no próprio caixão. Todas as tampas dos sarcófagos das múmias eram decoradas com esse curioso pássaro que, desprendendo-se da múmia, levantava vôo ou permanecia pousado sobre ela. Figurava nas vinhetas dos seus livros sagrados com a cabeça e braços humanos, e era muitas vezes representado como estendendo-se até as narinas da múmia, tendo de um lado a figura hieroglífica de um veleiro enfundado, símbolo da respiração, e do outro, uma cruz ansata, símbolo da vida imortal. O simbolismo, seja escrito nos papiros ou gravado na pedra de granito desse estranho hieróglifo, assinalava sempre a mesma doutrina: a existência do mundo espiritual. Quando o LIVRO DOS MORTOS fala dos defuntos, na realidade, refere-se aos mortos-vivos, homens mergulhados em transe tão profundo como a própria morte, de cujos corpos imóveis as almas desprendidas são levadas para o outro mundo. O LIVRO refere-se à Iniciação. Esse outro mundo se interpenetra de alguma forma misteriosa com o nosso, o dos mortais, e os espíritos podem estar muito perto de nós. Nada se perde na natureza, a própria ciência o confirma; quando um homem deixa este mundo, largando o corpo inerte e insensível, reaparece no éter, e embora seja invisível para nós, é perfeitamente visível para os seres etéreos.

Ainda que esse processo de iniciação apresentasse todas as características externas do hipnotismo, ia muito mais além dos métodos empregados pelos



experimentadores modernos que, embora retirando o espírito subconsciente do homem, não podem fazer conhecer ao paciente hipnotizado outros planos mais profundos da existência.

Na imaginação popular, era Osíris alguém que havia sofrido o martírio da morte e ressuscitado da tumba. Assim, para o povo, seu nome se converteu em sinônimo da sobrevivência depois da morte, e sua conquista da imortalidade lhe deu a esperança de também ele poder conquistá-la.

A crença vulgar na imortalidade da alma e na vida além-túmulo era incontestável, e o povo acreditava na transição desta vida para a outra, onde os deuses iam julgar a alma segundo suas boas ou más ações, e onde os malvados receberiam o castigo e os bons iriam ao reino de bem-aventurança e se reuniram a Osíris. Essas noções foram bastante úteis às massas e proporcionaram aos laboriosos camponeses tudo o que sua mentalidade rudimentar era capaz de assimilar. Não tinham por objetivo estonteá-los com profundas filosofias e explicações psicológicas sutis. Todos esses mitos, lendas e fábulas populares deviam ser entendidos como sendo parcialmente simbólicos e parcialmente históricos, contendo tanto um significado racional oculto, quanto uma verdade única e real. Para conservar viva essa doutrina, os sacerdotes não somente a empregavam em cerimônias rituais nos templos, como também realizavam em determinadas ocasiões representações públicas do drama simbólico em que reviviam ante a plebe a lenda histórica de Osíris. Muito pouco dessas cenas entrava na categoria dos Mistérios, isto é, só algumas versões populares fáceis de entender. Correspondiam às representações dos Mistérios da Grécia antiga ou às da Paixão representada Idade Média e na Europa moderna, como o drama do Cristo que atualmente se efetua na Bavária. Porém, essas encenações não devem ser confundidas com os verdadeiros Mistérios que nunca se realizavam em público e eram muito mais do que uma função teatral. As representações populares eram simbólicas e sacras, porém, não revelavam nenhum segredo oculto; por isso, não devem ser tomados por verdadeiros Mistérios íntimos do culto os antigos espetáculos populares da Morte e Ressurreição de Osíris.

As celebrações populares e cerimônias externas eram o que mais satisfazia a grande massa, comprazendo-a plenamente. Entretanto, havia outra doutrina mais filosófica, acompanhada de práticas secretas para os intelectuais. Esse pormenor conheciam os egípcios cultos, de educação espiritual, e os nobres e a alta sociedade, quando sentiam vocação, solicitavam sua admissão naquele restrito círculo.

Os templos possuíam dependências especiais, isoladas, para execução dos Mistérios, a qual estava a cargo de um número limitado e seletivo de sacerdotes chamados hierofantes. Esses ritos secretos eram celebrados além e à margem das cerimônias diárias do culto aos deuses. Os próprios egípcios os denominaram “Mistérios”.

O caráter sobrenatural dos Mistérios Maiores, com os quais nada tinham que ver os dramas rituais, era conhecido pelas alusões de alguns iniciados. Um deles declarou que “a morte não é um mal para os mortais, mas, sim, um bem, graças aos Mistérios”. Isso somente podia significar que o homem, ao tornar-se cadáver, recebia grandes benefícios dessa experiência. Os textos hieroglíficos falam que um homem assim é “nascido duas vezes”, e era-lhe permitido acrescentar ao seu nome as palavras: “aquele que renovou sua vida”. Nos sarcófagos mortuários, os arqueólogos descobriram essa frase descritiva do estado espiritual do defunto.

Quais eram os maiores segredos que aprendiam os candidatos que passavam satisfatoriamente pela prova dos Mistérios?

Isso dependia do grau por eles alcançado; todavia, em linhas gerais, todas as experiências se resumiam em duas, que formavam a essência das revelações recebidas.

Nos primeiros graus, os candidatos conheciam a alma humana representada em sistema hieroglífico por um pequeno pássaro-homem, e resolviam o mistério da morte. Aprendiam que na realidade era a passagem de um estado de existência para um outro, e afetava apenas o corpo carnal mas não destruía a mente e o ser. Sabiam, também, que a alma não somente sobrevive à destruição do invólucro mortal, mas evolui progressivamente até chegar às esferas mais elevadas.

Nos graus mais adiantados conheciam a Alma Divina; eram levados à comunhão pessoal com o Criador; encontravam-se face a face com a Divindade. Inicialmente eram instruídos na verdadeira significação da Queda do homem do seu estado espiritual primordial; era-lhes revelada a autêntica história da Atlântida, história tão intimamente ligada à Queda do homem. Depois, subindo, esfera após esfera, tornavam-se cientes da própria Consciência Espiritual, da qual o Homem gozou no início dos tempos. Assim sendo, ainda peregrinos temporários, recebiam a recompensa da eternidade.

\* \* \*

Acho que não seria demais se eu intercalasse aqui na minha crônica de viagens e impressões, algumas linhas descritivas de várias instituições antigas dos Mistérios; redigidas, não por minha pena, mas por um homem que viveu na época clássica e foi um iniciado, ainda que nos graus inferiores. Obrigado pelo juramento a não revelar os pormenores da sua experiência, no entanto, ele nos deu algumas explicações gerais e alusões furtivas em relato que é a mais ampla declaração de um iniciado que conhecemos. Apuleio, iniciado em primeiro grau nos Mistérios de Ísis, deixou uma obra, espécie de autobiografia, intitulada “Lúcio”, em que vemos este bater na porta do templo, ansioso por adquirir o conhecimento secreto.

Durante muito tempo os estrangeiros eram excluídos dos Mistérios egípcios, porém, em época mais recente foram admitidos e iniciados vários deles muito poucos; aliás. Quase todos cumpriram seus votos de guardar segredo. O regulamento de admissão era estrito e severo.

Escreve Apuleio:

“Dia após dia aumentava meu desejo de ser admitido nos Mistérios, e repetidas vezes visitei o Sumo-sacerdote e lhe fiz súplicas angustiosas para que resolvesse finalmente me iniciar nos segredos dos rituais noturnos que são consagrados à deusa. Era ele, porém, um homem de caráter firme e famoso por observar estritamente as leis da fé; com palavras amáveis e atenciosas, como um pai quando freia os desejos precoces de seus filhos, declinava minha insistência, apaziguando a grande inquietude de meu espírito e apresentava-me a consoladora esperança de uma felicidade maior, dizendo que para cada homem está fixado o dia da sua iniciação pelo santo decreto da deusa e que mesmo o sacerdote também era escolhido pela sua divina providência”.

“Pedi-me que, como os outros, aguardasse seus desígnios com reverente paciência, prevenindo-me que era de meu dever precaver-me com toda minha alma contra a ânsia excessiva e a petulância, evitando cair em ambas as faltas, e que não devia atrasar-me espiritualmente nem apressar-me antes de ser chamado”.

“Porque o umbral do inferno e o poder da vida — disse — estão ambos nas mãos da deusa, e o ato da entrega é considerado como a morte voluntária, pondo em perigo a vida, motivo pelo qual a deusa costumava escolher aqueles que se aproximam do termo sua existência mas ainda se acham no umbral da noite; homens a quem podem ser confiados os poderosos mistérios da deusa. A esses homens a providência de Ísis outorga um novo nascimento, tornando a pô-los no início de uma nova trajetória da vida — portanto — debes também aguardar ordens do céu”.

“A graça salvadora da grande deusa não me defraudou nem me torturou com longas dilações de espera; nas trevas da noite me deu ordens nas quais não havia sombra de dúvidas, informando que o dia tão ansiosamente desejado por mim se aproximava, e que minhas preces fervorosas iam ser atendidas”.

“Com essas e outras palavras consoladoras e jubilosas, a deusa suprema alegrou tanto meu espírito, que antes que o dia clareasse, afastando o sono, fui bater à porta da cela do sacerdote. Encontrei-o quando saía da sua alcova e saudei-o, resolvido a suplicar-lhe com maior insistência do que de costume, para ser admitido ao serviço dos Mistérios como agora me é um direito. Ele, porém, quando me viu, não me deixou falar, e antecipando minhas palavras, exclamou: “Lúcio! Ditoso e bendito sejas tu a quem a augusta Deidade se digna favorecer com sua benevolência. Chegou o dia pelo qual rogaste durante tanto tempo, em

tuas incansáveis preces; dia em que, pela ordem divina da deusa de muitos nomes, serás iniciado por mim nos mais sagrados segredos dos Mistérios!”

“Pondo sua mão direita na minha, o bondoso ancião levou-me à entrada do grande santuário e, após haver celebrado solenemente os serviços da abertura das portas e cumprido o sacrifício matinal, apanhou de lugar oculto no oratório alguns livros, cujos títulos estavam escritos em letras indecifráveis”.

“Levou-me então de volta ao templo e, como já havia passado a metade do dia, mandou-me sentar aos pés da deusa para confiar-me certos segredos demasiado sagrados para ser revelados, e ordenou-me diante de todos os presentes que durante dez dias me a abstinêsse dos prazeres da mesa, não comesse nada proveniente de animais vivos nem bebesse vinho”.

“Cumpridos todos os preceitos com reverente abstinência e, por fim, chegou o dia da consagração à deusa. O sol descia no poente, seguindo-se a noite, quando me vi rodeado de todos os lados pelos santos iniciados; obsequiando-me cada um com diversos presentes à maneira dos ritos antigos. Finalmente foram excluídos todos os não iniciados, puseram-me uma túnica de linho branco que nunca fora usada e o sacerdote levou-me pela mão ao coração do santuário”.

“Provavelmente, o ávido leitor arde do desejo de saber o que se passou em seguida. Di-lo-ia se me fosse permitido, e saberias tudo se também te fosse permitido. Contudo, a língua e o ouvido corromper-se-iam com a mesma falta, se eu satisfizesse tua arrebatada curiosidade. Todavia, como é, talvez, um anseio devocional o que te agita, não te atormentarei prolongando tua angústia. Escuta, pois, e crê, porque o que te digo é verdadeiro. Essa mesma noite cheguei aos confins da morte; atravessei os umbrais de Proserpina; fui levado através de todos os elementos e retornei à terra. Vi refulgir esplendorosamente o sol da meia-noite — aproximei-me dos deuses de cima e deuses de baixo, adorando-os face a face. Ouve bem, falei-te de coisas que, embora as ouças, não deves ainda saber”.

Um ano depois, Lúcio foi iniciado nos Mistérios de Osíris, que pertenciam ao grau superior.

Entre os poucos estrangeiros a quem foi permitido receber a iniciação, figuravam Platão, Tales, Licurgo, Sólon, Jâmblico e Heródoto. Este último alude aos Mistérios em suas obras com extrema reserva, embora descreva detalhadamente os dramas simbólicos e as representações públicas que a imaginação popular associava sempre com os Mistérios, que, no entanto, eram de caráter simplesmente ritualístico, negando-se, porém, a divulgar os ritos secretos genuínos, dos quais apenas frisou: “Sobre estes Mistérios, que embora sejam, sem exceção, conhecidos por mim, devo guardar meus lábios cerrados em religioso silêncio”.

Voltemos agora às páginas de Plutarco, o biógrafo:

“As fábulas contadas pelos egípcios a respeito dos deuses, — suas perambulações, retalhações e outros infortúnios — não suponhamos que qualquer delas ocorreram ou se realizaram conforme o relato. Há países que estabeleceram o emprego dos símbolos, alguns obscuros outros mais inteligíveis, a fim de levar o entendimento às coisas divinas. Assim sendo, devemos ouvir as histórias e fábulas e aceitá-las de quem as interpreta, com espírito reverente e filosófico”.

*No momento da morte, a alma experimenta as mesmas impressões que os iniciados nos grandes mistérios.*

“Essas são histórias comuns e triviais do povo, que associa as lendas sobre as deidades às mudanças atmosféricas das estações ou à semeadura, crescimento e colheita dos cereais. E quando diz que Osíris é sepultado à imagem de um grão oculto na terra e ressuscita quando começa a brotar a semente, não sabe o que faz. Que se guardem bem essas pessoas de degradar os seres divinos e limitá-los aos ventos e correntes, semeaduras e colheitas, propriedades da terra ou mudanças de estações”.

“Os Mistérios tinham também a intenção de preservar o significado das importantes passagens da história”.

Isso é apenas uma hipótese, pois tudo o que Plutarco se julgou autorizado a divulgar, era que aos iniciados se relatava a história real da Atlântida e da sua queda.

Em seu tratado “DE ISIDE ET OSIRIDE” salientava ele o propósito psicológico dos Mistérios, dizendo o seguinte:

“Enquanto estivermos aqui na terra entorpecidos pelos entraves corporais, não poderemos manter o contato com Deus, exceto em meditação filosófica em que, elevando nossos pensamentos a Ele, podemos nos aproximar, levemente, como num sonho. Mas, quando nossa alma se libertar (pelos Mistérios) e passar à região imaterial do invisível e do imutável, esse Deus será nosso guia e nosso rei, no qual ela deposita toda a sua confiança, contemplando com ânsia insaciável a beleza que não podem expressar lábios humanos”.

E referindo-se à finalidade dos Mistérios de Isis, disse nestes termos:

“Eles preparam e ajudam a chegar ao conhecimento da Mente Primordial e Suprema, cuja busca a Deus exorta; por isso, seu templo é chamado Iseon, aludindo a esse conhecimento do Eterno Ser Auto-Existente que pode ser revelado quando apropriadamente nos aproximamos d’Ele.

Isto foi o que disse o grego Plutarco. Qual foi, por sua vez, a opinião do sírio Jâmblico a respeito dos Mistérios egípcios, nos quais fora iniciado?

“A essência e a perfeição de todo bem estão contidas nos deuses, cuja força primordial está com os nossos sacerdotes. O conhecimento dos deuses é acompanhado da conversão e do conhecimento de nós mesmos. Digo, portanto, que a parte mais divina do homem, que primitivamente era unida aos deuses, ciente da sua existência divina ao passar a outro estado, ficou presa nos laços da necessidade e do destino. Torna-se, pois, imperioso considerar de que maneira o homem pode se libertar desses liames. Não há, por conseguinte, nenhuma outra solução para desfazê-los a não ser pelo conhecimento dos deuses. Este é o alvo ao qual os egípcios de elevação sacerdotal se entregam; elevar a alma ao seu estado divino”.

Outro iniciado era Próculo; vamos ouvi-lo também:

“Em todas as iniciações e Mistérios, os deuses tomam inúmeras formas e, às vezes, com efeito, uma luz sem forma que se oferece à vista; outras vezes esta luz se transforma numa silhueta humana, e outras, reveste-se de formas estranhas. Algumas dessas figuras não são deuses, e provocam espanto”.

Qual foi o testemunho do nobre filósofo Platão?

“Em consequência dessa divina iniciação, convertemo-nos em espectadores de benditas visões singulares, inerentes à luz pura, e nós mesmos nos purificamos e nos libertamos da roupagem que chamamos corpo, ao qual estamos agora ligados como uma ostra à sua concha”. Assim ele também afirmou que o objetivo final dos Mistérios era levar de volta o homem à causa primária, da qual o gênero humano se afastou desde o momento da sua queda.

Homero, outro iniciado, escreveu na Odisséia este convite aos seus leitores:

“Aprestemo-nos, voemos com todas as velas enfunadas, para conquistar nossa amada Terra natal, há muito tempo esquecida”.

Um outro iniciado, que se considera de linhagem estrangeira, era Moisés; na realidade foi apenas meio hebreu, porque um dos seus progenitores era egípcio. “Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios” — diz o Novo Testamento. Essas palavras significam (se é que devem ser tomadas literalmente) que lhe havia sido revelada a sabedoria mais profunda dos egípcios. Essa não foi outra coisa senão o conhecimento recebido pelos Mistérios.

Outrossim, a mesma Escritura declara que “Moisés cobriu sua face com o véu”. Podemos ter alguma idéia sobre a natureza desse véu, lendo o parágrafo seguinte: “E até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles” (2ª Epístola aos Coríntios). Isso indica que não se tratava de um véu

material, mas de um véu que ocultava o conhecimento expresso por meio de palavras. Portanto, o véu que levava Moisés era, na realidade, do silêncio, do segredo que jurava guardar durante a iniciação nos Mistérios.

A sabedoria que possuía Moisés, adquiriu-a na famosa escola, então, do templo da cidade de On, que os gregos ao conquistar o Egito denominaram Heliópolis (a qual a Bíblia chama On), uma cidade desaparecida, que antigamente existia a poucos quilômetros ao norte do Cairo. Entre o planalto rochoso onde se levantavam as Pirâmides e a santa cidade de Heliópolis, uma via sagrada atravessava a planície. Tanto Heliópolis como Mênfis — outra cidade desaparecida — que também estava à vista das Pirâmides, consideravam a Grande Pirâmide como Supremo Santuário dos Mistérios. Heliópolis desapareceu e com ela o templo; as ruínas da cidade e os restos das colunas do templo jazem agora sepultados sob três metros de terra e de areia; tudo, menos o obelisco de granito vermelho que se alçava no átrio. Está ainda em seu lugar o obelisco ante o qual Moisés passava com bastante frequência; agora é o mais antigo dos que ficaram de pé no país. Outros estudantes que, atraídos como mariposas pela lâmpada da sabedoria, bateram à porta do templo, foram Platão, o filósofo, e Heródoto, o historiador. Também eles viram aquele gigantesco monólito que hoje se ergue na sua solidão patética entre os campos cultivados, onde os lavradores aram a tetra até a sua base.

Esse obelisco é mais belo do que o outro, tosco, que foi erigido por Tutmés III, frente ao templo do Sol, em Heliópolis — agora contemplando a metrópole inglesa sob o nome de Agulha de Cleópatra, e recorda à afanosa população londrina sua gloriosa civilização do passado.

O importante obelisco se erguia como sentinela avançada protegendo a entrada do templo, enquanto as inscrições hieroglíficas profundamente gravadas nos lados proclamavam a história do templo. Os obeliscos eram algo mais do que simples pilares de pedra, destinados a exibir inscrições; eram, sobretudo, símbolos sagrados, cujo pico terminava numa pequena pirâmide.

Heliópolis foi um grande centro de estudos seculares e sacros; tinha treze mil estudantes-sacerdotes, incluindo os mestres; uma população civil considerável e uma biblioteca que posteriormente contribuiu para formar a famosa biblioteca de Alexandria.

O jovem Moisés passeava em volta dos templos com seu passo cerimonioso, ou estudava afanosamente os rolos de papiros, passando ali muitas horas mergulhado em profundas reflexões solitárias.

Muito compenetrado, mesmo quando criança, Moisés era excepcionalmente dotado; progrediu tanto nos estudos e na formação do seu caráter que passou todos os graus da iniciação com distinção máxima, raras vezes alcançada por um adepto. Estava em condição de ser, por sua vez, hierofante. Recebeu este

grau na mesma escola onde havia estudado, anexa ao colégio, à escola dos Mistérios do templo de Heliópolis, a cidade do Sol. Uma vez hierofante, recebia os candidatos iniciando-os nos ritos secretos de Osíris, os ritos supremos dos Mistérios.

Naquela época tinha outro nome, um nome egípcio correspondente à sua condição de meio egípcio. Seu nome original era Osarsiph. (Isto não é um produto de imaginação do autor; encontrei esse nome, assim como o nome do templo de Moisés e de alguns outros fatos, nos antigos arquivos egípcios do sacerdote Manetho; o resto descobri por minhas próprias investigações).

Quando chegou a grande mudança da sua vida, aceitou a missão que o destino e os deuses lhe haviam confiado e marcou o acontecimento trocando seu nome por outro israelita. Todos os egípcios cultos acreditavam no poder dos nomes, pois para eles os nomes possuíam virtudes mágicas. Assim o nome Moisés substituiu o de Osarsiph.

O Faraó daquela época era um homem de caráter duro e sem espiritualidade alguma; cabeçudo e cruel, perseguia os israelitas, que despertaram em Moisés de algum modo a simpatia e comoveram o coração do hebreu, em cujas veias corria sangue judeu. Logrou libertar as tribos hebréias da sua escravidão e cativeiro, levando-as ao vale de Goschen pelo caminho histórico que desde os tempos imemoráveis era a rota que unia a África com a Ásia, a mesma que um dia Napoleão percorreu no dorso do seu cavalo, correndo o risco de se afogar ao chegar a Suez.

A partir de então, a história posterior de Moisés se encontra na Bíblia, infelizmente mesclada com simples contos imaginários.

No Antigo Testamento há uma série de livros chamados “Pentateuco”, atribuídos a Moisés. Eles contêm a essência da sabedoria, cujos pormenores mais ou menos históricos a respeito da criação do Universo e das primitivas raças humanas, Moisés desejava comunicar ao seu povo.

Pois bem. Moisés, como Adepto, conhecia e usava a sagrada escritura dos iniciados, isto é, os hieróglifos no seu *Terceiro* sentido ou seja significado secreto espiritual. Ao terminar o Pentateuco, Moisés redigiu o texto em escrita hieroglífica. Essa forma estava ao alcance dos sacerdotes iniciados por Moisés, cuja escritura entendiam. Mas, quando os israelitas se estabeleceram na Palestina e os séculos se foram passando, o conhecimento dos hieróglifos se foi tornando cada vez mais incerto. Os sacerdotes entendiam os textos cada vez menos, decifrando-os com maior dificuldade à medida que os anos corriam. Esse fato não nos deve surpreender, se recordarmos que no Egito, no início do século IV d. C. a arte de interpretar os hieróglifos estava completamente perdida. Quando quase mil anos depois do grande Êxodo dos israelitas do Egito, os doutos rabinos elaboraram uma coleção de livros, agora chamados Antigo



Testamento, as dificuldades que encontraram em traduzir para o hebreu os escritos de Moisés, foram enormes. Porquanto ele havia escrito como Adepto e esses doutos por mais instruídos que fossem, não eram Adeptos e caíram em frequentes erros de interpretação; expressões simbólicas foram tomadas literalmente, cenas hieroglíficas por cenas verdadeiras e figuras metafóricas eram falseadas e deploravelmente mal interpretadas. Basta dar um só exemplo: os seis dias da criação significavam para Moisés seis grandes períodos, chamados simbolicamente dias por razões conhecidas dos iniciados, mas os eruditos hebreus que os traduziram literalmente, julgaram tratar-se realmente de dias de vinte e quatro horas.

Por conseguinte, esses primeiros livros da Bíblia nos dão conceitos bastante peculiares, quando lidos ao pé da letra. Peculiares, porque a ciência popular os retifica, corrigindo-os com os fatos; todavia proporcionam conhecimentos frutíferos quando são lidos com a compreensão iluminada pelos pensamentos gerados nos templos egípcios dos Mistérios.

Moisés, então, deve ser proclamado como uma das figuras mais notáveis que surgiram do transe mortuário da iniciação.

# 12

## Os Antigos Mistérios

Aqueles que eram iniciados nos ANTIGOS MISTÉRIOS faziam juramento solene de jamais revelar o que se havia passado dentro das sagradas paredes. Antes de mais nada, devemos recordar o fato de que todos os anos eram poucos os iniciados nos Mistérios e, por isso, nunca houve número considerável de pessoas conhecedoras dos segredos. Sendo os juramentos cumpridos com toda fidelidade, nenhum escritor de antanho revelou ao público em que consistiam exatamente os Mistérios. Não obstante, as alusões, os comentários de autores clássicos, as frases fortuitas e as inscrições hieroglíficas que foram decifradas, são suficientes para nos permitir dar uma rápida vista d'olhos à natureza dessas obscuras e enigmáticas instituições místicas da antiguidade. Esse relance visual confirma que o propósito dos Mistérios no seu primeiro e imaculado estado, era indubitavelmente muito elevado; propriamente dito, seu objetivo era tríplice: religioso, filosófico e ético.

“Salve tu que experimentaste o que nunca havias experimentado; passaste de homem a deus” — essa era a frase com a qual o iniciado órfico dos graus superiores era despedido no fim da cerimônia.

A quem batia lhe era aberta a porta do Templo dos Mistérios; mas ser admitido já era um outro assunto. Segundo as palavras de Pitágoras, ao excluir da sua Academia de Crotona os postulantes inadaptáveis, “nem todo material serve para fazer-se um (deus) Mercúrio”.

A primeira etapa da iniciação — aquela que prova a sobrevivência — trazia consigo uma terrível e pavorosa experiência, como prelúdio do deleitoso despertar no corpo da alma.

Em algumas iniciações preliminares, mas não em todas, houve tempo em que se usavam meios artificiais para fazer crer ao candidato ter ele caído num poço perigoso, ou ter sido tragado por uma maré de ondas impetuosas, ou ser atacado por animais ferozes. Punham-se assim à prova o valor e a coragem do candidato. Contudo, a prova mais espantosa era aquela em que nos graus adiantados lhe era concedida a clarividência momentânea, para que enfrentasse criaturas aterradoras do inferno.

“A mente no momento da morte é afetada e agitada como na iniciação nos Grandes Mistérios; a primeira etapa é mais do que incertezas, erros, divagações e trevas. Chegando ao limiar da morte e da iniciação, todas as coisas tomam aspecto terrível — tudo é horror, temor e terror. No entanto, ao fim desse espetáculo, a luz maravilhosa e divina se difunde... e, perfeitos e iniciados são livres; coroados e triunfantes, transitam pela região da bem-aventurança”. Esta passagem procede de uma crônica antiga e foi conservada por Stobaeus, confirmando as experiências de todos os demais iniciados.

Nos antigos papiros encontra-se desenhado um candidato conduzido por Anúbis, deus de cabeça de chacal, mestre dos Mistérios, para a realização dessa prova. Anúbis o faz atravessar o umbral do mundo desconhecido, levando-o à presença de aparições aterradoras.

Os conhecimentos ensinados nestas escolas de iniciação haviam sido transmitidos diretamente da primitiva revelação da Verdade às primeiras civilizações, e deviam ser protegidos para que conservassem sua pureza. Assim, pois, compreende-se porque os segredos foram tão cuidadosamente ocultados e zelosamente preservados dos profanos.

O estado a que era submetido o candidato à iniciação não deve ser confundido com um sono comum; era um estado de transe que libertava seu ser consciente, um sono mágico em que ficava paradoxalmente desperto, lúcido, mas para um outro mundo.

Além do mais, seria um grave erro confundir essa sublime experiência com o manejo mental dos hipnotizadores modernos que mergulham o paciente num estado, cuja condição estranha eles mesmos não entendem; ao passo que os hierofantes dos Mistérios possuíam sabedoria tradicional secreta que lhes permitia exercer seus poderes com pleno conhecimento de causa. Os hipnotizadores extraem a mente subconsciente do paciente sem nada saber das mudanças de condição, enquanto que os hierofantes vigiavam todas as variações com seu poder de percepção. E, sobretudo, o hipnotizador é apenas capaz de elucidar questões relativas ao mundo material e à vida vegetativa, ao passo que os hierofantes penetravam mais fundo e sabiam conduzir a mente do candidato, passo a passo, pela experiência que abrangia os mundos espirituais, processo que não está no poder de nenhum hipnotizador moderno.

Observei todas as classes de fenômenos hipnóticos realizados tanto nos países orientais como nos ocidentais e, ainda que vários deles sejam indubitavelmente maravilhosos, não obstante, todos pertencem à ordem inferior. Não eram processos sagrados. Tinham interesse científico, sem dúvida, porém careciam de valor espiritual genuíno. Embora provando, ao arrancar o homem do abismo grosseiro da matéria, a existência de misteriosas forças subconscientes, não podiam levá-lo ao conhecimento consciente da alma como sendo algo vivo, imortal e independente do corpo.

Baseando-me na própria experiência que tive na Pirâmide e no testemunho deixado nos baixos-relevos dos templos, pude reconstruir o misterioso drama do rito mais secreto de Osíris. Esse rito sagrado não era nem mais nem menos do que um processo cuja composição de forças hipnóticas, mágica e *espiritual* libertava por algumas horas e, às vezes dias, a alma do candidato da servidão da carne para que, quando regressasse à vida, tivesse sempre presente na memória sua transcendental experiência e consequentemente ordenasse sua vida. A crença na sobrevivência da alma após a morte, aceita pela maioria através da fé em sua religião, era robustecida na convicção pela evidência oriunda do conhecimento pessoal.

O que significava para ele, só podia ser apreciado por aqueles que tivessem passado por experiência similar. Ainda na época de hoje, alguns passam involuntária e inesperadamente por uma *Parte* dessa experiência. Conheço um caso ocorrido durante a guerra. Um ex-oficial da Força Aérea foi anestesiado para ser submetido à uma intervenção cirúrgica. A droga produziu um efeito muito curioso; insensibilizou-o à dor sem obnubilar-lhe a consciência. O paciente não adormeceu; pelo contrário, ficou lúcido, flutuando no ar, acima da mesa da operação, e observava tranquilamente como se estivesse assistindo à operação de um corpo alheio! Este episódio provocou uma mudança radical no seu caráter; materialista que era, converteu-se num crente na existência da alma e, a partir desse momento, viveu com um novo objetivo e esperança.

Quem eram esses hierofantes cujo poder provocava nos homens tão estupenda transformação? Veneráveis guardiães desta elevada escola, forçosamente eram sempre muito poucos; mas em certa época abrangeram todos os Sumo-sacerdotes do Egito como também alguns membros superiores do clero. Conservavam seus conhecimentos no maior segredo e com tanto hermetismo, que nas épocas clássicas a palavra Egito chegou a ser sinônimo de “mistério”. No Museu do Louvre, em Paris, na galeria egípcia, há um sarcófago de Sumo-sacerdote de Mênfis, Ptah-Mer, em cujo epitáfio se lêem as seguintes palavras: “Penetrou nos mistérios de todos os santuários; para ele não havia nada oculto. Cobriu com o véu o que havia visto”. Os hierofantes eram obrigados a manter essa extraordinária reserva, por motivos deles conhecidos. A necessidade de excluir os céticos e zombeteiros dos experimentos tão perigosos para a vida do candidato, torna-se tão evidente, como é óbvio o despropósito de lançar pérolas diante de porcos. Seja como for, é mais provável que nem todos estivessem suficientemente preparados ou dispostos para enfrentar uma experiência dessa envergadura, que lhes poderia provocar a loucura ou mesmo a própria morte; assim os Mistérios tornaram-se um privilégio de poucos. Muitos batiam às portas dos Templos, mas em vão; outros eram submetidos a uma série gradual de provas, que lhes abatia seu valor ou lhes diminuía o anseio de serem iniciados. Nessa forma de seleção natural, mediante um processo eliminatório, a iniciação nos Mistérios chegou a ser a instituição mais exclusiva da antiguidade, e os

segredos que existiam por trás das suas bem guardadas portas, eram sempre revelados sob o solene juramento de jamais serem divulgados. Todos os homens que passavam por aquelas portas, pertenciam em seguida, definitivamente, à uma sociedade secreta que vivia e trabalhava entre as massas profanas com um objetivo mais elevado e conhecimento mais profundo. “Dizem que aqueles que tinham participado dos Mistérios, tornavam-se mais espirituais, mais justos e melhores em todos os sentidos” — escreveu Diodoro, um visitante da Sicília.

Não eram as iniciações limitadas apenas ao Egito. As mais remotas civilizações herdaram os Mistérios de uma civilização ainda mais antiga, e eram parte da primitiva revelação feita por deuses ao gênero humano. Quase todos os povos de todas as raças, antes da era cristã, possuíam sua instituição e tradição dos Mistérios. Os romanos, os celtas, os druidas da Britânia, os gregos, os cretenses, os sírios, os hindus, os persas, os maias e os índios norte-americanos, entre outros, tiveram seus templos e correspondentes ritos, com um sistema análogo de iluminação gradual para os iniciados. Aristóteles não hesitou em declarar que ele considerava o bem-estar da Grécia assegurado pelos Mistérios Eleusianos. Sócrates observou que “os que conhecem os Mistérios, asseguravam-se agradabilíssimas esperanças na hora da morte”. Entre os antigos que davam a entender ou confessavam abertamente sua iniciação nos Mistérios, podemos mencionar os nomes de Aristides o orador, Menipo de Babilônia, Sófocles o dramaturgo, Ésquilo o poeta, Sólon o legislador, Cícero, Heráclito de Éfeso, Píndaro e Pitágoras.

Ainda hoje, nos graus superiores de jiu-jitsu, no Japão, graus conhecidos somente por alguns, porque envolviam segredos convenientes só a poucos, o candidato tem que seguir um curso de Mistérios espirituais. No momento apropriado, ele é impelido a passar por uma cerimônia de iniciação, em que deve ser “estrangulado” pelo mestre. O ato de “estrangulamento” não requer mais de um minuto, e o discípulo fica deitado no sofá, substancialmente morto. Enquanto permanece nesse estado, seu espírito se desprende do corpo e recebe a experiência do Além. Depois de passar o tempo determinado para a morte, o mestre faz com que ele volte à vida mediante uma prática misteriosa, cujo nome intraduzível é o de “wkappo”. Aquele que volta dessa maravilhosa experiência, é um iniciado. Como também, ainda hoje, os maçons conservam alguns restos dessas instituições, cujas raízes remontam ao Egito. Os membros da maçonaria mencionam Pitágoras como um exemplo desta antiga instituição — sabem eles que ele foi iniciado no Egito? Os que instituíram os graus na maçonaria, adotaram vários dos símbolos significativos dos Mistérios egípcios.

Que a inevitável corrupção da humanidade tenha produzido a desaparecimento ou retraimento dos hierofantes genuínos, substituídos por homens não iluminados, causando assim a degeneração dos Mistérios em grosseiras caricaturas daquilo que foram; que homens perversos desejosos de conquistar poderes de magia negra tenham conseguido plenamente seus intuitos apropriando-se dessas

instituições no Egito, como em outras partes do mundo; que o que havia sido originalmente uma instituição pura, sagrada, exclusiva e dedicada a conservar viva a chama do conhecimento espiritual, se converteu num instrumento ofensivo e degradante das forças corruptoras, são fatos históricos que levaram à merecida desaparecimento das jóias mais raras da antiguidade.

Entretanto, se seus segredos pereceram com eles, a sabedoria, que em seus dias mais gloriosos fora outorgada aos homens, está evidenciada pela lista de nomes ilustres que buscaram e acharam, ou aos quais foi oferecida e aceita a sublime experiência da iniciação.

Numerosos papiros e inscrições murais demonstram a intensidade com que os primitivos egípcios reverenciaram o rito de Osíris, e revelam o temor dos nativos ao mirar aqueles a quem se permitia penetrar nos santuários reservados e nas criptas consagradas, onde se realizavam as fases mais sagradas do ritual secreto. Havia o grau supremo e final de iniciação, em que as almas não eram simplesmente desprendidas dos corpos mergulhados na morte aparente, para provar a verdade da sobrevivência depois do grande traspasse, mas eram levadas às esferas mais altas do ser, ao reino mesmo do Criador. Nessa maravilhosa experiência, a mente finita do homem se punha em contato com a Mente Infinita da sua divindade superior. Era-lhe dado entrar, por um breve instante, em silenciosa e magnânima comunhão com o Pai Nosso, e esse fugaz contato de êxtase indizível era suficiente para lhe mudar toda atitude para com a vida. Havia comungado com o elemento mais santo que existe no ser, descoberto um raio inefável da Deidade do seu verdadeiro e recôndito Eu, de cujo corpo a alma que sobrevive à morte é apenas uma roupagem intangível. Verdadeiramente, e de fato, havia nascido de novo no mais elevado sentido da palavra. O iniciado dessa forma tornava-se Adepto perfeito e, segundo o que dizem os hieróglifos — podia esperar os favores dos deuses durante a vida e o estado de paraíso depois da morte”.

Essa experiência era vivida em transe, ainda que exteriormente se assemelhasse ao transe hipnótico empregado nos primeiros graus da iniciação, mas era fundamentalmente distinta. Nenhum poder hipnótico lhe poderia conferir, nenhuma cerimônia mágica jamais lhe poderia evocar! Somente os supremos hierofantes, unidos às suas divindades, e suas vontades fundidas com a sua, poderiam, com sua tremenda força divina, tornar o candidato consciente da sua natureza superior. Esta foi a revelação mais nobre e mais impressionante que foi acessível ao homem egípcio, e ainda hoje o é ao homem atual, embora por outros métodos e diversos caminhos.

\* \* \*

A experiência da iniciação era uma reprodução em miniatura da experiência destinada a ser vivida por todo o gênero humano através dos processos da evolução. A única diferença é que, como a primeira é uma conquista forçada, era

obtida pelo crescimento rápido, um processo artificial como o transe, enquanto que o desenvolvimento psíquico e espiritual deve se processar naturalmente.

A experiência refletia dentro da alma todo o drama da evolução humana e o iniludível destino do homem.

O princípio em que se baseavam as experiências era que a natureza física do homem podia ser paralisada temporariamente mediante um profundo sono letárgico, e sua natureza psíquica, habitualmente latente, podia ser despertada por um processo conhecido só pelos hierofantes. Visto por qualquer observador, o homem induzido artificialmente ao estado de coma pareceria na realidade morto. Com efeito, na linguagem simbólica dos Mistérios, dir-se-ia que “tinha descido na tumba” ou “sepultado na cova”. Privado dessa maneira da sua vitalidade, o corpo, as forças das suas paixões e desejos pessoais estão temporariamente adormecidos; o candidato fica realmente morto para todas as coisas mundanas, enquanto a sua consciência, seu ser anímico, se separa da carne. Só nesse estado era possível ao homem perceber o mundo espiritual tal como é percebido pelos próprios espíritos — ter visões dos deuses e anjos, pairar no espaço infinito — conhecer seu mais recôndito ser e... finalmente, o DEUS VERDADEIRO.

Este homem pode dizer com razão que esteve morto e ressuscitou, pois simbólica e literalmente esteve dormindo na tumba e passou pelo milagre da ressurreição, acordando para nova compreensão do significado espiritual da morte e lembranças da vida divina que palpita no seu coração. Trazia consigo os estigmas do hierofante que havia produzido essa inesquecível experiência e, depois, os dois ficavam unidos para sempre por laços inquebrantáveis, íntimos e profundos. A doutrina da imortalidade da alma já não era uma simples doutrina; era um fato comprovado, demonstrado sem reservas ao iniciado. Ao despertar à luz do sol, podia dizer com absoluta certeza que tinha regressado ao mundo, totalmente transformado e renascido espiritualmente. Havia passado por céus e infernos e conhecido alguns dos seus segredos, comprometendo-se a guardar invioláveis esses segredos, porém também, daí por diante, a ajustar sua vida e conduta ao conhecimento de que esses dois mundos existem realmente. Transitava pela vida, ciente e seguro da imortalidade da alma, pondo em reserva as fontes em que havia bebido; mas, mesmo inconscientemente, não podia deixar de transmitir aos seus semelhantes sua certeza, renovando-lhes a fé mediante essa misteriosa telepatia inconsciente que sempre circula entre os homens. Não acreditava na morte, mas, sim, na Vida, vida perene, auto-existente e sempre consciente. Acreditava naquilo que o hierofante havia descoberto nos resguardados retiros do templo; descobrira que existe a alma oriunda do raio do sol central, Deus para ele. A história de Osíris havia adquirido um sentido pessoal. Ao descobrir o próprio renascimento, descobrira Osíris que era o seu próprio ser imperecedouro.

Essa foi a verdadeira doutrina do sagrado texto mais antigo do Egito, O LIVRO DOS MORTOS que, todavia, em sua presente forma conhecida, é uma mistura de papiros referindo-se a mortos e mortos-vivos — os iniciados — e daí ser um tanto confuso. Que primitivamente, em sua forma original e intata, pertenceu aos Mistérios, prova esta passagem: É um livro de um mistério supremo — que não o vejam os olhos de nenhum homem (profano); seria abominação. Ocultai sua existência. Chama-se “O LIVRO DO MESTRE DO TEMPLO SECRETO”.

Essa é a origem de que os defuntos (na realidade os iniciados) antepunham aos seus nomes o nome de Osíris, fato frequentemente repetido no LIVRO DOS MORTOS. Nas primeiras versões dessa obra antiga, os defuntos diziam de si mesmos: “Eu sou Osíris. “Tornei-me como tu, vivo como os deuses”, justificando dessa maneira a interpretação atual de que, morto, Osíris era na realidade o iniciado, o mergulhado em transe similar à morte.

Assim como no papiro de Nu ilustrado com pitorescas vinhetas, exclama um iniciado triunfante: “Sim, eu também sou Osíris. Tornei-me glorioso. Sentei-me na câmara de nascimento de Osíris, e nasci como ele. Abri a boca dos deuses. Sentei-me no mesmo lugar onde ele senta”.

Eis aí mais uma passagem de outro papiro do LIVRO:

“Elevei-me a Deus Venerado, o Mestre da Grande Morada”.

Assim era a instrução recebida nos Mistérios, instituição tão prestigiada na antiguidade, e tão depreciada nos tempos modernos.

\* \* \*

Podemos, pois, compreender o verdadeiro intuito das antigas religiões, se compreendermos também que seus heróis personificam a alma humana e suas aventuras representam experiências da alma em busca do Reino dos Céus.

Osíris tornar-se-ia, então, a imagem do elemento divino do homem, e a história simbólica desse elemento está na sua descida ao mundo da matéria e sua reascensão à consciência espiritual.

Seu lendário retalhamento em catorze ou quarenta e dois pedaços simbolizava o atual desmembramento espiritual do ser humano, cuja harmonia de outrora foi quebrada. Sua razão foi divorciada de seus sentimentos, e a confusão e os propósitos desencontrados o jogaram de um lado para outro. Assim, também, a história de Ísis que, recolhendo os fragmentos esparsos do corpo de Osíris e renovando-lhe a vida, simbolizava a reintegração, primeiro, pelos Mistérios e, mais tarde, pela evolução da natureza belicosa do homem à perfeita harmonia, harmonia em que o espírito e o corpo se movem de comum acordo e a razão corre paralela aos sentimentos. Era o retorno à primordial unidade.



A doutrina suprema dos egípcios, o fundamento teórico dos graus superiores da iniciação, dizia que a alma deve voltar finalmente ao Ser Divino que a irradiou e, referindo-se ao regresso, falava “tornar-se Osíris”. Considerava, portanto, que o homem, embora sujeito às leis da terra, era potencialmente Osíris. No manual secreto da iniciação, o LIVRO DOS MORTOS, admoesta-se a alma desprendida do candidato a proteger-se em suas grandes e perigosas viagens supra-terrestres, não só usando os amuletos, como também clamando com ousadia: “Eu sou Osíris”!

“Ó alma cega! — disse a mesma Escritura Sagrada — “apanha a tocha dos Mistérios e poderás na noite terrena vislumbrar teu duplo luminoso, teu Divino Ser. Segue este guia celestial e ele será o Gênio, que possui a chave da tua existência passada e futura”.

Por conseguinte, a iniciação equivalia a receber uma nova visão da vida, a visão espiritual que o gênero humano perdera num passado remoto, quando da sua “queda” do “paraíso” na matéria. Os Mistérios eram um meio, uma possibilidade de reascensão interior gradativa ao estado perfeito — à Iluminação. Revelavam aqueles mundos misteriosos do Além do umbral da matéria e, posteriormente, o maior de todos os mistérios: a própria divindade do homem. Mostravam ao candidato os mundos infernais tanto para pôr à prova seu caráter e sua resolução quanto para instruí-lo, e lhe abriam os mundos celestiais para animá-lo e rejubilá-lo. E se recorriam ao transe, não quer dizer que não havia ou não haja outros métodos; apenas era um processo que eles usavam, porém o Reino pode ser conquistado por outras vias; não é obrigatório que seja o transe.

Qual de nós está em condições de repetir as nobres palavras de um iniciado filósofo romano que disse: “Onde nós estamos não há morte — onde existe a morte lá não estamos. É a última e a maior dádiva da natureza, porque liberta o homem de todos os entraves e, no pior dos casos, é o fim do banquete que temos gozado”.

Nossa atitude perante a morte subentende nossa atitude perante a vida. Os Mistérios mudavam a atitude do homem para com a morte, porquanto alternavam sua conduta de vida. Demonstravam que a morte não é mais do que o anverso da moeda da vida.

As investigações científicas, psíquicas e psicológicas estão mudando a atitude do mundo ocidental que, antes, considerava certos assuntos como irracionais e tolos. Essas pesquisas estão libertando as idéias dos antigos do desmerecido desdém em que jaziam, enquanto os outros conceitos mais jovens apareciam e desenvolviam sua virilidade pujante. Estamos começando a perceber quão sadias eram as idéias aparentemente insanas dos antigos. A prova da existência das forças imateriais sobressaltou nossa era agnóstica. Nossas sumidades científicas e os grandes pensadores estão se unindo às fileiras dos que crêem que a vida tem uma base espiritual. E o que eles estão pensando hoje, amanhã

pensarão as massas. Começamos e, talvez com razão, depois de totalmente descrentes, a ser crentes fervorosos. A fé na alma a resgataremos da dúvida e da fria indiferença moderna. A primeira grande mensagem dos antigos Mistérios — NÃO EXISTE A MORTE — ainda que seja sempre susceptível de prova pessoal da experiência para poucos, está destinada a ser difundida para o mundo inteiro.

A idéia de sobrevivência não implica necessariamente que, em momento indeterminado no futuro, nos levantaremos de nossos túmulos. Não seria muito digno da nossa inteligência que nós nos confundíssemos com as residências carnavais que habitamos. A palavra “ressurreição” criou amiúde na mente dos europeus medievais e na dos egípcios não iniciados, uma idéia falsa, puramente material, que nos obriga a tornar a descobrir as leis que governam a secreta constituição do homem.

Os maiores cérebros da antiguidade, os iniciados nos Mistérios, eram mui versados nessas leis, mas, enquanto seus lábios estavam selados e as verdades guardadas nas penumbras das criptas, nenhuma dessas inibições nos é imposta expressamente hoje em dia.

Esses foram os Mistérios mais gloriosos dessa desaparecida instituição da antiguidade. Um dia, porém, chegou a degradação e a decadência do Egito, como em degradação e em decadência caíram todas as demais nações de outrora, e assim, cumpriu-se ao pé da letra o vaticínio de Hermes, o profeta precursor:

*“Ó Egito, Egito! Terra que foste o solo da divindade, serás privada da presença dos deuses. De tua religião não sobrarão senão palavrório e circunlóquios gravados nas pedras, relatando tua devoção perdida. Infelizmente, terá chegado o dia em que os hieróglifos sagrados não serão mais do que ídolos. O mundo confundirá deuses com símbolos da sabedoria, acusando o grande Egito de haver adorado monstros infernais”.*

E, de fato, chegou o dia em que o culto dos Mistérios caiu em mãos indignas; os homens perversos e egoístas, ávidos de aproveitar em seu próprio benefício a influência da poderosa instituição dos Mistérios, ante a qual se inclinaram as cabeças dos altivos Faraós, fizeram com que os sacerdotes se convertessem em foco de virulenta maldade, praticando ritos espantosos e sórdidos encantamentos da magia negra, e alguns dos seus Sumos-sacerdotes, os supostos ministros dos deuses perante os homens, se transformassem em satanases de forma humana e invocassem os mais pavorosos entes do inferno, com fins de inconfessável baixeza. A feitiçaria substituiu a espiritualidade genuína nos recintos sagrados. Em caos e trevas soçobrou o país, e os Mistérios não tardaram a perder seu verdadeiro caráter e seu propósito elevado. Candidatos de valor era difícil encontrar e à medida que o tempo passava, eram cada vez mais escassos. Chegou o momento em que os hierofantes qualificados

como que por alguma estranha Nêmesis, começaram a morrer rapidamente, acabando por quase não existir como organismo. Faleceram sem haver preparado um número suficiente de sucessores para continuar a linhagem. Homens indignos ocuparam postos vagos. Incapacitados de cumprir adequadamente sua função no mundo, os poucos que haviam ficado sofreram seu destino assinalado. Preparando-se para o fim, tristes, embora serenos, fecharam seus livros secretos, e abandonando as criptas subterrâneas e câmaras dos santuários, lançaram seu último olhar magoado às suas moradas, e partiram.

Escrevi “foram-se serenamente”, porque no longínquo horizonte do destino egípcio divisaram o advento da reação inevitável da Natureza. Vislumbraram uma faixa de luz que estava destinada a atravessar o céu e a sua pátria e a expandir-se pelas nações vindouras. Perceberam a estrela do Cristo — Aquele que lançaria abertamente a verdade básica da doutrina dos Mistérios sobre o mundo, sem reservas nem exclusões.

“O mistério que havia sido oculto desde milênios e gerações — como dissera um dos Apóstolos do Cristo — seria revelado às massas sofredoras e ao povo comum”. Todavia, o que as antigas instituições comunicavam a portas fechadas a uma minoria seleta, mediante um processo penoso, foi comunicado a todos pelo simples poder da fé. Jesus sentia demasiado amor em seu coração para se ocupar apenas de alguns poucos; Ele queria salvar aqueles que estavam sem salvação, indicando-lhes um procedimento que só requeria a fé em suas palavras. Não lhes ofereceu misteriosos processos ocultos de iniciação, mas apenas uma regra que, se a aceitassem, poderia lhes dar uma certeza da imortalidade da alma, tão grande quanto a dos Mistérios.

O Caminho Aberto de Jesus ensinava humildade e invocação à ajuda de um Poder Superior — Poder sempre disposto a conferir a certeza absoluta com uma só presença nos corações daqueles que permitissem Sua entrada. A confiança em suas doutrinas, acompanhada de humildade para não ceder à usurpação do intelecto, era tudo o que pedia Jesus. Ofereceu em troca a mais ampla das recompensas: a presença consciente do Pai, sabendo que ao seu contato se dissipariam todas as dúvidas e o homem assimilaria por si mesmo a verdade da vida eterna sem ter que sofrer a experiência do transe. O homem poderia saber isto, porque a Mente do Pai teria impregnado seu intelecto, e com essa inefável impregnação a simples fé se transformaria em divina intuição.

\* \* \*

Assim que as pesadas portas dos templos dos Mistérios egípcios se fecharam pela última vez, nunca mais os pés dos candidatos ansiosos pisaram os degraus sagrados que os conduziam à entrada do santuário, nem desceram o túnel para a cripta. A história, porém, está sujeita ao desenvolvimento cíclico — o que foi, voltará a ser. Mais uma vez estamos envoltos em trevas, e de novo o homem,

perturbado por necessidade congênita, busca restabelecer a união com os mundos que perdeu. Aliás, a esperança do autor é que surjam condições propícias, necessárias, e as pessoas indicadas para restabelecer, mais uma vez, nos cinco continentes, uma versão moderna dos Mistérios, modificada e adaptada à nossa época instável e caótica.

## No Templo de Denderah

Antes de deixar um pequeno santuário dos Mistérios situado no terraço do templo de Denderah, voltei minha atenção ao notável Zodíaco esculpido no teto. Sabia que representava apenas uma cópia do original que há mais de um século foi retirado e transportado para Paris, porém, mesmo assim, era uma cópia fiel e perfeita.

O grande emblema circular, em cuja circunferência estavam esculpidas imagens de animais, homens e deuses, era rodeado pelos doze conhecidos signos do Zodíaco. E para completar o maravilhoso simbolismo, as efígies de doze diversos deuses e deusas, alguns de pé, outros ajoelhados, todos com os braços levantados, estavam colocados em volta, apoiando as mãos no disco como que ajudando-o a girar. Desse modo, naquela gráfica representação ficou gravado fiel, ainda que simbolicamente, todo o universo com seu movimento perpétuo, como uma recordação dos mundos que se movem ritmicamente no espaço, e provoca nos mais céticos de mente sensível um sentimento de admiração, levando-os até a Inteligência Sublime que modelou este Universo.

Se quisermos interpretar corretamente o Zodíaco de Denderah, temos que ver nele uma descrição dos céus em determinada época do passado. Qual foi essa época é outro assunto; não vamos, pois, entrar aqui no campo da astronomia abstrusa com a qual estamos pouco familiarizados. Basta dizer que a disposição de constelações que representa, não coincide com a que vemos atualmente no céu.

A posição do equinócio da primavera indicada no Zodíaco de Denderah difere da sua posição atual, implicando a entrada do sol numa constelação de outro nome.

Como se produziu essa grande mudança?? Devido ao movimento da terra, o eixo do nosso globo aponta sucessivamente a diferentes Estrelas Polares. Isto realmente significa que o nosso sol se locomove em torno de outro sol. Este movimento quase imperceptível de retrocesso de equinócio, tão extenso em número de anos e tão lento em movimento, muda também as posições do nascimento e ocaso de certas estrelas em relação a certas constelações.

Sabemos pelo cálculo médio do movimento dessas estrelas, quantas dezenas de milhares de anos decorreram desde sua primeira posição. O intervalo de tempo é denominado a Grande Precessão, ou também a “precessão dos equinócios”. Pois a intercessão do equador com a eclíptica que marca o equinócio da primavera, é deslocada lentamente devido a esta precessão.

Dito de outra forma, significa que as estrelas recuam numa direção contrária à ordem dos doze signos do Zodíaco, numa diminuta fração de espaço por ano. Este grande movimento dos céus, este lento deslocamento do Universo, forma um relógio cósmico, cujo disco é todo o firmamento, e nele podemos ler para diante e para trás e notar as revoluções planetárias ocorridas durante milhares de anos.

Examinando um antigo mapa dos céus, o astrônomo pode deduzir o período exato em que foi traçado. Os que escutam o passado podem achar, às vezes, nesses mapas, chaves de imensa importância astronômica. Quando os sábios que Napoleão levou consigo ao Egito descobriram o Zodíaco de Denderah, entusiasmaram-se, cientes de que poderia dar-lhes uma chave para determinar a idade da civilização egípcia. Porquanto esse Zodíaco situava o equinócio da primavera muito além da sua posição atual. Entretanto, alguns anos depois, ao se descobrir que o templo havia sido levantado na época greco-romana e que o Zodíaco havia sido misturado com um outro Zodíaco grego, o assunto foi encerrado e ninguém mais se ocupou dele.

A concepção de que este Zodíaco é inteiramente grego, é errônea. Então, julgar-se-ia que os egípcios não tinham Zodíaco? Será que os sacerdotes estudavam astronomia durante todos esses inúmeros anos sem o Zodíaco e esperavam que os primeiros barcos gregos tocassem a extensa, baixa e arenosa costa do Egito, guiados por um mapa do céu com suas doze constelações? Como aquele clero que venerava tanto a astrologia que fazia parte da sua religião, teria então praticado seu sistema sem um Zodíaco? Não; pois se é que havia algum ramo de conhecimento do qual se orgulhavam os sacerdotes, era precisamente a astrologia.

A explicação mais razoável é que os egípcios copiaram uma parte do Zodíaco de outro que havia existido anteriormente em Denderah, cujo templo foi destruído e reconstruído mais de duas vezes. É natural que tenha sido copiada e recopiada uma representação astronômica tão extraordinária como esta, mesmo que fosse para conservá-la. Aliás, isto fizeram com os outros documentos antigos, que lentamente caíram no esquecimento, até seu completo desaparecimento com a desaparecimento dos arquivistas, isto é, dos antigos sacerdotes.

Os arqueólogos desenterraram na Mesopotâmia as antigas lousas de cerâmica caldeias, nas quais os astrônomos caldeus haviam anotado que a primavera começava quando o sol estava na constelação de Touro. Como durante a era cristã, a primavera começa quando o sol estiver na constelação de Aries, isto é,

cerca de 21 de março, a implicação é que essa tremenda mudança de clima data a civilização caldeia como uma das mais remotas, uma antiguidade que os próprios caldeus asseveravam. Assim também a posição do equinócio marcada no Zodíaco de Denderah faz referência a uma época que remonta não somente a séculos, mas a centenas de séculos! Marca assim a primitiva civilização egípcia. A posição indica que mais de três e meio “Grandes Anos” se haviam passado no disco cósmico, que o sol tinha feito não menos de três voltas e meia ao redor do seu pai, o sol. Estudando cuidadosamente as estatísticas, veremos que a variação média da precessão dos equinócios é de uns 50,2 segundos por ano; fazendo cálculo retrospectivo, podemos percorrer toda a circunferência dos céus e chegaremos ao ponto indicado pela posição do Zodíaco de Denderah. O grande círculo do Zodíaco tem 360 graus; isto quer dizer que, com a variação da precessão, um “Grande Ano” teria 25 .800 anos solares.

Cada sucessão completa dura, portanto, então 25.800 anos, e um pequeno cálculo revela que se tinham passado pelo menos 90.000 anos desde a data marcada no Zodíaco do templo de Denderah.

Noventa mil anos! Será esta cifra realmente inacreditável, realmente impossível? Os sacerdotes-astronômicos egípcios não pensaram assim, porquanto, segundo as informações que temos do historiador grego Heródoto, esses sacerdotes lhe disseram que o povo egípcio considerava sua raça como a mais antiga da humanidade, e que essa informação eles tomaram dos arquivos resguardados nos seus templos e colégios sacros, cujos papiros remontavam a 12.000 anos antes da sua visita. Sabemos quão cuidadoso era Heródoto a respeito dos fatos aos quais recorria, tanto que mereceu o justo título de “Pai da História”. Na ocasião também lhe disseram os sacerdotes que “o sol havia se levantado duas vezes onde agora se põe e duas vezes se havia deitado onde agora se levanta”. Desta extraordinária declaração podemos deduzir que os pólos do orbe mudaram completamente sua posição anterior, provocando imensos deslocamentos de água e terra. Pelas pesquisas geológicas sabemos que esses deslocamentos realmente ocorreram; mas suas datas nos levam a períodos tremendamente longínquos.

Uma das consequências dessas mudanças foi a troca de clima anteriormente tropical dos pólos, por um ártico que vigora atualmente. Hoje, por exemplo, não se discute mais que o norte da Europa, inclusive as Ilhas Britânicas, esteve coberto em alguma época passada por imenso mar de gelo de muitas dezenas de metros de espessura, enchendo os vales dos quais sobressaíam só os picos das montanhas e colinas mais elevadas. Esse estado do planeta somente pode haver sido ocasionado por tremendos cataclismos geológicos. A declaração dos sacerdotes egípcios foi portanto exata.

Pois bem. Eles não possuíam a ciência moderna da geologia, nem nada além das suas velhas crônicas hieroglifadas nos papiros, esculpidas nos obeliscos de

pedra, talhadas nas tábuas de argila ou gravadas nas placas de metal. Havia também uma doutrina e uma história secreta, tradicional, que eram comunicadas só nos Mistérios, sendo, portanto, transmitidas verbalmente de boca ao ouvido durante um número incalculável de séculos.

Como então puderam os sacerdotes conhecer essas revoluções planetárias, quando ignoravam geologia, se não as conhecessem pelas crônicas que possuíam? O fato de que as conheciam, confirma sua asseveração de que essa crônica existia, e explica igualmente a existência de zodíacos originais dos quais foi copiado parcialmente o do templo de Denderah.

À luz desses fatos, já não se torna tão impossível o lapso de noventa mil anos. Entretanto, isto não significa que a cultura egípcia haja existido necessariamente no território egípcio desde o início; o povo e a sua cultura podem ter existido em algum outro continente, e só posteriormente, emigrado para a África — detalhe que, embora não corresponda ao argumento em questão, pergunto, por que receamos aceitar o fato deles terem existido?

Nossas histórias do Egito começam com a primeira dinastia, porém devemos recordar que o país estava povoado desde muito tempo antes da época à qual fazem menção os primeiros documentos que possuímos. A história das raças primitivas dos egípcios e os nomes dos seus reis são desconhecidos... para os egiptólogos. A história primitiva do Egito está relacionada com a última história da Atlântida. Os sacerdotes egípcios, que eram também astrônomos, tomaram emprestado o zodíaco dos atlantes. Eis a razão por que o Zodíaco de Denderah pode mostrar revoluções da nossa era histórica.

Somos gratos por cada nova descoberta de vestígios da civilização primitiva e a recebemos com exclamação de surpresa. Pois, conforme as idéias modernas do “progresso”, deveríamos esperar, logicamente, ser esse povo rude, atrasado e bárbaro; no entanto, achamo-lo culto, refinado e religioso.

Comumente damos crédito à idéia de que, quanto mais retrocedemos em nossas investigações no passado da humanidade, tanto mais nos aproximamos do estado de primitivismo selvagem. É certo que, embora em alguns períodos remotos da pré-história, existissem homens selvagens, também coexistiram simultaneamente homens cultos e civilizados. A ciência que já esboçou a idade do mundo no planeta em cifras que deixaram atônita a limitada imaginação do homem, todavia, não reuniu ainda o material suficiente para dar a imagem exata das eras pré-históricas e da vida humana nessas eras. A ciência, porém, avança, e algum dia logrará nos trazer esse quadro. Entrementes, não nos apressemos demasiado, como o fazem muitos, ao negarem os noventa mil anos registrados nos templos dos sacerdotes egípcios, concedendo-lhes no máximo cinco ou seis mil anos. A idade do nosso planeta oferece constante e silenciosa censura aos homens que julgam tão mediocrementemente a idade do universo. Nas infinitas profundezas do firmamento existem estranhos cemitérios dos céus, onde as



estrelas e planetas frios que em algum tempo testemunharam o fausto e a pujança das civilizações passadas, sofrem agora a hora turva da sua final dissolução.

\* \* \*

Atravessei novamente o terraço na direção da saída e me detive junto ao parapeito baixo que circunda as paredes externas do templo, donde se descortinava o panorama ininterrupto dos campos cultivados e as reluzentes e onduladas dunas do deserto. Os camponeses encurvados no seu penoso labor secular, trabalham a terra da mesma maneira que os seus antepassados dos tempos bíblicos. Os bois fazem girar afanosa e pacientemente o moinho que range também como antigamente, puxado pelos bois de então. Os camelos carregados levam blaterando os pesados fardos, da mesma forma como os levavam no lombo as bestas de carga nos tempos dos Faraós. Inúmeras vezes os lavradores araram e revolveram o solo rico dessa estreita faixa da terra egípcia, sem esgotar nunca sua assombrosa e prolífica fertilidade. As colheitas cresceram e multiplicaram-se pelas planícies calmas, verde-esmeralda, essas profusas extensões irrigadas pelo Nilo com uma facilidade que não tem igual em nenhum outro país do mundo. Todos os anos, infalivelmente, a bendita enchente chega quando as águas correntes mudam como por arte mágica a cor azul pelo castanho, e cobrem os campos, depositando neles o inestimável dom do limo fresco na terra ressequida do Egito. Sim, o velho Nilo era como mãe carinhosa para seus filhos afortunados que viviam nas margens, confiando um tanto pateticamente que sua velha progenitora os alimentaria com seu leite.

Olhei para o lado do rio. O Nilo! Que magia há em teu nome. Nas tuas águas os sacerdotes se mergulhavam duas vezes de manhã e duas à noite para preservar sua pureza. Os sacerdotes brâmanes da Índia fazem o mesmo e com o mesmo objetivo atualmente; só que entram na água do Ganges ou Godivari e a despejam no corpo e omitem esse ritual à noite. Egípcios e hindus tinham o mesmo conceito de que o homem recebe influências magnéticas de outras pessoas, na maioria dos casos indesejáveis, por serem maléficas, quando emanadas das criaturas mal intencionadas, e por isso mergulhavam nas águas sagradas, que os livravam dessas influências ou de algo pior.

O Nilo, porém, é algo mais do que uma grande faixa d'água, e mais do que um rio que atravessa meio continente; é um ente vivo, criatura inteligente que assumiu a responsabilidade de alimentar milhões de homens, mulheres, animais e pássaros, a todos indistintamente e com o mesmo carinho.

Através de inumeráveis séculos foi ele depositando nos campos camadas sobre camadas de lodo, fazendo do Egito um paradoxo de nosso planeta. O Egito é o único país, que eu saiba, cujas planícies são tão férteis, embora em nenhuma outra terra sejam as chuvas tão escassas. Essa é a mágica obra desta correnteza amiga, que transformou um cinturão do deserto situado entre as

linhas paralelas de montes calcinados, em terra produtiva e fecunda. Ali, nos campos que se avistava do parapeito do templo, os lavradores faziam entrar a água barrenta da irrigação nos estreitos canais que atravessam o campo em todas as direções. A água era puxada da beira do rio por uma série de moinhos e distribuída a centenas desses canais. Notei um camponês com um avental preso à cintura, torso desnudo, inclinado sobre o moinho, como se inclinavam com os mesmos trajes os camponeses dos Faraós, e acompanhava ritmicamente, cantarolando, os movimentos monótonos do ranger da máquina de madeira que extraía e lançava a água com um balde também de madeira. O aparelho não era mais do que uma longa e flexível vara, apoiada num suporte horizontal e provida de um contrapeso numa vara. O balde estava atado por uma corda na outra extremidade da vara; puxando a corda, o balde mergulhava na água; solfando a corda, o balde subia cheio e automaticamente se esvaziava no sulco. Esse antigo invento demonstrou o que valia para os camponeses de há cinco mil anos e prova ainda hoje seu valor aos lavradores do século XX.

Mudei-me para o outro lado do terraço e pus-me a observar a outra parte daquela paisagem que contemplaram os olhos dos sacerdotes e Faraós extintos.

Do lado do Oeste surgiam os flancos rosados dos montes da Líbia, verdadeiros baluartes que por trás do templo lhe davam proteção e resguardo. Por todas as partes onde a extensa cadeia da serra apresentava uma depressão ou concavidade, a areia se havia acumulado em montes. Sob a ação do sol, as rubras elevações das montanhas pareciam chamas vivas que saíam da terra em enormes línguas de fogo, como se tivessem tornado pedras pela arte mágica da natureza. Talvez ardissem ainda, porque me lançavam no rosto seu bafo sufocante, refletindo o forte calor do sol do dia que avançava.

Essa fila de montanhas atravessava o Egito e chegava até à longínqua Núbia acompanhando em linha paralela o grande rio do qual, de maneira singular, a natureza lhe deu a custódia, instalando-a a poucos quilômetros das suas margens para impedir que transborde no deserto africano e se extinga absorvido pela areia. Teria feito de propósito? perguntei-me a mim mesmo. Se não fosse por essa disposição impressionante do rio e dos montes, a vida não poderia existir no Egito, nem existiria o país cuja história se afunda no âmago das dormitantes sombras do passado. Aceitei a resposta que surgiu na minha mente, do mais íntimo do meu ser: os deuses dos quais a natureza era apenas um instrumento, haviam certamente criado essa disposição, quando preparavam o caminho para a poderosa civilização que devia surgir a fim de cumprir seu grande propósito. Pois, tal como todas as grandes construções que o homem realizou, tal como o templo branco de Denderah em cujo terraço me encontrava, veio à existência pela execução de planos projetados na mente dos arquitetos, assim todos os grandes agrupamentos coletivos que se agregavam para formar uma nação, eram previamente idealizados na mente dos deuses, arquitetos divinos, sob cujo encargo e cuidado estava a humanidade, e ainda está até hoje.

Desci a velha escadaria e voltei ao templo principal para prosseguir no exame do interior que, antes, havia atravessado apressadamente para chegar ao Santuário dos Mistérios que acima de tudo atraía meu interesse. No vasto átrio aberto, vinte e quatro colunas brancas, cujos capitéis retangulares sustentavam as cabeças esculpidas de faces mutiladas da deusa Hator, e cujos flancos estavam cobertos de hieróglifos, serviam de suporte à pesada cornija do majestoso pórtico. O rosto da deusa aparecia nas quatro faces dos capitéis e por detrás havia um pequeno pilar formando a parte trazeira da sua coifa. Fazia pena só de pensar que aquele templo dedicado à deusa egípcia do amor e da beleza, à mesma Hator da coifa de cornos, tão pouco danificado pela natureza, foi tão arrasado por mãos humanas. Se bem que tenham ficado as grandes orelhas e os maciços adornos da cabeça, todos aqueles gigantescos rostos femininos foram despedaçados pela fúria fanática da plebe. Ainda é o melhor conservado dos templos antigos que se vêem atualmente no Egito, e um dos poucos que ficaram tão perfeitos. Denderah foi um dos templos mais esplendorosos que estiveram em uso até a época em que o Édito de Teodósio no ano 375 a. C. aboliu o culto antigo e deu a última punhalada na religião já moribunda.

Cynegius, o enviado do imperador romano, cumpriu suas ordens fielmente. Fechou todas as portas dos templos e lugares de iniciação, proibindo a celebração dos Mistérios e de quaisquer ritos antigos. O cristianismo, ou melhor, a Igreja, finalmente triunfou. A população, então intolerante e ávida de destruição, invadira Denderah. Expulsaram os sacerdotes e pisotearam os ornamentos do culto; derrubaram as estátuas de Hator, saquearam os suntuosos altares e mutilaram as partes salientes do rosto em todas as cabeças esculpidas, que mais facilmente puderam atingir.

Em outros lugares fizeram pior ainda, porque puseram abaixo as paredes, demoliram as colunas, despedaçaram gigantescas estátuas e destroçaram o que havia sido feito em milhares de anos. Essa é a inevitável sorte das religiões, cujos adeptos começam a sofrer os horrores do martírio e da perseguição e terminam por infringi-los aos outros, por sua vez, e arrasam a arte dos seus predecessores para poder criar sua própria arte.

Os altivos Ptolomeus — coroados pensei ao entrar no templo, passaram por este mesmo lugar, saindo das suas bigas douradas e dirigindo-se ao santuário, admirados pelo povo mudo de respeitoso temor. Naquele lugar onde a multidão colorida se congregava, agora tudo estava deserto e silencioso.

Detive-me entre as imensas colunas do pórtico, no ponto donde podia observar melhor o formoso teto azul semeado de estrelas e adornado com a roda do Zodíaco. Atravessei a segunda ante-sala, onde o glorioso azul africano já não iluminava suas enormes colunas, como havia iluminado a maioria das do átrio, e entrei no vasto e sombrio templo. Projetei o foco de luz de minha lanterna em todas as direções. A luz revelou-me as colunas em que as figuras de coifas em

forma de mitra eram talhadas profundamente nas suas superfícies, e dentro de reentrâncias retangulares havia uma porção de hieróglifos separados uns dos outros por largas faixas horizontais. Um raio de luz lançado nas paredes iluminou as imagens de Faraós com seus deuses, alguns sentados nos seus tronos, outros andando em procissão. Num baixo-relevo aparecia Ptolomeu aproximando-se de Ísis e do jovem Hórus, levando oferendas em ambas as mãos; um belo festão decorativo completava a cena. Por toda parte, as faces haviam sido raspadas, algumas borradas ou completamente inutilizadas. E em toda parte aparecia a cabeça esculpida de Hator nas maciças colunas de pedra ou nas paredes em baixo-relevo de figura inteira.

Avancei devagar pela sala principal (devia ter muito mais de sessenta metros de comprimento) no meio de uma atmosfera pouco propícia ao estudo ou à meditação. O ar estava infestado de poeira acumulada por séculos e o odor pesado subia às narinas. No alto teto enegrecido e entre os capitéis aninhavam-se e piavam milhares de feios monstros alados, furiosos por minha inesperada presença numa época do ano em que nunca os turistas invadem seus domínios. Eram morcegos. “Intruso! gritaram em coro, intruso! Este não é o momento de visitar o Egito. Tire essa lanterna ofuscante com seu forte e horrível farol e vá-se embora daqui! Deixe-nos gozar a paz nestes antiquíssimos recintos do repouso ancestral das nossas moradas entre os destroços escurecidos de cabeça da Hator e negras cornijas. Fora daqui!” Mas eu me mantive firme, não cedi no meu empenho e prossegui pausadamente, examinando com atenção as interessantes e trabalhadíssimas pinturas de enormes escaravelhos sagrados e sóis alados que, através da sujeira acumulada, apenas se distinguiam no imenso teto do templo. Os morcegos pareciam ter enlouquecido, voando precipitadamente de um lado para outro; produzindo um barulho infernal, enraivecidos, manifestaram com pios agudos o desgosto que lhes causava minha presença. Quando, por fim, tomei o caminho de regresso e descí por um estreito corredor do subsolo, tranquilizaram-se, voltando ao seu costumeiro silêncio.

A grande sala era um lugar triste, embora interessante; as criptas, porém, eram ainda mais tristes. Essas escuras câmaras, construídas dentro das paredes de enorme grossura, estavam também decoradas em profusão de meios-relevos ilustrando ritos que, em tempos passados, foram celebrados entre essas paredes.

Abandonei essas lúgubres câmaras, atravessando o magnífico portal, cujas folhas outrora eram revestidas de ouro, e saí para inspecionar os arredores do templo.

Custava crer que, quando foi redescoberto por Abbas Pachá, em meados do século passado, a maior parte do templo jazia soterrada sob areia e escombros; como num túmulo, ali estavam suas glórias aguardando ser resgatadas pelas

picaretas e pás dos escavadores. Quantos camponeses deviam ter cruzado ali, por conta do templo, sem nunca desconfiarem e pouco se importarem com o esplendoroso passado que jazia sob seus pés!

Detive-me a estudar na parede exterior do templo o famoso relevo representando Cleópatra, que foi feito em sua honra como prêmio por haver restaurado com seu dinheiro, gasto generosamente, as partes do templo que ameaçavam cair em ruínas. Junto a Cleópatra aparece seu filhinho, o pequeno César, cujo rosto estranhamente lembrava o do seu famoso pai, Júlio Cesar. O semblante mãe, todavia, não parecia ser muito fiel; assemelhava-se mais ao das antigas moedas egípcias. A famosa filha de Ptolomeu foi a última rainha da extensa linhagem egípcia. Quando Júlio Cesar levou suas legiões invasoras através do Mediterrâneo, Cleópatra foi sua amante desde o primeiro dia da sua chegada. Como é curioso — pensei — que essa mulher tivesse ligado o Egito à pequena ilha longínqua por intermédio de Júlio Cesar, ilha que ia desempenhar papel tão importante na história do Egito, mais de dezoito séculos depois. E, também, é curioso que esses soldados romanos tenham levado à Inglaterra, entre seus ritos, o culto de Serápis, de origem egípcia, estabelecendo desse modo um novo contato, embora indireto, entre os dois países, há tantos séculos passados.

O relevo mural apresentava a rainha com o disco e os cornos, da coifa da deusa Hator sob a qual os cabelos em tranças lhe caíam em massa. A expressão orgulhosa do rosto era de uma mulher dominadora, acostumada a impor sua vontade e disposta a tudo para satisfazer seus desejos. Foi sua influência que fez Júlio Cesar conceber a idéia de converter Alexandria em capital do Império e centro do mundo. Aqui o rosto de Cleópatra é decididamente semita, do tipo que se encontrava em qualquer tribo judia, árabe ou assíria, dificilmente, porém, entre o povo greco-egípcio. Com ela se extinguiu a dominação nativa do Egito — pensei, sentado num talho de pedra luzente — mesmo assim, era uma das mais famosas beldades do mundo antigo, mulher que teve um papel de destaque na história. Dá calafrios só em pensar que o destino de um grande homem e de toda uma nação dependa às vezes de um encantador sorriso de mulher!

Todo o frontal do templo era até a cornija coberto de meios-relevos e inscrições hieroglíficas em profusão, cinzeladas na sua superfície. Formosas e bem equilibradas linhas de caracteres hieroglíficos, entremesclados de imagens pictóricas, por si só formavam um rico adorno. Chamava a atenção o fato de que no Egito como na China antiga e na Babilônia, aquele que quisesse aprender a escrever, devia saber desenhar, e sublinhavam que todos os sacerdotes cultos do Egito e os escribas deviam ser até certo ponto artistas. Representar a idéia de um objeto desenhando-o, foi o resultado dos primeiros ensaios de escrita do homem. Contudo, os egípcios não começaram como simples selvagens, elevando-se gradativamente a certa altura elementar. A lenda atribui a origem da escrita hieroglífica ao deus Thoth, e assim entesoura em forma popular uma verdade histórica. Porque ele era um homem-deus, um Adepto chamado Thoth

(na realidade Tehuti) e deixou esse sistema de escrita como revelação complementar aos emigrantes da descendência atlântida, colônia radicada nas orlas do Nilo, antes que o último dilúvio destruísse as derradeiras ilhas da Atlântida. Thoth foi o autor do LIVRO DOS MORTOS, cuja figura está parcialmente representada no seu próprio sistema, sob o hieróglifo de Ibis, esse pássaro esquisito, rechonchudo, de bico comprido.

Os estudos da filologia comparada revelaram que os distintos idiomas derivam de certas línguas básicas, cujos radicais, por sua vez, procedem de uma língua-mãe, genitora universal de todas as outras. Quando algum dia investigarem a procedência das línguas, predigo e asseguro que a fonte primitiva será encontrada na Atlântida.

Os antigos diziam que os hieróglifos “falam, expressam e ocultam”, denotando com isso que os hieróglifos possuem tríplice significado. Antes de tudo, tinham o valor fonético simples, comum, necessário para a emissão oral do idioma. O homem banal não passava daí. Em segundo lugar, o significado transmitido pelos escribas, a escrita, ou seja, a expressão simbólica das palavras pronunciadas por um analfabeto é registrada gramaticalmente nos papiros ou nas pedras. Finalmente, o significado esotérico, cujo segredo conheciam só os sacerdotes e os iniciados, mantendo-o oculto.

“As palavras de Deus” — tal era o nome ou descrição, que os egípcios davam aos hieróglifos, quando a eles se referiam, não somente porque julgavam que lhes haviam sido revelados por um dos deuses, mas, também, porque às massas se ocultava o significado sagrado daqueles estranhos sinais. E eram revelados somente aos iniciados nos Mistérios. Os egiptólogos traduziram apenas o significado popular dos hieróglifos, e mesmo assim fizeram um belo trabalho. O resto está fora do seu alcance, pois “as palavras de Deus” exigem que se lhes dê uma consideração espiritual e reverente, antes de mostrarem seu profundo segredo. O mesmo se aplica à compreensão dos Mistérios, que eram revelados só na câmara de iniciação dos templos.

Plotino, um iniciado que viveu na antiga Alexandria, fez referência à natureza simbólica dos hieróglifos ao dizer:

*Na busca rigorosa da verdade ou nas exposições que faziam livremente aos seus discípulos, os sábios egípcios não usavam nos templos sinais escritos (que são apenas imitações da voz e da palavra), mas desenhavam figuras e revelavam o pensamento contido, pela forma dessas imagens, de uma maneira que cada imagem encerrava uma porção do conhecimento e sabedoria. É a cristalização de uma verdade. Depois o mestre ou o discípulo extraía o conteúdo da imagem, analisava-o em palavras e descobria a razão por que fora desenhado dessa e não de outra forma qualquer.*

O fato é que os egípcios, como as outras nações orientais primitivas, nunca sonharam em divorciar a religião da vida secular em compartimentos estagnantes; por conseguinte, nunca pensaram em usar a linguagem escrita ou falada apenas como simples meio de comunicação. Assim como acreditavam que os nomes tinham um poder mágico, do mesmo modo simbolizavam no alfabeto hieroglífico, os princípios desse misterioso conhecimento que era comunicado atrás das trancadas portas dos Mistérios.

Somente aquele que tinha sido conduzido à presença do divino Osíris, o vencedor da “morte”, que fazia “nascer de novo” homens e mulheres (como o LIVRO DOS MORTOS designava objetivo dos graus superiores da iniciação), podia explicar e expor o significado final dos hieróglifos, o mais perfeito sistema de simbolismo literário do mundo.

Heródoto, também outro iniciado, confirma algures que os hieróglifos eram absolutamente sagrados e simbólicos em seu significado oculto, e que este só era conhecido no grau mais alto da ordem sacerdotal. Quanto a Jâmblico, outro antigo iniciado, na opinião dele, a linguagem hieroglífica secreta era usada pelos próprios deuses.

Farei aqui uma sugestão, em forma de pergunta, relativa ao significado secreto envolto nos hieróglifos.

Na escritura hieroglífica, a figura sentada indica que o personagem está classificado entre os deuses, e aparece habitualmente assinalando uma parte do nome escrito das divindades egípcias, e entre os hieróglifos desenhados acima dos retratos. Pois bem: agora, por que adotaram os egípcios uma figura *sentada* e não uma figura em pé?

Para não nos arriscarmos a uma desforra por parte dos professores acadêmicos da egiptologia, aliás perfeitamente justificável no caso da intrusão de um franco-atirador no seu sacro domínio, depois de formular essa pergunta, deixo que o leitor ofereça por si a resposta.

O trabalho dos grandes egiptólogos, dentro do seu campo, merece os melhores elogios. Se não fosse por eles e pelo destino — jamais teriam sido traduzidos os textos das paredes dos templos e dos papiros, nem conhecidos os tesouros inestimáveis que continham.

A parte que desempenhou o destino nessa descoberta é impressionante. Se Napoleão não tivesse invadido o Egito, esses murais e textos não teriam sido lidos até hoje. De maneira muitíssimo extraordinária, Napoleão foi o homem predestinado a afetar a sorte de todos os reinos, todos os homens e todas as coisas com as quais esteve em contato. Foi realmente um instrumento da Providência, mas, também, instrumento de Nêmesis.

Sua invasão abriu a porta para a compreensão da vida e pensamento dos antigos egípcios. Segundo o testemunho indiscutível da história, é frequentemente a obra inconsciente do soldado que prepara o caminho para o trabalho dos humanistas, para a mensagem do mestre espiritual, para as caravanas comerciais, como também para tudo destruir.

No início da dominação grega no Egito, a antiga língua começou a entrar em desuso; os novos governantes trataram naturalmente de impor a língua e a educação gregas entre as classes cultas da sociedade. Os cargos oficiais importantes eram preenchidos por aqueles que dominavam o idioma grego. O antigo Sacro Colégio de Nilópolis, onde haviam sido formados muitos sacerdotes e onde se cultivava a língua egípcia, foi interditado e fechado. Salvo alguns poucos sacerdotes que se agarravam obstinadamente e em segredo ao seu idioma tradicional, o resto do país tinha adotado oficialmente o alfabeto grego como sendo o nacional do Egito.

No fim do terceiro século da era cristã, em todo o país não havia sequer uma pessoa que fosse capaz de explicar o significado corrente das inscrições hieroglíficas e menos ainda de escrever uma nova.

Passaram-se quinze séculos. A interpretação dos hieróglifos continuava sendo uma arte totalmente perdida, quando a fragata de Napoleão, iludindo o almirante Nelson, sob uma violenta tempestade, entrou impassível no porto de Alexandria.

O exército de Napoleão, sem tardar, começou a levantar fortificações e cavar trincheiras. O lugar onde eles se estabeleceram, era uma importante posição estratégica do Nilo, nos arredores de Rosetta. Foi ali que um jovem oficial de artilharia, o tenente Boussard, fez sua importante descoberta, cuja chave definitivamente permitiu interpretar os hieróglifos. Seus homens, ao cavar os alicerces do Forte St. Julien, desprenderam uma tábua de basalto negro, avariada, donde brotou a luz que o tenente sem querer acendeu.

Boussard imediatamente percebeu a importância daquela pedra, agora a famosa “Pedra Rosetta”, na qual havia sido gravada inscrição trilingue, um decreto dos sacerdotes de Mênfis, conferindo honras a Ptolomeu. A pedra tinha cinquenta e quatro versos em grego com as respectivas traduções em outras duas línguas, ou seja: a hieroglífica e a demótica.

A “Pedra Rosetta” foi enviada à Europa, onde foi estudada pelos linguistas que, finalmente, conseguiram estabelecer os hieróglifos equivalentes ao alfabeto grego. Desde então foi encontrada a chave, com a qual se podiam interpretar os papiros e murais, cujas inscrições no período de tantos séculos desconcertou o mundo.



## Karnak de Dia

Finalmente entrei no verdadeiro Egito, naquele velho e fascinante Egito, onde o Nilo, o templo, o campo, a aldeia e o céu harmonizavam-se para dar uma impressão vívida e sedutora da terra onde governaram pomposamente os Faraós e onde as pedras levantadas do pó ecoam diariamente os cânticos dos sacerdotes extintos. Ali, em Luxor, a setecentos e vinte quilômetros do Cairo, navegando o rio, o visitante insensivelmente retrocede e se coloca no Passado, contemplando paisagens que apresentam as mesmas características de antanho. É no Sul, no Alto Egito, como o chamaram os geógrafos desde tempos imemoráveis, que para um observador se conservou a maior quantidade desses marcos indelévels.

Sua capital, Tebas, famosa no helenismo como “a cidade de cem portas” de Homero, desapareceu, contudo, deixando-nos Karnak, a antiga sede central do clero egípcio.

Atualmente Karnak é a pérola da região. A fama do seu imponente conjunto de templos hoje em ruínas, não diminui a magnificência propalada no mundo inteiro. Karnak possui o maior templo que se pode ver no Egito, a Grande Sala de Amon-Ra; nos tempos passados todos os demais templos egípcios lhe eram tributários. O interesse particular que tive por Karnak fê-lo o lugar de minhas peregrinações constantes, onde perambulava pelas ruínas decadentes e suas colunas despedaçadas, à luz brilhante do sol e à pálida claridade da lua.

Karnak, ao Norte, surge um bosque de palmeiras verdejantes, e dista de Luxor quatro ou cinco quilômetros, descendo o rio, e um pouco mais por terra. Para chegar até lá, temos de atravessar a poeirenta estrada que corta a vasta planície, sob um céu do mais puro azul, de passar pelo túmulo de um *sheik*, coberto de uma cúpula branca e, depois de ter deixado uma plantação de tamareiras, encontramos subitamente um enorme pilar de pedra calcária. Nos campos, por todos os lados, vemos poupas penachudas beliscando alimentos nos restolhos do solo. De quando em quando, conforme se avança, nota-se de ambos os lados do caminho as pequenas esfinges com cabeça de carneiro, rostos estranhos, decepados, meio roídos, colocados em fila dupla, que em tempos passados ladeavam toda a travessia de quatro a cinco quilômetros entre Luxor e Karnak.

Originalmente, centenas dessas esfinges deviam ter ladeado o caminho; hoje, a maior parte está sepultada nos campos que bordejam a estrada.

O magnífico pilono de entrada, de dezoito metros de largura, oferece um espetáculo grandioso.

Na forma de pilono, de lados oblíquos e arquitrave curva e saliente, a arquitetura achou a imponente e bela expressão. Em sua face frontal vi esculpida em relevo a figura de Ptolomeu, que erigiu o templo, e aparece fazendo um sacrifício aos deuses tebanos. Quatro ranhuras verticais correndo de cima abaixo por todo esse enorme portal, terminam nas aberturas indicando o lugar onde, em dias de festividade, se colocavam bandeiras de cores alegres para afastar más influências do templo.

Passando ao interior, entrei no pátio aberto do templo de Konsu, deus de cabeça de falcão que, segundo dizeres populares, era o filho de Amon. No centro havia uma dupla fileira de restos de colunas danificadas; nas paredes se via representada uma procissão de barcos sagrados, subindo o Nilo em direção a Luxor, levando a imagem de Amon-Ra. Penetrei no santuário em ruínas, onde em tempos passados se resguardava o barco sagrado de Konsu. Todas essas fantasias que eram praticadas dentro daquelas paredes, tinham muita importância tanto para o povo quanto para os sacerdotes que buscavam o poder e sobretudo para os reis; entretanto, significavam muito pouco para os iniciados que, nesses ritos e cerimoniais, viam meros símbolos e não manifestação da realidade.

Na parede oriental da câmara interior contígua ao santuário, descobri uma série de interessantes baixos-relevos, cada qual dentro do seu respectivo quadro. O primeiro que me chamou a atenção foi uma escultura em relevo da amiga que me havia acompanhado na meditação prolongada naquela noite de inverno — a Esfinge!

Logo compreendi que havia deparado com algo importante, porque se podia varar dias sem perceber a Esfinge num relevo mural ou num pilar.

No primeiro painel aparecia o Faraó Ramsés IV em frente à deusa Amenti, à qual oferecia uma estatueta que tinha uma base lisa, e suportava duas figuras. Na frente, uma criança de cócoras, que não era outra senão Hórus, o filho de Osíris. Num dos lados da cabeça lhe pendia um grande cacho de cabelos. Estava coroada com o sol e a serpentes simbólicos; sua mão esquerda descansava no joelho, enquanto a mão direita levava ao resto o dedo indicador apontando os lábios cerrados, impondo silêncio.

A estatueta detrás dele era a Esfinge.

Amenti estava com o braço direito estendido para Ramsés; na mão levava uma cruz ansata, com o extremo da qual apontava a glabela do rei.

Qual era o significado desta cena?

Os egiptólogos, sem dúvida alguma, dariam uma interpretação perfeitamente coordenada e clara, que dentro das suas orientações seria bastante correta. Dir-nos-iam que o rei oferecia simplesmente holocaustos aos deuses, e não passariam daí. Frequentemente essas cenas representadas em altos-relevos eternizavam episódios históricos ou narrativas de triunfos guerreiros, sem uma outra finalidade. Naquela cena, porém, não havia nada disso. Era uma indicação evidente de algum rito sacrossanto ao extremo, sobretudo, porque estava numa parede próxima ao santo-santorum desse templo.

Do mesmo modo que o sistema hieroglífico possuía os mesmos caracteres simbólicos tanto para expressar o pensamento comum como o significado esotérico conhecido somente dos sacerdotes iniciados, as figuras com que representavam deuses tinham para os antigos iniciados um significado muito mais profundo do que o corrente. Assim a mensagem oculta nesse quadro só podia ser percebida pelos versados na doutrina e métodos dos Mistérios.

O significado desse alto-relevo baseava-se essencialmente na ação da deusa Amenti. A cruz ansata, a cruz com um círculo alongado na parte superior, com o qual a deusa apontava a glabella de Ramsés, era chamada pelos sacerdotes “a Chave dos Mistérios”, e representava sua admissão nos mesmos, enquanto que para os egiptólogos representa somente a vida. Como chave, simbolizava a abertura da porta àquela augusta instituição, mas como figura geométrica, simbolizava o espírito eterno do iniciado, ressuscitado triunfante do seu corpo de matéria “crucificado”. O círculo que não tem princípio nem fim visíveis, configurava a natureza eterna do espírito divino, enquanto a cruz simbolizava o estado mortal de transe em que era mergulhado o iniciado, e por conseguinte, a morte, a crucificação. Em alguns templos, o candidato era amarrado num leito de madeira em forma de cruz.

A glabella, espaço compreendido entre as sobrancelhas, corresponde à glândula pineal, cujas complicadas funções continuam sendo desconhecidas, desconcertando os médicos. Nas primeiras etapas da iniciação, essa glândula era estimulada por hierofantes, excitando certa atividade cerebral que permitia ao candidato, temporariamente, presenciar visões psíquicas de entes espirituais. O método que se usava para lograr esse propósito era em parte mesmérico e em parte dependente do emprego de alguns incensos de poderosa eficácia.

Amenti, então, ao apontar com a cruz a glabella do Faraó, indicava ser ele admitido nos Mistérios e que sua visão clarividente seria temporariamente aberta. Estava-lhe, entretanto, proibido revelar tudo o que vira e experimentara durante a iniciação. Isso indicava a primeira estatueta do pequeno Hórus — “Hórus do Horizonte” — na realidade deus Hormakhu, associado por tradição à Esfinge, o qual, assinalando com o dedo os lábios cerrados, impunha severamente segredo. Em todos os templos havia junto aos santuários e

câmaras dos Mistérios, imagens similares, todas elas com o dedo nos lábios ordenando simbolicamente guardar silêncio no tocante aos divinos Mistérios.

Amenti era um Amon feminino, “o ser oculto”.

Com o gesto do rei, ao levantar a estatueta em atitude de oferenda, assinalava ele que estava disposto a fazer sacrifício da sua palavra e a guardar permanente segredo.

Na base lisa da estatueta e por trás da figura de Horus, havia um relevo da figura agachada da Esfinge. Por quê?

Porque, quando o iniciado colocado em transe perdia completamente o poder da palavra, assemelhava-se à Esfinge que guarda silêncio permanente. Em toda sua extensa existência ela nunca pronunciou uma só palavra audível a ouvidos humanos. A Esfinge soube sempre guardar seus segredos. Quais eram esses antigos segredos?

Eram os segredos da iniciação.

A Esfinge montava guarda ao maior templo de iniciação do mundo antigo: a Grande Pirâmide.

O caminho que levava para o cerimonial vinha da margem do Nilo e, cada um, antes de entrar na Pirâmide, devia passar pela Esfinge.

A Esfinge, com o seu silêncio, simbolizava o silêncio e o segredo da iniciação.

Assim, pois, ao Faraó foi dado antecipar a revelação mística, a maior que se podia fazer a um homem.

Outros três painéis completavam esse interessante conjunto de quadros dos Mistérios, que hoje qualquer visitante pode contemplar e antigamente só eram acessíveis a alguns poucos privilegiados. Descreviam eles o resultado da admissão do rei aos Mistérios.

O segundo painel representava Ramsés em pé, ladeado por Hórus adulto de cabeça de falcão e Thoth de cabeça de íbis. Cada um dos deuses segurava nas mãos um vaso inclinado sobre a cabeça de Ramsés, mas, em vez de água, despejavam uma corrente de cruces ansata em cima e em volta dele.

Pois bem; Thoth era o deus da sabedoria e da instrução secreta. Nessa cena Ramsés recebia, através da iniciação, o conhecimento misterioso composto de forças psíquicas e de sabedoria espiritual, que fez tão famoso o Egito nos tempos idos. Thoth era também o senhor da lua. E daí vem que todas as cerimônias mágicas e religiosas de importância secreta e sobretudo todas as iniciações nos Mistérios efetuavam-se à noite e durante as fases da lua de maior pujança, isto é, a da lua nova e do plenilúnio.

Hórus adulto, o de cabeça de falcão, era o deus do sol. Sua participação nas cenas simbolizava o fato de que a iniciação, embora fosse começada à noite, terminaria ao romper do dia; quando os primeiros raios do sol matinal iluminassem o rosto do candidato, o hierofante lhe dirigiria certas “Palavras de Poder” e o iniciado despertaria.

O terceiro painel apresentava Ramsés já como sábio iniciado, conduzido por outros dois deuses que, segurando-o pelas mãos em sinal de boas-vindas, levantavam-lhe a cruz ansata diante do rosto, indicando sua amizade para com ele em virtude da sua consecução. E na última cena figurava o rei oferecendo uma estátua ao deus Amon-Ra. A estatueta representava um deus sentado, com uma pluma cravada na cabeça: o deus da Verdade. O Faraó havia conquistado a Sabedoria; portanto, deveria ser “a palavra da verdade”. Faria o sacrifício da sua vida no altar da Verdade, quer dizer, que obedientemente conformaria seus pensamentos e seus atos às leis espirituais que governam a vida humana e lhe acabam de ser reveladas na iniciação.

Assim, estas cenas esculpidas em relevo me permitiam penetrar na vida espiritual, íntima, de um Faraó iniciado e vislumbrar alguma coisa do significado dos famosos, embora tão reservados, Mistérios do Egito.

Após essa inspeção, senti-me atraído por um pequeno santuário, no lado oriental do templo, onde vários dos poucos iniciados receberam lições de sabedoria. Era uma espécie de capela consagrada aos Mistérios de Osíris e, para mim, era talvez um dos recantos mais importantes de Karnak, apesar de suas dimensões reduzidas. Ali, no umbral da porta, Ptolomeu, o fundador do templo, estava representado em alto relevo, quando conduzido ante o divino Osíris em pessoa. Cruzei a entrada e me encontrei frente ao pórtico retangular, cuja abóbada lisa, colorida e cheia de inscrições, era sustentada por duas formosas colunas caneladas e floreadas, coroadas de rostos proeminentes de Hator. Na parede leste estavam duas pequenas janelas com grades de pedra, mas a luz escassa que antigamente devia ter penetrado por elas, já não era necessária, visto que três grandes blocos de pedra do teto haviam desaparecido e pela abertura se projetava luz à vontade.

Antes da entrada do pórtico, havia um pequeno vestíbulo, cujas paredes estavam cobertas em profusão de baixos-relevos e de linhas verticais de hieróglifos. E, coisa rara! Havia três portas perfeitamente conservadas; a despeito de estar o templo em ruínas, ainda estavam de pé, nas paredes do fundo e dos lados. Cada vênha de pedra era revestida por uma arquitrave, formada por uma fila de vinte serpentes majestosamente erguidas. As serpentes não estavam talhadas em simples meio-relevo na superfície da parede, mas eram esculturas maciças. Debaxo de cada fileira estava o emblema familiar do sol alado, e tudo formava um conjunto maciço, com cerca de um metro de altura.

Estas decorações com serpentes reais indicava, a meu ver, que as três câmaras, às quais davam acesso três portas, tinham uma importância considerável no planejamento do templo. Passei pela porta do fundo (as folhas da porta propriamente ditas, já não existiam, ficando apenas os vãos, assim mesmo, podiam ser vistos ainda os encaixes superiores e inferiores e o lugar onde foram ajustadas), e cheguei a um outro pequeno santuário, cujas paredes esculpidas em relevo representavam o rei rendendo culto à insígnia da deusa Hator. Ao pé do santuário estava uma greta profunda no chão de pedra que, à luz da minha lanterna, verifiquei que era um acesso a uma cripta subterrânea, mas trancada e gasta. Voltei para reexaminar as duas câmaras laterais, onde também achei grandes aberturas nos centros, as quais também conduziam à mesma cripta e às passagens subterrâneas. Na realidade, todo o subsolo estava repleto de criptas e túneis. À direita do santuário descobri outras brechas no solo, dando acesso às estreitas passagens. A camada grossa de pó que cobria o chão estava intata; não havia nem uma só pegada.

A exploração revelou que uma dessas passagens atravessava todo o subsolo, ligando-o ao templo de Konsu.

Também o chão do santuário estava coberto de pó tão espesso que devia ter sido acumulado no transcurso de muitos séculos. Examinei o antiquíssimo solo de pedra, buscando rastros humanos, e vi apenas marcas de pés descalços, deixados evidentemente por algum zelador árabe do templo de Konsu, vizinho do santuário, mas não descobri nenhum sinal de calçados. Por toda a superfície do chão a poeira formava uma alfombra espessa, lisa, sem outros sinais, salvo numerosos e elegantes arabescos que apareciam esparsos, e rastros de minúsculas serpentes se viam nitidamente na uniforme camada de pó. Perguntei a mim mesmo quanto tempo devia ter passado sem que os turistas ou viajantes perturbassem o silêncio solitário daquele recinto sagrado. Sabia que um dos livros-guias de turismo excluía este templo, comentando que não valia a pena visitá-lo. Eu também sabia que não eram desejadas nem esperadas as visitas, porque o Ministério de Antiguidades do governo egípcio mandou colocar-lhe na entrada uma grade de madeira, fechada a chave. Eu não pude ali entrar sem previamente procurar o zelador do templo de Konsu, para que me acompanhasse ao pequeno santuário de Osíris e abrisse a grade com uma chave que tirou da sua penca. Em razão de que foram aplicadas essas medidas? Será por causa das brechas ao chão, que oferecem perigo?

Qual era a utilidade dessas criptas misteriosas e seus lúgubres corredores? Recordei-me da curiosa cripta rodeada de fosso, descoberta sob doze metros de escombros, que me deixou perplexo em Abidos.

\* \* \*

Enquanto ponderava a respeito daquela pergunta, o ambiente sepulcral pareceu iluminar-se de súbito ante minhas retinas e revi mentalmente a celebração do

rito antigo que dramatizava a morte e a ressurreição de Osíris; esse rito que vi em baixo-relevo no pequeno santuário dos Mistérios situado no terraço do templo de Denderah; esse rito do qual tive a visão e que experimentei pessoalmente naquela noite que passei na sombria Câmara do Rei na Grande Pirâmide; esse rito que Osíris da Atlântida havia deixado como herança aos Sumos-sacerdotes do antigo Egito.

Por que eram preferidos lugares lúgubres e escuros para essas misteriosas iniciações?

A resposta pode ser tríplice: 1.º Para assegurar completa inviolabilidade e manter em maior segredo a experiência que, além do mais, era privilegiada e perigosa. 2.º Facilitar o candidato a submersão em transe, impedindo-lhe ver as coisas que o rodeavam, evitando dessa maneira que sua mente se dispersasse do estado interior em que estava prestes a entrar e, finalmente, providenciar o perfeito simbolismo — tão querido ao coração dos antigos — da condição de trevas e ignorância espirituais em que os hierofantes encontravam seus candidatos no começo de sua iniciação; pois, ao despertar, abriria os olhos ante os raios do sol em outro lugar para onde seria posteriormente levado na etapa final da experiência da iluminação espiritual. Após uma longa iniciação, começada à noite e terminada ao romper o dia, o recém-iniciado tinha saído da ignorância (trevas) e entrado na percepção espiritual (luz) .

Os ritos secretos dos Mistérios eram praticados em criptas, nas câmaras reservadas, adjacentes ao santuário sagrado, ou em pequenos templos edificadas nos terraços, e nunca em outras partes. Todos esses lugares eram território proibido para o povo, que desse recinto não podia se aproximar, sob pena de sofrer os castigos mais atrozes. Os hierofantes que tinham por missão iniciar os candidatos, assumiam grandes responsabilidades. A vida do candidato estava em suas mãos, pois a interrupção da parte de um intruso podia provocar-lhe a morte, assim como hoje uma irrupção inesperada na sala de operação, onde se efetua uma delicada intervenção cirúrgica, pode provocar a morte do infeliz paciente. Então, não era a iniciação uma espécie de operação, intervenção melindrosa que separava a parte psíquica da parte física do homem? Essa foi a razão por que as câmaras de iniciação eram sempre lugares afastados e bem protegidos. Aqueles que se aproximavam do santuário do grande templo, teriam de ser introduzidos através de completa escuridão; assim, à medida que deixavam o portal, a luz decrescia lentamente até desaparecer por completo ao atingirem o umbral do sagrado santuário. Uma vez completamente mergulhado em transe, o candidato deixava seu corpo na escuridão protetora até o final de sua iniciação, quando lhe era outorgada a luz.

Nas câmaras subterrâneas eram aplicados os mesmos processos; desde a entrada em transe, apagavam-se todas as tochas para que as criptas se transformassem simbólica e literalmente em sepulcros.

\* \* \*

Desci pela abertura para explorar a cripta escura, onde os sacerdotes praticavam outrora seus ritos mais secretos, mas logo voltei, com a sensação de alívio de poder respirar ar fresco e contemplar a luz benfazeja do sol.

Passei pelos enormes portais do belo templo de Amon-Ra e prossegui minha jornada entre as glórias esvanecidas de Karnak. Os portais foram feitos como para gigantes e não para diminutos mortais. Levantavam-se acima da minha cabeça como paredões de um precipício. O gosto dos egípcios por dimensões exageradas chegava, às vezes, a extremos fantásticos, como no caso da Grande Pirâmide perto do Caio e das paredes do pylon, sob cuja sombra me encontrava, tinham quase quinze metros de grossura, mais grossas do que as paredes de qualquer fortaleza. Bem protegidos estavam, é certo, da contaminação do mundo profano, os sagrados recintos daqueles templos, que os antigos chamavam com orgulho “o trono do mundo”. Hoje, porém, lamentavelmente, não era mais do que um trono depredado e, quando saí para o grande pátio, encontrei massa enorme de mutilada alvenaria, aliviada de sua desolação por poucas colunas que ainda permaneciam de pé. Atravessei lentamente, pisando a terra rugosa e a erva daninha que substituíram o chão formoso de mosaicos que outrora cobriam a extensão de cem metros de calçamento.

Cruzando o pátio, cheguei a uma porta alta, coberta de meios-relevos coloridos, permanecendo de pé entre os restos esboçados de outro pilar, agora apenas uma revolta massa de pedras despedaçadas, lembrando pouco seu contorno original. Entretanto, aquela porta devia ter mais de trinta metros de altura. Havia desaparecido os sete degraus que os construtores colocaram na entrada, sete graduações simbólicas do progresso do homem, desde o mundo inferior da vida comum até a esfera superior da conquista espiritual. Os egípcios, como muitos outros homens da antiguidade, entendiam perfeitamente a misteriosa nomenclatura, sob cuja base está a formação do universo. Sabiam que o sétimo dia, ou sétimo degrau, traz o Repouso, a Paz suprema, não somente para o homem, mas também para todos os seres e coisas criadas. Encontrei essa sétupla numeração em todos os templos do país; quanto à Grande Galeria da Grande Pirâmide, aparecia nela clara, com impressionante nitidez. Eram, portanto, muito bem colocados esses degraus, que a obra do tempo e do homem arrancaram da entrada do átrio do templo de Karnak, o maior e mais expressivo, da Grande Sala Hipostila do Templo de Amon-Ra.

Entrei; ante mim abria-se uma perspectiva alucinante de dezesseis aprumadas fileiras de colunas. Os raios do sol iluminavam o espetáculo sem paralelo na minha memória. Quase todas as colunas, cento e trinta ao todo, projetavam uma forte sombra horizontal no chão em que não havia nem vestígio de mosaicos. Brancas colunas de pedra erguiam-se como gigantescos soldados em desfile. Também era incrível sua circunferência que tinha no mínimo de nove a dez



metros. Aquela grandiosa escala arquitetônica, aquele bosque de colossais árvores de pedra de mais de noventa metros de largura, era algo de monstruoso — era egípcio!

O Faraó que mandou erigir a maior parte da sala foi Seti, o mesmo que construiu aquele templo em Abidos, onde senti paz inexprimível. Aqui não se podia resistir à impressão de força, de poder que vinha da desaparecida época dos seus construtores. Seti em vida não pôde terminar essa colossal criação; assim, depois da sua morte, o grande Ramsés tomou o encargo de completar sua tarefa inacabada, transformando as rochas de Assuan em enormes torres cinzeladas, e levantando sobre elas as decoradas arquitraves de trinta toneladas, sem usar cimento nem metal para ajustá-las. Todo esse monumental conjunto era para induzir a mente a buscar perspectivas mais amplas e elevar os homens acima da sua mesquinha rotina de atividades tão lastimosamente reduzidas; inspirar grandes ambições e anelos superiores, despertando o desejo de inverter as energias em ações de maior alcance. Incitar, enfim, a ser como ele mesmo, Ramsés, a planejar e edificar poderosos templos para em seguida ao redor deles urbanizar grandes cidades-modelos, onde os homens pudessem viver com idéias nobres, iluminados e ideais mais nobres.

Antigamente a Sala onde se reuniam muitos devotos era abobadada e pavimentada; agora estava aberta às profundezas azuis do céu e seu chão era uma mescla de terra, pedra e erva daninha. Quando seu enorme teto estava no lugar, o interior da sala era, sem dúvida, assaz escuro porque a única luz que recebia chegava parcimoniosamente pelas claraboias gradeadas, acima da nave central. O teto, porém, havia caído, e o resto que ficou estava esvaçalhado em mil pedaços.

Não se pretende criticar os arquitetos da antiguidade, que idealizaram a obra, mas salta à vista que os volumosos e robustos pilares foram postos demasiado perto um do outro; com uma disposição mais feliz, obteriam perspectivas melhores, mais amplas e menos interrompidas. Porém, quiçá, talvez aqueles homens se interessavam mais por simbolismo e menos pela perspectiva.

Todas as colunas estavam carregadas de relevos, pesados florões ou cálices. As superfícies perfeitamente arredondadas das torres estavam cinzeladas à maneira dos egípcios, numa efusão de imagens coloridas e inscrições hieroglíficas, como também as arquitraves e as paredes do templo. Representavam histórias de deuses e reis do Egito, talhadas na pedra e pintadas. Examinei as figuras pintadas e os cartéis retangulares. Reconheci o rei Seti rendendo culto a Thoth na presença dos deuses, sob a árvore sagrada de Heliópolis; perseguindo com suas vitoriosas bigas os hititas; garantindo-se a posse de altos cedros do longínquo Líbano para fazer as bastes das bandeiras dos seus templos, e voltando triunfante à sua pátria amada. Havia muitas outras figuras, algumas meio desnudas, outras suntuosamente vestidas, mas todas

elas estavam com essa expressão estranhamente intensa e de ausência no rosto, que era tão característica do povo egípcio. Na parede sul, encaixado na lousa, estava um monólito no qual se via gravada uma inscrição hieroglífica, registrando o primeiro tratado oficial da história, entre Ramsés, o Grande “valente filho do Seti I, o grande soberano do Egito” e o rei hitita Ketesar “filho de Meresar, poderoso chefe de Keta” — como dizia o texto — finalizando com as seguintes tocantes palavras: “o bom tratado de paz e de fraternidade que sela a paz entre eles, para todo o sempre”.

Afastei-me saindo para um estreito pátio aberto, onde um obelisco possante apontava para o céu um enorme dedo piramidal, projetando uma sombra régia no solo. Nele havia a cartela real de Tutmés I que o erigiu, e três linhas verticais de inscrições. “Hórus, o Bem-Amado da Verdade, Rei do Alto e Baixo-Egito, Amon. Mandou erigir este monumento para seu pai Amon-Ra — O Guia dos Dois Países. Erigiu-lhe os dois obeliscos, muito grandes, na dupla fachada e, lia-se em parte de um deles: Sempre essa grande adoração dos deuses!

Mais adiante, entre os restos esboroados de uma coluna, surgia um outro obelisco, ainda mais alto e mais imponente, que, como uma língua de cobra chamejante de fogo, erguia-se da terra e lançava-se ao céu, a uma altura superior a trinta metros. Era o segundo em altura dos obeliscos que ainda permanecem de pé no mundo inteiro. O ereto monólito de reluzente granito rosado tinha na sua base gravada a orgulhosa epígrafe de que o ápice havia sido revestido de uma liga de ouro e prata para poder ser vista à grande distância, e que só no serviço de britar e transportar o granito de Syene desse obelisco e do seu companheiro desaparecido, empregaram-se nada menos de sete meses de trabalho. Erigiu-o uma mulher, a enérgica Rainha Hatshepsu, do Egito, algo semelhante à Rainha Elisabeth. Às vezes ela se vestia como homem e sempre demonstrou certa masculinidade em seu governo, esta mulher de nariz comprido e mandíbulas salientes. Levantou altos obeliscos e magníficos templos, enviou expedições pioneiras e empunhou o cetro dos faraós com uma força que seu sexo não debilitou; depois da morte de seu esposo, deixou jogar fora o véu e tudo o que ele representava.

Eis a exaltada e arrogante dedicatória gravada na parte baixa do obelisco em caracteres hieroglíficos, nas quatro faces do monumento:

*Eu estava sentada no meu palácio, pensando em meu Criador, quando meu coração me incitou a levantar-Lhe os dois obeliscos no salão nobre de colunas que se encontra entre os dois grandes pilonos de Tutmés I, cujas pontas chegassem até o céu”.*

*Quando eles virem meus dois monumentos anos depois, terão que exclamar maravilhados que isto foi feito por mim — por minha ordem foi erigida essa montanha revestida de ouro! Eu governei este país como filha de Ísis; também sou poderosa como filha de Nu, quando o sol repousa no Barco Matutino e*

*permanece no Barco Vespertino. Existirá para sempre como a Estrela Polar. Em verdade, esses dois obeliscos que são revestidos de ouro luzente por Minha Majestade por amor ao meu Pai Amon e, além do amor, para perpetuar Seu nome; que eles permaneçam erguidos eternamente no recinto do templo. Estão feitos de um só bloco de granito maciço, sem uma junta nem divisão sequer.*

\* \* \*

Fui até a grande porta que em tempos passados conduzia ao Templo de Mut, construído pelo segundo dos Ptolomeus, porém que agora se comunica apenas com os campos marginados de altas palmeiras. Suas linhas formosas e belos adornos cativaram-me o olhar extasiado. Esculpido na vêrga, o sol alado cumpria, segundo as idéias antigas, a missão protetora de impedir a entrada das influências nefastas. Detive-me num recinto todo vermelho, em cuja parede aparecia o nome de Filipe de Macedônia; há poucos dias, a uns quinze quilômetros dali havia eu encontrado uma moeda com sua efígie perfeitamente preservada pela terra acolhedora.

Percorri pátios em ruínas e os despedaçados santuários de Karnak, entre as paredes desbotadas, sem tetos, cobertas de baixos e altos-relevos, entre as capelas de granito rosado, saqueadas das suas magníficas estátuas de deusas e deuses, e ao redor, pilhas de alvenaria partida.

Andei pensativo pelo campo ondulado, onde havia vestígios de uma construção arrasada e removida, chegando a um monte de esfinges mutiladas e ídolos de cabeça de leoa. Caminhei com cuidado por entre os verdes espinheiros, abundantemente espalhados entre as ruínas da sala de Tutmés III, e detive-me, meditando, frente à arquitrave baixa da capela meio desaparecida. Altivos reis com andar dignificante e majestoso perfaziam frequentemente este mesmo caminho e escreviam suas vitórias nas colunas e nas paredes de pedra, mas agora... onde estão eles? Tutmés, Amenhotep, Sti, Ramsés, Tuthankhamen, passaram em procissão ante minha retina e os rostos barbudos desses homens que milhares de anos atrás governaram o Egito e manipularam seu destino se esfumaram no ar. Valia a pena o orgulho, perguntei-me, se todas suas realizações e conquistas estavam destinadas a ser sopradas como o pó pelo vento? Não é melhor seguir-se seu caminho de vida silenciosa e humildemente, recordando que só se tem todas essas coisas pela graça do Poder Superior?

O dia estava chegando ao fim e começava a entregar-se às sombras como a serpente ao encantador, quando terminei a perambulação pela despedaçada cidade dos templos.

Houve uma vez um rei da XXII Dinastia que mandou levantar uma muralha de tijolos ao redor de todos os templos de Karnak; quando foi concluída, tinha quase dois quilômetros e meio de circunferência. Karnak era uma saga de pedras, uma

epopéia de majestoso esforço, e sua inevitável destruição, uma glória em ruínas mas imortal!

Antes de dar por terminada minha visita, demorei-me um pouco para contemplar o maravilhoso e acelerado poente do sol, envolvendo a paisagem como deslumbrante anjo, cujo nimbo frágil tingia-se de todos os matizes, desde o dourado até o vermelho. O vasto quadro em ruínas, campo e deserto, banhado em tantas cores, arrebatava-me, mergulhando-me em beatitude extática.

Tornei a voltar a Karnak várias vezes, passando dias deliciando-me; explorando e estudando, aumentava meus conhecimentos de fatos extraordinários e inesquecíveis lembranças. O encanto de Karnak nos envolve imperceptivelmente como uma neblina crescente do rio, até que num dado momento nos sentimos cativos sem poder escapar.

Os homens a quem falta inteligência sutil e sentimentos refinados, não veriam naqueles templos em ruínas nada a não ser os montões de pedras, tijolos e argamassa. Compadeçamo-nos deles! Despertamo-nos da contemplação dessas majestosas ruínas, com a alma impressionada e respeitosa, consciente da beleza e dignidade que conservam ainda no seu presente estado de patética dilapidação.

Tive o privilégio de dispor do campo livre só para mim; pude percorrer à vontade e sem receio de que alguém viesse perturbar esse silêncio supremo e absoluto, interrompido apenas, de vez em quando, pelo sonolento zumbido das abelhas e o agradável gorjear dos pardais. Em razão de estarmos em meados do verão, a turba de turistas suarentos havia desertado Luxor antes que a onda de calor sufocante avançasse e com ele os insetos e animais ressurgissem à vida nessa época do ano, no sul do Egito. Enxames de moscas, mosquitos, escorpiões e serpentes, para não mencionar outras formas de vida, reaparecem quando a temperatura sobe ao grau que enfraquece os seres humanos, mas parece fortalecer animais nocivos e insetos. Eram, porém, suficientes as vantagens da solidão para me compensar das desvantagens e, quanto ao calor, nunca arrefeceu meu interesse intelectual. De fato, creio que se pode fazer amizade com o sol; é uma questão de atitude mental. Enquanto pensamos que o sol vai nos prejudicar ou debilitar, abrimos as portas para receber esse dano. A fé ativa nos recursos interiores sempre os põe em função.

Para mim, a vantagem da minha solitária posse de Karnak era enorme, pois, podia me entregar a seu silêncio com renovado proveito.

A capacidade para o isolamento não é alimentada pela nossa época de jazz. A presente Era da Máquina não estimula o gosto para o silêncio. Contudo, penso e creio na necessidade de um breve período de isolamento, um pequeno treino diário de meditação silenciosa. Assim se refresca o coração fatigado e a mente esgotada se inspira. A vida atual parece uma caldeira rugidora, para dentro da

qual os homens são arrastados. À medida que passam os dias, diminui a intimidade recôndita consigo mesmo e aumenta a intimidade com a caldeira.

Recorrer à meditação regular rende frutos abundantes, evidenciando a profundidade espiritual na firmeza em hora de decisão, na coragem para viver como se queira, sem depender da opinião alheia, e na estabilidade no meio da turbulenta época de hoje.

A pior consequência da vida moderna é a ausência do poder do pensamento profundo; na intensidade da vida febril de uma cidade como Nova Iorque, o homem não tem tempo para pensar que a vida interior se vai paralisando, pois a única coisa de que se lembra é que está apressado. Mas a natureza não tem pressa. Demorou milhões de anos para fazer essa insignificante figura que avança rápida pelas ruas da Broadway; pode bem aguardar ainda a chegada de outros tempos nos quais aquele homenzinho, vivendo uma existência mais tranquila, com atividades menos agitadas, emerja das desgraças e agonias infligidas por si próprio e fixe seu olhar na fonte do pensamento divino, que estava enterrada sob a ruidosa superfície de si mesmo e do seu meio ambiente.

Nossos sentidos físicos têm sido nossos amos e senhores; agora já é tempo de que sejamos nós os seus donos. No sagrado barco da alma, navegamos por mares aonde os sentidos corporais não nos podem acompanhar.

Podemos compreender as doutrinas dos Rishis e abraçar as verdades reveladas nos seus livros e ensinamentos, pelo frequente apelo à vida de meditação, e não nas atividades de todos os dias, no afobado mundo de hoje.

## Karnak à Noite

Mais fascinantes foram minhas visitas de meia-noite e, sobretudo, na ocasião da lua cheia. As noites do Egito iluminam seus antigos templos com a luz diáfana, que revela adequadamente o que deve ser revelado e oculta o resto numa penumbra, muito em consonância com os templos.

Tomei diversas conduções para me dirigir de noite a Karnak, todas elas igualmente atraentes. Deslisei velozmente o Nilo num barco à vela, impulsionado por uma forte brisa; lentamente cavaleguei uma besta de carga; percorri a velha estrada numa carroça puxada a cavalo, acomodando-me da melhor maneira possível. Mas, naquela noite de lua cheia não encontrei nada melhor que andar a pé os poucos quilômetros que me separavam de Karnak, como o faziam os sacerdotes do velho Egito nos seus dias de pompa e fausto.

A claridade prateada resplandecia na branca e espessa poeira da estrada. Enquanto caminhava medindo meus passos, de vez em quando, um morcego baixava e levantava o vôo, lançando um pio agudo e penetrante. Fora disso nenhum ruído quebrava o grande silêncio que envolvia a região, até chegar à aldeia de Karnak. No povoado cruzei com vultos sombrios de largas túnicas, alguns com lanternas dançantes nas mãos; pelas janelas sem vidraça luzia a chama amarela das lamparinas. Avançava pisando silenciosamente a terra arenosa do caminho, mas aqueles camponeses como se tivessem uma espécie de sexto sentido, e ouvido aguçado, pareciam saber, como por encanto, que um estrangeiro atravessava à noite sua aldeia. Saíam a um e a dois às portas das casas para ver-me passar, ou espiavam pelas janelas com expressão zombeteira. Aquilo era fantasmagórico e de extremo encanto, no ambiente de irrealidade criado pela lua cheia. Seus movimentos acordavam um ou dois cães, que latiam sem muito ânimo. Querendo ficar à vontade e para tranquilizá-los, expressei minhas saudações que não parei de murmurar. Eu os compreendia bem, aqueles homens singelos e afáveis que tomavam os menores inconvenientes da vida com o ar filosófico de “Malesh”! (não importa!), realmente cativante.

Estava ali o final da minha rota, o enorme pilono prateado de Ptolomeu, como uma sentinela espectral, cujo ápice quadrado apontava o céu de um azul índigo, emergindo do grande templo.

Porém, evidentemente não estava disposto a receber-me, porquanto uma cancela me barrava a passagem da entrada. Acordei o zelador que, sobressaltado, saiu da sua guarita, esfregando os olhos sonolentos ante o farol ofuscante da minha lanterna. Ao abrir-me a pequena cancela moderna, recompensei-o generosamente, por ter-lhe perturbado o repouso e ter-me deixado entrar só.

Cruzei o ante-pátio, o átrio e sentei-me entre os destroços revoltos de pedras basálticas, que há tempos atrás deviam ter formado o alto pilono que separava o átrio da Grande Sala Hipostila, e fiquei meditando sobre a desaparecida grandeza daquele colosso erigido em honra de Amon-Ra. Levantei-me e prossegui andando por entre as majestosas colunas e as ruínas solenes da Grande-Sala. A lua projetava as sombras negras das colunas que se erguiam a meu lado, iluminando suas superfícies, de modo que os hieróglifos cinzelados apareciam em refulgente relevo e por trás desapareciam nas sombras da noite. Andei com minha lanterna elétrica apagada, acendendo-a somente quando não enxergava bem o caminho, para não rivalizar com a luz mais suave da lua, que transformava o templo em lugar de sonho. Diante de mim aparecia o obelisco da rainha Hatshepsu, como uma esplêndida agulha de prata.

À medida que ia me aproximando dos santuários cobertos que prolongavam a Sala Hipostila com suas impressionantes colonatas, lentamente abrindo-me o caminho, as sombras tornaram-se menos densas, e de súbito tive a estranha impressão de que minha solidão já não era completa. Sem embargo, aquelas salas estupendas e seus santuários menores, há quinze séculos pelo menos, estavam abandonados pelos fiéis; e igual lapso de tempo haviam sofrido silenciosamente em abandono os mutilados deuses de pedra. Aliás, eu nunca soube que alguém tivesse sido acusado no Egito moderno por ter voltado à antiga religião. Por que então tive essa SENSACÃO de estar acompanhado de gente viva que me rodeava naquele lugar devastado pelo tempo e tão silencioso como um túmulo? Projetei a luz em volta, que aclarou as ruínas de pedra e o chão avariado, reavivando fugazmente cenas cinzeladas e hieróglifos, mas não se revelou o menor sinal de forma humana.

Continuei andando, solitário visitante mesmo noturno, sem poder libertar-me daquela sufocante impressão. A noite sempre traz consigo seus terrores e acentua nosso mais leve temor; eu, porém, aprendi a amar as noites suaves do Egito, que me fascinavam com sua beleza de imensidão do céu. Mas, aqueles decadentes templos de Karnak na estranha claridade lunar, tomavam aspecto quase sinistro e notei em mim uma reação de ligeira inquietude que a hora e o ambiente provocavam. Por que estava eu afetado e fora do natural?

Segui o caminho, antigamente pavimentado, que levava ao norte, às ruínas, e cheguei ao pequeno e estranho templo de Ptah. Atravessei o pequeno pátio enfileirado de colunas e depois de passar por outras cancelas, cruzei o umbral do templo. A luz penetrante da lua iluminava uma das estátuas mais estranhas daquele lugar — a deusa Sekmet. A solitária figura, com cabeça de leoa, era a única moradora daquele tétrico recinto; seu rosto sombrio e cruel concordava plenamente com o papel que tinha desempenhado na mitologia egípcia: a de punidora e destruidora da humanidade. Que terror devia ter ela inspirado às suas vítimas, que não podiam esperar misericórdia de sua parte!

Sentei-me num banco de granito e observei os raios prateados que bailavam nas paredes em ruínas. Ao longo se ouviam uivos abafados de um chacal errante. Enquanto estava ali sentado, quieto e passivo, voltou a insinuar-se no meu coração, estremecendo-o com o temor que sempre traz consigo a incerteza, a nítida impressão de que me rodeavam seres invisíveis.

Seriam os fantasmas daqueles sacerdotes altivos e suas multidões de fiéis devotos, rondando por esses lugares e murmurando preces a Ptah, o do cetro, símbolo de poder e sabedoria?

Estariam os espíritos dos hierofantes e reis desaparecidos, revolteando por suas antigas moradas, como sombras viventes, embora sem consistência?

Recordei-me involuntariamente de uma curiosa história que me contou um amigo no Cairo, um oficial inglês a serviço do governo egípcio. Meu amigo conhecera um jovem, ligado à aristocracia, que havia deixado a Inglaterra e vindo ao Egito a fim de passar umas semanas como simples turista. Tratava-se de um moço despreocupado, que só se interessava por coisas materiais. Estando em Luxor, ele visitou uma tarde Karnak e, no templo de Amon-Ra, tomou um instantâneo da Grande Sala. Ao revelar e copiar o negativo, notou estupefato que na fotografia estava uma alta figura de sacerdote egípcio em pé, com os braços cruzados sobre o peito, apoiado numa das colunas. Aquele incidente provocou no jovem uma impressão tão profunda, que mudou seu caráter por completo, dedicando-se, daí por diante, a estudar seriamente assuntos psíquicos e espirituais.

Incapaz de me levantar, sumido em perplexas reflexões e meditações especulativas, continuei na companhia silenciosa das divindades de pedra.

Assim se passou talvez meia hora, depois da qual devo ter caído numa espécie de devaneio.

Parecia-me que diante do meu olhar se estendeu um véu, toda a minha atenção se concentrou no ponto situado entre as sobrancelhas e, de súbito, estava envolto numa luz superfísica.



Dentro da luz percebi uma figura masculina, de tez morena, com os braços levantados, e que estava de costas, em pé ao meu lado. Quando a olhei, voltou-se para mim.

Estremeci, surpreso, reconhecendo-a.

Porque aquela pessoa era eu mesmo!

Tinha exatamente o mesmo rosto que eu; contudo, vestia roupas do antigo Egito. Não era príncipe nem plebeu; não obstante, pela túnica e a coifa, tinha certeza de que era um sacerdote de certo grau.

A luz o rodeou rapidamente e estendendo-se com toda velocidade, acercou-se do altar. Vi então a figura mover-se e aproximar-se do altar; ao alcançá-lo, começou a rezar e rezou, rezou... e rezou...

E enquanto andava, eu andei com ele, e quando se pôs a rezar, eu rezei com ele, não como acompanhante, mas como se fosse ele. Nessa visão paradoxal eu era espectador e ator ao mesmo tempo. Senti seu coração aflito, amargurado, por saber o estado lamentável em que o país se achava, angustiado pela decadência que afligia sua terra, da qual era nativo e, sobretudo, desventurado por sua religião ter caído em mãos indígenas. Uma vez e outra levantou suas preces rogando aos antigos deuses a salvação da verdade para seu povo. Ao acabar suas súplicas, o coração lhe pesava como uma carga de chumbo e, não obtendo nenhuma resposta, compreendeu que o Egito estava irrevogavelmente condenado. Afastou-se cabisbaixo, triste, triste, triste...

A luz voltou a transformar-se em trevas, desapareceu o sacerdote e o altar com ele; encontrei-me de novo sentado, mergulhado em meditação solitária, junto ao templo de Ptah. Meu coração estava tão angustiado, senti-me triste, triste, triste...

Havia sido aquilo um simples sonho sugerido pelo ambiente? Divagação desenfreada da mente pensativa? A irrupção de uma idéia latente oriunda do meu interesse pelo passado?

Ou era a reminiscência atávica da minha existência anterior no Egito?

Para mim, sentindo essa intensa emoção durante e depois da visão, só podia haver uma resposta possível.

Os homens prudentes não expõem conclusões precipitadas, porque a Verdade é uma Dama esquiva que, segundo um adágio, vive no fim de um poço extremamente fundo.

Não obstante, aceitei, tive que aceitar a resposta afirmativa de minha última pergunta.

Einstein transformou os estereotipados pontos-de-vista em relação ao tempo, que então prevaleciam. Demonstrou matematicamente que quem fosse capaz de ter um vislumbre quadridimensional das coisas, terá um sentido do passado e do presente bem diverso do sentido do homem comum. Isso poderia ajudar-nos a entender as possibilidades da natureza em conservar a memória perfeita do passado, onde as cenas ficam registradas séculos a fio. Compreendo perfeitamente que nos momentos sensitivos de meditação, o homem possa involuntária e misteriosamente ativar essa memória.

\* \* \*

Uma outra noite, às 23 horas, dirigi-me a uma reunião que tinha lugar numa pequena aldeia de Naga Tahtani, a curta distância de Karnak. Deixando atrás Luxor e Karnak, tomei o caminho paralelo à beira do Nilo, pelo qual segui um bom trecho, para dobrar logo em ângulo reto e continuar seguindo mais vinte minutos.

Num campo aberto, situado no centro do povoado (corresponde à praça central das aldeias inglesas, salvo que aqui era um espaço quadrado, arenoso e sem calçamento), encontrei mais de duzentos homens sentados e de pernas cruzadas, no solo poeirento: Não havia uma só mulher. Trajados de amplas túnicas árabes e turbantes brancos, pareciam pessoas simples e primitivas.

Numa elevação de terra batida, uma espécie de galeria coberta, caiada de branco, haviam tomado assento quatro personalidades, homens veneráveis de hierarquia e mentalidade superiores. A julgar pelos rostos e roupas eram *sheiks*, e apresentavam aspecto pitoresco as suas flutuantes túnicas de seda. Todos eram idosos, de cabelos encanecidos. Esse herói de novela, fora de moda, o jovem e garboso *sheik* do deserto que raptava belas donzelas inglesas, poderia, talvez, encontrar-se na Inglaterra, mas, com toda a certeza, não no Egito.

O *sheik* Abu Shrump, o único a quem conhecia de toda a assembléia, estava entre eles. Cumprimentou-me cordialmente, apresentando-me ao Chefe de Karnak, a um outro *sheik*, e ambos se tocaram a fronte e o peito em sinal de cortesia, e finalmente ao chefe da aldeia e distritos circundantes, o *sheik* Mekki Gahba, à frente de cuja casa se havia construído a galeria. Este último imediatamente insistiu em convidar-me a tomar o inevitável café, cuja oferta tive a sorte de trocar por uma xícara de chá sem leite.

Instalei-me num dos almofadões da plataforma junto ao meu amigo o *sheik* Abu Shrump, que morava em Kurna, um pequeno povoado do outro lado do Nilo, e que era o santo varão mais famoso e respeitado na região de Luxor, a cerca de trinta quilômetros.

Era um piedoso seguidor do Profeta, e a despeito da reputação de dominar os gênios e fabricar poderosos talismãs, tinha a glória de haver cumprido a santa

peregrinação à Meca. A cabeça envolta num simples turbante verde, rosto de tez escura, cavanhaque curto e bigodes grandes, era jovial, mas sério, afável, digno. Os olhos eram excepcionalmente grandes e, quando fixos, davam impressão de profundidade. Trajava uma túnica larga, folgada, de fazenda grossa e de cor parda, que lhe chegava até os tornozelos. No anular da mão direita ostentava um enorme anel de prata, com inscrições árabes.

O *omdeb* (major), o intendente de Luxor, foi quem me levou o convite para assistir à assembléia, insistindo em que o aceitasse. Encontramo-nos na rua, uma tarde de calor sufocante, e ele me saudou com uma frase árabe: “tenha um dia feliz”, quando o *sheik* Abu Shrump apeou do seu asno magnificamente arreado para fazer-me uma visita e tomar chá comigo. Poucos dias depois, foi ver-me o intendente levando um convite da parte dele e do sheik para a reunião da meia-noite, dos dervixes do Distrito de Karnak-Luxor.

Assim foi que cheguei a assistir a uma estranha assembléia, na qual eu era o único estrangeiro e tudo fiz para esquecer minha roupa de feitio londrino, que chamava muito a atenção.

O intendente explicou-me que aquela assembléia era a primeira celebrada na região depois de muitos anos, e o sheik Abu Shrump acrescentou que os dervixes a determinara pelas fases da lua, pois sempre as realizavam nas noites de lua nova ou plenilúnio, porquanto essas noites eram consideradas particularmente sagradas.

“Esta não vai ser uma assembléia ruidosa e vociferante — disse o *sheik* — nós todos somos pessoas quietas e nos reunimos por amor a Alá.”

Olhei em redor. No centro do espaço aberto estava fixo um mastro, em cujo topo drapejava uma bandeira rosada, com inscrições árabes bordadas a ouro. Beduínos e aldeões, todos de cócoras, estavam sentados ao redor do mastro, formando um círculo perfeito. Pelo campo vizinho vários animais estavam pastando, alguns repousando; segundo me disseram, pertenciam a ricos fazendeiros chegados de localidades distantes mais de trinta quilômetros.

A ninguém era permitido assistir sem convite especial.

A cena tocante passava-se sob o estrelado céu africano. Mais de duzentas cabeças cobertas de turbantes formavam um enorme círculo, balançando-se ritmicamente diante de mim. Algumas cabeças prateadas eram de anciões, outras, de rapazes galhardos. A praça estava ladeada por duas fileiras de palmeiras frondosas, cujos topos balançavam à suave brisa noturna e cujas sombras negras cruzavam o solo; nos outros dois lados umas poucas casas, rodeadas de massas a trepadeiras tropicais. Mais além, os campos, as montanhas, o Nilo e o deserto. Uma só lâmpada forte, suspensa na galeria acima de nossas cabeças, rivalizava com o clarão da lua e brilho das estrelas.

Ao chegar a meia-noite, um dos dervixes se levantou e começou a entoar um dos versículos do sagrado Corão, em voz clara e melodiosa. Apenas havia pronunciado a última palavra, duzentas gargantas lhe responderam e coro prolongado “Não há Deus senão Alá.”

Um garotinho de seis anos, ainda que esta idade represente muito maior madureza no Oriente do que no Ocidente, timidamente avançou para o centro da praça até o mastro e, com toda força de sua voz argentina, cantou de memória outros versículos do Corão. Em seguida, por sua vez, um barbudo ancião avançou lentamente entre o cordão de assistentes, levando um braseiro de bronze na mão, e nos carvões acesos punha incenso aos punhados. Nuvens fumegantes de cheiro agradável subiam até a galeria.

Três homens se sentaram, o garotinho, o moço e o ancião, frente a frente rodeando o mastro, e começaram a cantarolar um salmo jaculatório durante mais de vinte minutos. Notava-se o intenso fervor piedoso dos seus corações, no solene acento das suas vozes. Finalmente prosternaram-se no solo e outro homem se levantou para prosseguir o salmo. O novo oficiante escolheu um cântico favorito dos dervixes, cujas palavras saíam dos seus lábios com melancólica paixão. Os poéticos versos árabes expressavam o ardente e ansioso amor a Alá, que todo dervixe fiel deve sentir. O final das palavras eram gemidos pungentes arrancados do coração, gritos que reclamavam a presença consciente de Alá, seu Criador.

Cantou:

“Minha união parece tão inacessível;  
Poderei ver algum dia meu amado?  
Ai! Se tua distancia não fizesse correr  
Minhas lágrimas, não me queixaria.

As noites de angústia me aniquilam,  
Ausência tua arrasa minha esperança,  
Como pérolas minhas lágrimas,  
E em chamas meu coração se abrasa.  
Haverá alguém mais que sofra tanto?  
Teria um bálsamo minha agonia?  
Ai! Se tua distância não fizesse correr  
Minhas lágrimas, não me queixaria.

Ó Solitário, Primeiro e Eterno!  
Concede-me tua graça, mostra teu favor  
Para Ahmed El-Bakree, teu servo  
De quem és só tu, seu Senhor.  
Pela grandeza do nosso Profeta

Não podes negar-lhe seu desejo.  
Ai! Se tua distancia não fizesse correr  
Minhas lágrimas, não me queixaria.”

Quando voltou a sentar-se, notei que muitos dos presentes es estavam visivelmente emocionados pela ânsia ardente que vibrava no cântico, mas o grave *sheik* que estava ao meu lado ficou imperturbável e impassível.

Em seguida, toda a assembléia se levantou e os três primeiros cantores iniciaram uma lentíssima marcha dentro do círculo fechado. A cada passo que davam, moviam a cabeça em unísono; primeiro, de cima para baixo, depois para a direita e a esquerda, repetindo a solene palavra Alá é prolongando-a lentamente, “A... lá... á... á...”, e repetindo-se tantas vezes que perdi a conta. De uma só palavra fizeram melodia doce e melancólica. Os corpos se balançavam de um lado para outro com ritmos monótonos e exatos. Duzentos homens ficaram estáticos, olhando e ouvindo mais de meia hora, enquanto os dervixes andavam em roda, em coordenação tão perfeita que nem uma só vez foi alterada. Quando, por fim, os cantores pararam, o paciente auditório recuperou seu lugar e sentou-se cruzando as pernas sobre o solo poeirento. Que os espectadores apreciavam este espetáculo não havia dúvida alguma.

Veio um intervalo, durante o qual foram servidos cafezinhos a todos os presentes; para mim, o atencioso intendente mandou preparar o aromático “Karadi”, uma bebida quente, feita de flores de uma planta originária do Sudão. É uma infusão como a de chá, só que tem um sabor acre mais pronunciado.

O *sheik* Abu Shrum não tentou explicar-me a cerimônia do culto dessa reunião; limitamo-nos a olhar-nos de vez em quando. Ele sabia que podia contar com a minha simpatia; quanto a mim, compreendi a felicidade que ele sentia diante daquela noturna invocação à presença de Alá. Passou-me pela mente um pensamento de que na Europa e na América havia outras reuniões nos salões de festa nas grandes cidades, em que milhares de pessoas ouviam canções, música, jazz; reuniam-se, entretanto, para ouvir canções em que Deus estava ausente — divertiam-se, é certo, gozavam a vida... porém...?

Falei ao *sheik* idoso do meu pensamento, e por toda resposta ele me recitou um versículo do Corão:

*Em vós mesmos há sinais para os homens de fé inabalável, não os percebestes? Pensai em Deus dentro de vós mesmos, com humildade, veneração e silêncio, de manhã e de tarde, e não sejais dos negligentes. Deus dará resposta somente àqueles que prestam ouvidos.*

Neste lugar, nesse campo iluminado pela luz amarela da lâmpada, envoltos em trevas circundantes, estivemos prestes a impulsionar nossos corações para

adoração ao Poder Supremo. Chamamos o que não tem nome, Alá; porém, quem, fundindo-se na intensa adoração, poderia, honestamente, limitá-Lo a um nome determinado, qualquer que seja?

Levantei os olhos em silêncio. Os fulgurantes planetas, suspensos no espaço, atraíam o olhar. Todos possuíam essa sutil, intangível beleza dos grandes poemas; cada uma das estrelas evocava em mim essa turva realidade de que eu não era mais que um transeunte na superfície da terra, planeta que estava envolto no mistério como a própria noite.

Baixei de novo o olhar. O nome de Deus pintava-se em todos aqueles rostos sinceros, que eu via diante de mim.

Os dervixes começaram mais uma vez seu lento cantar: “Não há maior divindade do que Alá”, inclinando duas vezes a cabeça e o corpo a cada repetição da frase. A princípio, cantavam suavemente; após um quarto de hora, aceleravam o ritmo do canto e dos movimentos, intensificando o tom da voz. O canto que havia sido começado com moderação, transformou-se no final em exclamações jaculatórias agudas. À medida que o tempo passava, a excitação crescia cada vez mais, as palavras pareciam roucas, discordantes clamores desafinados, enquanto que ao mesmo ritmo de suas vozes faziam girar a cabeça, balançando os corpos e cruzando as mãos sobre o peito.

Contudo, em nenhum momento e de nenhuma maneira mereciam o título de “dervixes uivantes”. O paroxismo do extático fervor que atingiram, não chegou a ser agressivo ou desagradável e, subitamente parou, depois de ter aumentado e acelerado seu arrebatador crescendo.

Houve um silêncio absoluto, divino e mais impressionante ainda pelo contraste com o volume de som que o havia precedido. Fizeram um outro intervalo.

Tornaram a servir café e chá, e o resto da noite passou-se em características mais aprazíveis. Os dervixes cantaram suavemente, reforçados às vezes pelo auditório cujas duzentas gargantas repetiam, em certos momentos, o nome de Alá, elevando aos céus uma melodiosa e palpitante oferenda cantada.

Quando os primeiros raios da alvorada desceram sobre a assembléia, os dervixes silenciaram. Houve uma meditação final que chamaram “Por Alá e em Alá” na qual tomaram parte todos os presentes para dar por terminada a reunião, antes que o sol pintasse o céu com seu deslumbrante colorido.

Dias depois, o *sheik* Abu Shrump veio tomar chá comigo. Presenteou-me com uma folha de papel, dobrada tantas vezes, que parecia um pacote de tamanho de um selo. Disse-me que era um talismã composto de versículos do Corão e alguns símbolos e sinais mágicos, e que o papel havia sido preparado, junto com outras folhas, naquela reunião dos dervixes, ocasião em que havia sido impregnada da influência mágica das forças superiores que então foram

invocadas. Nela estava escrito meu nome em árabe. Eu devia levar o “papel mágico”, como o chamou o velho *sheik*, no bolso quando quisesse que uma determinada pesquisa fosse coroada de êxito, ou tivesse de ir em lugares onde se prevêem ameaças de forças maléficas e hostis.

Avisou-me, entretanto, com toda franqueza e certa ingenuidade, que não deveria usá-la quando tivesse de entrar em relações íntimas com uma mulher, porquanto em tal caso, perderia temporariamente parte do seu poder.

Muito embora não tivesse pedido esse curioso presente, aceitei-o com toda naturalidade, esperando que fosse para o melhor.

Abu Shrump era um personagem de destaque na aldeia de Kurma onde morava, lugar mais próximo ao tétrico e desolado “Vale das Tumbas dos Reis”. Muitas vezes recebeu a visita de Howard Carter, que durante numerosos anos passou escavando nas redondezas, e nessa ocasião se tornaram grandes amigos.

Para ilustrar a eficácia de mais alguns poderes do seu “papel mágico”, o *sheik* contou-me que os túmulos escavados são frequentemente mal-assombrados por terríveis gênios de caráter perverso, há séculos aí encerrados. Então ele, Abu Shrump, deliberadamente passou seu talismã protetor a seu amigo Howard Carter a fim de protegê-lo dos gênios. Com especial relevo destacou o fato de haver poupado Carter de uma série de desgraças e mortes que perseguiram os demais membros da expedição arqueológica, relacionados com a abertura do túmulo do Rei Tutankhamen.

Entre outras atividades do *sheik* Abu Shrump, figurava a prática do curanderismo. Um dia presenciei a demonstração na pessoa de um homem que veio queixar-se de fortes dores reumáticas no fêmur esquerdo. O *sheik* aplicou-lhe suaves massagens durante um minuto e pôs-se a recitar um versículo do Corão, dizendo ao paciente que não sentiria mais dores. Dei-me ao trabalho de seguir esse caso e descobri que realmente as dores diminuíram bastante, ainda que me fosse difícil averiguar se o alívio foi permanente ou temporário.

O *sheik* falou-me que aprendera os segredos dos dervixes e que essa arte era transmitida de pai a filho, por tradição, desde os tempos de Maomé. “Bendito seja seu nome” — acrescentou o ancião com toda reverente devoção.

## O Mais Famoso Encantador de Serpentes do Egito

“Ex Oriente Lux”! (“Do Oriente vem a Luz”!) diz o velho provérbio. Ardentes investigações de humanistas de talento, e as fascinantes descobertas dos viajantes combinaram para dar bastante e amplo testemunho da verdade encerrada neste adágio. Nós, os ocidentais, orgulhamo-nos, com razão, de nossas conquistas que “levantaram a face do mundo”; entretanto, empalidecemos um pouco, quando nos contam que um faquir maltrapilho ou meio desnudo realizou um feito tão extraordinário que jamais podemos igualar ou entender. Esse fato ocorre com suficiente frequência para nos recordarmos de que nos países situados a este e oeste de Suez existem certos segredos milenares e uma sabedoria encanecida pela idade e que os habitantes dessas pitorescas regiões não são pagãos tão estúpidos e atrasados como alguns pensam.

Essas reflexões trouxeram-me à lembrança minhas aventuras com o *sheik* Mussa, o homem que no império das serpentes governa como um rei. Já havia conhecido alguns dos encantadores de serpentes em diversas partes do Oriente, onde eles se exibiam para quem quisesse apreciá-los e, ainda que alguns dos membros da sua confraria me tivessem iniciado nos seus truques e nos decepcionantes segredos da sua arte, perdi o respeito por todos eles, salvo uns poucos.

Sabendo os recursos de que dispõem para fazer impressionantes demonstrações com os ofídios inofensivos sem colmilhos, perde-se o prazer de compartilhar o assombro do público abobalhado, seja de nativos ou de ocidentais.

O *sheik* Mussa, entretanto, não pertencia a essa categoria; orgulhava-se de ser um verdadeiro mago, no sentido exato da palavra, mal interpretada atualmente, e enfrentava em nome do Profeta qualquer espécie de serpente, servindo-se apenas de poderes mágicos à maneira dos antigos, e nunca deixou de justificar seu orgulho.



Qual de nós ocidentais iria no deserto procurar entre as pedras e a areia uma cobra e apanhá-la com a mão como quem apanha um bastão? Qual de nós ocidentais permitiria deixar-se picar por uma serpente recém-apanhada e ficar quieto, sorrindo, vendo o sangue correr pelo braço ferido? Que ocidental poderia entrar numa casa e descobrir infalivelmente qualquer réptil, até então impossível de ser localizado, metido num buraco ou escondido entre os móveis??

Eu vi o *sheik* fazer todas essas coisas e muitas mais ainda, quando no exercício do domínio sutil sobre a mais astuta das criaturas. Com todo o nosso adiantamento científico, não podemos ou não nos animamos a fazer o que fazia esse oriental com impune e total indiferença.

Na Índia vi um encantador de serpentes que chegou numa aldeia levando dois sacos pequenos nos ombros. Exibiu ambos os sacos aos aldeões, um com serpentes venenosas e outro com ratos. Meteu a mão no saco e tirou um par de serpentes deixando-se picar várias vezes no braço e no pescoço; em seguida apanhou do outro saco um rato e deixou-o cair no solo. O animal atordoado olhou em volta e, nesse momento, as serpentes o atacaram, picando-lhe a cabeça; minutos depois, o infortunado rato era um cadáver, vitimado pelo veneno das cobras.

O nome do *sheik* era a forma árabe de Moisés, que também por uma curiosa coincidência, era ligado ao nome do grão-patriarca que deixou atônitos o Faraó e sua corte, quando exibiu uma serpente transformando-a numa vara, se é que o relato do Livro do Êxodo pode ser tomado literalmente.

Mussa morava numa pequena aldeia de Luxor, onde me deu tão pouco trabalho em localizá-lo como ele costumava ter para localizar cobras e víboras. Mussa não era apenas o mais conhecido encantador de serpentes da região, mas também, por ser Luxor um dos lugares preferidos pelos turistas, dir-se-ia que era o mais conhecido do mundo, já que os turistas difundiam sua fama por todos os cantos da terra.

Ele não era daqueles encantadores de serpentes que, rodeados por um pequeno público em qualquer rua poeirenta, exibem uma cobra sem colmilhos a bailar ao som de uma flauta. Por isso centenas de turistas que visitavam Luxor ignoravam sua existência, mas os habitantes que voltavam ano após ano e conheciam a localidade e seus habitantes, acabavam sempre, mais cedo ou mais tarde, por encontrá-lo.

A profissão de Mussa era na realidade para os nativos a de “caça-serpentes” não oficial, aliás, um cargo semelhante à de mata-ratos, que algumas municipalidades européias e americanas possuem, sem nomeação efetiva. Quando se suspeitava da presença de uma serpente em alguma casa em Luxor, ou aparecia fugazmente no quarto de um hotel ou jardim, o apavorado senhorio ia correndo buscar Mussa. O sheik descobria infalivelmente o esconderijo do

réptil, onde estivesse, numa fenda da parede, entre as vigas do teto ou num buraco do jardim, e ordenava ao ofídio sair. Geralmente obedecia; se, todavia, algum se negava, o encantador metia a mão no ninho em que suspeitava encontrá-lo e tirava o réptil pelo pescoço. Em seguida, punha-o numa cesta e levava-o. Se um fazendeiro notava com demasiada frequência a presença de serpentes no campo onde pastava o gado, chamava Mussa, livrando-se assim do perigo. Também acontecia com os donos dos poucos hotéis da localidade; quando reabriam as portas para receber os turistas em novembro e dezembro, mandavam buscar Mussa para fazer uma inspeção geral no prédio, inspeção aliás muito interessante que, às vezes, se transformava numa caça cheia de emoção, porque as serpentes gostam de alojar-se em casas desabitadas. Quando Mussa deixava o hotel, podia-se jurar que não havia ficado ali um só réptil, tão eficaz era o seu trabalho.

Quando, pela primeira vez, nos sentamos frente a frente, *sheik* Mussa, el Hawi e eu para tomar chá e saborear frutas, em frente da casa uma multidão de quarenta e tantas pessoas o aguardava. Haviam-no visto passar lentamente pela rua, carregando os apetrechos do seu ofício, um bastão e uma cesta redonda, e concluíram, com razão, que estava prestes a entrar em serviço ativo. A multidão de ociosos e apáticos, sofrendo o terrível calor que abafava a região, já não podia ou não queria fazer nada e, prevendo algo interessante que pudesse quebrar a monotonia do seu estado meio sonolento, decidiu seguir Mussa pelas ruas e ruelas que levavam ao meu domicílio. Ficaram aguardando pacientemente o momento do homem sair para poderem se divertir.

Observei Mussa enquanto descansava numa poltrona de cana, que rangia. De estatura pequena, cabeça envolta num turbante achatado, feito de tiras de linho branco, usava uma larga e pesada túnica de pele de cabra, áspera, de cor castanho-escura, igual às que vestem os beduínos árabes por cima de outra túnica branca flutuante. No peito aparecia um pedaço triangular da camisa que usava por baixo.

Não devia ter mais do que quarenta e oito anos, embora tivesse rugas no rosto e na testa. O que me chamou a atenção, foi a barba de uma semana, os bigodes não aparados e um nariz nuciforme, mas os olhos de pálpebras pesadas e ligeiramente umedecidos não me impressionaram especialmente. A expressão da boca era agradável, revelando índole boa; era evidentemente um homem simples, sem cultura, de gostos rudimentares, por mais perito que pudesse ser na sua peculiar profissão.

Dois grandes anéis de prata ostentava na mão direita e outros dois na esquerda. Pelas inscrições que neles estavam, compreendi que os três ele usava por crer serem portadores de algum misterioso poder protetor; o quarto era um simples sinete com o nome de Mussa gravado e uma manifestação de confiança em Alá.

Eu bem sabia que como Maomé era contrário ao ouro, seus devotos seguidores, embora pudessem comprar anéis de ouro, usavam-nos de prata.

Terminado o chá, pusemo-nos à obra. Mussa me sugeriu caçar uma serpente em qualquer canto de minha escolha, para que eu não dissesse que a havia escondido previamente em lugar preparado. Ademais, concedeu-me liberdade de levá-lo a qualquer parte que eu quisesse, que para ele era indiferente.

Escolhi espaçoso jardim de um velho pardieiro, que estava desocupado há mais de doze anos por ser disputado entre os parentes a posse de tão cobiçada herdade. Desde o falecimento de seu dono, estava desabitado; entretanto, os inúmeros pretendentes com seus respectivos advogados iam aos tribunais reclamar algo ao qual provavelmente não tinham direito. Enquanto isto, os ladrões limpavam-no de todos os seus pertences; o chão e os tetos foram-se desprendendo e as paredes começaram a cair em ruínas. Quando a disputa chegou ao fim, já não havia praticamente casa para morar. De qualquer maneira, devia se ter convertido, sem dúvida alguma, num alojamento gratuito, ainda que sem móveis, de serpentes, escorpiões, ratazanas e outras criaturas menos exigentes do que os humanos. O jardim estendia-se até o Nilo e era tão abandonado como o deserto, ficando em estado de atrair todas as serpentes de Luxor. Mussa ficou muito satisfeito com a minha escolha e nos pusemos em marcha para o lugar do cenário de suas extraordinárias faculdades. A turba de quarenta e tantos esfarrapados parasitas que aguardavam frente à porta, se entusiasmou tanto com a perspectiva do espetáculo que ia gozar, que, a despeito do calor enervante, lançaram duas ou três vezes exclamação em árabe, cujo equivalente seria “Viva o *sheik* Mussa!”

\* \* \*

Ao chegarmos ao jardim, Mussa insistiu em dissipar qualquer dúvida que me pudesse ter ficado, embora eu não tivesse nenhuma, mas, pelo contrário, o considerasse honestíssimo; despojou-se de ambas as túnicas, ficando apenas de camisa e meias. O objetivo daquela inesperada exibição era provar que não levava serpentes escondidas nas pregas da túnica ou enroladas nas pernas. Depois de lhe assegurar que a prova me satisfazia plenamente, vestiu-se de novo.

Muito devagar, dirigiu-se à uma pequena área do jardim, cheia de destroços, levando na mão um talo forte de palmeira, de um metro de comprimento. De repente, parou e golpeou suavemente as pedras e, enquanto fazia um estalido com a língua, pôs-se a recitar com voz aguda, seguidamente, algumas frases do Corão, revesadas de encantamentos mágicos e conjuros dirigidos a um escorpião a quem ordenava sair.

“Sob essa pedra há um escorpião” — comentou, assinalando um pedregulho; “Farejei-o”!

Nenhum escorpião apareceu, e Mussa recomeçou seus conjuros e encantamentos com o tom de voz mais forte e peremptório. Dessa vez logrou seu intento, pois o escorpião, obedecendo às ordens, apareceu de baixo da pedra e deteve-se. Mussa se inclinou e apanhou-o com os dedos, mantendo-o no ar, para que eu pudesse examiná-lo. Era um monstro esverdeado-amarelo, de uns oito centímetros de comprimento. O aguilhão — essa arma minúscula, mas tão perigosa — estava na ponta do corpo, inteiro, em perfeito estado de funcionamento. A diminuta bexiga amarela que se unia ao aguilhão, provavelmente continha veneno suficiente para lhe causar morte dolorosa. Embora o escorpião tivesse levantado sua arma terrível, em atitude ameaçadora, nem uma só vez cravou-a na carne de Mussa.

“Está convencido?”, perguntou o encantador, “está vendo como é grande, mas a mim não pica. Escorpiões não podem me picar, porque lhes proibi que me picassem!”

Colocou o animal no dorso da mão esquerda.

O venenoso inseto moveu várias vezes o aguilhão instintivamente para atacá-lo; contudo, cada vez que estava a meio centímetro da pele, detinha-se bruscamente. Depois, e para dar uma nova mostra do seu poder sobre o escorpião, Mussa o depositou no solo. O inseto começou a andar pelos escombros como querendo escapar, quando de súbito o *sheik* lhe ordenou parar. O escorpião parou!

Mussa tornou a levantá-lo e, na altura do cesto de vime que era um recipiente redondo em forma de gigantesco tinteiro, suspendeu a tampa bem ajustada, deixou cair o escorpião e fechou-a de novo.

Prosseguimos nossa marcha em busca de caça maior. Mussa me garantiu que seria capaz de descobrir a cova de serpentes só pelo olfato, explicação que não me parecia muito convincente. Entretanto, o encantador tornou a deter-se numa outra área do jardim, mais perto do Nilo, e golpeando com talo as raízes de uma árvore, lançou uma breve ordem, pronunciando-a com o mesmo tom agudo e monótono que dantes, seguida de frases repetidas e sonoras, ordenando à serpente que saísse do seu buraco, conjurando-a por Alá, seu Profeta e o rei Salomão, a não resistir às suas ordens.

Sua atitude era de intensa concentração. De quando em vez voltava a golpear as raízes.

Passaram-se dois minutos e não aparecia serpente nenhuma, Mussa já estava um pouco zangado e exasperado pela desobediência às suas ordens, os lábios lhe tremiam e o suor lhe escorria em gotas pela face. “Pela vida do Profeta!” — disse, esmurando a árvore. “Juro-lhe que ela está aqui!” Sussurrando para si mesmo, curvou-se para o solo e instantes depois gritou:

“Todos para trás! Vem uma grande cobra!”

Num abrir e fechar de olhos todos os espectadores se afastaram a uma distância prudente; recuei um par de metros sem perder de vista e observando cada movimento do encantador. Mussa enrolou a manga da túnica parda e examinou o solo no qual se tinha agachado, pronunciou os encantamentos mágicos com vigor redobrado e meteu corajosamente a mão no buraco que havia localizado entre as raízes da árvore. Eu não podia enxergar a serpente do meu posto de observação, porém sem dúvida ela devia ter se metido no buraco bem fundo, porquanto Mussa, com expressão enfastiosa no rosto, retirou o braço, enrolou a manga mais alto e voltou a meter o braço na negra boca da abertura, desta vez quase até o ombro. Em seguida retirou o braço trazendo na mão uma serpente que se retorcia e lutava para lhe escapar. Mussa puxou-a violentamente, como se fosse uma corda inofensiva e não um veículo vivo, portador de morte horrível.

Jogou-a no solo onde deixou que se enrolasse e, imediatamente, apanhou-a de novo pelo pescoço. A serpente virava por todos os lados com agilidade assombrosa, mas sem poder escapar. Mussa apertou-lhe a goela, e segurando-a pela cabeça levantou-a, convidando-me a me aproximar e examinar a vítima da sua arte. O réptil se balançava, sibilando fortemente sem parar, num espasmo de fúria por ter sido capturada; avançava e retraía sua língua bífida com a velocidade de um raio. Mussa, porém, a mantinha com a firmeza de um torniquete. Quando, por fim, compreendeu que não tinha como escapar, a enfurecida cobra acalmou-se um pouco, aparentemente para ganhar tempo. Neste momento o encantador, proferindo um enérgico conjuro, afrouxou a mão e deixou a serpente deslizar-se pelo solo. A cobra arrastava-se de um lado para outro na areia fofa, enquanto Mussa, por medida de precaução, tornou a pôr-lhe a mão no pescoço.

A cobra tinha o aspecto comum da sua espécie, com seu pitoresco desenho colorido verde e cinza-amarelado. Aproximei-me mais um pouco, estudando-a com interesse.

O capelo marcado com esses curiosos sinais em forma de óculos, estava dilatado, o corpo desprendia um forte cheiro nauseabundo; tinha um metro e meio de comprimento e uns seis centímetros de grossura, e seus olhinhos sinistros fixavam o *sheik* com expressão maligna, sem pestanejar. Mussa cantarolou um novo encantamento, em que expressou toda sua força de mando e resolução, ordenando ao réptil pôr a cabeça na sua mão, ao mesmo tempo intimando a não lhe picar. A serpente sibilou, querendo resistir, e velozmente projetou a língua bífida, para em seguida, lentamente, mui lentamente, sem deixar de fixar seu dominador, avançar e, finalmente, ceder ao que parecia inevitável.

A cobra deixou de sibilar e suavemente deitou a cabeça na palma da mão estendida! E assim ficou na mão do encantador como criancinha dócil e sonolenta, quando apoia a cabeça cansada no colo materno!

Era um espetáculo alucinante, que nunca vi antes e certamente jamais verei. Admirei-o, prendendo a respiração.

Queria verificar a autenticidade do feito e comprovar se a cobra era realmente venenosa. Consegui uma colher de sopa e pedi a Mussa introduzi-la na goela vermelha do réptil. Ao oprimir as mandíbulas da cobra, as curvas presas expeliram repetidamente o veneno. A colher de prata não tardou a encher-se de um líquido cor de âmbar, espesso como a glicerina, semelhante ao mel. Pensei com espanto que uma ou duas gotas desse líquido seriam suficientes para matar um homem.

Como experiência final, Mussa pegou a serpente e com um golpe enrolou-a em volta do pescoço como se fosse uma estola de mulher. A cobra parecia totalmente submissa e aceitava essa indigna posição sem protestos visíveis.

O encantador levantou a tampa da cesta e pôs a cabeça do réptil junto à boca aberta do recipiente, com uma só palavra ordenou que entrasse. Sem demora, docilmente, a cobra arrastou-se nas profundezas da cesta até fazer desaparecer no interior seu extenso corpo, enrolando-se. Então, alguma coisa devia ter acontecido; indubitavelmente o encontro com o escorpião que estava no fundo da cesta, pois a cobra, sibilando, de súbito reapareceu, contorcendo-se violentamente, tentando escapar. Uma ordem enérgica de Mussa, um instante de vacilação e a cobra tornou a entrar na sua redonda prisão. O *sheik* cerrou-a imediatamente, segurando a tampa com força.

Que vai acontecer dentro da cesta? Imaginei um escorpião virulento e a serpente venenosa enrolados numa luta de morte e me perguntei quem seria o vencedor. Teriam eles ficado pacificamente um ao lado do outro, juntinhos no fundo da cesta?

Mussa olhou-me com expressão de cansaço, mas triunfante; sua demonstração terminara.

Naquele momento estávamos rodeados por uma multidão de espectadores que se haviam acercado e gradualmente, pois à medida que o perigo diminuía, aumentava sua coragem. A concorrência original de quarenta curiosos havia se duplicado, pois as notícias correm no Oriente com uma velocidade espantosa. Todos os presentes, entre os quais havia mendigos e senhores, mulheres e crianças, e que estavam de pé ou apoiados, em qualquer posição, todos eles de comum acordo proferiram uma estrondosa ovação ao vitorioso encantador de serpentes:

“Louvado seja o *sheik* Mussa!” bradaram três vezes em coro entusiástico.

\* \* \*

Dois dias depois, ao voltar de uma curta viagem que fiz, subindo o Nilo, a fim de visitar uma senhora idosa, também faquir, que vivia reclusa numa ilha, encontrei o *sheik* sentado com as pernas cruzadas na varanda, aguardando pacientemente meu regresso. Saudou-me sorridente, quando tirei meu chapéu colonial, convidando-o a tomar chá comigo, porém não aceitou meu convite, alegando ter vindo apenas para conversar.

Uma hora mais tarde, em consequência dessa conversação, o encantador de serpentes me havia aceito como discípulo.

“O senhor, sendo o primeiro discípulo europeu, não é o primeiro discípulo” — disse.

Entendi perfeitamente a alusão que fazia. O primeiro aluno era seu filho menor a quem havia ensinado sua arte durante vários meses para que depois da sua morte o sucedesse e adotasse a profissão. Um dia, porém, quando o garoto já aprendera a ciência secreta, Mussa o mandou para o deserto pela primeira vez sem sua companhia e disse:

“Tua aprendizagem está terminada. Vai agora e caça sozinho tua própria serpente.”

O garoto foi, mas não voltou mais; quando o pai foi buscá-lo, encontrou-o morto.

Estava no chão, todo vergado, o rosto e o corpo estampando os sinais da terrível agonia que precede a morte pela picada da serpente.

A explicação do pai era que um encantador de serpente nasce e não se faz; isto quer dizer que deve possuir tendência inata para a profissão. O garoto não a tinha; contudo, o pai havia-o escolhido em razões de conveniência. Entretanto, disse que tinha mais três filhos e, quando viesse a idade avançada e não pudesse mais atuar, ou quando pressentisse a proximidade da morte, iniciaria um deles para ocupar seu lugar.

Mussa deu a entender que eu não era um discípulo profissional, mas honorário, e tive que prometer-lhe de não exercer a profissão de encantador de serpentes com fins lucrativos. Aliás, não me esclareceu por que razão discípulo honorário, mas deduzi que ele tivesse recebido sua própria iniciação com a promessa de não revelar os segredos a ninguém que não fosse membro de sua família, a quem devesse escolher para instruí-lo como sucessor. Certamente, o objetivo dessa medida era de conservar a arte dentro da família, assim ficando numa posição excepcional, vantajosa e influente.

Mussa explicou que seu mestre havia sido seu próprio pai, o *sheik* Mahmed, que por sua vez havia sido instruído por seu pai, o avô de Mussa.

A propósito do mencionado avô, Mussa contou-me um fato para ilustrar a importância do domínio de si próprio, que o encantador deve possuir no momento de enfrentar as serpentes. O avô havia sido encarregado, no fim da temporada de verão, de limpar dos répteis um grande prédio; fez uma boa “colheita” e recolheu todas as serpentes da casa, menos uma, uma víbora pequena mas perversa, que havia se metido num buraco da cozinha e negava-se obstinadamente a sair. O encantador lhe ordenou, repetidas vezes, porém sem resultado. Por fim, perdeu a paciência e, em vez de pronunciar uma nova invocação para fazer frente à emergência, gritou: “embora não possa te encantar para que saias, vou-te apanhar de qualquer maneira!” Dito e feito. O avô de Mussa meteu a mão no buraco e tentou apanhar a víbora. Conseguiu pegá-la, mas quando a retirava, o réptil picou-lhe o dedo injetando o veneno. O veneno se espalhou rapidamente pela mão e braço, que ficaram negros e inchados. Em poucos minutos o infeliz estava morto. A imunidade que lhe havia acompanhado toda vida no exercício da sua profissão, falhou de repente. “Esse, aliás, é o risco do ofício — disse o *sheik* — mas isso era a vontade de Alá”.

É evidente que a carreira de encantador de serpentes no Egito era muito arriscada, e por isso não atraía muitos recrutas; na Índia, porém, são muito poucos os encantadores que morrem pela picada dos répteis. E quanto ao povo não iniciado, só no ano passado morreram vinte e seis mil pessoas, vítimas das serpentes venenosas, sobretudo najas.

Mussa prontificou-se a ensinar a forma de me preservar da picada das serpentes mais venenosas. Arregaçou a manga da túnica até o cotovelo e mostrou uma pulseira de corda com sete porta-talismãs, de uns sete centímetros quadrados cada um, envoltos em couro e costurados. As diversas cores formavam um conjunto vistoso, aumentado por fios de lã colorida com que estavam presos à pulseira; explicando-me que cada um de todos esses saquinhos chatos continha um papel no qual estavam escritos versículos do Corão e certos encantamentos mágicos.

“Sempre os levo comigo como proteção extra contra as serpentes perigosas — acrescentou — esses talismãs foram confeccionados segundo os preceitos da magia. É necessário que o senhor também tenha um; aliás vou lhe preparar; primeiro, vou trazer a folha e depois ensinar-lhe-ei o seu poder”.

Arrisquei fazer-lhe algumas perguntas a respeito da sua estranha carreira.

— Que faz o senhor com todas essas serpentes, *sheik*?

“Guardo-as até que morram. A mim é proibido matá-las, pois se eu as matar, perderei o poder que tenho sobre elas”.

— Mas, então, o senhor deve ter em casa todo um jardim zoológico! exclamei.

O *sheik* riu.



“Ó! Não! Eu apanho três classes de serpentes; as menores lutam com os escorpiões na cesta e geralmente perdem; e, como são os escorpiões que as matam, eu não tenho culpa!”

Essa espécie de lógica me pareceu extremamente ambígua, e perguntei a mim mesmo se o anjo vingador do reino das serpentes não ia intervir.

Mussa explicou-me que não podia assumir a responsabilidade de soltá-las de novo, pois se as soltasse, jamais voltariam; no entanto, em alguns casos, mesmo assim, as soltava no deserto.

“Ao cabo de três ou quatro dias de prisão, as serpentes perversas se enfurecem, giram em volta e picam a si mesmas, portanto suicidam-se. As serpentes boas, de grande tamanho, deixo-as morrer de morte natural, de fome. Então em nenhum dos casos sou eu quem as mata”.

— Com que poder o senhor as encanta para que saíam das suas covas? É uma espécie de hipnose?

“Não exatamente. Pela honra do Islam, apenas posso dizer-lhe que se trata de um poder que se transmite do mestre ao discípulo no momento da iniciação. Para dominar as serpentes não basta pronunciar as invocações. Os talismãs, as preces e ordens são todas necessárias e muito úteis, como também a evocação secreta que é revelada ao discípulo para ser dirigida mentalmente, porém, o poder essencial reside na força que lhe transmite o mestre. O mesmo que um noviço da igreja católica, quando no momento da ordenação o bispo lhe põe as mãos na cabeça, considera-se em estado de graça, assim o discípulo recebe o poder invisível sobre as serpentes. E é essa força que realmente lhe permite subjugar os ofídios”.

E continuou me falando que ele, o *sheik*, era na realidade um membro de certa ordem de dervixes especializados em captura de serpentes venenosas, e que essa ordem era a única tribo de magos que usavam poderes místicos para dominar os ofídios. Esses dervixes no século passado eram assaz numerosos no Egito, mas atualmente quase não existem. Os encantadores de serpentes comuns não são iniciados dessa ordem, e devem, pois, limitar-se a trabalhar com os répteis inofensivos ou, em último caso, recorrer ao uso de certas substâncias protetoras da pele ou outros métodos inferiores.

Explicou-me também que estava disposto a transmitir-me certo grau desse poder místico, o suficiente para imunizar-me da picada das serpentes mortíferas e dos escorpiões mais perigosos. Isto unido ao texto de certas invocações, públicas e secretas, junto com o pro metido talismã preparado, constituiria minha iniciação na referida ordem dos dervixes, com a condição de eu cumprir pormenorizadamente as instruções transmitidas no período do adestramento,

como também, daí por diante, respeitar o nome de Alá e do seu Profeta Maomé. Aceitei essas condições.

Outro requisito extraordinário, embora comum em todas as iniciações dos yogues e dos faquires no Oriente, era que durante sete dias que precedem o da iniciação em que seria transmitido o poder, o discípulo deveria ficar recluso e viver apenas com um pouco de água e pão. Além do mais, deveria dedicar essa semana às preces e meditações, desinteressando-se por completo dos afazeres mundanos e livre de preocupações.

O *sheik* afirmava que esse poder oculto acompanhado da evocação secreta havia sido transmitido por tradição que data dos dias de Salomão, o Sábio, por quem Mussa parecia demonstrar uma veneração exagerada. Aliás, ele não era o único, pois pelo que notei, muitos dos faquires egípcios parecem considerar Salomão como o primeiro e o maior dos faquires, mestre supremo da sabedoria oculta, o verdadeiro mago de poderes ilimitados.

\* \* \*

A seu devido tempo, os preliminares de minha instrução chegaram a se completar; o *sheik* revelou-me a “Palavra de Poder” em árabe que, segundo ele afirmava, influía as serpentes quando mentalmente pronunciadas por pessoa iniciada; também deu-me o prometido talismã. Era uma folha de papel coberta de escrita árabe, na sua maioria constituída de encantamentos mágicos e versículos do Corão; acompanhava-a um estojo de couro em que ele queria que guardasse o talismã após tê-lo usado alguns dias, e ele mesmo ia costurá-lo. Era um saquinho bonito de couro de cabra vermelho, com umas linhas cruzadas em diagonal, gravadas a fogo, num dos lados. Uma longa mecha de fios de lã retorcida, vermelhos, verdes e amarelos atravessava uma das bordas do estojo, formando um ilhó para ser pendurado na roupa.

“Escrevi seu nome no talismã — observou Mussa — portanto só poderá ser útil ao senhor e de nenhuma eficácia para outrem. Depois de estar fechado e costurado, use-o sempre sob a camisa junto à pele e tenha cuidado de não perdê-lo, porque se perder não o encontrará mais. Leve o papel dobrado dentro de uma pequena peça.

Sem nenhum estardalhaço, nem cerimônias, com toda simplicidade, fez uma imposição de mãos, e dentro de prolongada evocação cantada cumpriu-se a transmissão do poder místico, encerrando a iniciação. Doravante, como afirmou Mussa, estaria imunizado contra escorpiões e serpentes. A iniciação, todavia, ficava sujeita à prova, visto que ele garantia a imunidade somente por dois anos, depois dos quais eu teria de voltar a procurá-lo, se quisesse obter a renovação do poder transmitido.

## Torno-me um Dervixe Encantador de Serpentes

Passei por uma espécie de introito ao meu verdadeiro treinamento de encantador, aprendendo de cor as invocações de Rifa-i e depois treinando com várias espécies de serpentes que, embora inofensivas, sabiam picar e me picavam de fato.

A impressão de ser picado era sumamente desagradável, como quem sente a pele atravessada por um anzol. As feridas, contudo, eram apenas superficiais e livres de qualquer vestígio de veneno. O estágio seguinte era o manejo de serpentes venenosas, das quais foram previamente extraídos os dentes. Também a esses miseráveis répteis agradava picar um noviço como eu, até que chegou o momento em que meus encantamentos pareciam realmente produzir efeito, e adquiri bastante confiança para poder experimentar a sensação de que minha vontade se impunha vitoriosamente sobre a vontade das serpentes. Não tardei em descobrir que a fé corajosa, a concentração do pensamento e a ininterrupta força de vontade, desempenhavam papel preponderante na tarefa de subjugar e tornar submissos os ofídios.

Prossigui meu adestramento indo ao deserto, acompanhado do *sheik*, atravessando o Nilo para caçar as serpentes venenosas com todos os seus dentes. Mussa capturou duas, uma grande serpente de formosa pele esverdeada com raias amarelas, e outra pequena e delgada, de cabeça em forma de losango dourado, com uma série de losangos ao largo do dorso. Levamo-las triunfalmente a Luxor, bem fechadas na cesta.

O campo de ação era uma pequena área descoberta do jardim. Sem demorar, Mussa levantou a tampa e metendo a mão na cesta exclamou:

“Agora, comece sua primeira lição. Tome esta serpente”.

E me estendeu o réptil, que movia a cabeça de um lado para outro.

Fiquei apavorado desse súbito comando. Nunca antes me havia aproximado deliberadamente de uma serpente venenosa, sem proteção e, muito menos, tomá-la na mão. Vacilei.

“Não tenha medo! disse o *sheik*, dando-me ânimo.

Instantaneamente compreendi que aquela experiência era uma prova. As engrenagens do meu cérebro giravam com velocidade de raio. Vacilei de novo. E quem não hesitaria em tomar uma serpente mortífera recém-caçada, que podia provocar a morte certa, precedida da mais pavorosa agonia? E, então, como se tivesse ocorrido um intercâmbio telepático de pensamento entre o mestre e eu, compreendi que demonstrar medo à serpente naquele momento crucial significaria meu fracasso na prova, e quiçá, a renúncia ao meu sonho de tornar-me encantador de serpentes. A situação exigia uma decisão rápida; aceitar ou recusar. A primeira era evidentemente indispensável se eu quisesse prosseguir na estranha amizade com a tribo das serpentes.

Bem... disse mentalmente; morrer agora ou depois... Malish! (não importa!) Estendi a mão e peguei o redondo corpo anelado da cobra. Em lugar de experimentar uma impressão de frio, de viscosidade, notei, com surpresa, que o contato não me provocava sensação desagradável.

A serpente ergueu a cabeça de um golpe para fixar seu novo capturador. Nossos olhares se cruzaram. O réptil suspendeu seus movimentos convulsivos e ficou numa atitude vigilante, imóvel e duro como um pau.

Novamente me percorreu o tremor de medo, aliás natural e inevitável; foi, porém, fugaz como relâmpago. Imediatamente retomei a resolução de prosseguir até o fim, custasse o que custasse, resolução à qual me afoquei com determinação implacável.

Mussa olhou-me e sorriu entusiasmado.

“Está vendo? Agora o senhor pode dominá-las”, anunciou com orgulho.

Era, porém, prematuro dizer se a serpente aceitava essa situação. Há certas espécies de cobras que não ganharam gratuitamente a fama de astuciosas e traidoras. Não achei que a primeira vitória significasse ganho de causa; como noviço que era, faltava-me essa certeza interior tão admirável num homem como meu mestre.

A serpente começou a balançar-se com movimentos flexíveis. Retorcia-se em todas as direções, sempre voltando para mim sua cabeça sinistra, apontando-me continuamente a língua. De quando em vez emitia um sibilo que ressoava como a sibilante respiração humana.

Aquela era a criatura proscrita que não sabia nem podia saber o que significava misericórdia; que estava em guerra impiedosa com o mundo; que, como um ismaelita, entendia perfeitamente que vivia numa classe à parte; que era um inimigo odiado de todo o resto do reino animal e também de quase todo o gênero humano.

A cobra aproximava cada vez mais a cabeça de mim. Pensei que minha segunda prova estivesse iminente; não sou um enamorado da vida e não duvido de que a morte abra outra porta; contudo, prefiro consumir minha força vital em causa que valha a pena. Mussa tomou a cobra da minha mão e deixou-a deslizar-se ao solo. Embora eu não quisesse segurá-la mais, nem sentir esse corpo liso retorcer-se entre meus dedos, estava extremamente fascinado por ela e satisfeito por tê-la examinado de tão perto. Serpenteava diante de mim, a cabeça e a parte dianteira do corpo erguidos a quarenta centímetros do solo e continuava a vigiar-me atentamente.

Devolvi-lhe a olhada, pensando na potência mortífera dessa boca minúscula. Naquela abertura ameaçadora se encontrava todo o perigo da serpente, assim como todo seu mistério parecia concentrar-se naqueles dois pontinhos brilhantes sem pálpebras, de olhar fixo.

A picada de uma víbora egípcia injeta no corpo um veneno que paralisa rapidamente os nervos, atrofiando e destruindo o sistema nervoso, seguindo-se inevitável síncope cardíaca ou impossibilidade de respirar.

Perguntei-me silenciosamente quão estranha disposição a natureza tomou para dotar as serpentes desse poder de vida ou de morte. Pedi a Mussa que me deixasse examinar o interior da goela da serpente. Acedeu logo, e tomando o réptil pelo pescoço, meteu-lhe o pau na boca aberta, revelando-me toda a estrutura anatômica, pouco familiar.

O interior da garganta era de um vermelho vivo, contrastando com o fosco verde e amarelo da pele. Senti-me impressionado pela alta eficiência do mecanismo ofensivo que via. Os ganchos dentários que servem de colmilhos estavam na frente da boca, um de cada lado, ajustado na mandíbula superior. Pelos movimentos da boca com os quais o réptil tentava se libertar do pau que lhe machucava o véu palatino, percebi que os ossos dos colmilhos não eram fixos; pela ação de um certo músculo podiam articular-se para frente, ficar meio eretos e voltar ao seu lugar. Não me recordo de nenhuma outra espécie animal que tivesse dentes móveis.

Os colmilhos ativos estavam embutidos numa membrana mucosa e por trás tinham outros colmilhos de reserva. De ambos os lados de cada colmilho havia uma bolsinha, de dentro da qual segregava-se o veneno. A glândula que alimentava as bolsinhas funcionava, provavelmente, com o mesmo princípio das nossas glândulas salivares.

Outro detalhe a respeito dos colmilhos, é o fato de serem eles ocos. Podia estabelecer-se um paralelo com as agulhas de injeção. A serpente crava os dentes na carne da vítima simultaneamente comprimindo os músculos dos saquinhos venenosos, despejando o líquido pelo canal dos colmilhos e injetando-o na ferida, como se crava uma agulha injetando a droga da seringa.

O *sheik* me sugeriu continuar minha segunda experiência no domínio das serpentes, para que eu obrigasse a serpente a dormir, experiência que provaria também a eficácia do talismã que era essencial ao êxito dessa prova.

Soltou-a e afastou-se para o lado. Imediatamente o réptil fixou-me com seus olhos negros, brilhantes e imóveis. Comecei a pôr em prova sua atenção, caminhando lentamente em redor dela, até completar um círculo inteiro. O animal movia a cabeça e rastejava o corpo em perfeita sincronização com meus passos. Nem por um só instante deixou de fixar-me os olhos. Meus movimentos provavelmente a aborreciam, porquanto, ergueu-se um pouco mais, levantou a cabeça achatada e sibilando com força e furor, estirando violentamente a negra língua bífida, expandiu seu régio capelo. Tive sempre convicção de que, quando as víboras empolam o pescoço, formando uma curva elíptica tão perfeita como a de um chapéu, é para atemorizar suas vítimas, e o desenho de óculos no dorso do colo dilatado acentuava o efeito.

Bem sabia eu que mesmo sem ela se lançar sobre mim para me picar e pôr em perigo minha vida, bastava-lhe lançar um pequeno jato de veneno nos meus olhos, instinto comum em certas serpentes dessa classe, para produzir-me uma cegueira irremediável.

Aumentei a tensão de minha vontade tratando de impô-la ao réptil. Durma! ordenei-lhe mentalmente. Aproximei-me mais ainda, segurando na mão direita o talismã, sempre repetindo minha ordem silenciosa. Cessou o sibilo, o capuz se contraiu, o balanceio se fez mais lânguido e a cobra perdeu a majestosa postura que havia mantido até então. Dobrei a folha de papel em forma de telhado e coloquei-a na cabeça da cobra. De um golpe a serpente jogou-a fora, e tive de recolocar o talismã desprezado. Finalmente, as forças a abandonaram, e ela estendeu-se no solo tomando a forma da letra S.

Permanecia rígida e não se movia mais. Se realmente dormia ou estava sumida num transe hipnótico ou desperta e atenta mas, irremediavelmente, presa à “magia” do talismã, é uma questão que não me incomodei em elucidar.

Assim terminou meu primeiro ensaio como encantador de serpentes.

\* \* \*

Em várias outras oportunidades Mussa e eu realizamos breves expedições de caça para capturar membros da tribo das serpentes. Eu não era capaz de descobrir seu paradeiro, enquanto Mussa recolhia-as em diversos pontos do

deserto ou nos lugares menos frequentados da beira do Nilo, com uma destreza assombrosa. O *sheik* pretendia que lhes sentia o cheiro, dom que eu nunca pude adquirir porque, segundo ele, eu precisava de um ou dois anos de treino para chegar a ser um encantador de serpentes completo e possuidor de todos os requisitos da profissão.

Por vezes as serpentes sibilavam furiosas quando Mussa as mandava sair ou até lhe escapavam, mas, no fim, sempre cediam e arrastavam-se mansamente para a sua cesta. Uma ocasião, porém, produziu-se um acidente.

Havíamos acabado de caçar uma víbora cornuda, que desde o início nos deu muito trabalho. Quando, por fim, nos esforçamos para fazê-lo entrar na cesta, ela com certeza confundiu o movimento do *sheik*, tomando-o por um ataque (porque existem serpentes extremamente nervosas) e contra-atacou em defesa própria. Com a velocidade de um raio, fechou a boca no braço direito de Mussa, e mordeu-o. Num instante o sangue jorrou; o fluxo de líquido vermelho aumentava com velocidade crescente. Apressei-me em lhe atar a ferida com o lenço, tentando estancá-lo, enquanto me preparava para tomar todas as medidas que o *sheik* ia me indicar. Esperei que Mussa fosse me dizer suas últimas vontades para que algum parente se encarregasse de sua mulher e filhos.

Ele limitou-se a sorrir.

“Malsh!” — murmurou — “Não tem importância! A víbora não pode ferir-me; esta é apenas mordedura dos dentes, não dos colmilhos”.

A nenhuma serpente é permitido picar-me com os colmilhos cheios de veneno — acrescentou o *sheik* — mas, às vezes recebo uma picada sem gravidade; isso já me ocorreu em outras ocasiões e não me preocupo”.

Estava certo; o *sheik* era imunizado das picadas dos répteis, por mais venenosas que possam ser para outrem, e, para prová-lo, Mussa obrigou a serpente a abrir a goela e colocou o dedo debaixo do colmilho venenoso. Se ela quisesse, podia afundar o dente na carne e matá-lo; contudo, os colmilhos não se moveram e, ao cabo de um instante, Mussa retirou o dedo, ileso.

No dia seguinte não havia inflamação e a ferida do braço estava quase sarada.

Frequentemente citaram-me casos de extração de colmilhos que haviam presenciado e, embora a preocupação pela verdade desses testemunhos seja digna de estima, relacionar esses exemplos com nossas cobras teria sido levar a credulidade a limites intoleráveis.

Quanto à imunidade de dois anos que Mussa reivindicava haver-me conferido, só posso dizer que manejei muitas vezes as serpentes mortíferas e víboras venenosas e até enrolei-as no pescoço, sem nunca me terem atacado. Cheguei

quase a adotá-las como animais domésticos favoritos, tanto me haviam interessado. Entretanto, a respeito dos escorpiões, Mussa me preveniu que a variedade negra era maligna e desobediente, portanto meu poder podia falhar; aliás, acrescentou, sempre existiria certo risco de que me encontrasse com alguma serpente do mesmo caráter. Mussa podia reconhecer as cobras perigosas ao pronunciar a “Palavra de Poder” secreta, antes de abordá-las; se a serpente a desconhecesse e não parasse seus movimentos, deveria deixá-la, por ser uma serpente totalmente corrompida, que podia rebelar-se e matar.

Algum tempo depois, tive a oportunidade de enfrentar um escorpião, quando, já separado do *sheik*, prosseguia minha viagem ao sul do Egito. Dediquei certo tempo a realizar umas investigações no magnífico templo de Edfu e, como haviam desaparecido os degraus, resolvi saltar pelo buraco do chão na pequena câmara contígua ao santuário. Devia-se andar com cuidado por esses subsolos em ruínas, pelo fato de serem os lugares especialmente apreciados pelos escorpiões e serpentes. Quando chegava a época em que mudavam a pele, escondiam-se nas estreitas gretas, cuja aspereza comprimia-lhes o corpo, raspando e tirando a pele velha. Ademais, apreciavam a solidão, a sombra e a frescura daqueles velhos refúgios, que os predispunham a reproduzir-se com frequência.

Arrastando-me pela passagem extremamente estreita e coberta de espessa camada de pedra multissecular, passei a outro corredor escuro e cheguei por fim numa baixa cripta subterrânea cujo aspecto indicava ter sido usada para as práticas da iniciação dos ritos internos dos antigos Mistérios. Era tão baixa e escura que tive de recorrer à minha lanterna elétrica de bolso.

Depois de ter examinado minuciosamente a cripta e decidido a voltar ao corredor, subitamente surgiu um monstruoso escorpião amarelo que, saindo de uma fenda, correu aos meus pés. Os escorpiões têm uma predileção marcada pelas criptas antigas em ruínas. Devido ao estado lastimoso do lugar baixo e estreito, o chão e as paredes partidas, não podia mover-me com rapidez na escuridão. Fiquei então onde estava e, apontando o indicador para o venenoso inseto, pronunciei em voz alta a “Palavra de Poder”, ordenando-lhe peremptoriamente a deter-se. Mussa havia me ensinado que a invocação devia ser lançada com força (como, aliás, todas as invocações mágicas) e concentração mental tão intensa quanto possível.

O escorpião parou imediatamente, como se ali estivesse uma barreira!

Ficou imóvel no mesmo lugar, prostrado, sem ousar mover-se nem para frente nem para trás, enquanto eu retomei minha marcha para a liberdade.

O infortunado escorpião deve estar ainda no mesmo lugar esperando a ordem que lhe suspenda sua inibição!



Algumas vezes Mussa saia para divertir-se; aproximava-se de uma árvore onde sabia estar escondido um escorpião e ordenava-lhe descer. Após uma pausa, mais ou menos prolongada, aparecia invariavelmente o escorpião, descendo da árvore e saltando no turbante do *sheik*.

Certa ocasião, discutindo os poderes místicos dos dervixes de encantadores de serpentes, de Rifa-i, tentei fazer que Mussa definisse exatamente a natureza desse poder que, visto a sua longa prática, devia indubitavelmente saber. A única coisa que pôde ou quis me dizer foi a seguinte:

“As serpentes se rendem a nós unicamente pelo poder de Alá. Elas confiam em nós, porque nos é proibido matá-las por nossas próprias mãos. E nós não traímos sua confiança. Nossas invocações encerram sempre algumas frases do santo Corão”.

Não creio trair nenhum segredo ao publicar o encantamento usado pelos dervixes de Rifa-i, em cuja ordem fui iniciado; sendo o encantamento cantado em público devia ter sido ouvido, sem dúvida, por centenas de pessoas não iniciadas, na sua belíssima, sonora e poética forma original árabe.

Considerando a expressão do pensamento que está em jogo, não vejo razão por que não haja de ser igualmente eficaz na tradução inglesa das palavras, embora um simples encantamento dificilmente possa induzir uma serpente a sair da sua cova ou a pousar sua cabeça no colo de alguém.

Aqui estão as palavras:

“Ó tu, serpente! sai! Conjuro-te por Alá. Se estás em cima ou se estás em baixo, vem para fora!

“Ninguém pode vencer Alá e sobre Ele ninguém prevalece. Ó amparo de minhas horas de apuro! Em nome do santo lugar e do santo Livro conjuro-te a que saias!

“Em nome d’Àquele cujo esplendor abriu, de par em par, todas as portas, sai e submete-te à aliança. Eu sou o dono da Palavra.

“Em nome do Mestre Supremo de toda ajuda, exorto-te com a autoridade do meu *sheik* e Mestre de minha fraternidade Ahmed El Rifa-i, sai!”

“Em nome de Salomão, o Sábio, que tem domínio sobre todos os répteis. Escuta! Alá te ordena, sai ó serpente! Sai! Que a paz seja contigo. Não te farei dano”.

\* \* \*

Depois de separar-me do *sheik* Mussa, pensei mais de uma vez que por trás das doutrinas e práticas dos dervixes devia haver subsistido um resíduo de algum culto remoto às serpentes, que provavelmente remontava à uma antiguidade que se perde nas brumas dos tempos. Sabia que Mussa, como bom maometano que

era, ia negar energicamente e, de fato quando certa vez abordei o tema, ele desviou a questão, respondendo que não há Deus senão Alá. Quanto mais eu insistia no assunto, tanto mais ele sublinhava a supremacia de Alá, até que, finalmente, compreendi que o homem não podia ou não queria enfrentar a questão, e tive que abandonar o tema.

Associando tudo que havia averiguado a respeito dos encantadores de serpentes de toda espécie; comparando as provas para com a tribo das serpentes, desde o dia memorável da minha iniciação, vi-me, por fim, obrigado a inferir que minha suposição era exata.

Quanto mais refletia sobre o assunto, tanto maior era o número das provas que podia classificar na minha mente para demonstrar que aquela estranha ciência não era mais do que a sobrevivência de uma das primitivas religiões de continente negro.

Notei uma mudança gradual, mas inabalável, na minha atitude pessoal para com o mundo dos répteis. Já não as olhava com aquela aversão tremenda, irresistível, que me causavam anteriormente, com esse horror que aflora espontaneamente aos corações de todos os seres humanos normais. Já não via nelas as inimigas temíveis e implacáveis de todos os demais seres vivos. Já não as temia como criaturas rasteiras, encarnações de perfídia e falsidade. Com efeito, lenta mas progressivamente começo a sentir uma singular admiração pela reluzente e sinuosa beleza dos seus corpos e o porte gracioso de seus capuzes redondos; uma fascinação estranha por seu inegável e fantástico mistério, e um ligeiro sentimento de piedade para com elas. Essa mudança não era algo que eu tivesse procurado; surgira espontânea e crescera imperceptivelmente.

É um contraste impressionante o fato de que em todos os países cristãos a serpente simbolize o mal, o diabo encarnado; ao passo que, em todas as civilizações antigas e na maioria das escassas culturas primitivas que ainda subsistem, como a da África Central, se distinguem duas espécies de serpentes: as divinas e as satânicas.

Na África, em toda a Índia, entre os druidas e em muitas partes da América Central, onde ressoou o eco do Atlântida, existiu o culto às serpentes como uma realidade. As paredes quilométricas do grande templo Asteca, no México, estão decoradas com serpentes esculpidas.

Os dravidianos, povo primitivo da Índia, de pele negra, que atualmente vive na sua maioria na costa sul, consideram as cobras, e especialmente a variedade que tem os óculos desenhados no capelo (najas), como seres divinos, e não se atrevem a matá-las. Existem até sacerdotes mantendo nos templos cobras sem colmilhos, alimentando-as com leite e açúcar e prestando-lhes cerimoniosa adoração. Essas serpentes se tornam muito dóceis e saem espontaneamente

das suas guaridas do templo ao som de flautas. Quando uma delas morre, é envolvida num sudário e cremada como se fosse um corpo humano.

Há muitos camponeses, tanto no Norte como no Sul, Este, Oeste e na Índia Central, que encontram uma grande satisfação em adorar a imagem de uma cobra-capelo, e acham ser seu dever pôr alimentos junto às covas onde elas vivem, porque as consideram o veículo corpóreo de um poder superior, de algum espírito que deve ser adorado e reverenciado. Esta noção lhes vem das mais antigas tradições da sua pátria e eles a aceitam sem discussão, como aceitam outras tantas noções mais estranhas. Não adoram nenhuma outra espécie de serpentes.

Nos santuários de muitos templos, apenas iluminados por frouxa luz de lamparinas ou sumidos na escuridão completa, cujo umbral ninguém de outra religião pode atravessar, aparece esculpida uma serpente enrolada na base de altar, erguendo o capelo. Voltemos à África do Sul. Os zulus que vivem longe das cidades e ainda não absorveram as idéias dos civilizados, quando uma cobra entra em sua choça, crêem que é o espírito reencarnado do parente morto; por conseguinte, não a matam, mas tratam só de expulsá-la, recorrendo geralmente ao bruxo-curandeiro que amiúde associa a prática de encantamento das serpentes às suas muitas outras atividades.

Várias vezes, ao mirar uma cobra, pensei nessa fantástica crença zulu. A despeito da fixidez espantosa do seu olhar, fiquei perplexo mais de uma vez ao sentir a estranha e indescritível impressão de que atrás daqueles olhinhos havia uma inteligência quase humana.

Uma feita, quando enrolei uma cobra no pescoço por mais de um minuto, um gênero de serpentes particularmente grossas e excepcionalmente grandes, experimentei a sensação de que minha mente se afastava do ambiente terrestre, passando a um estado psíquico desconcertante. Sentia que as ligaduras físicas se fechavam e se abria o próprio mundo dos espíritos. Parecia-me partir para longe deste orbe giratório, em direção a uma esfera tenebrosa, espectral, sobrenatural, cuja atmosfera era decididamente maligna. Não me agradou a idéia de ficar nesse estado, e perder meu “apego” às coisas, tendo a morte pavorosa tão perto de mim. Deixei cair a serpente no solo com alívio. Imediatamente voltou minha consciência ao estado normal, concentrando-me no mundo físico familiar que me rodeava. Isso me ocorreu uma única vez, porém jamais esquecerei tal experiência.

Havia eu percebido um estado de consciência da serpente, que funcionava em dois mundos ao mesmo tempo, sendo um deles um inferno de horrores? Quem sabe?

Numa selva ao sul da Índia assisti inesperadamente a um espetáculo fantasmagórico; era nada menos que uma assembléia de cobras. Estavam

reunidas em círculos, os corpos majestosamente erguidos. Que poderiam ter discutido essas cabeças de toucas? Que misteriosos segredos estariam se comunicando? Contudo, devo confessar que abandonei aquele espetáculo e fugi. Naquele tempo, uma já era algo bastante desagradável, mas uma porção delas era mais do que pode suportar a sensibilidade humana.

Nos monumentos esculpidos e pintados do antigo Egito, as serpentes aparecem a cada passo. Na arquitrave da gigantesca coluna da entrada do templo de Amon-Ra de Karnak, erguem-se duas magníficas cobras de pedra com graciosidade, equilibrando as colunas. Não longe dali, o pequeno santuário de Osíris está cheio de cobras esculpidas, alinhadas em fileiras. Do outro lado do Nilo, as paredes de quase todos os túmulos dos reis do Vale dos Mortos, onde as múmias encarquilhadas jazem profundamente sepultadas nos montes de Tebas, atestam com suas pinturas o papel importante que desempenharam as serpentes na religião primitiva e no pensamento dos egípcios. Muitos murais dos templos que representam cerimônias públicas, demonstram exatamente o mesmo, e as criptas onde se realizavam os ritos secretos dos Mistérios não deixaram de agregar seu mudo testemunho. No ápice de todos os obeliscos e nos pórticos de muitos templos aparece esculpida uma serpente. O disco perfeito com o qual simbolizavam o muito amado e sempre adorado sol, quase sempre é envolvido por um par de serpentes que erguem suas cabeças encapuzadas.

Todos esses símbolos tinham relação muito significativa com o mundo psíquico, e dessa relação, com a possibilidade de degenerar em feitiçaria ao cair em mãos perversas, procedia a má reputação do símbolo da serpente; isso à parte as características temíveis dos répteis.

Os egípcios reconheceram essa possibilidade e pintaram serpentes tanto más como boas; as primeiras eram representadas geralmente arrastando-se; as segundas, erguidas. Tinham seu diabo, Apepi, a tenebrosa serpente de muitas volutas, e que encabeçava as forças do mal.

Entretanto, reconheciam também um simbolismo superior: a serpente é o símbolo perfeito da Força Criadora Energética do Espírito Supremo que criou o universo, e da própria criação. Os Faraós enfeitavam sua cabeça com a figura de uma serpente erguida, como símbolo da sua suposta descendência divina. A serpente, pois, representava a divindade, tanto quanto certas espécies representavam o diabo.

A Força Primordial que se movia através da obscura face do abismo no princípio da Criação, era essa Força Divina que a serpente boa simbolizava. Como a serpente pode adotar mil aspectos diferentes em seus movimentos e continuar sendo sempre a mesma, a única, assim é o universo; assume uma quantidade de aspectos (em forma de seres e coisas) e, sem embargo, na sua natureza primordial continua sendo o espírito único. A ciência já começou a admitir esse último asserto, com a diferença de dar ao espírito outro nome. A serpente liberta-

se periodicamente da sua velha pele morta e reveste-se de outra nova; do mesmo modo que as formas que compõem o universo morrem e, depois, lenta ou aceleradamente, são reintegradas no estado primordial da matéria. “Tu és pó e ao pó tornarás”... O simbolismo, porém, não terminou aí. A nova pele da serpente representa a nova forma que a matéria finalmente vai elaborar. A serpente continua vivendo, a despeito da morte da sua pele externa; também imperecível é o espírito, e sendo imortal, continua vivendo, apesar da morte das suas formas exteriores.

A serpente é semovente, não tem mãos, nem pés, nem outros membros externos. Também a Força Criadora é plenamente semovente ao passar de uma forma a outra, seja para criar universos ou uma só criatura.

Quando os egípcios representavam uma serpente escamada mordendo a própria cauda, formando assim um círculo perfeito, queriam simbolizar o universo criado. As escamas são as estrelas, o ato de morder a si mesma é o emblema da autodissolução do universo, a qual ocorrerá um dia, quando o Espírito se retirar da Matéria.

No simbolismo da serpente há muitos outros significados que vão do divino ao diabólico. E, finalmente, o sentido especial assinalado nos Mistérios.

Nesses ritos os mais secretos representa a atividade da Força que liberta a alma do homem durante a iniciação, Força que se vai deslizando lentamente pelo corpo do iniciado em transe, como o rastejar lento da serpente.

Assim o símbolo da serpente ergue sua cabeça sobre o mundo antigo com dois propósitos distintos: representa o diabo que deve ser temido e combatido, a divindade que deve ser venerada e adorada como o Criador de Todas as Coisas, e como a Origem de Todo o Mal.

## Meu Encontro com um Adepto

Em Luxor, a uns quilômetros a oeste do Nilo, destaca-se contra o céu uma longa cadeia de colinas rosadas e cinzentas, formando uma barreira entre o deserto do Líbano e o vale cultivado do rio. Nas montanhas ficam ocultas as gargantas causticadas de sol, onde não cresce e não pode crescer vegetação alguma, e cujas pedras rochosas e areia árida abrigam serpentes e escorpiões. Ali estiveram enterrados durante muito tempo os reis da desaparecida cidade de Tebas — o famoso Vale das Tumbas. Disse “estiveram enterrados”, porque muitos dos cadáveres mumificados, extraídos dos seus sepulcros sombrios, agora estão expostos à vista de todo mundo nas sufocantes galerias dos grandes museus. E se, todavia, ficaram alguns por enterrar, não foi por falta de tempo, empenho ou dinheiro.

Havia muita coisa que eu queria ver e estudar; as referidas criptas; templos que foram descobertos no interior do Vale, a vários quilômetros de distância; restos de Tebas que agora jazem no solo e o limite ocidental do deserto. Como meio de transporte de Luxor para realizar essas expedições breves e repetidas, não há nada melhor do que um burro, porque sabe andar com passo firme e seguro por entre as rochas, nas pedras pontiagudas e nas bordas dos precipícios.

Tomei a meu serviço um “boy”, e seu primeiro encargo foi buscar um homem que me alugasse um bom animal para aquelas excursões. Yussef era chamado “boy” por deferência à terminologia convencional dos turistas, embora já houvesse passado dos quarenta e tivesse mulher e três filhos. Frequentemente me falava de sua família, sobretudo, cada vez que eu apanhava minha carteira para acertar nossas contas. E quando um dia, brincando, tentei pôr-lhe uma serpente em volta do pescoço, indignado, lamentou que se o réptil o picasse, não ficaria ninguém “para dar de comer à minha família”. Era claro que o prolongado hábito de alimentar burros fê-lo considerar sua família num plano de igualdade com aqueles que exigiam o necessário sustento. Seja como for, era um homem de boa índole e possuía excelente sentido de humor; em poucas palavras, agradava-me.

Depois de aceitas as condições, Yussef concluiu a barganha com o homem e trouxe-me um formoso burro branco, grande e bem arreado. Montei o animal e começamos a andar. Tudo correu bem até chegarmos à beira do Nilo, onde nos embarcaram, os três, para transportar-nos à costa ocidental do grande rio cinzento. Deixamos a barcaça, e eu tornei a montar, iniciando a viagem de onze quilômetros até o Vale.

Não demorou um quarto de hora para descobrir e confirmar que o animal desmentia seu atraente aspecto. Quando cobrimos mais ou menos a metade do trajeto, finalmente, não aguentei e queixei-me a Yussef, dizendo que seus poderes de seleção não tinham estado desta vez à altura em que, sem dúvida, habitualmente estavam, ou então, a cavaliariça do agente era muito pobre, se aquele animal era o melhor espécime que tinha. Acrescentei que era um burro muito preguiçoso e que lamentava ter que acusá-lo de gostar mais de dormir do que de andar. Yussef levantou os braços ao céu e pôs os olhos no céu. “In sha Alá!” — exclamou atônito — “Quem somos nós para nos atrever a criticar a obra do Todo-Poderoso?”

Sua pergunta era incontestável e, desde então, guardei um eterno silêncio a respeito. Deixamos atrás os campos de milho, e andando um pouco mais, avistamos os Colossos gêmeos de Memnon; duas gigantescas estátuas de pedra sentadas no trono, os corpos mutilados, em cujos rostos desfigurados não ficou nenhum traço facial. No seu tempo guardavam a frente do pylon da entrada do templo e palácio construídos por Amenhotep III; hoje, elevam seus quinze metros de altura acima dos trigais que tomaram o lugar das riquezas desaparecidas. Sem nariz, olhos nem boca, os Colossos ficam sentados durante milênios, quiçá lamentando-se, segundo a inscrição gravada na base pelo visitante romano Petrônio, dos maus tratos que lhes infligira o invasor persa Cambises. Outrora, atrás delas se estendia uma avenida calçada de mais de trezentos metros, ladeada de ambos os lados por estátuas e esfinges. Tudo isso havia desaparecido.

Abandonamos a planície fértil do Nilo e tomamos o caminho tangente ao rio, prosseguindo a viagem até o ponto onde começam as colinas de Tebas. Cruzamos os grupos familiares da região, mulheres de túnicas brancas e homens trajados de negro.

Atravessamos uma aldeia típica de choupanas de barro, umas tantas casas baixas, caiadas de branco, um minúsculo minarete sobreposto a uma pequena mesquita coberta de cúpula branca e um inevitável bosque de viçosas palmeiras que davam a gozar sua sombra benfazeja.

Paramos junto ao poço da aldeia para saciar a sede do burro e do seu passageiro humano. O animal mergulhou o focinho num estranho recipiente que era nada menos do que um sarcófago avariado e, quem sabe, talvez tivesse servido de caixão a um dos faraós.

Prosseguimos nossa marcha sem nos deter nos templos de Kurna, meio destruídos, nem em Abb-el-Kurna onde estão escavados os sepulcros mortuários da nobreza de Tebas, nem sequer na notável necrópole de Dira Abun Naga.

Queria chegar ao pequeno e desolado vale e passar pelas gargantas antes de chegar o calor abrasador do meio-dia. Havíamos partido ao amanhecer, o que não era demasiado cedo nessa época de verão; bem sabia que naquelas alturas amontoadas de rochas a temperatura duplicaria e os raios solares, batendo nas pedras, refletiriam o mormaço quente sobre nós.

Passo a passo avançamos na direção oeste pelo velho caminho, contornando a montanha, sempre subindo, e chegamos à prateleira juncada de pedras de diversas formas e tamanhos. Ali penetramos no primeiro desfiladeiro estreito.

O vagaroso burro levava-me pelo caminho arenoso, ressequido de sol, ladeado de rochas, até finalmente entrar no famoso vale, para onde outrora os poderosos faraós eram transportados, quando acabado seu fausto terrestre e chegado seu fim iniludível, jaziam confundidos nas garras da morte.

Alcei a vista contemplando o belíssimo espetáculo dos picos escarpados que se destacavam no cobalto do céu, erguendo-se como sentinelas à direita e à esquerda, e custodiando a entrada. Ao longo da estreita garganta estendia-se a alta silhueta de montanhas. As encostas refletiam a refulgente luz branca que, ao cair verticalmente nas pedras esboroadas do solo, irradiavam intenso calor. Completamente isolado e despido de toda vegetação, aquele lugar fechado de ambos os lados por abruptas paredes calcárias, era extremamente apropriado para o fúnebre destino que lhe fora assinalado, servindo de última morada aos reis do Egito. Do outro lado, repousavam os nobres e altos dignitários sacerdotais.

Contornei o vale; no outro extremo estavam as tumbas abertas, onde de ambos os lados do barranco estavam em trincheiras, as galerias escavadas, o solo todo perfurado na procura dos túmulos, o que não era trabalho fácil, porque as escavações deviam ser feitas na rocha maciça. Avançamos em ziguezague; meu burro pousava os cascos com extrema prudência ao lado da estreita passagem, cujo solo estava coberto de pedras roladas, alvenaria esboroadada, pedregulho e pedaços de quartzos pontiagudos, dificultando a marcha. De vez em quando nos altos paredões surgia um pico enegrecido, queimado pelo sol. Pilhas de pedras cintilantes e fragmentos de greda reverberavam o brilho ofuscante da luz intensamente branca do sol. O calor impregnava pesadamente tudo, qual inevitável nevoeiro, e palpitava visivelmente no ar. Não havia nem um pinga de sombra; o vale parecia um gigantesco forno. Meus lábios ardiam, a língua seca incomodava-me. O panorama era inexprimivelmente lúgubre e, não obstante, havia uma certa grandeza em sua infinita desolação.



Nem o menor ruído quebrava o silêncio; nem um só pássaro ressoava aos gorjeios no ar abafado; nem um só vegetal brotava no deserto de pedra e areia.

As montanhas terminavam num vértice, cujas encostas íngremes estavam cobertas de esboroamentos de pedra; antes, porém, de atingi-lo, tínhamos que passar pelos sepulcros abertos. Os homens escavaram as velhas colinas cheias de múmias e tesouros, para revelar à luz aquilo que havia sido depositado com tanto carinho.

\* \* \*

As encostas do vale eram verdadeiros favos de corredores em declive que iam até às câmaras sepulcrais, formando um conjunto da subterrânea cidade dos mortos. Descer os degraus talhados na rocha e entrar nas entranhas do corredor escuro de uma dessas tumbas, equivalia à descida ao inferno. Projetei a luz da minha lanterna nas paredes. Estavam cobertas por leve revestimento de estuque, generosamente pintadas de cima a baixo de muito bem conservadas figuras de serpentes retorcidas, efígies de reis e sacerdotes com as mãos levantadas em súplicas aos deuses; barcos sagrados e espíritos guardiães, crocodilos de cabeça humana e oferendas funerárias, morcegos simbólicos e escaravelhos. Tudo em sequência representando cenas após cenas de atividades do defunto e sua viagem ao inframundo. Também havia cinzeladas nas paredes alinhadas, colunas de hieróglifos cujo objetivo era ajudar a alma recém-chegada em sua perigosa travessia e cujos textos sagrados eram tirados do LIVRO DO UMBRAL E O LIVRO DAQUELE QUE ESTÁ NO MUNDO DOS INFERNOS. Esses textos referiam-se ao mundo sublunar dos espíritos, dos poderes serpentinos que custodiavam a entrada, e de um inferno sem fim, cujas trevas eram totais. Falavam também da precaução que devia tomar a alma durante o trânsito para escapar das terríveis armadilhas: das invocações que devia dirigir aos deuses, juízes, e de que forma devia aplacá-los.

Continuei descendo mais profundamente no interior da cripta; um passadiço em declive levava a uma câmara e esta conduzia a uma outra passagem inclinada, e assim, sucessivamente, até que me afundei quase cem metros no seio da montanha. Acima da minha cabeça havia milhares de toneladas de rocha maciça. Todas as paredes das câmaras mortuárias estavam cobertas de figuras e inscrições que formavam a sucessão de episódios da antiga vida egípcia e um reflexo da morte. No chão da câmara principal havia uma abertura contendo um pesado sarcófago de granito. Este féretro de pedra havia sido antigamente a última morada de um faraó, ricamente enfeitado de jóias, cuja rígida múmia enfaixada em tiras de linho fora retirada junto com todas as restantes múmias descobertas, e depositadas nas bem iluminadas galerias dos museus para satisfazer a curiosidade do século XX.

Depois de haver percorrido corredores de pinturas desbastadas de uma porção de olhos, saí dos densos, embora frescos negrumes, à luz ardente do intolerável

reflexo do sol matinal, só para atravessar uns poucos metros de pedregulho e afundar-me de novo em outra tumba decorada. E, assim, cheguei a visitar meia dúzia de sepulcros, numa rápida excursão durante a qual inspecionei grandes extensões examinando os instrutivos murais, prometendo-me voltar a visitar posteriormente, a fim de estudar melhor seus pormenores. A impressionante tumba de Seti, embora cavada na rocha a mais de cento e vinte metros nas entranhas da terra, não me atraía tanto quanto a menor de Ramsés IX, em cuja cripta achei pinturas e esculturas que deixavam para trás todas as restantes do vale. Eram mais espirituais do que as outras, mais vivas e alegres; em vez de deprimir, levantavam o ânimo destacando o glorioso destino do homem e sua inextinguível imortalidade.

Num portal da entrada estavam pintados o grande disco vermelho do sol e Ramsés rendendo-lhe homenagens. O símbolo básico dessa cena, visto que em natureza o vermelho sol poente se funde com os negrumes da noite, a alma do rei se fundia com Ra, o corpo ficando no negrume da tumba. Como o sol que reaparece jubiloso em sua nova aurora, assim a alma surgia triunfante numa existência. Como o sol infalivelmente cada manhã torna a reaparecer imperecível, depois de haver desaparecido nas trevas, assim a alma do faraó reaparecia no mundo espiritual, depois de atravessar as regiões obscuras do inferno, sendo também imperecível.

Mas, para aqueles que haviam passado pela iniciação dos antigos Mistérios, tinha outro significado, mais profundo. Para eles a morte não suscitava terror, porquanto já haviam sido “mortos” durante a vida e sabiam que a alma não somente continuaria vivendo no Além, como também voltaria a viver NA CARNE. A lanterna elétrica iluminava a parede esquerda da primeira passagem; ali estava Ramsés na presença dos grandes deuses, Osíris, Harakht e Amon-Ra. Continuei andando e no outro mural apareceu o rei em ato ritual sagrado de devoção, queimando incenso. Atravessei mais duas câmaras, em cujos portais os hieróglifos glorificavam o deus sol; aproximei-me da outra parede na qual um sacerdote derramava na cabeça do faraó, como se o batizasse, um jorro de figuras simbólicas, entre as quais se via a cruz ansata, a chave dos Mistérios, o emblema da vida eterna. Ramsés, já com a roupa trocada, tomou a forma de Osíris; sua alma havia sido liberta e absolvida; ressuscitando de verdade, agora tinha direito de antepor ao seu nome próprio o do divino Osíris. Era ele.

Assim dizia sua formosa prece: “Aqui estou diante de ti, ó Senhor de Amenteit! Olha-me! Não há pecados em meu corpo; nunca falei nada que não fosse rigorosamente certo, nem fiz nada de coração pérfido. Concede-me que eu possa ser igual aos favoritos do teu séquito e que possa ser um Osíris, grandemente beneficiado pelo formoso Deus e amado pelo Senhor do Mundo.”

E Thoth que anota na sua ardósia o resultado obtido do peso do coração do defunto, pronuncia a sentença do grande conselho dos deuses, dizendo:

“Escutei esse julgamento: o coração de Osíris foi pesado com toda a exatidão e sua alma prestou testemunho por ele; foi considerado puro na prova da Grande Balança. Não se encontrou nele nenhuma maldade, nenhuma iniquidade nos seus atos, e não pronunciou palavras perversas, enquanto esteve na terra.”

E o grande conselho dos deuses respondeu: “O que sai da tua boca, será declarado verídico. O vitorioso Osíris é santo e justo. Não há pecado no seu coração nem praticou nada contrário a nós. Não se deve permitir que o devorador o domine. Conceder-se-lhe-á a entrada na Corte do deus Osíris, na eterna morada dos Campos da Paz!

No terceiro corredor o rei oferecia a Ptah uma estatueta em holocausto, da deusa da Verdade. Em seguida apareceu num mural a múmia do rei já em estado de Osíris; acima dela o sol nascente, de cujo disco radiante emergia o escaravelho, símbolo da vida recém-criada, emblema da ressurreição da alma.

Atravessei duas câmaras e desci à cripta funerária principal, cujos tesouros haviam sido saqueados e da qual haviam retirado o faraó junto com seu sarcófago. Não restou nada a não ser a marca indicando o lugar onde estava a urna. Nas paredes percebi ainda outros emblemas da imortalidade na figura do infante Hórus, sentado frente ao sol alado. Na abóbada estavam pintados o céu cravejado de estrelas e as constelações do Zodíaco em toda sua glória celestial.

Saí daqueles densos mundos sublunares e paradisíacos supermundos que à luz da minha lanterna vi desfilar cena após cena como numa fita cinematográfica, e regressei ao esplendor brilhante do sol que bruscamente me ofuscou.

Essas galerias de túmulos abertos constituem uma prova irrefutável da insensatez que é dar por infundadas as tradições antigas. Por volta do ano 55 a. C., Diodoro escreveu que os papiros dos sacerdotes informavam haver em Tebas quarenta e sete faraós sepultados. Os egiptólogos modernos não desprezaram a declaração de Diodoro; aceitaram-na ao pé da letra, e isto lhes permitiu realizar a descoberta do Vale dos Reis, culminada posteriormente, com grande estardalhaço, pela famosa descoberta da tumba e dos tesouros de Tutankhamen.

Deixei os faraós que buscavam a imortalidade espúria na morte, recorrendo ao embalsamento e faixas de linho. A tarde caía e o ar estava ainda mais carregado; o calor sufocante dificultava a respiração e a boca estava em brasas. Atravessei o caminho de pedregulhos em busca de Yussef e da sua bem apreciada garrafa térmica de chá reconfortante. Mas Yussef não estava; talvez tivesse ido buscar um pouco de sombra. Olhei em derredor e não o descobri. O calor o havia fundido. Finalmente, o que não revelaram meus olhos, revelaram os ouvidos; da entrada de uma cripta afastada que pertencia a um dos famosos reis guerreiros do Egito, chegou-me o som de vigoroso roncar. Adiantei os passos e, chegando,

vi um homem de túnica branca deitado, e pela expressão do seu rosto parecia ter sonhos deliciosos.

Era Yussef!

\* \* \*

Os dias foram passando agradavelmente, enquanto saciava minha sede inextinguível de escrutar os pensamentos secretos e as sagradas aspirações do desaparecido mundo tebaico. Cheguei a conhecer e apreciar aquelas serenas e majestosas figuras dos deuses e dos rostos graves e preocupados dos seus adoradores mortais como os das criaturas viventes dos atuais habitantes de Luxor. E notei os sinais psíquicos que haviam deixado na atmosfera algumas tumbas que assinalavam a deplorável decadência daquele povo, que outrora foi uma grande raça, e sua queda nas práticas da bruxaria.

Foi numa dessas expedições de estudo que encontrei um homem com quem mantive palestras, cujo resultado vacilei incluir nestas páginas. Algumas das declarações continham inferências, cuja verificação estava fora das possibilidades de minha investigação pessoal, capazes de pasmar nosso prosaico século, como também, com maior probabilidade, acarretar um merecido ridículo ao seu nome desconhecido e, por conseguinte, a mim, por haver considerado essas fábulas dignas de ser publicadas. Ademais, foi e é desejo desse homem que sejam publicadas suas revelações, cuja importância para nossa época parecia valorizar muito mais do que poderia fazê-lo meu enfatiado juízo pessoal.

Terminei o dia em proveitosas investigações nas tumbas dos Reis, começando logo depois de amanhecer e encerrando às últimas horas da tarde. Para regressar mais rapidamente a Luxor, onde morava, resolvi tomar o caminho de ferradura que subia pelas montanhas da Líbia, e logo baixava nas proximidades de um singular santuário montanhês de Deir el Bari. Desse modo evitava a penosa escalada e voltas intermináveis do velho caminho.

Ali foi onde o burro que me havia decepcionado a princípio, com o qual gradualmente me havia reconciliado e até conseguido meu afeto, demonstrou o que realmente valia, ao subir com passo seguro e cauteloso pelas íngremes encostas e precipícios. O ultrajado animal plantava seus cascos com eficiência por entre os esboroados escombros de pedras soltas e rochas desmoronadas, que formavam o caminho. Não tentei guiá-lo; era desnecessário, com seu infalível instinto o burro sabia melhor do que eu por onde devia pisar. Era na realidade um animal robusto e muito mais alto do que se vê na Inglaterra, chegando quase ao tamanho de uma pequena mula. Sempre subindo, pelejamos para atingir o cume do alto pico que dominava toda a cadeia, enquanto o implacável sol impietosamente nos lançava seus raios abrasadores. Em algumas curvas perigosas no longo trajeto do caminho, descia do animal e

deixava-o preceder-me durante um trecho para não lhe exigir demasiado. Quando o burro chegou ao fim da subida pela resvaladiça garganta, firmei os pés nos estribos para não cair. Atingindo o vértice, saltei do lombo do animal ofegante e deixei-o descansar. Lancei o olhar pelo magnífico panorama que se estendia aos meus pés, a seiscentos metros de distância. O pico dominava as colinas circundantes e toda a extensa planície. O amarelo do deserto oferecia um belo contraste com o verde reluzente dos campos irrigados. A paz benfazeja daquele espetáculo despertou-me uma sensação do bem-estar espiritual. Que lugar maravilhoso para entrar em comunhão com a natureza! Toda a paisagem estava mergulhada no silêncio e senti a impressão de que se rompiam todos os laços que me uniam ao mundo. Voltei-me e, dando alguns passos, avistei um desconhecido.

Estava sentado, ou melhor, acorado, com as pernas cruzadas numa pedra sobre a qual havia posto cuidadosamente um lenço. Estava com turbante branco, sob cujas pregas apareciam longas mechas de cabelos negros como carvão, entremeados de fios grisalhos. Não se movia; parecia também contemplar esse magno espetáculo que a natureza estendia a nossos pés. Era um homem de estatura e pés pequenos, asseadamente trajado, com uma túnica cinzento-escura, com pequena abertura no pescoço e, embora seu rosto fosse guarnecido por um pequeno cavanhaque, dava a impressão de ter uns quarenta anos, presumíveis. Não pude ver-lhe os olhos até que voltou a cabeça em minha direção. Por fim voltou o rosto e, quando senti a força do seu penetrante olhar, tive a impressão indescritível de estar na presença de um homem totalmente fora do comum. Senti claramente que aquele encontro viveria inalterável na minha memória.

Aqueles olhos se destacavam da forma mais impressionante no seu rosto singular; eram dois círculos perfeitos, grandes e belos, de cor luminosa, quase sobrenatural, de pupilas negras como azeviche. Miramo-nos em silêncio, alguns minutos. Havia no seu rosto tanta autoridade e distinção que parecia impertinência de minha parte dirigir-lhe a palavra. Lastimo muito não me lembrar quais foram suas primeiras palavras, porque minha mente se anuviou ainda antes de ter ele falado; subitamente, como se tivesse entrado em função alguma glândula secreta do meu cérebro de latente clarividência, vi uma roda de luz radiante girando a toda velocidade diante de mim, um pouco mais alto que minha cabeça. Com seu movimento, relaxaram-se minhas ligaduras físicas e passei ao estado de consciência etérea, supra-terrestre.

Bastará dizer que, de fato, me falou; ao desaparecer a visão da roda giratória, minha mente voltou a tomar ciência de estar no pico mais alto das montanhas tebaicas e rodeado pela extensa paisagem com sua desolada grandeza.

Rompi o silêncio, saudando-o com um “boa tarde” em árabe. Respondeu-me imediatamente, em inglês, sem sotaque. Se houvesse cerrado os olhos, poderia

ter jurado que não era um oriental de larga túnica, que me respondia, mas um inglês nato, de educação universitária.

E antes que pudesse pensar qual seria a melhor forma de apresentar-me, estava balbuciando inesperadamente as palavras, como se obedecesse à imperiosa exigência interior.

— Senhor, tenho a certeza de que poderá ajudar-me a explicar algo peculiar que acaba de ocorrer-me, enquanto estava aqui, diante do senhor.

E descrevi-lhe minha estranha visão.

O desconhecido olhou-me pensativo; depois acenou a cabeça.

“Sim, respondeu em voz baixa, posso explicar-lhe”.

— Sou sensível às vibrações — continuei falando — e o fato disso ter acontecido quando sua personalidade entrava em contato com a minha, deixa-me crer que o senhor possua algum poder excepcional.

Seus olhos voltaram a estudar-me. Após um curto silêncio, disse:

“Eu queria propositadamente que o senhor experimentasse essa sensação. Queria lhe transmitir sem palavras uma mensagem. E assim foi!”

— Que pretende o senhor dizer com isso?...

“Que agora o senhor reconhece a Ordem à qual pertenço”.

Era exato. Descobri nele todos os sinais que o identificavam e que identificam os Grandes Yogues e Faquires. Embora sem me lembrar da minha extraordinária experiência, bastava fixar-lhe os olhos para obter uma confirmação intuitiva.

O que me chamava mais a atenção e me despertava maior admiração eram o tamanho e a qualidade dos seus olhos, grandes e reluzentes, firmes e autoritários; possuíam estranha e prolongada fixidez ao olhar-me. Enquanto lhe falei, apoderou-se de mim a impressão irresistível de que aqueles olhos tinham um duplo poder, penetrante e hipnótico; liam na minha alma e depois a governavam; extraíam segredos da minha mente e me obrigavam a ficar passivo diante dele.

— É para mim um prazer realmente inesperado! exclamei. É extraordinário que a única pessoa encontrada nestas regiões agrestes e desertas seja um homem da sua Ordem.

“Acha-o o senhor? — respondeu — A mim não me surpreende. Esse encontro se efetuou porque chegou a hora. Não é por uma simples coincidência que o senhor fala comigo agora. Digo-lhe mais: foi uma força superior ao destino, que primeiro ordenou este encontro e depois arranjou que se cumprisse”.

Escutei com ligeiro estremecimento de emoção antecipada. Meus pensamentos voavam de um extremo a outro, tentando apreciar e ordenar a situação, enquanto meus sentimentos me levavam ao estado de veneração, que sempre me inspira um homem de grandes dotes espirituais.

Continuou falando que os caminhos de alguns homens se entrecruzam ao conjunto de forças invisíveis e, muitas vezes, as aparentes coincidências podem ser forjadas de antemão, numa cadeia de causas destinadas a produzir determinados efeitos. Disse muitas coisas mais e, referindo-se a si mesmo, falou calmamente, sem a menor vaidade, apenas como simples constatação do fato existente; era um Adepto.

“Essa é a palavra que prefiro a qualquer outro termo — manifestou — satisfazia aos antigos, inclusive aos egípcios, e a mim satisfaz também. Naqueles tempos os Adeptos eram conhecidos e aceitava-se seu STATUS; hoje praticamente são desconhecidos e o mero fato da sua existência é discutido desdenhosamente. As coisas, porém, vão mudar, e este século ver-se-á obrigado a reconhecer que a lei da evolução espiritual está sempre em obra e cria, inevitavelmente, aqueles que podem livremente tanto funcionar como seres espirituais quanto como humanos”.

Senti que estava me dizendo a verdade. O desconhecido era realmente um desses homens misteriosos dos quais se fala com bastante frequência na tradição oriental; esses Adeptos que entraram nos concílios dos deuses e sabiam os mais profundos segredos espirituais que ao homem comum jamais foi dado conhecer.

Preferem trabalhar secretamente, em silêncio, antes de serem incompreendidos por nosso mundo entorpecido e caótico; no entanto, quando se faz necessário reatar o contato público, não raras vezes enviam seus discípulos que não estranham tornarem-se alvo da crítica dos ignorantes e mira das flechas mordazes dos maliciosos.

Disse que, à vontade e a qualquer distância, pode trocar pensamentos com seus colegas Adeptos; segundo ele, um Adepto é capaz de se servir do corpo de outra pessoa, em geral um discípulo, mediante um processo chamado tecnicamente “eclipse”, durante o qual projeta a alma no corpo do outro, contanto que esse outro esteja plenamente disposto e preparado, e se ponha receptivo e passivo.

“Eu o estava esperando aqui — observou, com um ligeiro sorriso. — O senhor escreve, não é? Temos que transmitir uma mensagem ao mundo. É muito importante; transcreva-a quando lhe comunicar. Por enquanto nosso encontro de hoje se limita a uma apresentação, senhor Paul Brunton”.

Recuei estupefato. Como podia ele saber meu nome? Mas, é óbvio, os Adeptos são famosos pela extraordinária faculdade de ler os pensamentos, mesmo à grande distância.

— Poderia saber o seu? aventurei-me a perguntar.

O desconhecido franziu os lábios e fixou o olhar na paisagem panorâmica que se estendia no sopé da montanha. Contemplei sua nobre face, enquanto aguardava resposta.

“Sim, respondeu, mas só para sua informação particular, não para publicação. Não quero que seja revelada minha identidade. Chamo-me Ra-Mak-Hotep. Sim, é um antigo nome egípcio e aos egiptólogos poderá sem dúvida oferecer excelente interpretação literal das palavras; para mim significa apenas uma coisa: EM PAZ. O Egito não é minha pátria; o mundo inteiro é minha pátria, agora. Ásia, África, Europa, América... conheço todas essas terras e percorro-as. Sou oriental somente de corpo, minha mente não é de nenhum país particular e meu coração pertence à PAZ.

Falou-me com certa rapidez, energia e ternura e, não obstante, era evidente que dominava todos os seus sentimentos.

Durante mais de uma hora conversamos sobre assuntos espirituais, sentados nas pedras, no pico da montanha, sob o sol, cujos últimos raios ofuscava o olhar e cujo calor acariciava o corpo.

Esqueci todas essas circunstâncias, absorta minha atenção naquele homem e em suas palavras; não sentia nem via mais nada.

Falou-me a respeito de vários assuntos concernentes ao mundo e a muitas outras coisas que só tocavam a mim. Deu-me instruções precisas, indicando-me exercícios especiais relativos aos meus esforços para chegar a um grau de equilíbrio e de iluminação espiritual, superior àquela que já havia alcançado. Falava com franqueza, criticando até severamente certos obstáculos que meus defeitos pessoais haviam posto no caminho. Enfim, marcou-me um encontro para o dia seguinte, junto ao altar romano na colunata de um templo na beira do Nilo, em Luxor.

Sem se levantar do assento de pedra, despediu-me, desculpando-se por não poder continuar a conversar visto que estava sumamente ocupado e tinha muito que fazer naquele momento.

Deixei-o com pesar, lastimando de me separar de um homem cuja conversação era tão original e fascinante e cuja personalidade inspirava e dignificava.

Desci a encosta em declive abrupto, a pé, por entre as pedras e fragmentos de rocha, levando o burro pelas rédeas. Ao chegar ao sopé da colina, montei,



lançando um último olhar ao alto da montanha, cujo pico se destacava com sua imponente silhueta.

Ra-Mak-Hotep não iniciara ainda seu regresso. Devia ter, certamente, ficado sentado de pernas cruzadas no cume deserto da montanha.

Que podia ele fazer ali sentado e imóvel como uma estátua, e tão “sumamente ocupado”? Continuaría naquele mesmo lugar, quando as sombras da noite se adensassem mais, cobrindo as encostas das colinas da Líbia?

## As Tumbas: A Solene Mensagem do Adepto

O segundo encontro teve lugar, como fora combinado, nas ruínas do templo de Luxor.

Sentei-me numa laje de pedra coberta de hieróglifos cinzelados, enquanto o Adepto, de cócoras e com pernas cruzadas, tomou lugar na mesma pedra diante de mim.

Já me achava preparado com caneta e caderno na mão, para registrar sua mensagem e marcar as brancas folhas de papel com sinais menos pitorescos do que aqueles, com os nossos hieróglifos do século XX, a taquigrafia moderna.

Ra-Mak-Hotep não perdeu tempo em preliminares; abordou diretamente o tema da sua mensagem.

“Os que violentaram as tumbas dos antigos egípcios — iniciou — libertaram forças que puseram em perigo o mundo. Tanto os antigos saqueadores de tumbas como os arqueólogos modernos abriram, sem o saber, os túmulos daqueles cujo ofício era a magia. Na fase final da história egípcia, quando houve uma grande corrupção e degeneração dos homens instruídos, os sacerdotes, a feitiçaria e a magia negra eram comumente praticadas. Quando se escureceu a luz branca da verdade que refulgia anteriormente na pura religião egípcia, as fétidas sombras de falsas doutrinas materialistas avançaram, e generalizou-se a prática da mumificação, acompanhada do seu complicado ritual complementar. Sem embargo, por baixo das doutrinas enganadoras e astutamente pervertidas que inspiravam essa prática, havia um elemento de interesse pessoal oculto, tratando de prolongar e conservar o laço físico com o mundo da matéria: o embalsamamento do corpo.

Esse rito originalmente se aplicava só aos Reis-Adeptos da Idade de Ouro pré-histórica, e aos Sumos-sacerdotes de comprovada espiritualidade, verdadeiros veículos de Deus, para que seus corpos físicos impregnados do santo poder pudessem continuar existindo e servindo de focos, cujo poder irradiassem ao mundo.

“Nessa época também se desenvolveu uma espécie de culto aos antepassados; o embalsamento dos corpos era simplesmente um rito formal para que as gerações vindouras pudessem ver como eram seus antepassados defuntos. Era então, na realidade, uma longínqua reminiscência da mumificação que se praticava nas épocas primitivas do Egito, para conservar as santas relíquias dos bons reis e sacerdotes. Mas, no sombrio período que em seguida envolveu o Egito, quando foi despojado da luz espiritual e aqueles que possuíam muitos conhecimentos e pouca piedade, invocavam as forças infernais das trevas, os homens de classe sacerdotal e dirigente, reis e sábios, decidiram que fossem embalsamados seus próprios corpos. Às vezes o embalsamamento praticado por causa da magia negra, outras vezes, para proteger o espírito da destruição no purgatório que o aguardava depois da morte e, algumas vezes, por ignorante adaptação aos costumes. Em quase todos os casos, esses homens preparavam seus túmulos antes de morrer. Uma vez pronta a tumba, invocavam (ou mandavam invocar por algum sacerdote capacitado) um ente do mundo dos espíritos, criação elemental artificial, imperceptível aos sentidos físicos, por vezes bom, mas geralmente maldoso, para que protegesse e vigiasse a múmia, atuando na sepultura como um espírito guardião.

“Para melhor proteção dos corpos embalsamados, primeiro ocultavam os túmulos com extremo cuidado e *habilidade* e, em seguida, anunciavam ao povo que se alguém profanasse essas tumbas seria castigado com as penas mais terríveis pelos poderes espirituais. O povo acreditava nessa advertência e as tumbas eram deixadas em paz. Entretanto, com a crescente decadência do clero e dos governantes, o povo também começou a perder sua fé supersticiosa, e com ela começaram os saques dos sarcófagos, despojando-os das jóias que estavam enterradas junto com as múmias de quase todos os personagens importantes.

“Era óbvio que, quando se tratava do corpo embalsamado de uma pessoa que tinha conhecimento de magia negra ou de quem estava sob a proteção direta da pessoa possuidora de conhecimentos ocultos, as forças do mundo invisível eram invocadas para proteger-lhes as tumbas e castigar os intrusos. Essas forças eram, frequentemente, satânicas, ameaçadoras e destruidoras. Estavam dentro das tumbas fechadas e podiam continuar existindo durante milênios. Quando os arqueólogos, com total ignorância dessas forças, invadiram os sepulcros custodiados por esses entes malignos, fizeram-no por seu próprio risco.

“No entanto, se apenas se referisse a algo que afetasse a segurança dos arqueólogos e suas famílias, o que tenho a dizer seria de pouca importância. Mas não é assim. Trata-se de alguma coisa que abrange a segurança do mundo inteiro.

“Entre os túmulos existem múmias de altos e baixos personagens que escavavam, os que estavam protegidos. Quando as tumbas foram abertas, saiu

uma verdadeira chusma de perniciosos entes do infra-mundo dos espíritos que se lançaram como fúrias sobre o nosso mundo físico. Cada múmia que foi ou é retirada do seu túmulo e transportada para os museus europeus ou americanos, leva consigo um tropel etéreo com o qual estava ligada e, por conseguinte, traz sua influência nociva. Essa influência somente pode acarretar prejuízos ao mundo, prejuízos de diversas espécies, incluindo o de afetar e destruir o destino das nações. Vocês, os ocidentais, não têm proteção contra esses elementos e, como são invisíveis para vocês, conservam toda sua força destruidora.

“Quando o mundo moderno começar a compreender que em numerosos desses sarcófagos foram aprisionados espíritos malignos, talvez seja demasiado tarde. Pois, quando chegar esse momento, já estarão abertas todas as tumbas e sarcófagos, e todos esses diabólicos entes encerrados se terão escapado. Entre outras coisas, eles são e serão os autores invisíveis de perfídias internacionais. A ignorância das leis da natureza não exime o homem de sofrer as consequências de violá-las; ignorar que existem poderes mágicos tenebrosos, não exime nosso século de sofrer o castigo que levantará sobre si em qualquer tempo que transgrida essas leis, intrometendo-se nos reinos dessas forças.

“Esses espíritos elementais peculiarmente criados são neste século suficientes em quantidade para do seu reino invisível que, embora imaterial e etéreo é assaz próximo e poderoso, influir na existência física dos seres vivos e aterrorizar o mundo. Nós, que nos preocupamos com o bem-estar espiritual da humanidade, combatemos essas forças tenebrosas no seu próprio plano, porém, pela lei da natureza não nos é permitido destruí-las, nem tampouco é permitido destruir homens vivos, mesmo sabendo-os perigosos para seus semelhantes. Nossos poderes se restringem a amparar pessoas e instituições sob nossa proteção especial.

“Os objetos retirados das tumbas junto com as múmias, tais como escaravelhos, jóias, amuletos e móveis, levam consigo a influência dessas tumbas. Se, entretanto, estes não foram magicamente entrosados com os entes malignos, não trará nenhum prejuízo, mas se o estavam, poderão atrair a desgraça e o infortúnio. Contudo, os arqueólogos e egiptólogos contemporâneos, ignorantes desses fatos e incapazes de determinar a diferença entre uma e outra classe de tumbas, aproximam-se de todas sem distinção. Quer preste ouvidos ou não, receba o mundo esta mensagem: NÃO SE APROXIME DAS TUMBAS, CUJA NATUREZA PSÍQUICA OS HOMENS NÃO ENTENDEM! QUE O MUNDO DEIXE DE ABRIR ESSES SEPULCROS ATÉ QUE HAJA ADQUIRIDO CONHECIMENTOS SUFICIENTES PARA COMPREENDER AS GRAVES CONSEQUÊNCIAS DA SUA PRÓPRIA AÇÃO!

A grande maioria dos reis possuía certo grau de poderes ocultos, seja para o bem ou para o mal, e sendo neles iniciados por Sumos-sacerdotes, empregavam-nos com diversos propósitos.

Originalmente, esses poderes mágicos eram usados para prejudicar outrem só em defesa própria ou para impedir as atividades criminosas. Mas, desde o declínio dos elevados ideais do Egito, essa capacidade foi pervertida e empregada para os fins mais ignominiosos, como destruir inimigos à distância ou eliminar os que entravavam as ambições dos magos (ou seus amos). Usava-se esse conhecimento também para proteção dos sarcófagos.

Cada abertura de um túmulo do antigo Egito pode significar um contato inconsciente com forças invisíveis, de caráter destruidor. Ainda que se trate de um rei de alma boa e desenvolvidos poderes, não diminuem os prejuízos lançados sobre o mundo como castigo por haver sido violado o sepulcro do corpo de uma alma adiantada. Não obstante, os objetos, como escaravelhos, por exemplo, que tivessem sido retirados desses sarcófagos, não teriam influência nefasta, porém, benéfica. Mas, se esses objetos pertenceram a pessoa de índole má, não lhes seriam de nenhum auxílio. Essa regra sempre se aplica, por mais nobre que seja a alma do defunto e por mais duradoura que seja sua influência espiritual. Por exemplo, o Rei Tutankhamen era um homem destes. Possuía muitos conhecimentos ocultos e espiritualidade adiantada. A abertura do seu túmulo trouxe a morte e sofrimentos aos seus violadores, como também, de inescrutáveis maneiras, ao mundo em geral. Durante os anos vindouros o mundo sofrerá e pagará pela profanação dos mortos do Egito, embora esses transtornos materiais venham a produzir benefícios espirituais”.

\* \* \*

“Repito, pois, que correm graves riscos esses estrangeiros que, para buscar tesouros ocultos ou satisfazer sua curiosidade exagerada, amiúde disfarçada em investigação científica, se incumbem de explorar países antigos, nos quais se entendia e praticava muito a magia. Em Lassa, no Tibete, há túmulos secretos dos Grandes Lamas, cuja existência explica, em parte, por que razão os tibetanos se opunham à entrada dos estrangeiros no seu país. Chegará um dia em que talvez se permita ver esses túmulos e, então, os próprios tibetanos intervirão para atrair desgraças e maldições consequentes do seu ato.

“Nos tempos antigos o Egito foi o centro do conhecimento e da prática da magia. Em magia, seja branca ou negra, isto é, se usada com boas ou más intenções, o Egito supera a Índia. Atualmente, essas poderosas forças psíquicas libertas no passado, continuam afetando o país e o seu povo, também, com resultados benéficos ou nefastos. Entre estes últimos figuram, por exemplo, as enfermidades como o eczema, que é simplesmente a consequência das influências mágicas malignas que persistem no país, afligindo os egípcios vivos.

Que esta advertência lhes chegue por intermédio da sua pena. Agora o senhor pode compreender o motivo do nosso encontro. Mesmo que ignorados e desprezados, nós cumprimos o nosso dever, o senhor e eu, se o aceitar. As leis

da natureza não perdoam a ignorância; assim, nem essa desculpa será mais aceita”.

Essa foi a mensagem de Ra-Mak-Hotep; tomei notas fielmente e transcrevo-as aqui pelo que valem.

\* \* \*

Voltamos a nos encontrar mais algumas vezes, o Adepto e eu, antes de prosseguir minha viagem ao Sul. Em cada reunião armazenava em minha cabeça informações a respeito da misteriosa doutrina da fraternidade à qual o Adepto pertencia. Quando me referi às minhas andanças pela Índia, onde conheci o jovem yogue ermitão que pretendia ser discípulo de um mestre que tinha mais de quatrocentos anos. Ra-Mak-Hotep respondeu gravemente, dando estupefaciente e incrível informação de que, de fato, existem hoje alguns Adeptos que viveram e atuaram no antigo Egito.

Não esquecerei tão cedo as exclamações de estupor com que recebi essa informação.

A parte essencial de suas asserções se resume à existência de Adeptos, cujos corpos jazem em estado letárgico em certas tumbas do Egito, ainda não descobertas e que, segundo ele, jamais serão violadas pelos arqueólogos contemporâneos.

“Os sarcófagos desses Grandes Adeptos — comentou — estão demasiado resguardados e nunca serão encontrados por nossos “escavadores” de hoje. Esses túmulos não são sepulcros de defuntos, mas de seres vivos, mergulhados no estado peculiar que se pode comparar, a grosso-modo, ao chamado “transe”. O senhor ouviu falar na Índia de certos faquires que se fazem enterrar durante períodos, quer prolongados, quer breves e, enquanto seus corpos ficam em estado de transe, <sup>1</sup> as funções dos órgãos respiratórios estão completamente suspensas durante o tempo em que permanecem sepultados. Os Adeptos egípcios ficam, até certo ponto, num estado similar, mas, sendo seus conhecimentos muito mais profundos, podem conservar vivos seus corpos em transe, durante milênios.

1. Em relato sobre os yogues da Índia no meu livro “A ÍNDIA SECRETA” figura uma referência aos mencionados faquires. Poderia ser interessante completar essa informação com os seguintes detalhes que tomei dos informes oficiais de sir Claud Wade:

“O faquir enterrado vivo foi colocado dentro de um caixão que puseram, então, num cubículo de um metro de profundidade. Colocaram então uma guarda composta de quatro sentinelas do regimento, que se revezavam cada duas horas e vigiavam dia e noite o edifício, para impedir a entrada de intrusos.

“Ao abrir o caixão — continuou Sir Claud — vimos a figura dentro de um saco de linho branco preso por uma corda a cabeça. Os ajudantes começaram a jorrar água morna em cima do corpo, as pernas e os braços estavam enrugados e rígidos, o rosto perfeito e cabeça reclinada nos

ombros. Parecia um cadáver. Convidei um médico que me assistia para examinar o corpo; assim o fez, porém não descobriu sinal de vida; não havia batidas do coração, no peito nem nos pulsos. Contudo, percebeu um calor na região do cérebro, que não existia em nenhuma outra parte do corpo. O processo da ressurreição compreendia banhos com água quente, fricções, retirada dos tampões de cera e algodão dos ouvidos e das fossas nasais, massagens das pálpebras com manteiga clarificada e, o que era para muitos a parte mais curiosa, aplicaram-lhe na cabeça um bolo de trigo quente de uns dois centímetros de espessura. Depois de haver-lhe aplicado o bolo pela terceira vez, o corpo estremeceu violentamente, as narinas se dilataram; sobreveio a respiração e os membros recobram sua tensão normal; o pulso, entretanto, continuou muito débil. Ao lhe untarem a língua com a manteiga clarificada, os olhos se entreabriram e voltaram à sua cor natural; o faquir reconheceu os presentes e falou."

Lembro-me de um hindu ancião, testemunha ocular do caso de um yogue sepultado vivo durante vinte e seis dias, ter-me dito, quando o homem foi desenterrado e ressuscitado, que o ar lhe entrou nos pulmões com um silvo como se fosse um apito de barco a vapor.

Ademais, há uma diferença patente entre Eles e os faquires hindus. Esses últimos caem em estado de completa inconsciência durante o tempo em que ficam enterrados, e não se recordam de nada, quando voltam a despertar, a menos que sejam Adeptos; mas neste caso, jamais se poderia persuadi-los a fazer uma demonstração pública dos seus poderes.

Os Adeptos egípcios, ao contrário, permanecem plenamente conscientes durante o seu sepultamento, embora seus corpos estejam em letargia, seus espíritos se encontram livres e em atividade. O senhor visitou na Índia o Sábio que Nunca Fala, nos arredores de Madras; quando foi visitá-lo pela primeira vez, encontrou-o mergulhado num transe profundo, como se estivesse morto. Porém o senhor deve saber que sua mente estava desperta, porque, à sua segunda visita, não somente lhe demonstrou estar inteirado da sua primeira, como também mencionou sua objeção à sua tentativa de fotografá-lo naquele momento. Esses homens atuam nos reinos internos do ser, e usando um corpo etérico, podem atuar no reino físico. Os Adeptos egípcios enterrados encontram-se mentalmente em estado similar; fisicamente seus corpos estão em transe muito mais profundo. Seus espíritos se movem e viajam, a mente pensa com toda consciência, e eles têm a vantagem de estar em contato constante com os dois mundos, o material e o espiritual.

Seus corpos jazem ocultos nos túmulos em lugares impossíveis de descobrir, aguardando o retorno dos seus espíritos. Algum dia os espíritos animarão seus corpos que aparecerão então no mundo externo, novamente. O processo de reanimação terá que ser realizado por pessoas altamente qualificadas. Ao senhor talvez pareça curioso, mas seus corpos ficam tal qual múmias, aparentemente embalsamados e envoltos em tiras de linho, nos sarcófagos.

Entretanto, existe a diferença fundamental de que nunca lhes foram extraídos os corações, como no caso das verdadeiras múmias. Todos os órgãos vitais ficam perfeitos, salvo o estômago, que se afunda por não ter recebido alimentos desde o começo do transe. Outra diferença está na aplicação de cera nos Adeptos

vivos, cujo rosto e corpo todo estão cobertos por uma grossa camada, que lhes é aplicada após haverem sido induzidos ao estado de transe.

Seus túmulos são bem fechados, e são poucos. É muito natural, visto que só podem entrar nesse estado os Adeptos altamente preparados, e nem todos estão dispostos a fazê-lo. Não me agrada muito usar a palavra “transe” quando se trata de Adeptos, porque dá uma impressão equívoca, mas, já que não há nenhuma outra que melhor se adapte, tenho que usá-la. As condições em que eles se encontram é muito diferente da do transe em que entram os médiuns espíritas ou pacientes hipnotizados. Há graus profundos de transe que os nossos cientistas modernos não conseguiram descobrir. Tudo que pesquisaram e descobriram a respeito, são apenas estados superficiais, em conexão com o estado único na sua espécie, em que se encontram os Adeptos egípcios sepultados. No aparente repouso destes últimos, na realidade há muita ação; não ficam realmente em transe, no sentido comum que hoje se dá à palavra.

Há um Adepto que repousa no seu túmulo desde o ano 260 a. C., um outro mais de 3.000 anos a. C., e ainda outro jaz há 10.000 anos!

Todos eles trabalham em segredo, e muito ativamente, pelo bem-estar espiritual da humanidade. Sabem tudo o que se passa no mundo, a despeito de seus corpos estarem sepultados. São homens perfeitos. Com isso quero dizer que seus corpos não podem ser tocados nem sequer por um inseto ou parasita, tão potente e tremenda é a irradiação de sua força espiritual. Além do mais, continuam em constante comunicação telepática com certos Adeptos que vivem na nossa época em corpos físicos e os tesouros espirituais conservados pelos antigos Adeptos são transmitidos a esses vivos. Quando vier o momento de despertá-los, o ritual correspondente terá que ser desempenhado e cumprido por um destes últimos.



# Epílogo

Após haver percorrido toda a extensão dessa milenar terra do Egito e presenciado diversas coisas curiosas, regressei aos meus bons amigos que permaneciam em eterna meditação, na orla do deserto da Líbia.

“Dize-me, ó sábia Esfinge! — exclamei — poderia eu descansar meus pés fatigados, que parecem haver caminhado bastante pelos poeirentos caminhos da vida?”

E a Esfinge respondeu:

“Pergunta àquela de quem sou filha única, àquela cujo ventre me deu à luz para sofrer pesares e mágoas do mundo, porque eu também sou um ser humano e aquela é minha mãe, a Terra. Pergunta a ela!”

Caminhei um pouco mais e cheguei à Grande Pirâmide. Penetrei na escura passagem e desci, e arrastando-me às profundezas das entranhas da terra, cheguei àquela mesma cova tétrica. E pronunciando a sagrada palavra de passe, saudei-a, segundo o ensinamento que aprendi no capítulo sessenta e quatro, versículo sétimo do livro mais antigo do Egito.

“Salve! Ó Senhor do Santuário! Que permaneces no Seio da Terra!”

Nisto me sentei no chão rochoso e mergulhei minha mente na sua original quietude, paciente, esperando a resposta.

Quando, afinal, apareceu o Ente Poderoso, Mestre da Divina Morada, roguei-Lhe que me guiasse até onde estava Ela, a “Mestra do Templo Oculto”, “A Alma Vivente da Terra”.

O Mestre cedeu à minha súplica fervorosa e me levou pela porta secreta que estava oculta no Templo. A Divina Mãe recebeu-me da maneira mais graciosa; entretanto, permaneceu sentada, distante, e intimou-me a fazer meu pedido.

Repeti-lhe a pergunta:

“Dize-me, ó Mestra do Templo Oculto! Podes dar descanso aos meus pés fatigados, que parecem ter andado muito pelos caminhos poeirentos da vida?”

Olhou-me longa e gravemente antes de me responder.

“Há sete caminhos abertos ante ti, ó Buscador! Sete degraus aguardam para serem galgados pelo homem que deseje entrar no meu reino secreto. Sete lições devem ser aprendidas pelos seres humanos que anseiem ver minha face desvelada.

Enquanto não tiveres percorrido todos estes caminhos, subido todos estes degraus e aprendido de cor todas estas lições, não poderás ter descanso para teus pés nem paz para tua alma.”

Sua voz meiga, que parecia vir de miríades de *eons*, ressoou pela Grande Sala do Templo.

— Quais são esses caminhos, ó Mãe Divina?

Respondeu-me:

“Um é o Caminho que leva a Muitas Moradas, outro, a Via que conduz ao Deserto; terceiro, a Rua onde Brotam Flores Vermelhas; quarto, a Subida para as Altas Montanhas; quinto, a Descida nas Cavernas Obscuras; sexto, o Caminho do Eterno Errar, e o sétimo é a Via de Quietude Silenciosa.”

Perguntei:

— Quais são esses sete degraus??

“O primeiro — disse Ela — é das Lágrimas; o segundo, a Oração; o terceiro, o de Trabalho; o quarto, o Repouso; o quinto, o da Morte; o sexto, da Vida, e o último é da Entrega.”

— E as sete lições que deve aprender o homem, ó Mãe! Quais são?

“O Prazer — respondeu — é a primeira e a mais fácil; a Dor é a segunda; o Ódio a terceira; a Ilusão a quarta; a Verdade a quinta; o Amor a sexta, e a Paz aprende-se por último.”

Ponderei a respeito do que ouvi.

A Mestra do Tempo Oculto então se levantou e retirou-se da Grande Sala, e vi nas suas costas uma grande estrela de ouro, e dentro da estrela, uma coroa resplandecente e duas meias-luas de prata. Embaixo da coroa havia uma cruz branca, e ao redor da cruz, sete rosas vermelhas.

Na parede do fundo de um azul carregado vi aparecer, de súbito, muitas palavras brilhando como jóias. E foi-me ordenado ler só as últimas dessas palavras.

Eram estas:

...pois o Egito é a imagem das coisas dos céus e, em verdade, um templo do mundo inteiro.

E quando o Egito testemunhar estas coisas, então, o Senhor e Pai, Deus Supremo, Primeiro em Poder e Governador do Mundo, escrutará os corações e os atos dos homens e, por Sua vontade, poderá devolver-lhes sua antiga magnificência, a fim de que o mundo possa aparecer realmente como a obra adorável de Suas mãos.”